

Vito Marino



A Idade Média e a Criação do Graal

"Siga os passos da história que se tornou o maior ícone referencial da Civilização Ocidental"

Vito Marino

A Idade Média e a Criação do Graal

*“Siga os passos da história que
se tornou o maior ícone referencial
da Civilização Ocidental”*



O conteúdo desta obra é de responsabilidade do(s) Autor(es), proprietário(s) do Direito Autoral.

REVISÃO

Célia Cristina R. de Donato

ARTE DE CAPA

Vanessa de Donato

IMAGEM DE CAPA

Castelo de Felipe de Alsácia, século XII

PRODUÇÃO DO E-BOOK

Schaffner Editorial

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Marino, Vito

A idade média e a criação do Graal / Vito Marino. - 1. ed. - São Paulo : Scortecci, 2013.

ISBN 978-85-366-3167-7

1. Artur, Rei 2. Cavaleiros e cavalaria 3. Cruzadas 4. Graal 5. Graal - Lendas - História 6. Idade Média - História 7. Lendas medievais 8. Literatura arturiana 9. Literatura folclórica I. Título.

13-04171

CDD-398.22

Índice para catálogo sistemático:

1. Idade média e a criação do Graal : História 398.22

GRUPO EDITORIAL SCORTECCI

Scortecci Editora

Caixa Postal 11481 - São Paulo - SP - CEP 05422-970

Telefax: (11) 3032-1179 e (11) 3032-6501

www.scortecci.com.br

editora@scortecci.com.br

Livraria e Loja Virtual Asabeça

Telefone: (11) 3031-3956

www.asabeca.com.br

Este livro é dedicado a todos aqueles que apreciam os acontecimentos da Idade Média e os mistérios do assunto Graal. E também, a todos os pesquisadores da História da Literatura dos poetas do Ciclo Arturiano no mundo.

SUMÁRIO

Introdução

PRIMEIRA PARTE: *A Idade Média e a nova inspiração ocidental*

Capítulo 1

As Cruzadas cristãs e seus efeitos

Capítulo 2

Acontecimentos marcantes de uma região e sua cronologia

Capítulo 3

A herança dos templários

Capítulo 4

A cavalaria medieval e a revolução social

SEGUNDA PARTE: *A criação do Graal*

Capítulo 5

Século XII e o poeta mais famoso da Europa

Capítulo 6

A invenção do Graal

TERCEIRA PARTE: *A herança do Graal*

Capítulo 7

Os novos poetas e escritores do Graal

- 7.1 – Manuscritos do Pseudo-Wauchier
- 7.2 – Manuscritos de Wauchier de Denain
- 7.3 – Textos de Gerbert de Montreuil
- 7.4 – Manuscritos de Manessier
- 7.5 – O anônimo de Peredur e seu Perceval Bárbaro
- 7.6 – Robert de Boron
- 7.7 – O anônimo de Le Grand Graal e seu Graal-Livro
- 7.8 – Século XIII e o poeta mais famoso da Alemanha: Wolfram von Eschenbach

Capítulo 8

Longinus, a Lança Santa, o Cálice Santo

Capítulo 9

José de Arimatéia e Maria Madalena incorporados ao Graal

Capítulo 10

O material histórico da saga do Graal e os personagens

Capítulo 11

A escalada do Graal

- 11.1 – O Graal nos principais poemas do ciclo literário medieval e sua essência
- 11.2 – Thomas Malory
- 11.3 – Alfred Tennyson
- 11.4 – Richard Wagner
- 11.5 – Oskar Ernst Bernhardt
- 11.6 – Roselis von Sass
- 11.7 – A herança literária arturiana absorvida pelas pessoas
- 11.8 – A última geração de escritores

Capítulo 12

A explicação sexual do Graal

Capítulo 13

Uma ordem honorífica de cavaleiros

Capítulo 14

Mais reflexões sobre o Graal

- 14.1 – Consciência dos séculos XIX e XX
- 14.2 – A História desmistifica o Graal
- 14.3 – A análise psicológica do Graal
- 14.4 – O mais santo de tudo e a origem espiritual das estórias

Epílogo: Os caminhos do Graal

Anexo: O cinema e o Graal

Bibliografia

ᏊᏊ ᏐᏊᏊ

“O Graal representa o receptáculo das realizações das mais altas
potencialidades da consciência humana.”

Joseph Campbell – 1904/1987
mitólogo, linguista, letrado e escritor

Ꮚ ᏐᏊ

INTRODUÇÃO

O tema “Graal” é o centro de inúmeras Obras literárias e alimenta uma gama de discussões e enigmas.

Junto com ele, unem-se as estórias arturianas medievais, desde sua popularização.

Por isso, conheceremos o Graal desde sua criação até as formas que foi adquirindo com o decorrer do tempo. Veremos o início de tudo sobre este assunto e as estórias que se converteram em “verdades”, compreendendo a elaboração do mito e seus desenvolvimentos que não chegamos a conhecer.

Mas o que seria o Graal?

Seria o “Cálice da Santa Ceia de Cristo” ou o “Santo Cálice de Valência”? Ou seria a “Pedra Verde” de Wolfram von Eschenbach que caiu do céu? Será que o Graal é um “Cálice Divino da Vida”, como afirmam certos doutrinadores? Ou será que é o “Sangue de Cristo”, conhecido como “Sangue Real”, presente nos descendentes de Maria Madalena?

Agora já podemos saber a verdade e desvendar o passado...

E o Graal tornou-se lenda. Mas a lenda do Graal não é um conto de fadas, e sim, retrata a visão e a mentalidade de uma época.

As Cruzadas, seus cavaleiros e suas façanhas foram uma importante fonte de inspiração literária na Idade Média, o que fez surgir vários mitos e lendas. Destacam-se aí os famosos templários.

Mas muitos acreditam que por trás da lenda exista um fundo de verdade. Descobriremos que sim, e também, que esta verdade é totalmente diversa daquilo que se tornou através dos escritores de Literatura de cada época.

Veremos, nas paginas que virão, que também escritores místicos tentaram construir uma história real da lenda antiga. Estes, criaram sua própria visão de realidade. Visão esta, que se tornou ainda mais fantástica do que a própria lenda! Esse ponto é uma das coisas mais interessantes e intrigantes que podemos observar de fora, percebendo o quanto o ser humano é criativo e místico.

No entanto, a realidade sobre o Graal continua lá onde sempre esteve: registrada na História. Quando esta realidade palpável é agora lembrada e analisada, muitas pessoas se escandalizam, pois não acreditam que a verdade descoberta através de sérias pesquisas, tenha sido assim como é apresentada, pois difere da “verdade” que elas próprias tinham ou construíram! Mas pesquisando a História e analisando-a, somos capazes de desmistificar mitos e trazer à tona a simples verdade dos fatos.

Tenho certeza de que esta Obra será útil a muitos pesquisadores interessados em enigmas do passado, pois eles poderão examinar serenamente a abrangência das descobertas aqui relatadas.

Após a leitura deste trabalho, o Graal não continuará mais sendo um enigma. O “quebra-cabeça” foi montado. A mensagem original do Graal foi descoberta. A História medieval francesa e a europeia de um modo geral, juntamente com a literatura medieval dos autores relacionados às estórias arturianas, nos deram uma biografia precisa do Graal. Uma biografia que iremos explorar, dando ao Leitor uma explanação completa, detalhada e sistemática de seu conteúdo e desenvolvimento até o século XXI.

Iremos fundo no tema Graal, um tema que fascina as pessoas com seu encantamento próprio cheio de mistério e perguntas. Desvendaremos o que até agora era tratado como lenda, enigma, misticismo e até filosofia de vida e religião. Com isso, o Graal ficará agora definitivamente destrinchado e seu Criador eternizado.

Vito Marino

Outono de 2013, São Paulo, Brasil.

PRIMEIRA PARTE

A IDADE MÉDIA E A NOVA INSPIRAÇÃO OCIDENTAL

AS CRUZADAS CRISTÃS E SEUS EFEITOS

O mundo estava em constante transformação. E uma das maiores transformações foi o fim do Reino do Milênio, marcado pelas guerras das Cruzadas europeias na Terra Santa e o advento de figuras messiânicas.

O Reino do Milênio significava o primeiro milênio do “Reino da Santa Igreja Católica Romana”, a “Representante de Deus na Terra”.

O século XI que se inaugurava à frente de todos, parecia ser um século de grandes realizações e concretizações.

O século XI se tornaria “a Grande Era da Peregrinação da Cristandade”. E tal fato ganhou mais força pela interpretação coletiva de parte das Escrituras cristãs (Bíblia), que “apontava” que o ano 1000 seria um ano de grandes transformações apocalípticas.

Era “a virada do Milênio”, do “Reino do Milênio”, e imaginava-se que seria a época do advento de Jesus Cristo para julgar o mundo, conforme anunciava o capítulo 20 do Apocalipse bíblico. Por toda a Europa, clero e leigos mostravam-se confiantes nestas previsões e boatos, e uma data foi “marcada” para a Segunda Vinda de Jesus: 31 de dezembro de 999. Cartas e cumprimentos diários citavam o iminente Fim do Mundo. Muitos venderam seus bens e até deixaram o matrimônio de lado por conta disso, outros, fugiram para lugares montanhosos em busca de segurança contra catástrofes vindouras. Peregrinos espalhavam a notícia e apontavam o “pecado” humano. Portanto, fazia mais do que sentido uma jornada à Terra Santa, o local santo da Cristandade, o berço do Filho de Deus, em busca de penitência. As pessoas estavam convictas de que tal peregrinação seria bem recebida e bem interpretada por seu Senhor. A fé pedia sacrifícios.

Do mesmo modo que a Caaba em Meca, a obrigação de uma peregrinação a Jerusalém, seria, aos olhos de Deus, um alvo a ser atingido, de tal modo que esta ideia era incutida com firmeza na mente de todo cristão de toda e qualquer posição da sociedade europeia. Segundo a Igreja, a peregrinação teria a vantagem de proporcionar a remoção de todo e qualquer pecado do fiel. Então, começaram a ocorrer peregrinações em massa a Jerusalém e outros lugares.

No entanto, a primeira peregrinação distinta registrada, que se tem notícia, havia acontecido no século IX. Foi realizada por um nobre da Bretanha chamado Frotmond, que havia assassinado seu irmão mais velho e seu tio, e onde o remorso não o abandonava mais. Frotmond se apresentou diante do monarca Lothaire da Bretanha, vestindo um hábito de penitente e confessou seus crimes, sendo preso em seguida. O rei e os bispos, então, determinaram que o lorde bretão expiasse sua culpa partindo para o Oriente em visita a todos os locais sagrados da Cristandade. Ele deveria levar junto seus servos e seus parceiros nos crimes. E assim foi.

Após visitar todos os locais santos da Palestina, Frotmond atravessou o deserto árabe, cenário das perambulações de Israel, e rumou para o Egito. Depois, seguiu pela África até Cartago, onde, juntamente com seus acompanhantes, pegou um navio para Roma. Ele queria consultar o papa. O papa, ao ser consultado, disse que sua penitência não estava completa e determinou que Frotmond fizesse uma segunda peregrinação para a remissão completa dos seus pecados, seguindo novamente para a Terra Santa. E foi o que ele fez. Peregrinou até o Monte Sinai onde morou por tres anos, e depois, seguiu para a Armênia visitando a suposta montanha onde a arca de Noé teria atracado¹. Após isso, retornou à sua terra natal e foi recebido como um homem santo. Frotmond passou o resto de seus dias no convento Redon. Quando morreu, foi profundamente lamentado pelos irmãos monásticos.

Este caso e outros depois comprovaram a eficácia e o mérito da peregrinação à Terra Santa.

Carlos Magno (747-814) durante seu governo, havia estabelecido relações com o califa Haroun al-Rachid, conseguindo um acordo que protegia os peregrinos europeus em viagem à Palestina, pois até então eles sofriam perseguições dos muçulmanos. Com isso, o número de peregrinos foi crescendo, ao ponto, por exemplo, dos monges de Cluny na Borgonha (França) colocarem

em seu programa de reformas, as peregrinações. Para facilitar a viagem e o bem-estar dos peregrinos, os monges organizaram rotas turísticas e construíram hospedarias. Com estas mudanças, as peregrinações passaram a ser mais seguras, levando ao surgimento até de mulheres peregrinas.

O imperador Carlos Magno era rei dos francos, rei dos lombardos e rei dos germânicos, e foi coroado imperador do “Sacro Império Romano-Germânico” pelo papa Leão III (750-816) em Roma, em 25 de dezembro do ano 800, promovendo assim a unificação de todo um império através de um poder central. Carlos Magno se tornou o protetor do papado, e para promover a unificação de seu império, ele criou “os representantes itinerantes do soberano”, chamados de “Enviados do Senhor” (*missi dominici*), que peregrinaram em missão pelo império.

Para o cristão europeu, havia muitas obrigações para com o seu Deus Javé². Dentre elas, destacava-se a penitência. Por isso, a peregrinação a locais sagrados da Cristandade, tornou-se uma das formas de penitência mais populares. Dentre estes locais, destacavam-se: Chartres e Saint Michel na França, Compostela na Espanha, Roma e especialmente Jerusalém na Palestina.

Na Terra Santa, além de Jerusalém como lugar santo, também se destacavam Belém, Nazaré, o rio Jordão, entre outros.

Mas era no sepulcro de Jesus Cristo que o peregrino fiel ficava mais próximo de seu Deus, pois foi ali que Jesus havia morrido e ressuscitado segundo sua teologia.

As peregrinações também colocavam os penitentes em contato com as relíquias sagradas do cristianismo, que possuíam o poder “santificador”. Isso era uma grande vantagem para a Igreja Católica, pois favorecia a religião. As relíquias trouxeram poder e prestígio através dos séculos.

A expansão árabe pelo mundo havia chegado a um ponto de mudanças. Como veremos, fatos desencadeados pelos muçulmanos, somados às ambições da Cristandade, catalisaram o desenrolar da História na Terra Santa a partir do século XI.

No começo dos anos 800, havia ocorrido a ocupação muçulmana em Creta, em Malta, no sul da Itália e uma incursão em Roma, situando o apogeu do império árabe em 809. Nessa época faleceu o califa al-Rachid, lembrado como “o Príncipe das Mil e Uma Noites”. Havia sido séculos de expansão árabe pelo mundo. Os árabes foram dominando todo o Mediterrâneo. Por onde passou, a cultura árabe deixou características próprias e marcantes.

As Cruzadas medievais só viriam a acontecer quase trezentos anos depois de Carlos Magno, e foram de muita importância no âmbito social, cultural, econômico e político para a Europa.

A principal meta dos peregrinos europeus até antes das Cruzadas, havia sido visitar os lugares santos de Jerusalém. Isso se manteve assim, até que diversas perseguições muçulmanas aos cristãos ocorreram no Egito e na Palestina em 1004, pelo califa fatímida Al-Hakim (985-1021), culminando com a destruição da Igreja do Santo Sepulcro em Jerusalém em 1009. Agora, um dos mais caros valores da espiritualidade medieval cristã estava condenado. A partir daí, milhares de igrejas cristãs foram destruídas (1014).

Nascido no Cairo, Al-Hakim tinha seu nome de nascimento como “Abu Ali Mansur”, e era filho do califa Al-Aziz. Após a morte de seu irmão mais velho Muhammad em 993, Abu Ali foi proclamado herdeiro do trono e sucedeu o pai em 996. No mesmo ano da sua posse, ele mudou seu nome para Al-Hakim bi-Amr Allah, que significa “aquele que governa pela ordem de Deus”. No entanto, até o ano 1000, foi o vizir Barjawan quem governou o reino de Al-Hakim.

Em 1005, Al-Hakim fundou a famosa “Casa da Sabedoria” com o objetivo de difundir o islã *ismaelita*³ no mundo muçulmano.

Mas, então, Al-Hakim se proclamou Deus e nessa qualidade revogou o Alcorão. Ele iniciou um *Movimento* filosófico islâmico novo, influenciado pela filosofia grega, a gnose e o cristianismo. O novo Movimento islâmico divulgava que Al-Hakim era a última, de uma série de encarnações terrenas de Deus. Todos os ingredientes para outro forte messianismo tinham sido lançados. Agora havia o messianismo cristão e o messianismo árabe em franca rota de colisão.

Mas com a chegada do ano 1000 e sem que nada houvesse acontecido conforme as “previsões”, a data do Juízo Final foi “transferida” para o milênio seguinte, trazendo um “esfriamento” passageiro da fé.

Em 1054, Bizâncio conquistou o controle marítimo do Mediterrâneo, levando os peregrinos a fazerem escala em Constantinopla, a capital romana oriental. Com isso, em pouco tempo Constantinopla se tornou um importante centro de venda de relíquias e bens culturais.

Mas a Cristandade estava ameaçada. As ofensivas árabes não cessaram. Em 1056 os muçulmanos proibiram os peregrinos de

entrarem em Jerusalém. Oito anos depois, centenas deles foram assassinados pouco antes de chegarem à Cidade Santa. Entre 1071 e 1080, os turcos seljúcidas conquistaram a Ásia Menor, a Síria e a Palestina, e o imperador Bizâncio pediu ajuda ao Ocidente. Com tais afrontas, os europeus não hesitaram em organizar, em poucos anos, expedições militares para resgatar a Terra Santa das mãos dos “infiéis”. Foram estas expedições militares convocadas pelos papas, que receberam o nome de “Cruzadas”. A primeira delas se organizou em 1096, e seu êxito se deveu principalmente à desunião do mundo muçulmano. O ataque e a destruição da Igreja do Santo Sepulcro não ficariam impunes e se tornou um dos pretextos para a Primeira Cruzada. A partir de então, ocorreriam um total de Oito Cruzadas à Terra Santa. A última aconteceria em 1270 (também houve lutas para a libertação da Espanha e de Portugal contra o governo árabe).

O papa Gregório VII (1020-1085), que dirigiu a Igreja Católica Romana de 1073 a 1085, surgiu como um reformador da Igreja. Ele apontava que a Igreja defendia a vontade de Deus no mundo, e que sua própria posição era a de “Representante da Vontade de Deus na Terra”, e por isso, ele estava acima de qualquer rei e governo. Por tal supremacia, Gregório VII afirmava ser incapaz de errar nas questões espirituais. No Sínodo da Quaresma de 1075, ele alegou que “o papa tem a autoridade para depor imperadores”. E a verdade para ele era uma só: se o próprio Jesus Cristo conferiu a Pedro “o poder do céu” (Mateus 16:17,18,19), a Igreja e o papa como herdeiros de Pedro, tinham igual supremacia.

O maior opositor deste papa era o imperador alemão Henrique IV (1050-1106).

Com essa poderosa herança papal, os reis e imperadores europeus seguintes buscaram modos para mudar essa situação. E tal mudança seria conseguida poucos séculos depois, com um enfraquecimento do poder católico.

Em novembro de 1095, o papa francês de Champanha, Urbano II (1042-1099), convocou em Clermont-Ferrand (Auvérnia) os senhores feudais franceses e normandos para um Concílio, a fim de lançá-los na Primeira Cruzada para a Terra Santa. Ele fez ali seu famoso apelo incitando nobres e vassalos a marcharem juntos, como “soldados de Cristo”, para libertarem Jerusalém das *Trevas*.

Com a Cruzada, estimulava-se também a paz entre cristãos e a união “sagrada” contra infiéis⁴. Foi então que o papa clamou para a assembleia reunida sua famosa frase:

“– *Deus o Quer!*”

Por tal *empenho* em prol de Deus, Urbano II absolveu os envolvidos de todos os pecados já cometidos e os abençoou pela empreitada na Terra Santa de Deus. Começava assim, a guerra-santa cristã do Deus Javé.

A Cruzada vinha em boa hora para o papado e serviria para por fim a conflitos cristãos em solo europeu.

Após dois anos de caminhada até a Terra Santa, o nobre Godofredo de Bulhões (Godefroy de Bouillon, 1058-1100)⁵ e os grupos de cruzados, conquistam Jerusalém em 15 de julho de 1099, em nome de Cristo. Ao invadirem Jerusalém, os cruzados europeus promoveram um massacre aos turcos, árabes, judeus e a todos os animais da cidade. Em seguida, o bando cruzado foi até o local da igreja do Santo Sepulcro e se reuniu em oração diante de seu amado Deus Javé. Depois, todos se alojaram como puderam.

Após a conquista da cidade para a Cristandade, Godofredo de Bulhões ordenou a limpeza da mesma, reparou as muralhas e reconstruiu as igrejas cristãs demolidas pelos muçulmanos. Godofredo foi nomeado “Defensor do Santo Sepulcro”.

O nome “Cruzada” foi devido aos cavaleiros guerreiros portarem em suas vestes brancas (túnicas) uma cruz, como símbolo de seu compromisso com Jesus Cristo, submetendo-se ao que o Filho do Deus Javé havia dito: “*E aquele que não tomar sua cruz e me seguir, não será digno de mim (Mateus 10:38)*”. Isso distinguia os cruzados do guerreiro comum. Eles tornaram-se os guerreiros vassalos do Filho de Javé. Com isso, os cruzados abraçaram o ideal da libertação do túmulo de Jesus e da Terra Santa. Era a guerra “santa” que acontecia, a guerra “em nome de Deus”.

Mas para os árabes, as Cruzadas não foram uma disputa, mas uma invasão a seu território pelos “ocidentais bárbaros”: “(...) *aqueles guerreiros loucos, (...) que espalham pelas ruas o sabre cortante, (...), degolando homens, mulheres e crianças, (...), saqueando as mesquitas*”, descreve um relato de 1099, reproduzido no livro “As Cruzadas Vistas pelos Árabes”.

Já para os judeus, as Cruzadas foram um massacre. Os cruzados, influenciados por ensinamentos cristãos, acreditavam que os judeus eram responsáveis pela morte de Jesus. Por isso, onde havia comunidades judaicas pelo caminho deles até a Terra Santa, elas eram atacadas e massacradas. Havia situações em que os judeus tinham a opção de se converterem ao cristianismo se quisessem sobreviver, mas eles recusavam se converter para outra religião, fato que levou muitos deles a cometerem suicídio.

Obviamente, que nem todo o mundo europeu foi a favor das Cruzadas. Existiam oposições também. Em sua história, havia aqueles que eram pacifistas e não concordavam com a ideologia dos cruzados e da Igreja.

Mas na Cristandade só existia uma “Toda-Poderosa Igreja” e não havia possibilidade de protestos religiosos de nenhum tipo. Lutero só apareceria com suas ideias reformistas, centenas de anos depois...

Naquela época, a Europa Medieval não era chamada de “Europa”, mas sim de “Cristandade”, porque todos os países que a compunham eram cristãos sob influência dos papas católicos de Roma.

Esperava-se das Cruzadas, que houvessem muitas conversões de “infiéis” ao cristianismo. Sim, aconteceram conversões de muçulmanos ao cristianismo, mas também de cristãos ao islamismo, principalmente no século XIII. A espada tornou-se o instrumento de conversão, e o fanatismo atingiu proporções gigantescas.

Com o tempo, os novos colonizadores da Terra Santa, mercadores e peregrinos, se tornaram mais tolerantes com os habitantes nativos e se misturaram com eles, numa mistura de costumes que modificou e apaziguou as gerações seguintes. Os ocidentais se tornaram galileus e palestinos.

Os cruzados conquistaram terras da Ásia Menor ao Egito, onde se formaram quatro novos Estados. Estes se tornaram o Condado de Edessa, o Principado de Antióquia, o Condado de Trípoli e o Reino de Jerusalém, o mais importante. A partir daí adveio a necessidade de se defender esses Estados e seus interesses. Isso motivou alguns poucos cavaleiros cruzados instalados em Jerusalém (após a conquista), que decidiram perpetuar e viver os ideais da Cruzada por tempo indefinido. Começava assim, o nascimento da Ordem do Templo, mais conhecida como a “Ordem dos Templários”. Estes cavaleiros se agruparam em 1118, e eram principalmente nobres francos ligados a famílias poderosas. Provinham principalmente das áreas ao redor de Champanha e Burgundy (noroeste da França). Até Thibault II (1102-1151), o futuro conde de Champanha, se tornou templário.

Estes cavaleiros assumiram a responsabilidade de proteger os peregrinos que visitavam os santuários sagrados e as rotas de peregrinação, e de defender a terra do Senhor, a Terra Santa. Isso incluía ajudar os pobres, os órfãos e as mulheres grávidas. Essa situação atingiu seu ponto máximo na Páscoa de 1119, quando um grande grupo de peregrinos foi atacado pelos muçulmanos entre Jerusalém e o rio Jordão e centenas deles foram mortos.

Nas estradas havia medo, massacres e sequestros, e os peregrinos estavam expostos a todos esses perigos. A Terra Santa, com a “herança do Senhor”, tinha de ser protegida!

Os cavaleiros cruzados convocados para defenderem a Terra Santa e os peregrinos, de simples cavaleiros guerreiros, tornaram-se uma “Ordem de Cavaleiros Guerreiros”, também conhecidos como “os profissionais da guerra”. No entanto, para que tal acontecimento se efetivasse, ocorreu uma “revolução doutrinal” na Igreja, onde ela teve de rever o uso da violência e da guerra para os propósitos de Deus.

Para o cruzado a guerra-santa havia-se tornado um ato de salvação para ele próprio. Ele era o “Defensor de Cristo” e o assassinato passou a ser *justificado e sacralizado*.

Com as conquistas das Cruzadas, os locais muçulmanos foram cristianizados. O conhecido “Templo da Rocha” ou “Cúpula da Rocha” (*Kubbat al-Sahra*), também chamada erroneamente de “Mesquita de Omar”, foi transformada em Igreja ao ser cristianizada: o *Templum Domini*, o “Templo do Senhor”. Ela estava localizada no mesmo local onde outrora o rei Salomão havia construído o primeiro Templo do Deus Javé, o Monte do Templo, também conhecido como “Monte Muriá”.

A fundação da Ordem dos Templários foi efetivada em janeiro de 1120 na Igreja do Santo Sepulcro (o local da crucificação, enterro e ressurreição de Jesus Messias), perante uma assembleia de personalidades convocadas.

Os Cavaleiros da nova Ordem se autodenominaram, porém, de “Pobres Soldados de Cristo”⁶. Os templários estabeleceram seu quartel-general e sede, numa casa que ficava entre o Templo da Rocha e o palácio de Salomão ao lado, na esplanada. Tal espaço foi cedido pelos então cônegos do Templo.

No início de sua existência, os templários recebiam uma mesada destes cônegos para seu sustento.

Com o passar do tempo, várias construções novas foram feitas pelos templários, para acomodar a expansão de sua nova Ordem de Cavaleiros, como cavaliarias e edifícios grandes.

Mas a oficialização da Ordem dos Templários se daria somente em 1129, num Concílio na cidade de Troyes, na Champanha (França). A Ordem dos Templários também se estabeleceu em Champanha e num quartel-general francês em Paris, espalhando-se depois pela Europa. Apesar disso, a Ordem dos Templários manteve seu quartel-general central no Monte do

Templo, fortalecendo sua sede de Jerusalém.

Com o passar do tempo, a Ordem do Templo começou a receber um fluxo contínuo de doações (dinheiro, objetos, terras, propriedades, rendas), oriundas de seus simpatizantes em todo o Ocidente. Assim ela se manteve durante toda a sua existência.

Muitos simpatizantes da Ordem do Templo também se tornavam “donatos”, ou seja doavam a si próprios à Ordem com todos os seus bens. Ou ainda, doavam todos os seus bens com a condição de continuarem a gozá-los em vida. Tais indivíduos entravam para a Ordem assumindo certas responsabilidades e votos espirituais. As doações eram muito bem vindas, pois necessitava-se delas para manter toda a estrutura de ações para “o novo serviço de Cristo”. Toda a máquina a serviço do “Redentor” e por sua vez do próprio “Deus Javé”, necessitava estar funcionando e agindo em prol da Causa cristã. Por tal fato e diretamente ligado a isso, a cada um que doava, estava a convicção de salvação de sua alma, remissão dos seus pecados e proteção terrena.

Quando um indivíduo se tornava um donato, os templários costumavam oferecer uma cerimônia. Nela, ele fazia votos e juramentos para participar da obra espiritual que a Ordem se comprometia. O ritual era ortodoxo e espelhava a homenagem feudal: primeiro, havia a declaração de vontade, e após, vinha o ato de ajoelhar-se no templo (capela ou igreja) diante do mestre templário. Depois, o mestre templário levantava o irmão, lhe dava um beijo na boca como sinal de paz e em seguida lhe entregava o manto da Ordem. Neste manto estava a maior e mais importante característica que distinguia o templário das pessoas comuns: a sua insígnia. Esta, era uma cruz vermelha costurada sobre o ombro esquerdo. A entrega do manto com a insígnia, fazia do postulante um verdadeiro templário da Ordem do Templo e consagrava seu espírito para a “vida eterna”. A partir daí, o templário estava engajado no serviço de Deus.

Era considerada uma falta grave se um membro da Ordem, por qualquer motivo que fosse, perdesse o manto com a insígnia sagrada, onde era passível de punição e sanções.

Um dos postos mais altos dos templários era o de cavaleiro, assim como na maçonaria atualmente⁷.

Quando aconteceu o Concílio em Troyes em 13 de janeiro de 1129, também estipulou-se uma Regra de Conduta para os templários. Tal Regra era uma disciplina militar composta por vários estatutos, inspirados nos famosos monges beneditinos, e estabelecia condutas aos templários, como: obediência, castidade, humildade, penalidades, penitências, disciplina nas refeições (como o silêncio enquanto o capelão lia a Bíblia), obrigações religiosas diárias, a eleição do mestre, regras para os noviços, o tipo e a característica das vestimentas, os cabelos cortados curtos, a proibição de casamentos, etc.

As cores usadas pela Ordem tinham significados: o preto significava “convertido”, aquele que se converteu para a Ordem do Templo. Branco significava “reconciliação com seu Criador” e castidade. Já vermelho, a terceira cor, era o símbolo da Vida, e simbolizava o sangue que verteu através de Cristo.

Com relação às vestimentas habituais dos templários, era exigido que elas não fossem nem muito longas, nem muito curtas.

Mulheres também eram admitidas na Ordem dos Templários, mas elas viviam separadas dos homens em sinal de respeito e cumprimento da Regra. Com relação à castidade e à proibição de companhia feminina para os membros masculinos da Ordem, a Regra dizia que a companhia da mulher era “perigosa”.

Os templários sempre permaneceram designados como “cavaleiros religiosos”, distintos dos “cavaleiros seculares”.

Também havia na Ordem, indivíduos conhecidos como “confrades”. Estes, funcionavam como uma sociedade de auxílio mútuo entre afiliados, onde se podia gozar de vantagens espirituais e de prestígio. Isso proporcionou a formação de “confrarias”. Em troca, os confrades associados se comprometiam com a Ordem de contribuírem com uma renda anual ou um bem. Tais ligações garantiam aos envolvidos o benefício da proteção através da Ordem do Templo, tanto na Terra como no Céu.

Partindo da pilhagem de Constantinopla em 1204 (Quarta Cruzada), sabe-se que os templários, além de adquirirem despojos e dinheiro dos combates, também foram donos de relíquias cristãs, e tiveram a função de escolta delas para outros destinos. Esse fato viria a criar com o tempo um mito que se tornaria lenda. Era o mito de que os templários teriam descoberto também, a maior de todas as relíquias que o cristianismo poderia apreender: o “Cálice Sagrado” onde o Filho de Javé, Jesus Cristo, realizou a última Ceia com os seus discípulos e que acreditava-se também, era o mesmo cálice com que José de Arimatéia teria supostamente recolhido o “sangue divino” de Jesus no dia de sua crucificação.

Pelo fato do sangue de Jesus ser considerado divino, ele era sagrado, e por isso, miraculoso, portanto, o cálice que o recolheu era um objeto santo e portador de milagres divinos. Este mesmo mito cresceu, juntamente com diversas Obras literárias que o

apoiaram falando a seu respeito e foram sendo publicadas a partir do século XII. O mito abrangeu a crença de que se a maior relíquia de todas estava nas mãos dos templários, e estes, a estavam guardando e protegendo em algum de seus castelos espalhados⁸. Os templários tornaram-se “por isso”, os guardiões do “Santo Cálice”, que a literatura divulgou como o “Graal”, mas que a História jamais viu... E estes guardiões teriam supostamente perpetuado a guarda e a proteção do Graal, geração após geração, gerando a ideia mística da procura pelo castelo perdido onde o Graal estaria escondido, e de que aquele que se apoderasse dele também teria imenso poder nas mãos, por ele possuir “*status* divino” e por isso poderoso.

Tal mito continuaria vivo pelos séculos até os dias de hoje. Os próprios templários, no entanto, nunca escreveram alguma coisa sobre um Santo Cálice ou Graal.

Todavia, a História medieval europeia, de um modo geral, juntamente com a literatura medieval francesa de autores relacionados às histórias arturianas do continente europeu, nos dão uma biografia precisa do Graal. Uma biografia que iremos explorar adiante, com uma explanação detalhada e sistemática de seu conteúdo e desenvolvimento até hoje.

Retornando à história dos templários, a partir de meados do século XII a sua organização passou a se engajar cada vez mais na vida política e militar dos Estados Latinos. No decurso dos séculos XII e XIII, a Ordem acabou atingindo grande poderio econômico, com seu rápido crescimento e desenvolvimento, exercendo considerável influência na vida política europeia, transformando-se numa entidade rica e poderosa do mundo medieval.

Os templários deviam obediência somente ao papa, e nenhum outro poder eclesiástico ou secular tinha poder sobre eles. O papa era o protetor oficial dos templários e eles se tornaram uma formidável organização internacional. Eles foram a primeira ordem religiosa cristã incumbida de matar em nome do Deus Javé. Imensas propriedades eram doadas na Europa para mantê-los em terras estrangeiras, e privilégios especiais eram garantidos pelos reis.

Rapidamente surgiram abrigos para os templários ao longo do percurso de todas as rotas de peregrinos: acampamentos, casas, capelas, castelos⁹, comendas, torres, fortificações.

Inicialmente, as rotas de peregrinos confiadas aos templários na Terra Santa, foram a que vai de Jafa a Jerusalém e a que vai de Jerusalém ao Jordão, estendendo-se depois a todos os lugares.

Muitos dos percursos das rotas daquela época até a Terra Santa e os outros lugares de peregrinação (Roma, Santiago de Compostela, etc.), eram feitos pelas vias deixadas pelos antigos romanos e onde as *principais* rotas passavam por estradas e portos da Itália (Gênova, Veneza, Bari, Brindisi, Barletta). Os templários passaram a ter cais e barcos, e com o tempo eles desenvolveram a maior marinha do mundo para proteger a sua frota naval. Os portos de São João de Acre (Akko) e Jafa eram os locais de desembarque dos peregrinos e ligavam o Ocidente ao Oriente.

Junto com os templários chegavam a todas as partes armas, cavalos¹⁰, víveres e comerciantes.

A Ordem dos Templários escoltava e abrigava peregrinos e viajantes como seu dever, e praticava a esmola do mesmo modo que outras Ordens religiosas. Desse modo, protegiam os peregrinos e as estradas, e se mantinham. Pelas ações ativas deles, cada comenda transformava-se em um centro econômico por si só, agindo diretamente e indiretamente sobre a região onde estava instalada. Por isso, núcleos de povoamento e colonização surgiam cada vez mais. Além da manutenção da ordem, isso era uma das coisas que se desejava dos templários, tanto na Terra Santa, quanto nas expulsões de *infieis* na Península Ibérica.

As frentes de templários na Europa, também tinham a função de recrutar cavaleiros para a Ordem. Dada a sua disciplina e capacidade de se mobilizar rapidamente, os templários tornaram-se uma organização guerreira poderosa e muitas vezes se integravam aos exércitos dos reinos para a defesa necessária. Sua bravura tornou-se legendaria.

Os templários também possuíam terras arrendadas, criações de animais e escravos. Para se ter uma ideia, só na região de Payns e de Champanha em 1308, eles possuíam terras com 600 ovelhas e 234 cordeiros, além de carneiros e animais de tração.

A atividade dos templários era agora estimulada pelo lucro, assim, *eles tinham de nutrir a guerra*. A guerra justificava a existência dos templários. Por isso, eles tornaram-se grandes investidores. Eles se tornaram muito talentosos em ganhar dinheiro. Sabiam administrar e contabilizar, e eram aplicados na defesa do patrimônio, e por isso, passaram a administrar as finanças dos reis e dos reinos da Cristandade. A Organização dos Templários tornou-se uma rede espalhada por todos os cantos.

O cristianismo derrotou o Islã. Desde a conquista da Terra Santa, uma Nova Era se iniciou. Uma Era de reformas políticas, religiosas e sociais.

Tantas mudanças também traziam temores e suposições supersticiosas em muitas pessoas, e estas, eram enfatizadas por

“previsões” vindas de astrólogos daquela época, como Juan de Toledo, Corumphira e Guglielmo. Eles “previam” de suas observações celestes, diversas catástrofes naturais para logo e o Juízo Final para o ano de 1186. No entanto, tais previsões não se realizaram...

Até 1187, o centro, a sede, a fortaleza e o governo da Ordem dos Templários se manteve em Jerusalém, como no início. No entanto, as coisas mudaram quando neste mesmo ano (1187) Saladino (Salah al-Din, 1138-1193)¹¹ atacou e venceu as tropas do rei de Jerusalém, Guy de Lusignan, no planalto de Hattin. Nesta batalha, a Verdadeira Cruz¹² que os homens do rei traziam como baluarte e amuleto de sua fé, caiu nas mãos dos muçulmanos. Em seguida, ainda em 1187, Saladino conseguiu tomar Jerusalém com grande exército e a Ordem precisou se transferir e se adaptar às pressas, mudando-se para Acre. Saladino escravizou os inimigos capturados, mas os templários e hospitalários¹³ que capturou, mandou decapitar todos em sua presença. Só de templários foram duzentos e trinta. Até uma recompensa era dada a quem apresentasse um templário cativo.

Quando Saladino se viu em poder de Jerusalém, a Cidade Santa, logo mandou purificar os lugares santos do islamismo. O Templo do Senhor estava encimado com uma cruz cristã de ouro, que logo foi derrubada. Sobre a “rocha destruída”, um antigo marco religioso dentro do Templo, foi logo colocado um altar e o “Monte Muriá” foi lavado com água de rosas para o purificar. Já na primeira sexta-feira seguinte, um juiz (*qadi*) de Damasco realizou ali um grande culto em homenagem à Jerusalém e ao Islã¹⁴.

Mas o reinado de Saladino não iria mais muito longe. Por causa de sucessivas perdas ocorridas na Terra Santa, a Cristandade reagiu lançando a Terceira Cruzada em 1190. Engajaram-se nela o rei Felipe II (1165-1223) da França¹⁵, o rei Ricardo I (1157-1199) da Inglaterra¹⁶, e depois, o conde de Flandres com grande séquito, obtendo uma sequência formidável de vitórias. Primeiro, Acre foi recuperada em julho de 1191. Depois foi a vez de Jafa e Ascalão, culminando com a vitória de Arsuf, que derrotou Saladino em 07 de setembro de 1191.

Saladino recuou, e dois anos depois veio a morrer, fato este que fragmentou todo o seu antigo império árabe.

É também em 1191 que um inglês vassalo do rei Ricardo I, torna-se grão-mestre dos templários, após a morte do antecessor Geraldo de Ridefort, morto em Acre em 1189, durante uma tentativa de retomada da cidade.

Jerusalém, no entanto, não foi reconquistada.

Instalada em Acre, a Ordem do Templo lá permaneceria até 1291.

Depois, foi a vez do rei da Germânia (Alemanha), Frederico II (1194-1250) organizar uma Cruzada à Terra Santa (1229). Era a Sexta Cruzada.

Frederico II era também rei da Sicília, da Tessalônica e de Chipre. Mas o papado da época não gostava de Frederico II. Quando em 1227 Frederico voltou atrás em sua promessa de liderar uma Cruzada à Terra Santa, foi excomungado e a Igreja fez questão de lembrá-lo que ela própria detinha autoridade suprema perante Deus.

Porém, as ambições de Frederico II eram grandes. Tanto, que ele depôs seu sogro João de Brienne do cargo de rei de Jerusalém, em prol de seu pequeno filho Conrado.

Enfim, após organizar a Sexta Cruzada, ele foi para a Terra Santa no verão de 1228. Lá chegando, firmou um pacto com os templários e os teutônicos¹⁷, sendo aclamado por eles “Imperador do Mundo”. Assim fortalecido, Frederico II marchou para Jerusalém como diplomata. Ele preferia conversar em vez de combater, e era um defensor do diálogo com o Islã, religião que o atraía sobremaneira. Sabia-se que Frederico II era muito inteligente e muito educado, que falava vários idiomas como italiano, latim, grego, francês e árabe. Era poeta, conhecia medicina, arquitetura, matemática e filosofia.

Em Jerusalém ele teve contato com os príncipes muçulmanos também, e estes, ao invés de combatê-lo, aclamaram-no como “Soberano do Ocidente e do Oriente” e lhe entregaram as chaves da Cidade Santa.

Ao mesmo tempo que tudo isso se desenrolava, o papa Gregório IX (1160-1241) proclamou outra Cruzada, mas desta vez contra o próprio Frederico II, e seguiu atacando as possessões do imperador na Península Itálica.

Em 29 de março de 1229, Frederico II foi coroado na igreja do Santo Sepulcro com as próprias mãos, fazendo-se rei do Reino de Jerusalém e imperador do Sacro Império Romano-Germânico. Por causa de sua excomunhão, havia uma certa hostilidade das forças cristãs locais à sua pessoa, e todos os padres permaneceram distantes da igreja do Santo Sepulcro e do imperador, por isso não puderam coroá-lo.

Em sua coroação, Frederico II passou a se autodenominar “Vigário de Deus na Terra”, um título papal, e jurou solenemente

perante os presentes “defender o Reino, o Império e a Igreja Romana”. Ele queria revitalizar o Império Romano como autoridade suprema.

Aproveitando-se das discórdias entre os sultões do Egito e de Damasco, Frederico II conseguiu, através da diplomacia, um vantajoso tratado com o Egito, que era governado pelo sobrinho de Saladino, o príncipe Malik al-Kamil (1180-1238). O tratado ficou conhecido como “Tratado de Jafa” e foi firmado em Jerusalém, em 1229. Através deste tratado Frederico II ganhou Nazaré, Belém e Sidon, e uma trégua de dez anos. Em compensação os cristãos deviam reconhecer a liberdade de culto para os muçulmanos.

Por causa disso, o papa excomungou Frederico II mais uma vez.

Depois, o imperador retornou à Europa devido ao receio de perder seu trono na Germânia e em Nápoles, e também para colocar em prática seus planos de expansão de poder.

Quando chegou na Europa, Frederico II se dirigiu ao norte da Itália com seu exército, conquistando algumas cidades-estado vassalas do papa e ameaçando invadir a República de Veneza, se esta cumprisse sua ameaça de invadir seu domínio da Sicília com seus barcos de guerra.

Pelos seus súditos, Frederico II foi logo transformado na figura messiânica do “Último Imperador”, que de acordo com o Apocalipse bíblico, inauguraria “o Reino de Cristo na Terra” *antes* da chegada do “Anticristo”.

Já o papa Gregório IX via em Frederico II o próprio Anticristo, e em 1239 chegou a identificá-lo como “a besta que subia do mar”, segundo o capítulo 13 do Apocalipse de João e o excomungou novamente, o que Frederico II ignorou.

Nesses dias, as ideias escatológicas eram literalmente aceitas e os personagens da narrativa bíblica passavam a assumir papéis na realidade e na política e vice-versa. O que muito contribuiu com essas ideias foram os conhecidos prognósticos de um famoso monge e filósofo místico calabrês, chamado Joaquim de Fiore (1132-1202), que “previu”, baseado na Bíblia, diversos acontecimentos que deveriam ocorrer entre 1200 e 1260 (época de Frederico II). Joaquim de Fiore fora considerado “santo homem e profeta” e em 1192 havia fundado uma Ordem mística, a Ordem Florenciana.

Joaquim de Fiore acreditava que a época do Apocalipse do Novo Testamento (“A Revelação”) estava no seu fim e que o advento da época do “Império do Divino Espírito Santo” estava próximo. Joaquim de Fiore escreveu que o fim desta época e o início da próxima, seria marcado por um cataclismo “já prenunciado” pela então “patente desordem no mundo”.

Este Império do Divino Espírito Santo, seria para Joaquim de Fiore a apoteose da História e duraria até o Fim dos Tempos, apenas terminando com a glória da “Segunda Vinda” de Jesus Cristo. Tais ideias ganhavam ainda mais força, pelo fato dos católicos acreditarem que os acontecimentos, por mais inesperados que fossem, eram afinal, parte de um “plano divino” que visava a “salvação”. Com a sua interpretação apocalíptica e escatológica da História, Joaquim de Fiore pareceu de imediato dar resposta às grandes inquietações da época.

Frederico II julgou-se divino, um messias imperial, parecendo estar à frente destas profecias, como aquele que ajudaria a concretizá-las e ficou conhecido como “O Prodígio do Mundo” (*Stupor Mundi*). O desgaste com a Igreja Católica não pararia mais.

Várias batalhas e ataques se travaram entre o exército de Frederico II e o exército papal, até que já longe dessas campanhas e doente no sul da Itália (Apúlia), chegou o dia de seu falecimento. Era o ano de 1250. A morte do imperador provocou um longo período de perturbações no Sacro Império Romano-Germânico, período que foi chamado de “O Grande *Interregno*” (1254-1273).

Após a Era de Frederico II, por diversas razões, os latinos e as Ordens religiosas começaram a ter cada vez mais dificuldades para reunir e manter os efetivos de combate e a defesa na Terra Santa. Em contrapartida, Baibars (Beibars), um general e sultão mameluco circassiano do Egito, vinha adquirindo grande poder com seu governo (77 anos após Saladino), e em 1268, após vários ataques e vitórias, conseguiu reduzir o mais importante Estado Cristão, o Reino de Jerusalém, a uma pequena faixa de terra entre Sidon e Acre.

Baibars conseguia manter inúmeras tropas mobilizadas, pelo tempo que queria e onde queria, e ele possuía uma das maiores máquinas de guerra de sua época.

Daí em diante, a paz era mantida precariamente através de muitos esforços. Muitas tréguas foram feitas por certo período. Mas no fim de 1290, a situação da capital de *Outremer*, São João de Acre, ficou muito tensa e virou alvo de outro sultão egípcio

chamado al-Ashraf Khalil, que exigiu a rendição da cidade. Acre resolveu reagir contra o sultão, mas em abril de 1291 a cidade acordou cercada por milhares de guerreiros mamelucos egípcios e turcos! A Cristandade correu em socorro de seu ponto estratégico na Terra Santa e cavaleiros hospitalários, teutônicos e templários, juntamente com tropas inglesas e italianas, partiram para cima do inimigo, mas nada conseguiram. Em 18 de maio, as forças muçulmanas tomaram oficialmente a cidade.

Acre, que possuía cerca de quarenta mil habitantes, foi totalmente destruída. Foi um grande massacre. Os habitantes que não conseguiram fugir foram decapitados, e as mulheres e crianças foram capturadas para serem escravas no mercado de escravos de Damasco. A grande quantidade de mulheres e meninas escravas que se conseguiu daí, fez o preço de um escravo cair para apenas “um dracma”.

Durante alguns meses as tropas mamelucas seguiram devastando toda a costa e os redutos cristãos ainda existentes...

Com estes acontecimentos foi “por água abaixo” o último reduto dos europeus na Palestina, e com ele, o sonho que influenciou as Cruzadas no Oriente por duzentos anos. A partir de então, os templários perderam o principal propósito de sua existência.

Acre caiu juntamente com todos os vestígios dos Estados Latinos. A Ordem do Templo teve de se transferir para Limassol no Chipre, seu último reduto-sede.

Mais algum tempo e tudo mudaria para os templários. O mundo deles também já vinha sofrendo com outros problemas, como a declinação de suas arrecadações por causa da desaceleração das doações. Isso vinha acontecendo devido a múltiplos fatores, como a evolução da sociedade europeia, o desenvolvimento da economia monetária e do Estado, uma maior proteção ao patrimônio pessoal, modificações nas práticas de testamentos e o anticlericalismo crescente. Estes fatos na verdade, afetaram todas as Ordens religiosas e não somente a Ordem do Templo. Somado a isso, estavam as sucessivas derrotas na Terra Santa aqui descritas e a consequente desilusão crescente do mundo cristão para com as Ordens militares, que já não conseguiam mais manter o ideal cristão inicial vivo, parecendo mesmo à Cristandade que Deus havia mudado de lado e se tornado muçulmano.

Um trágico fim ainda aguardava os templários.

Do final do século XIII ao começo do século XIV, muitas coisas contrariavam o rei da França, Felipe IV, o Belo (1285-1314), com relação aos templários. Uma delas e provavelmente a mais significativa, era a posição do grão-mestre dos templários de então, Jacques de Molay (1292-1314)¹⁸, que era contra o desejo do rei de unificar a Ordem do Templo com a Ordem dos Hospitalários e deixá-las sob seu comando. O rei pensava que fazendo isso, as Ordens serviriam melhor aos propósitos da coroa, deixando o papa em segundo plano. Na verdade, a partir de meados do século XIII já havia uma tendência destas Ordens, de oscilarem entre servir ao papa ou servir aos reis de que eram súditas. Os reis começaram a achar que tinham o direito de usar a força militar papal e a influência das Ordens para suas próprias empreitadas. As Ordens ficavam, assim, em uma “corda bamba”, apesar de serem Estados dentro do Estado.

Mas os soberanos europeus queriam agora recuperar seus direitos régios e diminuir privilégios concedidos no passado. Eles não queriam mais aceitar a dominação da Igreja, mas sim, que a Igreja cuidasse da Igreja, deixando que o Estado cuidasse do Estado¹⁹. No entanto, prevalecia a tendência original das Ordens em servir o papa e a Santa Igreja, contrariando as vontades dos reis mais autônomos.

Em 1297, o rei Felipe IV conseguiu a santificação de seu avô, o rei cruzado Luís IX (São Luís), e convenceu-se de que a França era um reino escolhido por Deus, portanto seus reis eram seus “Representantes Divinos na Terra”, com uma missão divina, em oposição a mesma revindicação do papa, de “Vigário de Deus na Terra”.

O rei da França convocara uma assembleia em Paris, em 1302, com o papa Bonifácio VIII (1294-1303) e as duas Ordens (templários e hospitalários), para discutir tais assuntos e outros de interesse de Felipe. Jacques de Molay já havia dado a entender ao rei Felipe IV, em um relatório enviado sobre este assunto, que acataria a decisão *do papa*. E Bonifácio VIII havia publicado na ocasião, uma bula papal afirmando que só poderia haver salvação se houvesse obediência incondicional à autoridade do papa, tanto em assuntos espirituais quanto em assuntos materiais.

Os representantes da assembleia convocada pelo rei Felipe IV se dirigiram à Paris. Jacques de Molay, logo ao chegar na França por Marselha²⁰, soube que haviam sido feitas várias acusações contra a sua Ordem e seus membros.

Diga-se também, que grande parte do tesouro real da França estava sob a guarda e a administração do complexo da Ordem do Templo em Paris, que era um dos maiores centros financeiros da Europa. Mas o rei Felipe IV também possuía muitas dívidas

legais para com a Ordem.

As Ordens militares internacionais estavam sendo vistas como obstáculos ao desenvolvimento do Estado moderno dentro da monarquia centralizada do rei da França. Sabe-se hoje, que um terço dos imóveis de Paris daquela época, pertencia à Ordem do Templo!

O rei não queria mais depender da Igreja e de suas instituições, e queria “nacionalizar” a administração financeira do seu reino. O rei estava sempre necessitando de dinheiro para expandir o seu império e começou a cobrar impostos também do clero²¹. Felipe IV sempre que podia, extorquia dinheiro da Igreja para usar em suas ambições. Ele queria ver a França como a maior potência do planeta!

Nos anos seguintes, as ambições do rei da França e seus conselheiros foram tomando vulto, e desconfianças e maquinações foram se mostrando contra aquela situação. O rei Felipe IV pressionava o papa a tomar medidas contra os templários, mas sem muito efeito.

Depois, o novo papa Clemente V (1305-1314)²², encontrou-se com o rei Felipe em Poitiers, em abril de 1307, para conversarem, mas este papa também não quis tratar do assunto da união das Ordens e o caso ficou em aberto para outra ocasião.

Durante o inverno de 1307, o grão-mestre Jacques de Molay pediu ao papa Clemente V que intercedesse junto ao rei Felipe IV, contra as acusações de que a Ordem era alvo. O papa atendeu Jacques de Molay e enviou uma carta de intercessão ao rei Felipe IV, que além de defender os templários, dizia que a Igreja abriria uma investigação para apurar os fatos. No entanto, o papa, já acometido de sérios problemas de saúde, adiou as investigações em prol de um tratamento nos meses seguintes. Em 24 de junho de 1307, o grão-mestre Jacques de Molay ainda convocou um Capítulo Geral em Paris (o último de sua vida). Mas o rei da França quis agir rapidamente pelas suas ambições, já que o papa se viu numa situação momentânea de impotência devido ao seu restabelecimento. Então, ignorando o papa, Felipe IV decidiu agir para “o bem da Cristandade e da Igreja” e em 14 de setembro convocou uma reunião secreta com conselheiros, na abadia de Mauluisson em Pontoise, para planejar os procedimentos necessários contra os templários.

Então aconteceu: Felipe IV, em nome da França e da Igreja agiu rapidamente, e na madrugada de 13 de outubro de 1307, uma sexta-feira, Jacques de Molay foi detido pela guarda real comandada pelo ministro do rei, Guilherme de Nogaret, e levado para a prisão da Ordem do Templo em Paris. Ao mesmo tempo a Ordem do Templo foi declarada ilegal.

Mas a coisa não parou por aí. Por ordem do rei, simultaneamente, os demais templários da França foram convocados, pegos de surpresa e encarcerados. Em seguida, os executores das ordens de Felipe IV foram orientados a procederem uma investigação. Várias acusações foram levantadas contra os templários, acusações estas, já “previamente organizadas”, como a de renegar Jesus Cristo, idolatria, cuspir na cruz, obscenidades, sodomia, orgias, heresias, blasfêmia e outras.

Os bens móveis e imóveis dos templários foram tomados e conservados pelo rei por toda a França, inclusive em Troyes.

Felipe IV já havia feito algo parecido anos antes com os italianos e os judeus. Em 1291 ele havia mandado prender todos os banqueiros italianos residentes na França, depois foram expulsos do país e seus bens e dinheiro confiscados. Em seguida foi a vez dos judeus, que sofreram perseguição e igual delito em 1306.

Não se sabe precisamente quantos templários foram pegos pelos agentes do rei, na armadilha de 13 de outubro de 1307, mas sabe-se que foram muitos. A seguir, eles foram submetidos a torturas para confessarem e se declararem culpados de heresia.

Depois disso, o rei Felipe IV enviou cartas aos reis dos outros Estados Cristãos explicando a situação e pedindo que agissem como ele. O papa Clemente V viu-se ultrajado com as ações de Felipe IV, pois se os procedimentos do rei da França fossem inevitáveis, as ações de que o rei lançou mão tinham de ter sido providenciadas pelo papa e pela Igreja e não por outrem. Para remediar tal situação, logo ao saber dos procedimentos de Felipe IV, o papa redigiu uma bula papal no qual ordenava que todos os templários da Cristandade fossem presos e que fosse feita a transferência da tutela de todos os seus bens para a Igreja!

Subitamente todos estavam interessados nas conquistas dos templários...

Com a confissão dos templários documentada, e após as torturas que os pobres coitados sofreram, tanto o rei da França quanto o papa, tinham nas mãos tudo de que necessitavam para agir contra a seita do Templo. Também o fato deles não serem mais “úteis” na Terra Santa, foi lembrado contra os templários. A propaganda contrária aos templários tinha como objetivo mostrá-los como “os destruidores da ordem social e política da Cristandade”.

E se até então, alguns reis hesitavam em concordar com o rei da França, o mesmo não aconteceu com relação ao papa nos

meses subsequentes. Ao receberem a bula pontifical, os outros reis obedeceram o papa. No entanto, a ordem expedida pelo papa somente se cumpriu nos nove meses seguintes e contra a vontade de alguns e o ceticismo de outros.

O papa ainda queria julgar os templários. Já o rei da França queria condená-los sem julgamento. Nesse meio tempo, centenas de outros templários foram presos.

Em 1308 o papa Clemente V suspendeu a Inquisição contra os templários na França. Em seguida, o grão-mestre Jacques de Molay e mais quatro oficiais templários, foram interrogados no castelo de Chinon. Eles declararam-se culpados das acusações levantadas, na esperança de ser mais fácil assim se reconciliarem com a Igreja e saírem livres. Até o ano de 1311, ainda não havia saído a decisão sobre o veredicto contra os templários, então o papa Clemente V convocou um Concílio em Vienne (Ródano; Alpes), em 16 de outubro de 1311, para resolver definitivamente a situação da seita da Ordem do Templo. Mas não foi desta vez ainda.

No entanto, era de suma importância que o papa resolvesse logo essa questão, pois tinha sobre seus ombros as pressões autoritárias do rei francês Felipe IV. A Igreja estava em perigo. Felipe ameaçava resolver por conta própria o assunto e passaria por cima do papado se necessário!

Então o papa resolveu o dilema em 03 de abril de 1312, em Vienne novamente, na presença do rei francês e de um conselho, declarando suprimida a Ordem do Templo, juntamente com seu Estado, seu hábito e seu nome. A Ordem dos Cavaleiros do Templo havia sido difamada demais para continuar existindo sem comprometer a Igreja. No entanto, os templários não foram condenados pelo papa. As acusações não foram provadas. Com isso a Igreja “lavava as mãos”. Clemente V foi então designado pelos templários de “o Anticristo”.

O futuro dos bens da Ordem, que até então estavam sob a tutela e o usufruto dos príncipes das regiões em que estes haviam sido confiscados, eram explorados em benefício da coroa francesa e continuavam praticamente intactos. Agora, com o fim da Ordem do Templo, ficou decidido que os bens da antiga Ordem passariam aos cuidados da Ordem do Hospital de São João de Jerusalém e para a utilização em benefício “da Terra Santa”. Para que tal acontecesse, todos que detivessem os bens dos templários deveriam entregá-los aos hospitalários, caso contrário sofreriam excomunhão.

No início, a Península Ibérica foi poupada de tal medida.

Após alguns acordos entre os reis, os príncipes e o papa, os primeiros acataram a decisão papal. No entanto, as devoluções de bens aos hospitalários, por várias razões, se estenderiam por décadas.

Alguns templários de outras regiões, que não foram presos, nem queimados e nem fugiram, receberam pensões dos hospitalários até o fim da vida (se aposentaram) por conta dos bens apropriados, principalmente nos Estados da Coroa de Aragão. Outros, passaram a prestar serviços para as outras Ordens ou a algum exército, ou casaram-se, ou ainda, dedicaram-se à pirataria.

E o que aconteceu com o líder da Ordem, Jacques de Molay?

Permaneceu preso até 1314 em Paris. Já o papa, doente e moribundo, e que tinha receios de entrar novamente em desentendimento com o rei da França, quis logo encerrar o assunto mandando tres cardeais a Paris em março de 1314, para declararem a sentença para Jacques de Molay de “reclusão perpétua”. Tal condenação foi pronunciada na praça pública do adro da igreja de Notre-Dame, perante o povo e os acusados. Mas Jacques de Molay revoltou-se da decisão, contestou os cardeais e o papa, e preferindo defender a Causa da Ordem neste último momento, retirou publicamente suas confissões anteriores. Optou por defender sua seita e seu ideal até o fim. Sabia que agindo assim, a morte o aguardava por *heresia reincidente*. E foi o que aconteceu em 18 março de 1314. Quando o rei Felipe soube do ocorrido, ordenou a execução do grão-mestre imediatamente, mandando queimá-lo vivo na fogueira, juntamente com o mestre do Templo da Normandia, Godofredo de Charney. Ambos, morreram então na fogueira, amarrados em estacas à noite, na pequena ilha de Javiaux no Sena, como mártires de sua Causa e confiantes na justiça de seu Deus até o fim...

A opinião pública em outros países, era, no entanto, a favor dos templários. Ela acreditava tanto em sua inocência, quanto no fato de estarem sofrendo injustiças por parte de seus inquisidores e do rei Felipe da França, juntamente com sua burguesia.

Mas ainda em 1314, tanto o rei francês Felipe IV quanto o papa Clemente V, falecem, “indo encontrar Jacques de Molay no limbo”. O papa faleceu devido a uma doença que já trazia e o rei francês devido a ferimentos causados em uma queda de cavalo durante uma caçada. Os ambiciosos projetos do rei francês dependeriam agora de seu sucessor...

Também na História de Portugal, nosso ancestral colonizador, os templários foram marcantes. O reino independente de

Portugal emergia como uma nova nação, e nada melhor do que aliar-se aos templários contra os muçulmanos dominantes em Portugal, assim como em toda a Península Ibérica, para a expulsão daqueles “inféís”. O governo português, então, soube valorizar e proteger essa força militar aliada. O historiador e cientista José Luiz Del Roio, nos conta em seu livro um resumo da história dos templários em Portugal, onde, no transcorrer do governo do monarca Dom Dinis (1279-1325), deu-se a crise dos templários:

“Com a conquista de Jerusalém pelos cruzados (1099), germinaram diversas ordens religiosas de monges combatentes. Aquela que adquiriu maior força militar, numérica e econômica foi a dos cavaleiros templários, assim denominada pois seu grupo fundador possuía a sede, nas ruínas do templo, cujos alicerces teriam sido lançados pelo rei de Israel, Salomão. Estes cavaleiros-monges tiveram uma participação destacada nos combates travados para a formação de Portugal e possuíam, neste país, o seu núcleo principal na cidade de Tomar.

O rei da França, Felipe IV, temeroso da potência da Ordem do Templo, lançou contra eles acusações infamantes e decretou a prisão de todos os seus membros no ano de 1307. O papa Clemente V, de origem francesa, lançou a excomunhão sobre os templários, que passaram a ser perseguidos em todas as partes. O grão-mestre, Jacques de Molay, depois de anos de tortura, foi queimado vivo em Paris (1314).

D. Dinis tomou uma posição diversa e resolveu protegê-los, transformando os templários em uma nova congregação, a Ordem de Cristo, sempre com residência central em Tomar. A cruz templária, ligeiramente modificada, passou a ser o símbolo da nova Ordem e foi a mesma que estava impressa nas velas da esquadra de Cabral, quando arribou nas costas brasileiras. Ela está presente em vários brasões lusitanos e brasileiros; por exemplo, na bandeira da cidade de São Paulo.”

Com a criação da nova Ordem, o rei Dinis entregou a ela os bens da Ordem do Templo, protegendo-os e nacionalizando-os. O papa reconheceu a nova Ordem de Portugal em 1319.

A cruz pátea²³ de Cristo usada pelos templários, seria o símbolo da nova Ordem de Cristo, mas nas cores vermelha e branca. Mais tarde, foram as embarcações portuguesas da Ordem de Cristo que se aventuraram pelo Oceano Atlântico, descobrindo terras novas para Portugal. O vasto conhecimento geográfico adquirido pelos cavaleiros templários durante as Cruzadas, favoreceram em muito as futuras descobertas de Portugal. A Ordem de Cristo (Ordem dos Cavaleiros de Nosso Senhor Jesus Cristo) tornou-se a herdeira da seita da Ordem dos Cavaleiros do Templo de Portugal.

A partir de 1416, o grão-mestre da nova Ordem passou a ser o próprio monarca da coroa portuguesa. Quando Pedro Álvares Cabral, também um cavaleiro da Ordem, tomou posse da nova terra que descobriu (Brasil), o fez em nome do monarca português e grão-mestre da Ordem de Cristo. A bandeira trazida por Cabral, dada pelo rei de Portugal para ser hasteada na nova terra, não era a bandeira de Portugal, mas sim a bandeira da Ordem de Cristo.

Também na Espanha os templários foram protegidos. O rei Jaime II de Aragão criou uma nova Ordem também, a Ordem de Montesa (1317), que herdou a herança e os cavaleiros da Ordem do Templo, dando-lhes a incumbência de proteger as fronteiras do reino contra os muçulmanos da Andaluzia.

Os templários não morreram de todo...

- 1 Monte Ararat, hoje Turquia.
- 2 Como o Deus cristão possui um nome próprio desde a sua origem na religião judaica, usamos nesta Obra o seu nome, apesar de sua utilização não ser mais tão comum atualmente para algumas pessoas, devido ao seu desuso estimulado pela Igreja Católica nos últimos séculos.
- 3 À semelhança dos outros muçulmanos, os ismaelitas acreditam no Deus Javé (Alá) e no profeta Maomé como seu Mensageiro Divino. Partilham com os outros xiitas a crença de que Ali (um genro de Maomé) foi nomeado por Maomé como líder da comunidade muçulmana, devido à sua capacidade para interpretar a Mensagem de Deus, dom que teria sido transmitido aos seus descendentes. Contudo, ao contrário dos outros xiitas, os ismaelitas seguem um Imã vivo (também “Imane”), o qual é denominado “Hazir Imã”. Imã é tradicionalmente um guia espiritual muçulmano (hoje em dia é o oficiante das orações diárias de uma mesquita). O pensamento ismaelita apresenta igualmente uma visão cíclica do mundo, onde a História se desenrolaria ao longo de sete Eras. Cada uma destas Eras seria iniciada por um profeta que traria consigo uma “Escritura Sagrada”. Cada profeta também viria acompanhado por um “companheiro silencioso”, que revelaria os aspectos esotéricos da Escritura. Os seis primeiros ciclos estiveram associados aos profetas Adão, Noé, Abraão, Moisés, Jesus e Maomé. O suposto companheiro silencioso de Maomé teria sido Ismael, que acredita-se, regressará no futuro para ser o profeta do sétimo ciclo. Este sétimo ciclo traria consigo o “Fim do Mundo”. Essa crença defende que até que o Fim do Mundo chegue, o “conhecimento oculto” deve ser preservado em segredo e revelado apenas aos iniciados.
- 4 No entanto, durante as Cruzadas também aconteceram discórdias e divergências como realidade entre os próprios cruzados.
- 5 Nascido em Boulogne-sur-Mer, Godofredo de Bulhões foi senhor de Bulhões (1076-1096), duque da Baixa Lorena (1087-1100) e depois o primeiro soberano do Reino Latino de Jerusalém. Sua fama foi tão grande que existem hoje afrescos retratando-o como herói, como por exemplo, o afresco da Casa Massimo de Roma (1817-1827) que mostra o “arcanjo Gabriel” encarregando Godofredo de libertar Jerusalém das mãos dos inimigos da Cristandade.
- 6 Também “Pobres Cavaleiros de Cristo”. Essa autodenominação existia porque eles não podiam possuir nenhum bem, igual à frades de um convento, pois toda a riqueza pertencia à Ordem, à Instituição
- 7 Também os rosacruz possuem o grau de “cavaleiro”, além de outras seitas.
- 8 O maior candidato provável foi o castelo de Montségur na França (Midi-Pirineus).
- 9 Como exemplo, temos os francos, que somente nos novos territórios de “Além-mar” (*Outremer*) construíram mais de cinquenta castelos.
- 10 O cavaleiro medieval, juntamente com seu cavalo, formava uma unidade inseparável. O cavalo era reconhecido como uma arma de guerra sem igual, responsável por proezas nunca antes imaginadas. A domesticação deste animal realmente deu um salto enorme no desenvolvimento dos deslocamentos humanos e no seu uso como arma de guerra. Sua domesticação na Europa começou em 4500 a.E.C.
- 11 Saladino viria a se tornar o herói de um ciclo de lendas que percorreram todo o Oriente Médio e a Europa, e seus feitos são lembrados e admirados até os dias de hoje pelos povos muçulmanos. Longe de se tornar uma figura odiada na Europa, Saladino tornou-se um exemplo célebre dos princípios da cavalaria medieval.
- 12 A “Verdadeira Cruz” aqui citada, se refere a relíquia da suposta cruz onde foi crucificado Jesus Cristo pelos romanos, e que se acreditava estar em Jerusalém na época dos cruzados. Nas lutas das Cruzadas travadas em Jerusalém para a sua defesa, os francos levavam junto de si um pedaço da Verdadeira Cruz como um amuleto, para lhes assegurar a vitória e lhes dar coragem em prol de seu ideal por Cristo. A Verdadeira Cruz foi uma relíquia muito cultuada pelos cristãos. Os cavaleiros templários que escoltaram as diversas relíquias saqueadas na Terra Santa para as diversas partes da Europa, cuidavam para que várias partes desta relíquia fossem espalhadas pelo mundo cristão. Sua descoberta anterior “original” é atribuída a Helena (Santa Helena), mãe de Constantino (imperador romano que legalizou a seita cristã romana no século VI), que em sua peregrinação à Terra Santa, mandou construir a igreja do Santo Sepulcro e promoveu escavações em Jerusalém em busca de relíquias do Messias Jesus (vide o tópico *Longinus, a Lança Santa, o Cálice Santo*). O pedaço “original” da Santa Cruz ali descoberto, foi entregue a Helena que mandou dividi-lo em tres partes e distribuí-las, ficando uma em Jerusalém, outra na cidade de seu filho “Constantinopla” e outra em Roma (na Igreja da Santa Cruz de Jerusalém).
- 13 Por volta de 1099, alguns mercadores de Amalfi, na Itália, fundaram em Jerusalém uma casa religiosa para abrigo de peregrinos. Anos mais tarde construíram junto dela um hospital que recebeu doações de Godofredo de Bulhões, assegurando-lhe a existência. Em 1113, o papa Pascoal II nomeou-a congregação sob o título de “São João Batista”, e deu-lhe uma Regra própria. Em 1120, o francês Raimundo de Puy, nomeado grão-mestre, acrescentou aos cuidados da Ordem dos Hospitalários, os doentes do serviço militar na Terra Santa. Por necessidade, esta Ordem transformou-se numa ordem militar - agora “Ordem dos Cavaleiros Hospitalários” -, composta por cavaleiros nobres de nascimento. Os seus membros fizeram votos de pobreza, castidade e obediência, e juraram defender e assistir a cidade de Jerusalém.
- 14 Islã significa “Resignação”.
- 15 Cognominado “*Dieudonné*” (Dádiva de Deus) e depois “Augusto”.
- 16 Cognominado “Coração de Leão”.
- 17 Outra Ordem Cristã chamada “Ordem de Santa Maria de Jerusalém”. Ela foi uma ordem militar cruzada, vinculada à Igreja Católica por votos religiosos através do papa Clemente III (1130-1191). Foi formada em Acre no final do século XII (1190). Os seus membros usavam sobrevestes brancas com uma cruz negra. A Ordem Teutônica foi uma das mais poderosas e influentes da Europa e a maioria dos seus membros pertencia à nobreza, inclusive a família real prussiana e outros membros germânicos.
- 18 A grande maioria dos grão-mestres que os templários tiveram durante sua existência era de solo francês.
- 19 Após a queda de seu prestígio, os papas ficariam sob o domínio e o controle dos reis franceses até 1377.
- 20 Marselha detinha o principal porto da França.
- 21 Havia confrontos militares com Flandres e com a Inglaterra, por exemplo, e que necessitavam de manutenção através das arrecadações.
- 22 O papa francês Clemente V, nunca esteve em Roma. Ele governava a Igreja romana de dentro das fronteiras francesas. Era como um refém do rei Felipe IV, o Belo.
- 23 A cruz pátea é um tipo de cruz isósceles, dentre muitas existentes. Sua origem, assim como das demais cruzeiras isósceles, deriva da “cruz solar” tirada de mapas do zodíaco antigos (registro da abóbada celeste e seus movimentos), onde os astrônomos-astrólogos da Antiguidade referenciavam os solstícios e os equinócios (braço vertical e braço horizontal). A cruz isósceles também veio a representar os pontos cardeais.

ACONTECIMENTOS MARCANTES DE UMA REGIÃO E SUA CRONOLOGIA

Destaco agora certos acontecimentos que envolveram os templários e as Cruzadas nas regiões de Troyes, Flandres e Nova França, pois tais regiões representam o berço do nascimento do Graal na literatura medieval, tema no qual iremos adentrar com mais profundidade nos próximos capítulos.

Além disso, fatos marcantes ocorridos na Cristandade estão diretamente associados a personalidades oriundas da Champanha e outros locais da França, e que se tornaram “pano de fundo” e inspiração para poetas emergentes daquela época.

Acompanhe os acontecimentos abaixo e desfrute da importância histórica destas regiões e seus personagens:

1070: Nasce em Champanha, oriundo de linhagem Cavaleiresca, Hugo de Payns, o fundador e primeiro Grão-Mestre da Ordem dos Templários formada em Jerusalém em 1119.

1111: Falece Roberto II (1065-1111) conde de Flandres, também conhecido como “Roberto de Jerusalém” e “Roberto, o cruzado”. Ele participou da Primeira Cruzada juntamente com Godofredo de Bulhões, Estevão II de Blois, Boemundo de Taranto, Roberto II de Normandia, Raimundo IV de Toulouse e Hugo I de Vermandois, que derrotaram os muçulmanos nas batalhas de Dorylaeum (1097), Antióquia (1098), Jerusalém (1099) e Latakia (1099). Como presente de Aleixo I Comneno (1048-1118) de Constantinopla, o conde flamengo trouxe uma relíquia para sua terra natal, o “braço de São Jorge”, que colocou na igreja de Anchin de Flandres. Ele também construiu o mosteiro de Santo André em Betferkerke, perto de Bruges. Foi devido à sua participação na Cruzada e ao espólio que trouxe, que ele foi apelidado de “Roberto de Jerusalém”. Foi sucedido pelo filho Balduíno VII (1093-1119) que era primo direto do rei Afonso VII (1105-1157) de Leão e Castela.

1119: Nasce em Jerusalém a “Ordem dos Templários” através de Hugo de Payns.

1120: Foulques, o conde de Anjou e futuro rei de Jerusalém, associa-se à Ordem dos Templários logo no seu início.

1125: Outro conde de Champanha chamado Hugo de Champagne vai à Jerusalém e se associa à Ordem dos Templários.

1128: O papa Honório II²⁴ convoca um Concílio em Troyes para 13 de janeiro de 1129. Muitos participantes compõem o Concílio. Um abade francês chamado Bernardo de Claraval (1090-1153), parente de Hugo de Payns, é nomeado secretário do Concílio. Este abade era autor de várias Obras, tratados, homilias e uma apologia²⁵. Hugo de Payns, o fundador da nova Cavalaria do Templo em Jerusalém, acompanhado de cavaleiros e clérigos, chega à Flandres em setembro de 1128, após visitar diversos reinos da Europa pregando em favor de uma nova Cruzada à Terra Santa. No final desse mesmo ano ele vai a Troyes, para participar do Concílio convocado para janeiro.

1129: Em 13 de janeiro, acontece o Concílio de Troyes. É neste Concílio, que, dentre as reformas de interesse eclesiástico, é estipulada uma Regra de conduta para os templários, dez anos após a sua formação. Tal Regra era uma disciplina militar. Estavam presentes no Concílio diversos prelados de Borgonha e de Champanha, arcebispos de Rheims e de Sens, Bernardo de Claraval, o cardeal Albano (o legado papal), mais o conde de Champanha Teobaldo II e o senescal de Champanha, André de Baudement, dentre outras importantes figuras. Os primeiros templários mostraram necessidade em seguir um mestre e pronunciar votos monásticos. O objetivo da Ordem do Templo, de combater os inimigos da fé e defender os cristãos, fica legalizado oficialmente como “Ordem religiosa”. Tornam-se a “Cavalaria de Cristo”, o novo “Instrumento de Deus” na Terra, com direito à proteção legal da Santa Igreja. Acreditavam que orar no túmulo de Jesus Cristo (o santo sepulcro) era uma honra e necessidade para todo cristão, mas morrer defendendo-o, era uma graça divina. Hugo de Payns, após organizar as primeiras estruturas da nova Ordem, retornou a Jerusalém acompanhado de seus companheiros e de novos combatentes engajados (centenas), juntamente com muitas doações bem-vindas. Houveram muitas adesões vindas da Inglaterra e de Flandres. Os templários fizeram voto de pobreza e doaram inicialmente os seus bens ao patrimônio da Ordem. Com o passar do tempo, o *Povo do Templo* (a Ordem) tornou-se uma

grande família hierarquizada: havia os que combatiam, os que rezavam e os que trabalhavam, e cada qual com suas subdivisões, mas todos na qualidade de “templários” e firmemente inseridos na comunidade da Ordem. Após o cargo de grão-mestre, vinha o senescal, o segundo cargo mais importante. Ao chegar na Palestina, Hugo de Payns e seu séquito reconquistam o reino de Jerusalém para a Cristandade.

1131: Bernardo de Claraval escreve a famosa composição “Em Louvor da Nova Cavalaria”.

1139: Em 29 de março, o papa Inocêncio II²⁶ concede à Ordem proteção apostólica e autorização para ela ter seus próprios padres, independentes dos bispos diocesanos²⁷. Estes dois privilégios ficaram garantidos à Ordem dos Templários através de “bula papal”. Eles também não precisavam pagar o dízimo à Santa Sé, e quem se atrevesse a questionar as diversas determinações concedidas estava sujeito à excomunhão. As diversas garantias concedidas aos templários desde o Concílio de Troyes, dez anos antes, através de bulas papais, foram consolidadas pelo segundo grão-mestre do templo, Robert de Craon com o papa Inocêncio II.

1139: Dez anos após a composição da Regra de 1129, no Concílio de Troyes, realizada em latim para a Ordem do Templo, é feita a tradução da Regra para o francês. Cada núcleo importante da Ordem do Templo passou a possuir, a partir daí, um manuscrito da Regra.

1139: Diversos castelos templários na Terra Santa são concluídos.

1140: O Templo de Paris é construído, tornando-se o centro *financeiro* do império dos templários. A França e seus reis passam a ser os maiores colaboradores dos templários.

1146: Uma segunda Cruzada à Terra Santa é planejada. A partir daí Bernardo de Claraval²⁸, atendendo a vontade do papa Eugênio III (1145-1155), sai divulgando a Mensagem da Cruzada pelo norte da França e Flandres. Consegue assim aliados (começando pelo rei da França) e multiplica enormemente o número de cruzados voluntários. As Cruzadas atraem muitos jovens de famílias nobres da Europa, ansiosos por cumprir obrigações morais e religiosas da Cavalaria. A Cavalaria era o ideal aspirado. Já os templários, tornaram-se a glorificação da Cavalaria.

1147: Paris, 27 de abril. Reune-se ali um Capítulo Geral da Ordem²⁹, por ocasião da partida da Segunda Cruzada em direção à Terra Santa. O papa Eugênio III está presente e participa do Capítulo, onde confere aos templários o direito de usarem “permanentemente” e oficialmente a insígnia de Deus: a cruz vermelha sobre o ombro esquerdo, acima do coração, como “Símbolo da Vida” e para identificá-los com o Filho de Deus. Deste modo, os templários manifestavam publicamente ao mundo sua disposição eterna de servir pela Causa de Cristo. Este Capítulo acontece sob a direção do mestre templário Évrard des Barres, de Champanha (Meaux). O Capítulo também consegue fornecer um contingente francês de homens ao rei Luís VII (1137-1180), que se junta à Cruzada como seu chefe, partindo para a Terra Santa. No caminho, juntam-se aos franceses um grande contingente de cruzados alemães com o seu rei Conrado III (1138-1152) somando forças.

1149: O mestre templário Évrard des Barres, de Champanha, é nomeado *grão-mestre* da Ordem do Templo de Jerusalém, cargo que ocupará até 1152.

1160: Estatutos Hierárquicos são acrescentados à Regra do Templo.

1164: Os condes de Champanha, para favorecerem os templários, lhes cedem parte das rendas e rendimentos de taxas cobradas sobre as atividades comerciais da feira de Provins. Estas taxas ocorriam a partir de 1164, sobre a lã e o fio, depois, em 1214, sobre os animais de abate e em 1243, sobre as peles no mercado de Saint-Laurent.

1182: O poeta Chrétien de Troyes (do qual falaremos na Segunda Parte desta Obra), começa a escrever o Conto do Graal (Perceval ou o Romance do Graal).

1190: O rei da França, Felipe Augusto, parte em uma Cruzada para a Terra Santa.

1191-1220: Após a morte do poeta Chrétien de Troyes, diversos manuscritos do Graal são criados em outros lugares da França e depois em Gales, Inglaterra, Alemanha e Espanha.

1192: Henrique de Champanha, ao se casar com Isabel, a recém viúva do rei Conrado de Montferrat, de Jerusalém, torna-se o novo rei de Jerusalém, com o consentimento das Ordens da Terra Santa. Henrique reina até 1197, quando falece. Seu sucessor até 1210, seria Aimery de Lusignan, irmão de Guy de Lusignan, a partir do momento em que se casa com Isabel, a viúva real novamente.

1210: O último verdadeiro soberano latino de Jerusalém sobe ao poder, após a morte do casal anterior. Este, é escolhido pelo rei da França, Felipe II, a conselho das Ordens da Terra Santa que fazem recair a escolha a mais um senhor de Champanha: João de Brienne. Para que tal se concretizasse, João de Brienne toma como esposa a filha do ex-rei de Jerusalém com Isabel: Maria. Reinou até 1225, quando foi deposto pelas ambições do seu genro, o imperador do sacro-império romano, Frederico II (1194-1250), que agia em “benefício” de seu pequeno filho Conrado. Com tal atitude, a Coroa de Jerusalém passou a pertencer à dinastia imperial alemã dos Hohenstaufen.

1239-1240: Teobaldo IV de Champanha e rei de Navarra, lidera uma Cruzada à Terra Santa e ataca o Egito e Damasco, mas sofre derrota em Gaza.

24 Papa de 1124 à 1130.

25 Mais tarde, Bernardo de Claraval se tornaria uma importante personalidade da Cristandade e mentor da Ordem dos Cistercenses. Bernardo defenderia os direitos da Igreja, promoveria o cristianismo, a civilização ocidental, a valorização das terras, interveria em assuntos públicos, pregaria a Segunda Cruzada (1146) e fundaria dezenas de mosteiros. Seria canonizado em 18 de junho de 1174 pelo então papa Alexandre III (papa de 1159 à 1181).

26 Papa de 1130 à 1143.

27 Assim como nas demais Ordens medievais, a Ordem do Templo possuiu igrejas e capelas próprias (as edificações mais espetaculares se encontram na Península Ibérica), com seus próprios padres para o ofício sacramental cristão (serviço divino) e manutenção espiritual das comunidades. Ao longo do tempo, tais locais de culto construídos por eles, adquiriram características próprias.

28 É famoso um lema de Bernardo sobre a Cruzada: “Batismo ou eliminação!”. Lembramos aqui, que Cruzadas também aconteceram no continente americano a partir do século XVI.

29 “Capítulo Geral” é uma reunião instituída, um Conselho que reunia regularmente a cada cinco anos os membros da Ordem dos Templários, para tratarem de assuntos gerais. Antes de cada Capítulo, porém, era celebrada uma missa. Capítulos menores regulares, também aconteciam em cada uma das casas comunitárias dos templários.

A HERANÇA DOS TEMPLÁRIOS

Os Templários não foram perseguidos e destruídos pelos muçulmanos do Oriente, mas pelos próprios cristãos contemporâneos. Eles foram vítimas das ambições tirânicas e ávidas de uma época. Até Dante, no segundo livro da sua “Divina Comédia” (canto XX), expôs e condenou os atos do rei Felipe, o Belo, contra os templários, colocando-o no patamar de “Pôncio Pilatos”, logo após os templários serem presos.

Muitos dos processos e interrogatórios documentados sobre os templários, durante as acusações contra eles, estão nos arquivos do Vaticano. Diferente é o caso de arquivos remanescentes dos próprios templários. Estes, não existem, pois se perderam. Foram destruídos em seu último reduto-sede em Chipre (que conservava os arquivos da antiga sede de Jerusalém), após mudarem-se para lá devido às derrotas sofridas no continente (Acre, 1291). Os arquivos teriam sido destruídos pelos otomanos quando conquistaram a ilha em 1571. Também os arquivos da Ordem dos Hospitalários, que estavam em Chipre, sumiram do mesmo modo, também em 1571.

A maior parte do que se sabe sobre os templários veio de fontes alheias, com exceção da sua Regra. Portanto, pela falta dos arquivos da Ordem do Templo, que poderiam esclarecer mais de perto tudo o que ainda permanece sem resposta sobre eles, formou-se um solo fértil para aqueles que gostam de tecer suposições e mitos.

Essa formação de mitos é fácil de ser entendida. Tem a ver com a natureza da consciência humana em querer saber das coisas. Se faltam evidências factuais ou arqueológicas que comprovem determinado assunto, o ser humano especulará naturalmente a respeito, a fim de obter uma resposta satisfatória que acalme seu querer natural por respostas. E será *esta* especulação que se tornará em seguida um mito, uma resposta fictícia para o assunto até então sem resposta. Tal mito pode se tornar então “Verdade” com o tempo.

Mesmo que num futuro próximo ou longínquo, vem à tona descobertas factuais ou arqueológicas sobre um mito, dificilmente tal mito será banido da consciência humana, devido ao seu *enraizamento natural* de tanto tempo. Em outras palavras, acerca dos mistérios e especulações tecidas em torno dos atos, do comportamento, da Regra de conduta e de teorias conspiratórias dos templários, sabe-se que são pura invenção mística de leigos. E tendo os templários sofrido perseguições e condenação pela Inquisição da França, como “supostos hereges”, o mundo paranoico e obscuro do esoterismo os absorveu para si.

Em 1877, Johann Friedrich Merzdorf, um pesquisador da maçonaria alemã, disse ter descoberto manuscritos dos arquivos do Vaticano sobre os templários, e publicou seu conteúdo que ele chamou de “estatutos secretos da Ordem do Templo”. No entanto, “tais estatutos” trataram-se da maior falsificação da história dos templários!

A “Sexta-Feira Treze” é tida como “dia de azar” por causa dos templários! Da *tragédia* dos templários do dia 13 de outubro de 1307, que foi uma sexta-feira “negra” para eles, onde centenas deles foram presos, torturados e executados na fogueira inquisidora. Soma-se a isso, o fato dos templários terem como norma convocar 12 membros mais 1 capelão, totalizando 13 indivíduos, para escolherem um novo grão-mestre quando o antigo morria e tinha de ser substituído, fato esse que simbolizava o próprio Filho de Deus, Jesus, quando se reuniu com seus 12 apóstolos e fez sua “última ceia” antes da crucificação. Jesus Cristo, mais os 12 apóstolos totalizava 13 indivíduos também. No caso do número 13 para Jesus, este também se tornou o azar dele naquele dia, que culminou com sua morte.

Outro fato: tradicionalmente acredita-se que foi numa sexta-feira que Jesus foi crucificado. Com tudo isso “se ligando” ou “se entrelaçando”, a sexta-feira 13 dos templários não poderia ser considerada um dia de sorte...

A sexta-feira ficou também conhecida por ser o dia das execuções oficiais. Na Inglaterra era esse o dia em que os prisioneiros eram enforcados.

Os “mistérios” quanto ao número 13, são ainda reforçados por duas lendas que existiam na mitologia nórdica, responsáveis

por espalharem a superstição pela Europa. Uma delas conta que numa festa na “Morada dos Deuses”, foi dado um banquete para 12 divindades, mas o espírito do mal e da discórdia conhecido como Loki, apareceu sem ser convidado, com o intuito de criar discórdia entre os Deuses. Então, uma briga aconteceu, onde o Deus favorito entre as divindades, chamado Baldur, teria morrido. Por causa deste fato, formou-se a crença de que não se deve convidar 13 indivíduos para uma reunião ou uma festa. Dá azar.

Já uma lenda escandinava, contava que a deusa do amor e da beleza Frigga, teria se transformado em uma bruxa após a conversão dos nórdicos ao cristianismo. E como vingança, ela se reunia todas as sextas-feiras com o demônio e outras 11 bruxas, formando um grupo de 13 elementos. Juntos, os 13 lançavam feitiços sobre os convertidos da nova religião do alto de uma montanha.

Atualmente, nos Estados Unidos por exemplo, ainda é comum que prédios não tenham um andar de número 13. E também há muitas empresas aéreas que pulam a poltrona 13 em seus aviões. Há décadas que no automobilismo da Fórmula 1, nenhum piloto usa o número 13 no seu carro³⁰.

É bom lembrar aqui, que foi durante a história do século XIII (13), que a Igreja estabeleceu a Inquisição (1233) através dos dominicanos. Época triste da História da Humanidade, onde infinitos crimes foram cometidos. Foi um veneno e uma violência que assumiram formas indescritíveis. A Inquisição da Igreja agiu como uma “Gestapo” da Idade Média³¹. Algo que a Igreja atual quer esquecer. Por isso, 13 só pode trazer “maus presságios”...

No entanto, isso tudo contrasta com o número “12”, que é considerado um número de sorte, pois doze são os meses do ano (os ciclos lunares durante um ano solar) e 12 é o número de unidades que compõem a base da contagem dos sumérios, do qual herdamos a porção padrão de “uma dúzia”. Doze é também o número de apóstolos de Jesus Cristo que propagaram o cristianismo, dando sequência ao ministério de Jesus, considerado sorte por muitos. Também “existiam” 12 constelações no céu e também 12 tribos de Israel.

As lendas que se formaram em torno dos templários e da Cavalaria medieval, de um modo geral, também chegariam mais tarde ao grupo místico mundialmente conhecido chamado “maçons”.

Em 24 de junho de 1717³², num ponto de encontro em Londres, conhecido como Taverna Goose and Gridiron (Cervejaria Ganso e Grelha), localizada no pátio da catedral de Saint Paul, quatro grupos londrinos de pedreiros especializados (conhecidos como pedreiros-livres ou mestres construtores) convocaram um encontro, onde fundaram a associação mística conhecida por “maçonaria” (também conhecida por “Franco-Maçonaria”). Nascia assim “a maçonaria especulativa moderna” e primeira “Grande Loja Maçônica”³³. Os indivíduos desses grupos eram chamados pela designação francesa *massons*, pois já existiam desde o ano de 1550 como associações de trabalhadores.

O termo francês *massons* ou simplesmente *maçom*, identificava um tipo de trabalhador francês dos canteiros de obras da Idade Média, mais especificamente os pedreiros que esculpam as fachadas das catedrais e os cantos mais refinados delas. Estes profissionais eram qualificados em várias especialidades do ramo, como arquitetura, escultura, engenharia, carpintaria e outras, e seus grupos de mestres de obras haviam formado associações ao longo do tempo para defender seus interesses, como um tipo precursor dos atuais sindicatos. Em tais associações, o conhecimento era passado de geração em geração como uma escola da profissão.

Após os primeiros maçons construtores de catedrais, sua composição inicial foi mudando, admitindo-se outros membros de outras atividades. Estes novos membros passaram, no entanto, a serem chamados de “Cavaleiros Maçons”.

A história dos maçons começou propriamente após acontecer a famosa Reforma do século XVI na Europa. Estes pedreiros especializados, viajando a trabalho, tinham o costume de se reunir nos alojamentos, e adquiriram o hábito de ler a Bíblia pela facilidade na época em adquiri-la no idioma nacional. Os maçons britânicos, ao lê-la, passaram a se interessar principalmente por uma parte do livro na qual eles próprios “se identificavam”, e que era o “Segundo Livro das Crônicas de Salomão”, onde estavam escritos detalhes sobre a construção do “Templo de Deus”, com as medidas arquitetônicas deste e sobre aqueles que o erigiram. Os maçons eram construtores, assim como Deus também o era.

A partir da fusão dos grupos maçons na taverna de Londres em 1717, seus membros começaram a se estruturar como uma Sociedade Secreta. Era uma organização fraternal de pessoas interessadas em promover a paz e o bem-estar social, o combate à tirania, a liberdade de pensamento e culto, e eram a favor do conhecimento, do humanismo e da honra. Eles abrangiam pessoas vindas de todas as classes sociais e credos, desde que o respectivo membro tivesse a crença num “Ser Supremo”. Para tais ideais, os

maçons já possuíam até uma agenda política. Tornaram-se uma “fraternidade universal” e filantrópica.

Para fundamentar a nova Instituição maçônica, muitas histórias *na ocasião* foram *criadas* e divulgadas pelos próprios maçons. Nos Centros de Maçonaria (Lojas), seus membros passavam a estabelecer ligações próprias com uma descendência no passado remoto (ancestralidade), ao se espalharem pelos países e se tornarem famosos. Inventavam uma ligação com pessoas e locais. Cada ramificação da maçonaria *escreveu* a sua própria “estória tradicional”, fabricando estas conexões com o passado mais longínquo. As Lojas maçônicas necessitavam de tais histórias para poderem fundamentar suas ideias e cerimônias. Como exemplo, temos os maçons que vincularam a maçonaria escocesa aos templários, numa ligação comum na origem, ou seja, ao Templo de Salomão em Jerusalém. Isso fez do maçom um “novo cavaleiro templário” e seus membros passaram a se chamar “Senhores Cavaleiros” ou simplesmente “Cavaleiros”.

Da ligação com os templários do século XII, alguns maçons foram mais longe ainda, realizando conexões com a própria figura do rei Salomão, já que o próprio Templo de Salomão, que era o “Templo do Deus Javé” na Terra (sua morada) estava em evidência, por ser o local da sede da antiga Ordem dos Templários. Como os maçons foram inicialmente grupos de “pedreiros construtores”, podia-se especular que devido a esta ligação estabelecida com Salomão e a construção de seu Templo, tal fato estivesse diretamente ligado aos maçons como “pedreiros construtores” atuando desde aquela época, conforme “podia-se *extrair* da Bíblia” (interpretar), já que ela era a “Palavra de Deus”.

Mas também outras conexões foram feitas pelos diversos grupos maçons que foram se formando, por exemplo, com a Grécia antiga, com o Egito Antigo³⁴, com a Babilônia (desde a época do cativo judaico), etc.

Tudo isso ainda foi fortalecido durante a Revolução Francesa de 1789, época em que a especulação andou à solta, assim como a fantasia e o ocultismo.

O lema revolucionário “liberdade, igualdade e fraternidade”, vem dos maçons.

Desde que a maçonaria foi fundada, formou-se um igualitarismo e racionalismo nela. No entanto, a partir de 1760, algumas Lojas da Alemanha descontentes com essas características, introduziram uma hierarquia de graus na maçonaria, além de subordinação, esoterismo e ritos de iniciação, fazendo lembrar mais de perto a antiga Ordem dos Templários.

Atualmente em sua hierarquia, “Senhor Cavaleiro” é um grau hierárquico da elite maçônica, distinto do grau “Cavaleiro”, que é um grau mais simples, além de outros tantos graus. Entre si, porém, os maçons se tratam por “irmãos” ou “confrades”.

Em 1804, surgiu um grupo parisiense de amigos maçons que *criaram* uma filiação sucessiva de grão-mestres até Jacques de Molay! Mas esta Loja não deu certo e separou-se da maçonaria tradicional, dividindo-se em diferentes grupos místicos de seitas e de sociedades secretas com supostas filiações templárias.

Mas o que veio a dar força à maçonaria nos países e ao seu crescimento, foi a lei britânica aprovada em 1799, chamada de “Lei Contra as Sociedades Ilícitas”. Tal lei excluía, no entanto, a Ordem da Maçonaria *especificamente*, e surgiu das preocupações com relação à Revolução Francesa e seus efeitos, como explica Michael Haag em seu livro.

Após a sua criação, grandes acontecimentos mundiais nos séculos seguintes teriam por mãe a maçonaria. Para se ter uma ideia, na América por exemplo, D. Pedro I, José Bonifácio de Andrada e Silva, Marechal Deodoro da Fonseca, Simón Bolívar, George Washington, Benjamin Franklin, Roosevelt e outros, eram maçons.

Na Europa, Napoleão Bonaparte tentou apagar os vestígios do seu próprio passado revolucionário, mandando celebrar em 1808, pelo clero de Paris, uma cerimônia solene de absolvição e reabilitação do último grão-mestre templário Jacques de Molay! Estavam presentes na cerimônia a família de Napoleão, colaboradores seus e altos dignitários maçons.

Sim, a Europa veria nos séculos XVIII e início do século XIX, uma explosão de novas ordens, sociedades e grupos espiritualistas. Só na Inglaterra, por volta de 1800, havia centenas destas organizações. A Cavalaria e o misticismo entraram na moda e foram trazidos à tona por historiadores da época na França. Isso também influenciou Napoleão Bonaparte como vimos, e ele criou em 1802 uma famosa Ordem chamada “Ordem da Legião de Honra”, cujo primeiro título é o de “Cavaleiro”.

O ideal cavaleiresco novamente ressurgia e virava moda. E necessidade e modismo são o cerne da “divulgação”. Moda é uma coisa interessante. O ser humano é facilmente levado por ela. Parece que a moda faz parte da nossa natureza em todos os tempos!

Cavaleiros e Cavalaria despertam sonhos em todas as épocas, seja na História, na literatura ou na religião. E assim se estende até hoje. No caso da sociedade dos séculos XVIII e XIX, ela passou a ver o essencial do cavaleiro medieval como uma Cavalaria da elegância e do amor.

Na Inglaterra o ideal cavaleiresco inventou o “*gentleman*” (cavalheiro), um título de cortesia que denota um homem de boa educação, de boas ações, de sentimentos nobres e de boa sociedade. Recentemente (2005), aconteceu inclusive, uma homenagem em que a rainha Elisabeth condecorou “Cavaleiro”, o ilustre Bill Gates.

Atualmente, Cavaleiro é um homem a quem foi conferida certa dignidade por um soberano, sendo considerada como correspondente à dignidade de um cavaleiro medieval, em virtude de mérito pessoal ou como recompensa por serviços prestados ao país. Por isso, “Cavaleiro” também tornou-se a primeira graduação das atuais Ordens honoríficas.

No capítulo 13 falaremos um pouco sobre uma destas Ordens, a Ordem da Jarreteira (*Order of the Garter*), para que o Leitor vivencie sua herança e espírito.

30 Uma curiosidade: o mês de agosto, ganhou sua fama de “mês do azar”, porque na sua criação, ganhou a superstição de ser o “mês da inveja”. O nome “agosto” é uma homenagem ao imperador romano César Augusto. Este mês deveria ter 30 dias, mas ganhou 31 dias devido ao fato do homenageado César Augusto ter ficado com “inveja” do mês anterior julho, que possuía 31 dias. Por isso, ele *exigiu* que “seu mês” também tivesse igual número de dias. Ele, como imperador, não podia ficar “atrás” de julho. E assim permaneceu até nossos dias.

31 A “Santa Inquisição” como era chamada a Inquisição, foi uma perseguição estimulada pela Igreja contra todos que ela considerava como inféis, fossem culpados das acusações ou não. Com isso, milhões de pessoas foram torturadas e queimadas. Trezentos anos depois, esta mesma Inquisição seria reorganizada durante um Concílio, o Concílio de Trento (1545-1563). Foi quando se instituiu o “Índice dos Livros Proibidos” (*Index Librorum Prohibiturum*), que incluiu em sua relação Obras de filósofos e cientistas.

32 Dia de São João Batista.

33 Loja: do italiano “*Loggia*” que traduzido é “Loja Maçônica” e significou “lugar de reuniões dos maçons”. Em inglês “*Lodge*”.

34 A cultura egípcia influenciava muito os europeus, tanto, que o final do século XVIII na França é marcado pela moda ditada pela cultura egípcia na alta sociedade, que ia desde o pó de múmias servindo como remédio, até móveis e jóias. Essa tendência da França, e depois, da Europa, emigrou também para a América. Estes modismos com relação às civilizações antigas, também ajudavam a disseminar o esoterismo dos diversos círculos.

A CAVALARIA MEDIEVAL E A REVOLUÇÃO SOCIAL

“Todo homem é uma criatura da época em que vive, e muito poucos são capazes de se colocar acima das ideias dos tempos.”

Voltaire

A herança dos templários foi mais além e doou a sua Cavalaria, heróis e lendas à literatura europeia. Literatura essa, que será exposta adiante no contexto do Graal e seus poemas do ciclo arturiano.

Antes disso, porém, se faz necessário explicar melhor a Cavalaria Medieval, que tanto influenciou os seres humanos.

Para tanto, é importante observar o que estava acontecendo com a Europa socialmente e economicamente na Idade Média.

No fim do século IX ocorreu uma “mutação” feudal, onde os reis perderam todo o controle efetivo das suas províncias e os seus palácios entraram em decadência, acontecendo a ascensão dos condes, de vassalos reais e de bispos, ao nível de senhores do país. O ano de 888, aproximadamente, é apreendido pelos historiadores-cronistas do ano 1000, como o início das dinastias de condes guerreiros, dos castelos e das discórdias.

Depois, no começo do século XI, a Europa passou por um período de relativa paz, por causa do fim das invasões bárbaras. A partir disso, a Europa ficou mais estável. Houve então um surto demográfico com o crescimento populacional. Com isso, dois importantes eventos históricos se destacaram: a marginalização da mão de obra excedente e de nobres sem terras, sendo estes últimos, vítimas do direito de primogenitura. A primogenitura era uma instituição social que estabelecia preferência ou exclusividade de sucessão do filho mais velho.

Iniciou-se na Europa uma economia fundamentada no comércio e uma verdadeira ascensão urbana, que fez com que o centro da vida social se deslocasse do campo para a cidade. Foi assim que surgiu a burguesia urbana.

Junto com as mudanças irrefreáveis, adveio a ânsia por poder, a necessidade de aquisição de mais terras e a ampliação de divisas. Algo precisava ser feito. Isso acabou transformando-se numa luta pela fé cristã que se chamou “Cruzadas”.

Com o advento da Primeira Cruzada no século XI, surgiu a Instituição Militar dos cavaleiros da Idade Média, mais conhecida como “Cavalaria”, e restringia-se à aristocracia.

“Cavaleiro” era um homem de armas montado, comumente de nascimento nobre, que servia a um rei ou a outro superior feudal, e que após um aprendizado como pajem e escudeiro, era formalmente investido em uma graduação militar honorária e obrigado a uma conduta cavalheiresca. A nobreza medieval consagrou a aptidão à Cavalaria, pois somente ela podia “banciar” uma Cavalaria.

“Cavalaria” queria dizer originalmente “o estatuto de guerreiro nobre, a vida e os atos de senhor de castelo e de feudos”. A Cavalaria foi criada inicialmente para o serviço dos nobres nos castelos e também com a finalidade de controlar os guerreiros e submetê-los às diretrizes da Igreja. Decorrente disso, Jacques Le Goff explicou em seu livro que “os cavaleiros receberam então a missão de proteger as viúvas e órfãos, e de modo mais geral, os fracos e pobres, e inclusive pessoas sem armas, como os primeiros comerciantes”.

As conquistas guerreiras dos cavaleiros, elevou-os ao primeiro plano dentro da sociedade medieval, pois eram eles que libertavam o povo do jugo dos inimigos. Tais conquistas foram iniciadas pela retomada militar cristã da Península Ibérica, conhecida como “Reconquista”.

O cavaleiro, além de guerreiro, tornou-se o “herói medieval”, e suas características marcantes tornaram-se a proeza, a generosidade e a lealdade. Ele ganhou assim, uma imagem que o mostrava forte, valente, leal, justo e piedoso.

A Cavalaria estabeleceu-se entre todos os cavaleiros como um tipo de “comunidade de honra”, indiferente à sua gama de graduações.

A Cavalaria tornou-se modelo social e cultural, com tres objetivos distintos: o da aventura, o da honra e o da glória. Por isso, todo jovem europeu ansiava por ser forte e manejar uma espada, e ser um dia um cavaleiro. Mas o acesso ao *status* de cavaleiro exigia uma formação desde criança. A ideia era que após o seu crescimento e entrada na vida adulta, os serviços que ele prestaria então, o fariam ser imortalizado. Foi o feudalismo que forneceu todo este anseio e que ainda se perpetuou com as Cruzadas.

Juntamente com isso, começou, desde o século XI, o hábito de armar o cavaleiro numa solenidade especial de consagração, conhecida como “A Sagração”. Com a influência da Igreja, aos poucos essa cerimônia se transformou em uma espécie de sacramento, precedida de vigília de armas, noite de preces e a bênção das armas.

O “conceito de Cavalaria” detinha um código moral, social e religioso, que salientava as virtudes masculinas da coragem, da bondade e do servir, combinados com fé e piedade.

Todas estas características da Cavalaria e dos cavaleiros emigrariam também para o plano literário dos poetas medievais. E mais além ainda, chegariam até a doutrina do Graal do século XX e de outros círculos místicos. A honra e a lealdade transformaram-se em dois “dons” dos cavaleiros.

Logicamente que no campo da literatura se pode brincar à vontade com o conceito de Cavalaria, onde o relacionamento cavaleiresco é uma regra, mas que não acontecia no campo da realidade, onde muitas vezes a luta pela sobrevivência falava mais alto, conforme interesses reais e imediatos³⁵. Apesar disso, será nessa época que o “Culto à Cavalaria” atingirá o seu auge.

No século XII e XIII, o cavaleiro ganharia, ainda, mais uma característica à sua imagem anterior: a de “herói do amor”.

Mas a literatura medieval também transmite que há outro ideal cavaleiresco cortês se desenvolvendo naquela época, e que é o desprezo à atividade produtiva e a valorização dos esbanjamentos, que por sua vez eram demonstrados em festas e torneios³⁶.

Na literatura, anteriormente, as histórias de combate faziam grande sucesso como se se tratasse de um “julgamento de Deus”, mas nas proximidades do século XI, as histórias de combate singular começaram a fazer mais sucesso como “proeza”. Isso anunciava uma *mudação cavaleiresca* que viria a seguir, nos séculos XII e XIII, e que deu origem ao “romance cavaleiresco”. Os românticos tentavam supervalorizar o mundo medieval. Um mundo que era composto de castelos, soldados, cavaleiros, damas, menestréis, etc. Um mundo cuja sociedade tinha a guerra como elemento onipresente, apesar das aspirações de paz.

Anteriormente, era o senhor feudal que conferia a alguém a dignidade de “cavaleiro”, sendo assistido pela igreja local. Já no caso das Ordens *Religiosas* de Cavalaria criadas depois, elas eram criadas pelo papa e seus membros eram um misto de monges e guerreiros (monges-cavaleiros) que agiam pelos interesses da Igreja. Seus membros se comprometiam a isso em sua sagração. A Cavalaria transformava-se em Ordem Espiritual. A primeira destas Ordens a ser criada foi a Ordem do Hospital de São João de Jerusalém (hospitalários), construída na Terra Santa em 1113. Depois veio a famosa Ordem do Templo, formada em dezembro de 1119 e ainda a Ordem do Hospital de Santa Maria em Jerusalém (teutônicos; alemães) de 1190. Entre 1158 e 1175 também foram criadas Ordens para atuar na Europa, como a Ordem de Calatrava, a Ordem de Santiago e a Confraria de Évora (futura Ordem de Avis).

Na literatura medieval, verifica-se essa diferença entre *Cavalaria*, como Instituição Secular e as Ordens Cavaleirescas de caráter religioso. Os templários (Ordem do Templo) sempre permaneceram designados como “cavaleiros religiosos”, distintos dos “cavaleiros seculares”.

Mas outras revoluções sociais e culturais aconteciam a partir do século XII, como por exemplo, na arquitetura. Apesar da arquitetura românica ser predominante, começavam a aparecer as primeiras mudanças que levariam a uma revolução profunda na arte de um modo geral, a começar pelos projetos e construções de grandes edifícios, como por primeiro as novas igrejas chamadas de “catedrais”.

Isso era como que um protesto contra o feudalismo anterior e um símbolo de união nacional. Foi a partir de 1140 que ocorreu a primeira época da arte gótica e que se estenderia até 1500.

A primeira diferença que se notou entre a igreja gótica e a igreja românica foi a fachada, depois o número de portas, os arcos, os vitrais bem coloridos, etc. Na nova arquitetura religiosa, tudo se voltou para “o alto” (o céu), expressando a grandiosidade e a crença no Deus Javé, juntamente com a suposição de que este Deus vivia num plano superior. Por isso, a arquitetura devia se projetar em direção ao céu (como podemos ver nas pontas agulhadas das torres dessas catedrais). Dentre as catedrais góticas mais conhecidas, estavam a Catedral de Notre-Dame em Paris e a de Chartres.

As esculturas também sofreram mudanças, demonstrando verticalidade, com um alongamento exagerado das formas

exercendo a função de “ilustrar os ensinamentos propostos pela Igreja”.

Nessa época também surgiu a “iluminura”, que é a ilustração sobre o pergaminho de livros manuscritos. O desenvolvimento de tal gênero de arte estava ligado à difusão dos livros manuscritos ilustrados, patrimônio quase exclusivo dos mosteiros.

Mas no clima de fervor cultural que caracterizava a arte gótica, manuscritos também eram encomendados por particulares, aristocratas e burgueses. Foi precisamente por esta razão que os grandes livros litúrgicos como a Bíblia e os Evangelhos, apareceram ilustrados pelos iluministas góticos, em formatos manejáveis.

Os copistas, ao realizar a tarefa de transcrição dos textos sobre as paginas, deixavam espaços para que os artistas fizessem as ilustrações (iluminuras), mas também para os cabeçalhos, para os títulos ou para as letras maiúsculas com que se iniciava um texto.

Quantas mudanças!

35 Seguindo esse pensamento, podemos observar o padre cronista Lamberto de Ardres (1160-1203) do século XII, que escrevendo sobre o mundo das cortes, nos deu “percepções úteis sobre aquilo que a cortesia entre cavaleiros e o gracejo com as damas nas altas esferas podem na realidade esconder de conflitos latentes e de segundas intenções feudais” (A Cavalaria, p. 380). No século XII também se percebe que as cortes cavaleirescas encorajam o esnobismo e o advento de numerosas pequenas guerras locais.

36 Os torneios na Idade Média eram principalmente exercícios de arte marcial, compostos de regras, com o objetivo de treinamento dos membros da nobreza. Em outras ocasiões, os torneios também eram oportunidades de se ajustar contas, angariar glórias, recompensas e ricas herdeiras, mas também divertimento durante as feiras de comércio. Em vista das Cruzadas, os torneios também serviam para manter os cavaleiros em forma. O berço natural dos torneios se encontra entre Champanha e Flandres. Depois se expandiria para a Alemanha.

SEGUNDA PARTE

A CRIAÇÃO DO GRAAL

SÉCULO XII E O POETA MAIS FAMOSO DA EUROPA

Uma bela capital histórica mostrará seus tesouros e mistérios, num convite à desvendamentos.

Vamos para a bela França, ao Estado de Aube, na região conhecida como Champanha (*Champagne-Ardenne*). A cidade-pérola que aqui se descortina é a capital da região e chama-se Troyes, terra de condes e viscondes.

Como pudemos observar no capítulo 2, os redutos franceses e especificamente Troyes, foram palco de diversos acontecimentos medievais da época das Cruzadas e dos famosos Cavaleiros Templários. O que estava acontecendo no mundo literário das histórias e das artes, paralelamente à História medieval? Quais as outras novidades que influenciavam o mundo? Sigamos por tal trajetória e complementemos ainda mais o quadro que estamos formando até aqui.

Troyes é o início de toda uma Saga de inimagináveis aventuras e mistérios.

A cidade de Troyes é conhecida como “a cidade das dez Igrejas”. Esta, é somente uma dentre várias características atribuídas a ela. Não menos exaltada, mas é também lembrada como “cidade santa dos Vitrais”, “a bela medieval”, “a capital da malharia”, “a cidade das famosas Feiras de Champanha” e “a cidade do champanhe”. Esta última característica, faz lembrar a região central da cidade, que possui o formato de uma *tampa* de garrafa de champanhe vista do alto. Engenhosidade humana, desenhada pelos contornos das ruelas, somados aos naturais contornos do rio Sena.

Troyes é uma pequena cidade charmosa e restaurada a sudeste de Paris. Um deleite para o turista. Sua população atual é de pouco mais de 60 mil habitantes e em suas ruas antigas paira sempre uma atmosfera medieval de damas e cavaleiros. Passear pelas ruelas históricas de placas de pedras típicas (*pavé*) e pelas pequenas praças, é como andar por uma cidade de outras épocas... Uma cidade rodeada de monumentos, pináculos, museus e arte gótica. E após um deleite cultural, pode-se escolher um típico recanto gastronômico e apreciar a boa cozinha dos famosos salumes, das *andouillettes* e dos *bries* para começar, acompanhados com o melhor espumante branco do mundo, o *Côte des Bar*, ou ainda, com o vinho regional que possui raro sabor e textura. Os amantes da arte e da arquitetura podem peregrinar depois pela peculiar estrada de Champanha, que começa na saída da cidade e segue por um circuito de 220 quilômetros por *Bar-sur-Seine* e *Bar-sur-Aube*, entre vinhedos e vilarejos do vinho.

É formidável ver quanta história passa por Troyes.

Vamos voltar brevemente no tempo e perscrutar as raízes do povo troyense e suas tradições, para termos um panorama das influências que marcaram sua História e somarmos ao que estava acontecendo na época das Cruzadas, e com isso agregarmos saber sobre a vida do seu maior poeta, do qual falaremos em seguida, e que tantas influências doou ao mundo ocidental *inconscientemente*. Estamos falando da invenção do “Romance Cortês” e do poema do Graal. Foi no poema que o Graal e a lenda do Graal nasceram.

Voltemos a uma época quase esquecida, antes da chegada dos romanos à região de Champanha que outrora pertencia à Gália, território celta. Os celtas eram independentes, mas divididos em dezenas de povos espalhados, sendo que o grupo que ali habitava era chamado de *tricastes* (também *tricastii*). Sua religião, assim como no restante da Gália, era o druísmo. Seus sacerdotes eram chamados de druidas e eram encarregados das tarefas de ensino, filosofia, sacerdócio e jurisprudência dentro da sociedade.

O druidismo acreditava que a Natureza possuía uma fonte espiritual sempre presente, e que seus sacerdotes tinham como objetivo “ligar o ser humano a esta fonte”. As tradições que sobraram de suas práticas religiosas, conservam-se ainda hoje no meio rural e incluem rituais de colheita e credices sobre plantas e animais que trazem boa ou má sorte. A própria palavra “druida” significa “o homem do carvalho”. Descobertas arqueológicas recentes, confirmam que os druidas também realizaram sacrifícios humanos em seus rituais.

Mas após séculos de domínio celta na Gália, chegaram os romanos. Júlio César (*Gaius Iulius Caesar*: 100 a.E.C.–44 a.E.C.)

era implacável. Queria para si estes domínios do norte, chamados por ele de *Gallia Comata*, por isso tentou trazer os celtas para a *Pax Romana*. Várias batalhas foram travadas de 58 a.E.C. a 51 a.E.C.

Não havia ainda tecnologia e disciplina maior do que a romana. Suas legiões, bem organizadas e aparelhadas, subjugarão a resistência celta. Seu líder, o destemido Vercingetorix foi finalmente derrotado. Mas a pacificação completa dos gauleses, só foi obtida durante o reinado do imperador seguinte, Júlio César Otaviano Augusto (*Gaius Iulius Caesar Octavianus Augustus*: 63 a.E.C.–14 E.C.).

Já os druidas, como classe sacerdotal, foram extintos em 54 E.C. pelo imperador Tibério Cláudio César Augusto (*Tiberius Claudius Caesar Augustus Germanicus*: 10 a.E.C.–54 E.C.), e isso, através de proibições e decreto.

Um dos grandes orgulhos de Roma eram suas estradas, que propiciaram inúmeras transformações e desenvolvimentos à região da Gália. No ano 21 da Era Comum, Tibério Cláudio César mandou construir a *Via D'Agrippa*, para ligar Milão a Boulogne sur Mer no norte da Gália. Em seu caminho, a nova estrada passou pela Cidade dos Tricasses, um lugar belo e bem situado. Foi assim que a Cidade dos Tricasses se transformou em *Augustobona Tricassium*, em homenagem ao imperador.

Os posteriores francos que lá se instalariam, foram pessoas de tribos germânicas originárias da Panônia (região da atual Hungria) e que se mudaram para o oeste ocupando a região da Frísia (atual Países Baixos). Quando o Império Romano começou a entrar em decadência, em meados do século IV E.C., o imperador Juliano (331-363), para pacificar estas tribos, cedeu-lhes a Gália. Desse modo, os francos³⁷ se incorporaram ao império de Roma como um aliado federado. Progressivamente, estes francos foram se unindo aos habitantes celtas do lugar, os gauleses, transformando-se na base da nação francesa moderna.

A última mudança do nome da cidade de *Augustobona Tricassium* viria após a queda de Roma. Tricassium se transformou em *Troyes*.

Os séculos foram se passando. Reis e reinos na Europa tiveram seu auge e sua decadência.

No fim do século IX, se deu a “mutação” feudal que proporcionou a ascensão dos condes, dos vassalos reais e dos bispos ao nível de senhores do país. Era o início das dinastias de condes guerreiros, dos castelos e das discórdias, como já citamos.

Mas a região de Troyes foi se desenvolvendo e se transformando, até chegarmos ao século XI, outra época de grandes transformações, entre elas o surto demográfico da Europa e o desaparecimento do sistema feudal.

Com uma economia fundamentada no comércio, iniciou-se na Europa uma grande ascensão urbana que fez surgir a burguesia urbana. Isso trouxe outras mudanças sociais, políticas e econômicas, fazendo despontar necessidades de uma expressão artística mais adequada às novas exigências sociais.

Na época medieval, a Champanha situava-se na encruzilhada de duas importantes rotas comerciais. Uma que vinha do leste do reino da França e ia para o oeste pelo reino da Germânia, e outra que ia do Mar do Norte para o Mediterrâneo ao sul. Estas importantes rotas comerciais fizeram surgir importantes feiras na região e fomentar o comércio. O comércio em expansão também atingiu Flandres³⁸ que se transformou num grande centro comercial, levando ao desenvolvimento das comunicações e das rotas entre os diversos povos, o que reduziu as distâncias, facilitando o comércio de bens físicos e realizando a troca de ideais estéticos entre os países. A economia próspera fez nascer um novo mundo cosmopolita que se alimentava do turbilhão das cidades em crescimento e nesse contexto surgia um movimento intelectual em ascensão.

Como já vimos, a Primeira Cruzada (1096) se formou e cavaleiros e nobres partiram com a “honrada” missão de reconquistar Jerusalém, amparados pelo poder da Igreja e pelos nobres da Europa. Em 1099, esta Primeira Cruzada comandada por Godofredo de Bulhões, já havia conquistado Jerusalém. Na ocasião, os Cruzados atacaram as muralhas da cidade e massacraram os milhares de defensores muçulmanos e judeus, num sítio de poucos dias. A Cruzada conseguiu dominar o caminho da Ásia Menor, e meses depois, o nobre Balduíno I tornou-se rei de Jerusalém.

Chegamos agora ao início do século XII, época de muitos acontecimentos também. Época de mais guerras. Época de mais Cruzadas e das Ordens militares da Igreja. Mas também uma época de derrotas árabes e judaicas na Palestina e arredores.

As Ordens militares da Igreja mereceram grande destaque a partir de então, principalmente a Ordem dos Templários.

Foi em Troyes que aconteceu, em 1129, o primeiro Concílio da Ordem guerreira dos Templários, também conhecida como “os Cavaleiros de Cristo”, fundada por Hugo de Payns. A sede desta Ordem era no Oriente Médio junto ao antigo Templo de Jerusalém, de onde derivou o nome *Templários*, como vimos no capítulo 1. Porém, foi neste Concílio troyense que foram aprovadas as regras primitivas de conduta da Ordem, chamados de “a Regra”, e onde ocorreu também a oficialização da Ordem

dos Templários. O Concílio trouxe, por si só, uma onda de euforia nos ânimos dos habitantes da cidade de Troyes na época.

Séculos haviam-se passado desde que os césares haviam perdido seu *status* e domínio. Restava agora, o domínio de uma outra Roma, a Roma dos papas, do catolicismo.

A Idade Média proporcionou o surgimento de muitos ideais e de muitos sonhos na alma europeia, o que deu estímulo à prática de seus instintos próprios, como a guerra e todas as formas de combate, assim como a embriaguez da aventura e as múltiplas criações da fé. Isso tudo seria celebrado de todos os modos possíveis. Seja em canções épicas, seja em poemas e romances, seja em aventuras amorosas ou místicas, seja na arquitetura das novas construções. A Europa fervilhava de acontecimentos. Nova introspecção surgia, novos desejos apareciam.

A prosperidade e as riquezas que a partir daí chegavam, também traziam junto a construção de cidades, castelos, pontes e um grande desmatamento das florestas.

O sangue do cruzado seria lembrado. O sangue do “infiel” seria lembrado. O sangue derramado se transformou em redenção! Esse era o estímulo das Cruzadas. Como já foi dito, a Igreja prometia que quem lutasse por Deus na Terra Santa, seria absolvido de seus pecados e salvo.

No campo dos combates, também viam-se estórias sobre duelos aqui e ali. Um ambiente cada vez mais competitivo surgia e duelos mortais eram contraídos, ora por motivos quase sempre levianos, tidos como “em nome da honra”, ora por brigas infundadas ou por interesses específicos. Os torneios nasceram na Champanha e em Flandres. Apesar da sua futilidade, eram costumes em voga na época. Uma época que mostra uma tradição onde a honra dos guerreiros nobres estava em debate permanente. A Igreja, no entanto, reprovava os duelos e os torneios, mas sem muito efeito³⁹. Porém, em vista das Cruzadas, os torneios também serviam para manter os cavaleiros em forma.

Mas o pior para a Igreja era ver a mulher como espectadora entusiasmada ou como objeto de disputa entre cavaleiros. O auge disso foi quando os trovadores passaram a enaltecer os duelos e os amores das donzelas, o que fazia a posição da Igreja ser ignorada frente a isso e trazia vitória aos trovadores e às damas.

Na Idade Média, o amor de verdade era o amor a Deus. O casamento era um misto de amizade e parceria religiosa, e sofria extrema vigilância, tanto no plano privado quanto no público. Mas então, surge o “amor cortês”, a concepção poética do amor, com devoção, sofrimento e fidelidade. Era o início do resgate do sentimento.

O poder do amor feminino começou a vir à tona cada vez mais. Aos poucos, a mulher ia conquistando mais espaço. Os cavaleiros deviam se aventurar para merecer o amor de uma donzela. Assim surgiam mais e mais anseios.

O triunfo do amor cortês foi assegurar que quem amava era obediente às regras Cavaleirescas.

No século XII ocorreu um ressurgimento forte dos valores femininos, dando um *status* maior para as mulheres, o que trouxe transformações culturais e sociais a partir do sul da França. Em “O Cálice e a Espada”, Riane Eisler lembra:

“No século XII, na corte de Eleonora de Aquitânia e de suas filhas Maria e Alice, o amor cortês e a reverência pelas mulheres emergiu como tema central tanto para a poesia como na vida. A visão trovadoresca da mulher como poderosa e honrada ao invés de dominada e desprezada – e a visão do homem como honrado e gentil ao invés de dominador e brutal – não era nova. Como vimos, em Creta e no Neolítico havia uma cultura semelhante. Mas num mundo onde a selvageria e o deboche masculinos eram regra, os conceitos trovadorescos de cavalheirismo, gentileza, honra e amor romântico foram verdadeiramente revolucionários...”.

Reflexo dessa revolução feminina era a “Virgem Maria”, que foi elevada à condição de “santa padroeira”, sendo criada em Lyons, em 1140, uma nova festa para homenageá-la: a festa da Imaculada Conceição (Concepção). Mesmo sendo reprovada pela Igreja, tal festa e exaltação sobreviveram pelos séculos seguintes, impondo-se por toda a Europa a imagem toda-poderosa da mulher como “Mãe de Deus”. Também a seguidora de Jesus, Maria Madalena, foi exaltada de diversos modos a partir daí. A mulher e seus valores tentavam voltar a ocupar um lugar mais elevado e justo na Humanidade. A antiga “adoração à Deusa-Mãe” retornava sob novos formatos.

De um modo geral, os valores femininos, novamente trazidos à luz pelos trovadores franceses, humanizaram, num ritmo lento, mas crescente, profundamente a História Ocidental daí em diante.

Até então, desde a apreensão do cristianismo como religião oficial do império romano, todas as divindades femininas haviam sido abolidas e a mulher rebaixada no contexto religioso e social.⁴⁰

Do século XI para o século XII, a mulher europeia começou a sair da sombra dos séculos anteriores e ser valorizada,

marcando uma época de transição muito importante. No sul da França, por exemplo, as mulheres (desde o século X) já tinham direito à propriedade e podiam receber heranças.

No que tange ao casamento, este era, em primeiro lugar, a apropriação de um dote ou de uma herança. O cupido era a Igreja. Apesar disso, havia aqueles com alma mais sensível e exigente, que queriam encontrar no amor algo mais profundo, mas sabiam que seria uma luta infrutífera contra a sociedade que desprezava algo diferente dos hábitos tradicionais. Apesar disso, uma forte corrente “antimatrimonial” começou a se manifestar em todas as camadas sociais.

A França⁴¹, como um todo, estava ainda se formando nessa época, sendo dividida em Condados. Foi quando se notou um crescimento do poder político representado pelo monarca central de Ilê-de-France, o que levou pouco a pouco à solidificação de um Estado grande e único. Troyes, cidade natal de nosso poeta do Graal e criador do Romance cavaleiresco, era a sede do Condado de Champanha e centro de nossa atenção.

Nos séculos XII e XIII o culto à Cavalaria também atingia seu auge.

É assim que tudo se transformou em um cenário gigantesco. Um cenário pronto para doar inspiração para o poeta que surgia, fornecendo-lhe personagens, pano de fundo e imaginação. É no momento histórico e cultural em que se vive, que o escritor colhe o que é significativo para compor suas Obras, escolhendo frases e temas que transmitam conceitos e ideias. Isso tudo se transformaria, obviamente, num espelho que refletia a própria sociedade em que se vivia.

Foi neste novo cenário europeu, que nasceu em 1135, na região de Champanha, Chrétien, aquele que viria a se tornar *o poeta de Troyes* e inventor do romance. Agora, a literatura se preparava para exibir sua mais nova expressão. Estava faltando somente este grande poeta inventor que tomaria por primeiro “a pena”, o fabuloso objeto de escrever mais amado por um escritor (agora o teclado), e lhe daria forma concreta, revolucionando o mundo literário de até então.

Quando Chrétien tinha apenas 10 anos, fora proclamada a Segunda Cruzada⁴² para a Palestina. Esta Cruzada estava sob o comando de Ricardo Coração de Leão (1157-1199), rei da Inglaterra, e de Felipe Augusto (1165-1223)⁴³, de Ilê-de-France. Também Frederico Barbaruiva (1122-1190) da Alemanha, fazia parte. Com as bênçãos do papa Gregório VIII (1100-1187), eles partiram com muitos soldados rumo à Jerusalém. Deixavam assim para trás, filhos, esposas e heranças, colocando seus corpos em perigo de morte “por Cristo”.

Na ocasião, Saladino e seus guerreiros muçulmanos haviam feito um cerco e retomado Jerusalém para os muçulmanos, e o rei Guy de Lusignam fora preso. O Santo Sepulcro fora fechado e as mesquitas reabertas. Notícias de Jerusalém iam e vinham a todos os lugares. Para os católicos, Saladino não podia ficar impune, sua ousadia era imperdoável. A Igreja cristã medieval estava pronta para mostrar o seu poder e os cavaleiros se consagravam como personagens heroicos e indestrutíveis.

Em meio a tudo isso crescia Chrétien, um filho querido da burguesia troyense.

Com pouco mais de 20 anos, via-se que era um jovem atento, devoto e vivaz, que gostava de observar a sociedade e as pessoas em seus caminhos. Enquanto jovem, seus responsáveis cuidavam para haver sempre perto dele Obras literárias e manuscritos interessantes. Faziam parte destas, escritos greco-bizantinos, textos ingleses, contos célticos antigos (gauleses), contos armoricanos e contos gregos. Foi nos mosteiros que Chrétien estudou a gramática, a dialética, a retórica, a aritmética e a música.

Um fato importante: até o século XI, eram os mosteiros que detinham o monopólio do saber, mas foi a partir do século XII, que centros de formação conhecidos como “Universidades” começaram a aparecer trazendo mais liberdade de pensamento.

Nos primeiros escritos da juventude, Chrétien se dedicou a traduzir algumas Obras. Ele começou com um famoso poeta romano chamado “Publius Ovidius” (Ovídio, 43 a.E.C.-17 E.C.)⁴⁴, entre as quais, a Obra *Philomena*, que se conservou até hoje.

Chrétien ficava sempre à par do que se passava nas cortes, fato este que seria a alavanca para o começo de uma nova arte poética, *o seu romance cavaleiresco* que chamaria a atenção das cortes da Europa.

As histórias ouvidas, vindas das cortes e pela boca do povo, eram histórias sobre as casas reais, sobre os condes, mas também estórias de cavaleiros e Cavalaria. Realmente, muito se ouvia nas cortes, mas também nas rodinhas de amigos e nas cantinas dos porões, sempre cheias de um bom vinho... Chrétien também apreciava o que diziam sobre as célebres escolas de Paris e as notáveis peças literárias de Maria da França, famosas na época por serem acompanhadas de sons de harpa.

É certo que as cortes andavam em euforia com as notícias vindas de Jerusalém, sobre as batalhas e sobre a Segunda Cruzada. Muitos esforços foram despendidos para lograr êxito naquelas paragens da Ásia Menor.

Tanta coisa nova e tão grande universo histórico e cultural do momento, acabaram emigrando para a literatura europeia

como o seu maior legado. Isso começou com a *popularização* das histórias da Bretanha e de Gales, que se espalharam pelos países da Europa no século XII, e que falavam de um mítico e heroico rei Artur e seus cavaleiros. Tal responsabilidade coube a Geoffrey de Monmouth (1100-1155), um clérigo galês de Oxford, com o seu livro manuscrito intitulado “História dos Reis de Bretanha” (*Historia Regum Britanniae*), que falava sobre a História bretã, escrito em 1134 e completado em 1138. Seu manuscrito *alocava* o tal rei Artur mítico na linha dos reis britânicos!

Monmouth escreveu baseando-se em escritos muito antigos de poemas bárdicos, de contos gauleses anteriores e outros textos à disposição. Um destes textos que data do século IX é chamado “História dos bretões” (*Historia Brittonum*), e foi escrito por um homem chamado Nennius, e é a Obra compilada mais antiga de todas falando de um “Artur”. Esta Obra situa Artur no século VI, como um comandante militar, que ao lado do rei bretão, expulsa os invasores saxões da Bretanha insular (inglesa)⁴⁵. O nome Artur é de origem galesa-britânica e provém do nome romano “Artorias”. É a forma galesa de Artorias.

A Obra de Monmouth também fala de outras invasões anteriores de saxões, onde se destacam duas figuras gloriosas. Uma destas é um herói guerreiro também de descendência romana-britânica que combateu e saiu vitorioso na expulsão dos invasores, chamado Ambrosius, tornando-se rei em seguida.

A outra é um grande guerreiro militar galês chamado Riotamus⁴⁶, que combateu e venceu uma outra invasão de saxões, mas desta vez na Bretanha continental (*Bretagne*).

Alguns historiadores acreditam que Monmouth combinou estas duas figuras heroicas do século VI para criar seu “Rei Artur inglês”. Rei este, que usando sua espada poderosa, teria estabelecido um império composto pela Grã-Bretanha, Irlanda, Islândia e Noruega.

Não existe comprovação histórica de que um rei Artur tenha existido realmente, mas somente comprovações míticas de sua origem heroica, vinda daqueles tempos antigos, anteriores a Monmouth. A origem do mito do rei Artur é um ponto muito debatido pelos estudiosos atuais, no entanto, ele e seus cavaleiros tornaram-se heróis até dos monásticos!

Com as limitações que a ausência de registros implica, os arqueólogos preferem falar de um período “sub-romano” para definir aquilo que é o período arturiano: séculos V e VI. Sabe-se que “Artur” era de fato um nome até relativamente comum na época. Sabe-se, por exemplo, que um comandante romano de um destacamento sármatas do *século II*, na Bretanha, tinha esse nome. Ainda outras figuras antes e depois do Artur mítico citado, tinham esse nome. Até uma divindade do norte da Bretanha tinha um nome *semelhante*.

Os nomes de origem romana, ainda comuns nos séculos V e VI nas crônicas, foram progressivamente desaparecendo, à medida que, empurrados para Gales, os celtas foram se tornando galeses. No caso do nome Artur, outra hipótese é a de que teria sido *criado* um herói, a partir dos feitos de vários personagens que foram *amalgamados* pela memória coletiva, como estes aqui citados.

Por conta de seu livro, Monmouth foi responsável pelo desenvolvimento posterior das lendas arturianas. Daí em diante, a “História” de Monmouth passaria para a Literatura Medieval através de Chrétien de Troyes.

Chrétien teve a disposição uma transcrição francesa, em versos, da lenda de Artur, de Monmouth, feita pelo clérigo trovador conhecido como “Mestre Wace” (1115-1183), um mônico de Jersey, Normandia (costa da França). A linguagem anglo-normanda que Wace usou em seus escritos, é considerada um dialeto do francês arcaico, ou especificamente o precursor do dialeto *jèrriais*.

O livro de Wace chama-se “O Romance de Brutus” (*Roman de Brut*) e conta a História da Grã-Bretanha em versos. Em 1155, Wace *reescreveu* a narração da História Britânica criada por Geoffrey de Monmouth (*Historia Regum Britanniae*). A popularidade deste trabalho importado, é explicada pelo novo acesso da lenda de Artur em um idioma nacional (o francês), a um público mais vasto. Wace foi o primeiro a mencionar a lenda do rei Artur de Monmouth no continente europeu. Foi também ele quem inventou uma *Mesa Redonda*, mais conhecida como “Távola Redonda”, e o primeiro a atribuir o nome “Excalibur” à espada de Artur. Para Wace a Távola Redonda era o símbolo de um governo justo e igualitário, onde se sentavam os cavaleiros mais destacados e valorosos para discutirem assuntos do reino. A Távola Redonda⁴⁷ tornou-se assim um símbolo da Cavalaria. Mas no final do livro, o rei Artur de Wace não morre, mas apenas desaparece, fato que irá alimentar fantasias nos leitores e autores dali em diante (diferente da estória de Monmouth, onde Artur e os seus perecem no final).

Wace morou em Caen e lá escreveu sua Obra “O Romance de Brutus”, entre outras. Ele dedicou esta Obra à rainha inglesa

Eleonora de Aquitânia (1122-1204), sua patrocinadora. Wace havia feito muitas viagens, entre elas à Bretanha insular.

Todo esse material conhecido como “matéria bretã”, era fonte de consulta e inspiração para o emergente Chrétien de Troyes. Ele se apropriou desta matéria arturiana disponível, para se inspirar e criar novas histórias e poemas, divulgando assim seus talentos, alegrando as cortes e chamando a atenção para si. A partir daí, os novos poemas arturianos que surgirão sofrerão uma *nacionalização* por Chrétien. O tema *Graal*, por exemplo, aparecerá assim pela primeira vez, pois não constava na matéria bretã primitiva ou em qualquer outra Obra já escrita! Com isso, iniciou-se um *ciclo arturiano de histórias francesas*, também conhecido como *o ciclo do Graal*. É desse modo que o rei Artur ressurgirá com sua corte e com sua “Ordem da Távola Redonda”⁴⁸.

Em meados do século XII, outros autores franceses também se empenhavam em redigir, em prosa, a lenda arturiana para o francês. Foi o caso de Elie de Boron e Rusticien de Pise. O imaginário do ser humano seguiria seu curso com o rei Artur a partir de então.

Podemos entender bem, através de Jacques Le Goff, o que aconteceu com Artur na Idade Média:

“Artur representa bem aqueles heróis da Idade Média que, entre realidade e imaginário, entre ficção e história, tornaram-se personagens míticos, assim como certos personagens históricos que realmente existiram e distanciaram-se da História para tornar-se, por sua vez, mitos e juntar-se aos heróis fictícios no mundo do imaginário. (...)”.

Foi a partir desse momento que a Cavalaria passou do plano histórico para o plano literário, consagrando-se.

Mas sabemos que uma Ordem Cavaleiresca supostamente instituída por um rei Artur do século VI é mera invenção livresca.

A imagem do cavaleiro templário é positiva na época das Cruzadas. Ele, com a sua fama e vitórias, assim como as Cruzadas, as relíquias e a religião católica, influenciaram profundamente a literatura de Chrétien de Troyes e dos posteriores poetas do ciclo arturiano. Nada mais normal...

A nova literatura que estava surgindo, deu a todo este mundo europeu um aspecto “magnífico e deslumbrante”, e que apresentou a Instituição Cavaleiresca com uma imagem diversa da realidade, uma imagem como todos gostariam que tivesse sido. Por isso, daí em diante, a Instituição Cavaleiresca foi exaltada ao máximo.

Também Platão influenciou a literatura e a filosofia da Idade Média, assim como Sêneca, Cícero, Horácio e Ovídio, este último já citado, inspirando muitos escritores.

Em 1164, o conde de Champanha Henrique I (1127-1181), “o Liberal”, desposou a princesa Maria da França (1145-1198). Maria era filha do rei francês Luís VII, “o Jovem” (1120-1180) e da rainha Eleonora de Aquitânia, a patrocinadora de Wace. Sua mãe Eleonora era rainha da França desde 1137, quando se casara com Luís VII.

A corte vizinha de Aquitânia, onde nasceu Eleonora, era a mais literata e culta de seu tempo. Seu avô havia sido Guilherme IX, “o Trovador” (1082-1128). No entanto, em 1152 a união conjugal de Eleonora com Luís VII foi anulada, com a alegação de consanguinidade, e ela se casou em seguida com o rei da Inglaterra Henrique Plantageneta (Henrique II de Inglaterra)⁴⁹.

Maria da França, após seu casamento, passou a ser mais conhecida como condessa Maria de Champanha. A influência da condessa foi muito marcante no mundo literário do final do século XII.

As cortes normalmente possuíam músicos, capelães, poetas e outras celebridades em seu meio. Chrétien aproveitou um convite à corte de Troyes e ofereceu seus préstimos como poeta e trovador à princesa Maria. Ele logo chamou a atenção desta nova corte amante das artes. E o novo casal viu neste jovem poeta de 25 anos, motivos para tê-lo por perto e valorizá-lo. A corte de Champanha deu grande apreço ao seu dom literário, pois Chrétien prometia se tornar uma das figuras mais ilustres do momento.

Estava em voga a literatura, e as cortes encomendavam poemas para ocasiões, onde estes eram recitados.

Muitas vezes, estes poemas *pendiam* para o lado do patrocinador (contratante), podendo ocorrer também uma exaltação deste, sob um dos personagens da história. Era uma abordagem tipicamente medieval, um costume dos cronistas medievais também conhecido como *translatio imperii*.

Os escritores, em busca de virtudes e filiação para seus patrocinadores nobres, se remetiam aos tempos heroicos, para situarem e ligarem os descendentes destes às personalidades mais próximas de Artur e também de Carlos Magno. Le Goff aponta claramente o fenômeno:

“Depois de Geoffrey de Monmouth, o sucesso de Artur não parou de crescer. Ele foi garantido primeiro pela política dos reis da Inglaterra Plantagenetas. A utilização política dos heróis é um dos grandes fenômenos da História, em especial na Idade Média, e na História europeia. Ao mesmo tempo, os reis da Inglaterra exaltavam Artur face aos alemães e aos franceses, que, na corrida pelo

Até o século XII, as composições poéticas existentes se restringiam a poesias épicas, poesias de celebração e poesias de louvor.

Chrétien de Troyes⁵⁰ procurava sempre por algo que o inspirasse a escrever e a cantarolar. Amava escrever, mas também recitar. As suas vivências da História e da Literatura lhe prepararam a imaginação e a engenhosidade poética. Ele amava a Literatura e as Letras. Foi assim que Chrétien escreveu seu primeiro livro-poema: “Guilherme de Inglaterra”. Esta Obra foi inspirada na lenda de Santo Eustáquio, adaptado de relatos fornecidos por um companheiro seu chamado Roger le Cointe. Tais relatos eram *crônicas inglesas*.

“Guilherme de Inglaterra” tornou-se um poema precursor bem-sucedido das futuras Obras de Chrétien.

A condessa Maria de Champanha possuía sua própria biblioteca, e era letrada em francês e latim. Sendo uma amante da Literatura, ela logo encomendou um poema à Chrétien.

Chrétien seguiu suas ordens e acatou suas sugestões.

Chegou então, um grande momento para Chrétien: ele termina seu primeiro poema encomendado, chamado *Eric e Enide*. Este poema o consagrou um elemento ilustre de Troyes! A partir de então, frequentou assiduamente a corte de Champanha como trovador e poeta consagrado⁵¹.

Percebemos que uma nova forma de ver o mundo influenciou as inspirações do primeiro poeta do “gênero romancista de corte”, o que faria seus romances poéticos atingirem a fama e a exaltação máxima nas diversas cortes.

Em suas visitas à corte de Champanha, Chrétien percebia que as damas frequentemente participavam de debates de cortesia, e que estes eram registrados por um copista. Coisas interessantes ele ouviu ali e que também o influenciaram.

A corte em Troyes era muito bem frequentada. Por lá foram vistos nomes como Guilherme I de Dampierre com sua esposa Ermengarda de Mouchy e o filho Guy II, Archambaud VII, senhor de Bourbon, sua esposa Alix de Borgonha e a filha Matilde, Margarida de França, filha anterior do rei Luís VII (e meia irmã de Maria de Champanha). Também Teodorico da Alsácia, Helvide de Baudémont, Mateus da Alsácia, Sibila de Anjou, dentre muitos outros.

Foi ainda na corte de Troyes, que Chrétien conheceu André Capelão⁵², outro escritor literário, autor do “Tratado do Amor Cortês”.

Na Obra “Romances da Távola Redonda”, publicado em 1991 no Brasil, pela Editora Martins Fontes (p. 76), consta que em certa ocasião, Chrétien de Troyes pôde testemunhar um polêmico julgamento feito pela condessa Maria em Troyes, segundo documentos da época. Julgamento polêmico, dada a visão com que a condessa pronunciou o veredicto. Aconteceu em 3 de maio de 1174, e espelha muito o íntimo medieval emergente daquela época. Maria de Champanha disse:

“Pelo teor dos presentes, afirmamos e sustentamos que o amor não pode estender seus direitos entre marido e mulher. Os amantes prodigalizam todas as coisas de forma recíproca e gratuita, sem qualquer obrigação de necessidade, ao passo que os esposos estão atados por dever a todas as vontades um do outro. Que este veredicto, que pronunciamos com extrema maturidade, após ouvir várias senhoras, seja considerado verdade permanente e irrefragável.”

Ou seja, ela disse, praticamente, que casamento e amor são coisas diferentes e muitas vezes incompatíveis!

Os hábitos vigentes incitariam Chrétien a dar ênfase ao amor fora do casamento, apesar dele próprio preferir o contrário.

As Obras seguintes de Chrétien, “Cliges ou a que fingiu de morta” e “Ivain, o cavaleiro do leão”, tornaram-se igualmente um sucesso. Chrétien é aclamado e parabenizado. Como vimos, o interesse histórico e literário de seus contemporâneos pelas suas Obras, adveio de um momento primordial de transição da literatura europeia. Foi a troca da tradicional literatura clássica antiga pelas fontes folclóricas próprias.

Nas cortes, o costume vigente era a leitura de romances diante de auditórios. Por isso, a narração e a poesia e tantos detalhes descritivos nas composições. Por isso também, havia certos silêncios e certas repetições para a plateia. Os ouvintes deviam se tornar cúmplices da estória. Deviam se envolver com ela, com o coração e com a mente. Nisso estava a arte, a beleza e a participação poética. A composição, em sua forma dramática e didática, passou a ser viva e desembaraçada.

Tempos depois, a princesa Maria propôs a Chrétien a composição do tema “Lancelot, o Cavaleiro da Carroça”. É uma Obra onde o amor carnal e adúltero acontece, e onde se mostra o modelo do “cavaleiro cortês”, exemplificado no personagem

Lancelot. Ele é leal, valente, cortês e generoso, além de o melhor herói nas armas.

O romance foi gerado pelo amor cortês. O “romance” é a estória escrita em corte real. São estórias com aventuras, atos pueris e aspectos de muita cortesia entre pessoas.

No romance cortês a dama aparece incitando o cavaleiro a realizar ações para que ele ultrapasse os seus limites. O fervor religioso ao Deus cristão é subtraído e redirecionado à dama. Ela estimula o cavaleiro a um contínuo sobrepujar-se. O cavaleiro devia mostrar para as damas a sua habilidade guerreira, refinamento, boa educação e elegância, e que ele age somente para ela e por ela. O cavaleiro transformou-se em uma marionete nas mãos da dama. É desse modo que surgiam amores adúlteros, raptos, aventuras, provações, libertações e intrigas.

O amor cortês tornou-se sinônimo de riqueza interior e progresso moral, fonte de toda a inspiração poética. Era como um antídoto para a depravação potencial das cortes.

Lancelot foi um personagem novo na trama arturiana e inventado por Chrétien, assim como outros.

Outra Obra de Chrétien, “Tristão e Isolda” foi identificada como a Obra que Chrétien mais apreciava. Já *Yvain*, foi seu último romance escrito em Troyes antes dele se mudar para outra região. Já seu último romance, “Perceval ou o Romance do Graal”, ficou inacabado devido a sua morte inesperada em Flandres, sua última residência, e tratava de uma aventura mística.

Como citamos, *Eric e Enide* se destacou entre as Obras originais de Chrétien, por ser seu primeiro grande romance arturiano. Chrétien de Troyes escreveu sete romances em versos, seis dos quais referem-se à lenda arturiana. São estes, em sua ordem de composição:

1 – *Guillaume d'Angleterre* (“Guilherme de Inglaterra”, de 116? e que contém 3328 versos)

2 – *Tristan et Iseult* (“Tristão e Isolda”, de 116?; Obra que se perdeu, mas que apesar disso, Chrétien a menciona em diversas ocasiões em outros textos)

3 – *Érec et Énide*⁵³ (“Eric e Enide”, de 1170)

4 – *Cligès ou la fausse morte*⁵⁴ (“Cliges ou a que fingiu de morta”, de 1176)

5 – *Yvain, le chevalier au lion*⁵⁵ (“Ivain, o cavaleiro do leão”, de 1178-1181)

6 – *Lancelot, le chevalier à la charrette*⁵⁶ (“Lancelot, o cavaleiro da carroça”, de 7134 versos, de 1178-1181)

7 – *Perceval ou Le Conte du Graal* (“Perceval ou o Romance do Graal”, “O Conto do Graal”, de 1182-1190)

Com tais Obras, Chrétien se tornou o poeta mais famoso da Europa em sua época, consagrando-se Mestre da literatura medieval francesa. Mas de todos os poemas criados por ele, um, no entanto, viria a se tornar uma grande saga que se estenderia até os dias de hoje, em diversas formas e imaginação. Esta, foi a sua última criação, o “Perceval ou o Romance do Graal” (O Conto do Graal), que se transformaria numa das maiores sagas já vistas: “a Saga do Graal”.

Chrétien tornou-se um mestre da poesia palaciana. Sua fama aumentava cada vez mais na Europa, fazendo com que outros transcrevessem suas Obras ou se inspirassem nelas livremente. Foi desse modo que em todos os países se consolidou o êxito do novo gênero literário que se chamou “romance”. Poeta e trovador, Chrétien é considerado o primeiro novelista francês, criador da epopeia cortês francesa, criador do romance cortês. Com suas Obras ele glamorizou a corte arturiana. Até então, a figura do bretão Artur se situava entre História e mito. Através de Chrétien, no entanto, Artur se transformou num personagem literário! Por sua vez, Chrétien de Troyes deu mais atenção às aventuras dos cavaleiros, tornando-os mais importantes que a figura do próprio rei Artur, que apesar de ser apresentado como uma figura imprescindível, é colocado como uma mera testemunha nas suas estórias.

Mas então, em março de 1181, Henrique I, que era o protetor literário de Chrétien em Champanha e marido de Maria, faleceu. Triste acontecimento, que levou Maria a abandonar a cortesia, em favor da devoção que a viuvez exigia. Maria também tinha que se preocupar agora, mais de perto, com o governo de Champanha até que seu jovem filho Henrique (1166-1197) estivesse em condições de assumir a regência. Fato esse que ocorreria em 1187, quando Henrique foi nomeado Henrique II, cognominado “o Jovem”⁵⁷.

Maria de Champanha ainda tinha outros tres filhos mais novos, que eram Maria (1174-1204), Teobaldo (1179-1201) e Escolástica (1180-1219).

No entanto, Chrétien, abalado pelos últimos episódios na corte troyense, não terminou seu romance *Lancelot*, e confiou a

sua conclusão ao conterrâneo Geoffroy de Lagny, outro copista e clérigo⁵⁸ da corte, e partiu de Troyes em busca de outro patrocinador.

Foi assim que Chrétien chegou, ainda em 1181, ao Condado de Flandres no norte (hoje Bélgica), outra corte famosa e homenageada, para oferecer seus préstimos ao conde Felipe de Alsácia (1142-agosto de 1191).

Logo, o famoso poeta se anunciou na corte em Gantes (*Gent, Gand*), novo centro administrativo do condado, no castelo-palácio que o próprio Felipe acabara de construir (1180) e recebeu alegres convites de todos os lados.

Gantes está localizada entre Bruges e Bruxelas. Do século XI ao século XIII, Gantes floresceu, se tornando uma grande cidade europeia, logo atrás de Paris. Dentro das muralhas da sua cidade havia mais de 65 mil habitantes⁵⁹. Gantes ainda possuía uma rota mercantil extremamente desenvolvida para a época. A região detinha uma emergente indústria de lã e tecidos.

Felipe mandou construir seu novo castelo sobre as altas dunas de orlas pantanosas na parte média do rio Lys⁶⁰. O castelo simbolizou o poder condal em contraste às casas dos ricos patrícios, situadas do outro lado do rio Lys, e se tornou uma suntuosa corte de cavaleiros. Um lugar de prodigalidades principescas e ostentação. Este castelo tornou-se o castelo dos vindouros condes de Flandres, como centro de riqueza e poder, e existe bem conservado até hoje, sendo um belo ponto turístico de Gantes. Até então, a corte de Flandres se assentava em Bruges.

Felipe de Alsácia (Felipe I) era filho do conde de Flandres Teobaldo de Alsácia (1099-1168) e de Sibila de Anjou (?-1165)⁶¹. Flandres também se projetou nas Cruzadas, como por exemplo, na ida do conde Teobaldo à Damasco na Terra Santa, em 1139, com um reforço militar que lutou contra o Galaad, território do outro lado do Jordão, mas sem muito sucesso. Seu grupo de combatentes foi atacado e obrigado a uma fuga inesperada.

Chrétien passou a homenagear esta corte, que era ainda mais opulenta que a anterior, e que já possuía grande tradição em proteger as artes. As relações políticas, comerciais e literárias entre Champanha e Flandres eram assíduas, do mesmo modo como entre Champanha e Bretanha.

Chrétien era recomendado e já possuía seu próprio *status*.

Felipe de Alsácia encomendou ao famoso poeta uma Obra para sua corte. Esta Obra deveria também transmitir algo de Felipe e sua corte. Chrétien era o poeta certo para Felipe. Ele possuía a arte de ambientar as suas histórias em épocas disfarçadas de “passado distante”, mas que de fato era uma representação “presente” da vida contemporânea da corte.

Nas histórias arturianas de Chrétien, a figura de “Artur, o bom rei da Bretanha cuja valentia nos ensina a ser cortêses e bravos” (como ele mesmo nos diz), espelha um rei bretão bom, valente, bravo e cortês, que reinava sobre a Bretanha insular (Inglaterra) e a Bretanha continental (Armórica).

O louvor de Chrétien a um rei como Artur pode ser visto também no início de seu poema *Ivain, o cavaleiro do leão*. Lá, ele escreve:

“Sou de opinião de que homem cortês morto vale mais que vilão vivo! E por isso me apraz relatar uma história digna de ser ouvida, sobre um rei que foi tão grande que em todos os lugares celebraram sua glória. Nesse ponto, concordo com os bretões: para sempre irá perdurar seu renome, e graças a ele permanecerá a lembrança dos cavaleiros que fizeram proeza para o honrar.”

Era necessário que Chrétien levasse em consideração os desejos de seu público. E ele era bastante habilidoso em contentar todos os leitores, pois cada um deles encontrava nas suas composições, histórias ou episódios que lhes agradavam.

Para Chrétien, o novo patrocínio de Flandres correspondia a uma nova orientação *espiritual e literária*, onde a influência do conde também transpareceria. Chrétien decide se empenhar em rimar a melhor história jamais escrita em uma corte real. O nobre conde de Flandres (e de Vermandois), Felipe de Alsácia, já era exaltado em cânticos. Ele reinava em Flandres desde 1168. O que se sabe é que Felipe era um homem dadivoso e justo⁶², e não tinha vícios, sendo leal à Santa Igreja, assim como Chrétien ao seu modo.

Era rica a História de Flandres e dos condados vizinhos.

Em 1176, o próprio Felipe havia participado de uma Cruzada importante, juntando-se a um numeroso grupo de cruzados que foram à Terra Santa. Ele também queria deixar “sua marca” numa Cruzada. Talvez pudesse obter a glória que seu pai Teobaldo não conseguira anteriormente.

É nesse cenário que a imaginação de Chrétien de Troyes criaria inspiradamente, somados a outros assuntos que faziam parte de sua época e outros fatos que citaremos mais adiante nos capítulos 8 e 10.

E foi assim que Chrétien começou a escrever em 1182, o romance místico “Perceval ou o Romance do Graal”, também conhecido como “O Conto do Graal”.

Chrétien se esmerou em escrever sua *última* Obra nesta vida. Este romance trata da estória de dois cavaleiros principais: Galvão e Perceval. Galvão era sobrinho do rei Artur e um cavaleiro errante, que tentava agir com justiça e honra, sempre à procura de aventuras e combates. Perceval era um jovem cavaleiro ingênuo, que necessitava cumprir uma jornada de amadurecimento pessoal, para depois reencontrar uma “Santa Bandeira”⁶³ que Chrétien apelidou de “Graal”, e então curar um rei que sofria de uma enfermidade. Cura essa, que somente se realizaria através de uma “pergunta”, que Perceval devia formular perante este rei e o Graal guardado em seu castelo.

Esta bandeja-vaso, agora “Graal”, era também o prato que alimentava há anos “o pai” deste rei, que também foi rei, o qual ingeria como alimento somente o seu conteúdo. O conteúdo do Graal é o alimento que lhes sustenta a vida, e Chrétien revela ser “a hóstia”.

O termo “graal” usado por Chrétien como apelido para a bandeja-vaso (escudela) é um nome *derivado* do latim. Nada mais natural, pois o poeta, sendo um amante e estudioso de Letras, podia usar outros idiomas, para figurar ou criar palavras que podiam enfatizar sua Obra, dando um certo “charme a mais” ao poema. E que fique claro ao Leitor: nunca antes, a palavra “graal” fora usada!

Hoje em dia, também, muitas palavras surgem, derivadas de outros idiomas, e acabam sendo absorvidas pelas pessoas como palavras novas.

O latim, na época, era a língua usada nos ritos da Igreja Católica.

Através do poema sobre Perceval e o Graal, Chrétien colocou os valores cavaleirescos como sendo a mais alta realidade espiritual.

A esposa de Felipe de Alsácia, Isabel (Elizabete) de Vermandois (1156-1182), que também era prima de Maria de Champanha, morreu em 1182. Felipe, sabendo do falecimento de Henrique I no ano anterior, aproveitou sua própria viuvez e pediu em casamento a condessa viúva Maria de Champanha. Mas ela o recusou. Então, em 1183, ele se casou com a Infanta de Portugal, D. Teresa (1157-1218), filha de Dom Afonso Henriques (Afonso I, o primeiro rei de Portugal, 1109-1185) e de Dona Mafalda de Saboia (1125-1157). O casamento aconteceu na catedral de Bruges.

Pela dificuldade flamenga⁶⁴ em pronunciar o nome “Teresa”, a condessa de Portugal ficou conhecida em Flandres pelo nome “Matilda” (*Mahaut*).

As relações mais próximas entre Portugal e Flandres proporcionaram a vinda de vários portugueses à Flandres, que ali se instalaram principalmente como comerciantes. Esse casamento também era muito importante para o nascimento de um herdeiro para o Condado. O conde de Flandres temia que o seu Condado viesse a cair nas mãos do rei da França se não houvesse um herdeiro.

Até aqui, Chrétien cumpria bem seu trabalho com o novo poema, idealizando a vontade de Felipe de Alsácia e construindo aventuras cavaleirescas. Mas as coisas começaram a andar mal. Por diversas vezes, Chrétien precisou interromper seu trabalho literário, ora por causa da sua própria saúde, ora por causa das conturbações políticas que surgiam na corte de seu patrocinador Felipe, devido a urgências da Cruzada e outras.

Em 1185, chegou a notícia de que a liderança da Ordem dos Templários em Jerusalém havia passado para as mãos de um nobre de Flandres, Gérard de Ridefort (1185-1189).

Na Terra Santa, Saladino conquistou todo o território franco da Ásia Menor, menos Tiro e Antióquia. Em socorro, O rei Felipe II da França (Felipe Augusto) e Ricardo I da Inglaterra (Coração de Leão), compuseram a Terceira Cruzada lançada em 1190, para retomar o que fora perdido. Felipe de Alsácia também aceitou liderar um grupo de reforços flamengos nessa Cruzada, sua segunda, para ajudar os irmãos cristãos, e se juntou a Felipe II e Ricardo I também em 1190. São estes reforços que proporcionariam nova vitória cristã naquelas paragens.

Em Flandres, Chrétien não estava bem e sua Obra estava atrasada. Enquanto cada Obra poética sua dependia de alguns meses para a conclusão, ou mesmo poucos anos (dois ou tres), esta última, o Romance do Graal, já há quatro anos que começara e ainda não conseguira terminar.

Então aconteceu algo inesperado. O Romance do Graal ainda incompleto foi interrompido definitivamente!

Inesperadamente morre o poeta de Troyes, o poeta que até aqui alegrara e comovera tantos corações. Seu último romance ficou, portanto, inacabado. O romancista faleceu em 1191 sem nenhum aviso prévio, pouco tempo depois da partida de seu patrocinador rumo à Cruzada. Chrétien tinha então 56 anos.

Enquanto isso, os reis Felipe II e Ricardo I, vinham obtendo uma sequência de vitórias na Terra Santa.

Felipe II instalou seus quartéis na casa da Ordem dos Templários, na cidade-fortaleza e portuária de São João de Acre, na Galileia. Primeiramente, Acre foi recuperada em 12 de Julho de 1191, após a chegada dos dois reis e seu séquito. O terceiro rei que devia se juntar a eles, Frederico I, o “Barbarossa”, nunca alcançou a cidade, pois morreu afogado na Ásia Menor pouco antes. Já o conde de Flandres e patrocinador de Chrétien, passou apuros em frente à Acre durante o cerco à cidade. Ele foi acometido pela epidemia de peste que circulou por lá e fechou os olhos para sempre. Era 01 de agosto de 1191. Seus companheiros de batalha tudo fizeram por ele, mas não conseguiram salvá-lo. Seu corpo foi repatriado depois por sua esposa e enterrado na abadia de Claraval (*Clairvaux*).

As vitórias dos cruzados continuaram. Depois foi a vez de Jafa e Ascalão, culminando com a grande batalha de Arsuf que derrotou Saladino em 07 de setembro de 1191.

Em seguida, Felipe II retornou para a França e mais tarde Ricardo I à Inglaterra. Este último retornou escoltado pelos templários numa embarcação da própria Ordem.

Felipe de Flandres, diferente destes seus colegas de batalha, não retornou com vida à pátria europeia. Mas também, se estivesse vivo, não poderia desfrutar do prazer de ler seu poema encomendado, pois não havia nenhum poema concluído para o conde ler e se deleitar...

Havia agora uma questão que a vida tinha de resolver. A História humana teria de continuar, pois ficaram:

Um poema inacabado... E um reino sem Conde...

*
* *

Felipe de Alsácia e Matilda de Portugal não deixaram herdeiros. Durante a ausência do marido, ela atuou como regente de Flandres, mas o reino do conde passou para a sua irmã Margarida I da Alsácia e seu marido Balduíno V de Hainaut. Este, se tornou Balduíno VIII de Flandres. Desde 1176, quando Felipe de Alsácia saiu em sua primeira Cruzada à Terra Santa, e pela falta de um herdeiro, ele já havia designado sua irmã como futura herdeira caso ele não retornasse de suas Cruzadas.

A viúva de Felipe, Matilda, casou-se novamente, agora com o duque Odo III da Borgonha, em 1193, mas desse casamento também não nasceram herdeiros, pelo que ela acabou sendo repudiada...

A expansão de Flandres, no entanto, não parou. Este foi o grande legado de Felipe de Alsácia. Até o final de seu reinado, Flandres tinha entrado em um período de prosperidade sem precedentes.

Mas, e o grande poeta da Europa?

O fato de ter ocorrido o seu falecimento, por si só, veio a desencadear uma corrida inesperada de terceiros, rumo à conclusão do poema inacabado dele, tornando-se uma disputa sagaz e bem vinda para alguns, mas que culminou com o advento de toda uma saga de mitos novos e composições fantásticas, arbitrárias e únicas.

O fato de o romance de Chrétien ter ficado incompleto, foi bastante forte para que nos 50 anos seguintes, surgissem outros 18 autores-escritores que se aventurassem e dessem continuidade, sem o menor pudor literário, ao conto-estória de Chrétien, aos seus *bel-prazeres* e imaginações literárias. O poema inacabado de Chrétien atizou a imaginação de outros poetas que o sucederam, criando mistérios e façanhas em torno do poema, o que gerou uma verdadeira corrida literária! Em outras palavras, com uma Obra inacabada à disposição, ofereceu-se oportunidade para uma “continuação” para contentar todos os que não podiam admitir que um belo romance ficasse sem um fim. Principalmente para os fãs de Chrétien de Troyes.

Estes próximos autores ficariam conhecidos como os responsáveis pelo Ciclo Lancelote-Graal e pelo Ciclo Post-Vulgata, que viriam a se transformar numa “demanda” literária, conhecida como a “Demanda do Santo Graal” (em francês *La Queste del Saint Graal*).

Com a súbita interrupção da narrativa de Chrétien, também o leitor de hoje sentiria o mesmo desapontamento que o ouvinte medieval.

Logicamente, as continuações não apresentaram as mesmas ideias do Romance do Graal interrompido. Nessas continuações, a imaginação andaria à solta e às vezes submissa à influência de patronatos eclesiásticos ou políticos da região onde foram feitas. Mas as continuações trariam fama a muitos.

Desse modo, com o passar do tempo, se consolidou um Mito. Formou-se uma “saga” do Graal, sob diversas visões e elaborações escritas, que se tornaram um sucesso! Sucesso esse, que se transformou, e ainda continua se transformando, em “best-sellers”, em filmes, em seitas, em entidades e sociedades filosóficas (secretas ou não), provando realmente, “que o *mito* tem muitos poderes”. Logicamente que estes poderes serão sempre fruto da habilidade de seus utilizadores de se atingir um determinado alvo, oferecendo aos seres humanos aquilo que eles querem saber, ouvir e vivenciar.

Estas linhas sobre o célebre poeta de Troyes, são a reunião de vários episódios, cenas e momentos da História que envolveram Chrétien e sua época, e que foram responsáveis por moldar conceitos, lugares e pessoas, dando uma noção sobre o desenrolar de suas Obras, respondendo assim os “por ques” de muitos dos conceitos e comportamentos ligados a elas, incluindo principalmente a sua Obra sobre o “Graal”. Parte disso ainda veremos adiante nos capítulos 8 e 10, como já dissemos.

Além dos romances citados anteriormente, Chrétien de Troyes foi autor de outras composições literárias mais antigas e menos famosas, como por exemplo: “A Arte de Amar”, “A Mordida no Ombro”, “O Rei Marc e Isolda a Loura” e “A Metamorfose do Cardeal, da Andorinha e do Rouxinol”.

Chrétien de Troyes nos legou um conjunto extraordinário e até sobrenatural de Obras. Hábil narrador, aproveitou a tendência do povo pelo fabuloso, e criou romances de aventuras e de episódios palpitantes para a sua época. Suas Obras transmitiram aos futuros poetas, algo da virtude e imaginação que ele próprio possuía.

As estórias envolvendo o amor feminino passaram a ser muito apreciadas e homenageadas.

Nessa época de florescimento do amor cortês, os trovadores e as damas venceram muitos preconceitos. Na verdade, o século XII foi marcado pela criação do termo provençal “trovador”, que significa “encontrar”, e que define um inventor de palavras e poemas. O gênio criador do trovador, marcaria para sempre a cultura e a sociedade da França do Norte, e depois, de toda a Europa.

Os trovadores se tornaram heróis da Idade Média e suas Obras poéticas foram consideradas “Maravilhas da Arte”. O primeiro trovador a ter reconhecimento foi o duque da Aquitânia, Guilherme IX (1082-1128). Guilherme IX também era duque da Gasconha e conde de Poitiers. Ele ficou conhecido como Guilherme, “o Trovador” e Guilherme, “o Conquistador de Damas”, visto como “veemente amante de mulheres” segundo o cronista Godofredo de Vigeois (monge prior de Vigeois, 1170-1184).

Guilherme IX que foi autor de 11 *cansós*⁶⁵ que deram início à lírica “*oc*” (poesia occitana), transformou a capital de seu reino, Poitiers, num centro de florescimento de trovadores. Daí em diante, diversos centros de poesia e música lírica floresceram pela França.

Guilherme IX havia sido o líder do contingente de Aquitânia na Primeira Cruzada (1096), apesar de sua pouca idade na época. Essa sua vivência guerreira repercutiu depois, pois os trovadores exaltaram o amor, mas também a proeza dos heróis guerreiros.

O que mais nos importa até aqui é que Chrétien, tomando por base as diversas narrativas de aventuras que circulavam na época, criou uma nova composição literária, que abrangia uma estória fictícia adaptada agindo de “pano de fundo”, no caso, um Graal, um Perceval e um Galvão⁶⁶. Estória essa, que perpetuaria até os dias de hoje de várias maneiras e desenvolvimentos.

Hoje, “Perceval ou O Romance do Graal” original francês já está disponível em português (125 páginas)⁶⁷. É editado no Brasil pela Livraria Martins Fontes Editora, com primeira edição em abril de 1992.

Esta Editora compôs seu livro da seguinte forma:

1. Prefácio,
2. Perceval ou O Romance do Graal,
3. Sequência e fim de *Perceval* – segundo os continuadores de Chrétien de Troyes,
4. Vida e Obra de Chrétien de Troyes,
5. Cronologia, e
6. Os manuscritos – estabelecimento do texto.

No próximo capítulo, após algumas explicações introdutórias, o Leitor examinará “pequenas partes” da Obra literária “Perceval ou O Romance do Graal” (Perceval ou Le Roman du Graal) de Chrétien de Troyes, que julgamos serem suas partes mais importantes dentro do contexto elucidativo do “Graal” que queremos aqui tratar e de outros assuntos congêneres que apresentaremos mais adiante. Juntamente com as partes, transcritas da Obra de Chrétien, faremos algumas observações interessantes.

- 37 “Franco” quer dizer “livre”.
- 38 Toda a região norte da atual Bélgica.
- 39 Tem-se como um exemplo, as determinações do Concílio de Clermont (1130), que proibia as Feiras por causa dos torneios que lá ocorriam.
- 40 O início desta história já havia começado bem antes, nos primórdios do cristianismo, no século II, quando um dos primeiros Pais da Igreja Cristã, chamado Tertuliano (160-220 E.C.), tomou uma posição hostil com relação a mulher e instituiu que “à mulher não é permitido falar na igreja, nem ensinar, batizar, fazer oferendas, reclamar uma parte de uma função masculina, ou recitar qualquer ofício sacerdotal”. Também o judaísmo e o islamismo procederam nesse sentido.
- 41 A França já foi popularmente conhecida como “Carolíngia”.
- 42 Das Oito Cruzadas que ocorreram ao longo da História, a primeira foi a mais bem-sucedida.
- 43 Em 01 de novembro de 1179, Felipe Augusto, com quinze anos de idade, foi coroado rei da França, na catedral de Reims, transformando-se em Felipe II. Quem o coroou foi seu próprio tio, o arcebispo Guilherme das “Mãos Brancas”. Este fato passou a desencadear nos anos seguintes diversas preocupações nos Condados, principalmente naqueles ainda apartados de uma unificação. Em 28 de abril de 1180, Felipe II viria a se casar com Isabel de Hainaut, e em junho assinaria um tratado com Henrique II da Inglaterra. Estes dois eventos viriam a reforçar a posição do jovem rei frente às casas de Champanha e de Flandres. A região de Ilê-de-France, que possuía como cidade central, Paris, era o feudo hereditário da família real, onde Felipe II era o herdeiro (de 1180 a 1223). O avô e o pai dele (Luís VI e Luís VII, respectivamente) vinham se esforçando em restaurar a autoridade real de Ilê-de-France sobre os demais Condados, favorecendo-os, e assim ampliando pouco a pouco seu domínio real, conseguindo unificar os Condados em um só país: a França. O herdeiro Felipe II, cognominado de *Dieudonné* (Dádiva de Deus), prosseguia nesta empreitada, e conseguiu, por intermédio de seu primeiro matrimônio, os territórios de Artois, Valois e Vermandois.
- 44 Ovidius escreveu livros sobre a arte da sedução, heróis e feitos épicos. Suas Obras tiveram grande influência na literatura de escritores medievais. Por exemplo, com sua estória sobre Príamos e Thisbe, ele influenciou até Shakespeare em “Romeu e Julieta”, centenas de anos depois. Ele também influenciou Dante e John Milton. Mas Ovidius teve uma vida agitada e desgostosa. Com seu livro imoral “A Arte de Amar”, ele conseguiu ser expulso de Roma no ano 8 de nossa Era, pelo então imperador Otávio Augusto César.
- 45 Com relação ao fundador da Bretanha insular e seu *primeiro* rei, Nennius aponta um tal de *Brutus de Tróia* (daí o nome “Bretanha”), que era um cônsul romano descendente de um lendário Enéas. Tal texto não possui, porém, confirmação histórica.
- 46 Riotamus significa “rei supremo”.
- 47 A Távola Redonda e o conceito de “Távola Redonda” exprimem uma utopia medieval do sonho de um mundo de igualdade social. Ou seja, um mundo diferente do mundo Medieval que se vivia naquela época e que era fortemente desigual e hierarquizado. Os escritores escreviam sobre a Távola Redonda rebelando-se contra as Cruzadas.
- 48 Mais tarde (1485), o escritor e poeta inglês Thomas Malory escreverá sua Obra “A Morte de Artur”, onde Artur volta ao contexto inglês e encerra *o ciclo* através de seu falecimento. É verdade, “um ciclo” se encerrava, mas não definitivamente, pois séculos depois, o tema Graal e Artur ressuscitaram sob novas formas que se prolongaram até os dias de hoje (vide capítulo 11).
- 49 No fim da década de 1160, Eleonora separou-se de Henrique e retirou-se para a Aquitânia. Mas em 1189, morreu seu ex-marido inglês e ascendeu ao trono inglês o seu filho Ricardo. Em seguida Ricardo partiu para a Terceira Cruzada que duraria de 1189 à 1192 e Eleonora tornou-se a regente da Inglaterra por aquele período.
- 50 O nome “Chrétien” possui as seguintes variações: Crestiens, Khristianus, Christian.
- 51 Na adolescência, Chrétien também havia composto sua primeira música falando do amor apaixonado. Ele compôs duas músicas no total.
- 52 O ofício de capelão é o mesmo que o de padre que oficializa o serviço divino numa capela real ou senhorial. No entanto, um capelão pode também trabalhar somente como secretário, notário ou escriba da corte.
- 53 Obra publicada pela Livraria Martins Fontes Editora no volume “Romances da Távola Redonda”.
- 54 Idem.
- 55 Idem.
- 56 Idem.
- 57 Em 1190, Henrique II partiria para a Terra Santa, participando da Terceira Cruzada que culminou com o cerco a Acre em 1191. Depois se casaria com a rainha viúva Isabel de Jerusalém (Isabel de Anjou) em 5 de Maio de 1192, de onde nasceriam tres filhas: Maria, Alice e Filipa.
- 58 Por todo o Ocidente, clérigos estavam a serviço dos príncipes. Tais clérigos são chamados de “clérigos de corte”, clérigos que agradam príncipes e princesas, condes e condessas.
- 59 Hoje, Gantes possui cerca de 250.000 habitantes.
- 60 Os castelos de um modo geral, como edifício medieval, enraizaram o feudalismo na Europa. Formas espetaculares do castelo medieval surgiram em toda a Europa nos séculos XI e XII. Tal fato enriqueceu o imaginário europeu de aspirações e ambições. O castelo adquiriu um poder simbólico como imagem do poder e da força dos homens, assim como a catedral era uma imagem da espiritualidade humana e de Deus.
- 61 Thierry d’Alsace e Sibylle d’Anjou.
- 62 À “exceção” de um episódio escandaloso ocorrido, onde a esposa do conde Felipe, Isabel, se tornou amante de um cavaleiro chamado Garin de Fontaines. Quando descoberta pelo seu marido, Felipe mandou matar esse amante de um modo cruel e vergonhosamente.
- 63 Também traduzido como “Santo Vaso”.
- 64 Nascido ou natural de Flandres. O flamengo é o idioma holandês de parte da Bélgica atual.

⁶⁵ O “cansó” é uma composição poética de origem provençal (Lírica Provençal), em língua vulgar ou românica. Foi cultivada nos séculos XII e XIII. É equivalente a *canção* ou a *chanson* francesa. Era um poema destinado ao canto e a instrumentação (fundia a letra e o som). Dispunham-se geralmente em três *estrofes*, cada uma das quais apresentava quatro ou sete versos. Do prisma do conteúdo, o cansó alinha-se a *Cantiga de Amor*. O “eu-poético” é um homem que declara seu amor por uma *dama* da nobreza, casada e inacessível; tratada por “*mia senhor*”, porque ela é proprietária, dona de seu coração. O poeta reforça, assim, sua condição de vassalo (serviçal) diante dela, ou seja, de seu “senhor”. É o “amor cortês” conservado em segredo, sem revelar o nome da *dama* que ignora os sentimentos amorosos do poeta. Esse amor cortês expresso com forte lirismo produz a *coita d’amor* (em galego-português, “coitado”, e significava “apaixonado, sofrido”), portanto, *sofrido d’amor*, isto é, “amor-sofrimento”. E o sofrimento era tão intenso que podia levar o poeta à morte.

⁶⁶ Variantes existentes desse nome: Gawain, Gawan, Galwain, Gauvain, Gauvains, Galvagin, Galvanus e Galvano.

⁶⁷ O “Perceval ou Le Roman du Graal” original se encontra na *Bibliothèque Nationale* da França, em Paris, no fundo francês nº 12.576.

A INVENÇÃO DO GRAAL

“A Cavalaria foi o evento mais notável da história europeia entre a cristianização e os tempos modernos. O conjunto de ideais e práticas próprias de uma ordem de pessoas que nela ingressavam, mediante educação e ritos determinados, acabou constituindo-se em tema de uma fase da Literatura. O acesso ao status de cavaleiro exigia uma formação iniciada desde a infância. O feudalismo forneceu à Cavalaria seus castelos, feudos, armaduras e cerimônias de investidura, que consolidavam os laços entre vassalos e suseranos. A instituição não apareceu de repente, nem com todas as características de que se revestiria já na época dos trovadores. Com exceção do estatuto feudal que se forjou no bojo da Alta Idade Média, todos os demais aparatos que a distinguiam – os brasões de nobreza, as ordens de Cavalaria e as cerimônias de sagração – assumiram sua forma definitiva no século XI.”

A. R. Schmidt Patier

“Graal”.

O Graal, o Gral, o Santo Graal, o Cálice Sagrado, o Cálice Milagroso, o Cálice do Graal, a lenda do Santo Graal, a Bandeja Graal, o Santo Vaso, o Vaso Miraculoso, o Vaso da Vida, a Vasilha Milagrosa, o Cálice da Santa Ceia, a Taça da última Ceia, e por aí vai. O que são todas estas expressões conhecidas como Graal?

Em primeiro lugar, devemos saber que “Graal” é uma palavra derivada do latim tardio “*gradalis*”, que por sua vez deriva do latim clássico “*crater*”. Gradalis significa “bandeja”, e designava uma bandeja de servir, espécie de escudela ou tigela, utilizada nas refeições dos aristocratas europeus.

Mas gradalis também possui outros sentidos, como: vaso, recipiente com boca larga, balde, botija, grande prato fundo, e *posteriormente* “taça” e “cálice”, que se transformaram nos significados mais famosos.

A palavra “Graal” também assumiria, após Chrétien, diversas variantes francesas, oriundas dos diversos dialetos franceses antigos, do norte e do sul da França (o próprio francês de Chrétien era o dialeto de Champanha conhecido como “oïl”). Estas variantes são: griau, gruau, gré, guerlaud, grélot, greil, grazal, gréal.

O latim era a língua falada e escrita oficialmente no Império Romano, e posteriormente adotada pela Igreja Católica. Mas a partir dos séculos XII e XIII o latim *começou* a entrar em decadência, cedendo lugar às línguas europeias modernas.

Foi aí que Chrétien começou a escrever em francês (dialeto de Champanha) e resolveu manter no seu Conto do Graal a palavra em latim que o designa.

O “tema Graal” é diferente de outros temas polêmicos, como por exemplo, “a religião cristã”, que não possui os escritos originais que se tornaram a “Bíblia”, a não ser cópias de tradições orais, cópias com adulterações e transcrições de cópias de outras cópias, que assim “tentam” corroborar e legitimar sua fé e Verdade. No caso do tema “Graal”, temos a felicidade e a maravilha de possuir “a Obra legítima”, escrita originalmente pelo seu criador único, e acessível a todos que queiram, ou seja, o “Perceval ou O Romance do Graal”, do poeta *Chrétien de Troyes*, cujo resumo de vida pudemos acompanhar no capítulo anterior.

Como já foi mencionado, ele, Chrétien de Troyes, foi o criador da estória do Graal e do termo “Graal”, responsável por sua reputação. Ele escreveu seu poema do Graal, que acabou dando origem a toda uma “Saga” de inimagináveis diversidades literárias e opções de ficção e fantasia de autores mais tardios sobre o tema. Ficções inclusive, que se tornaram em certos círculos “Verdade Absoluta” e até doutrina. Esta Saga que se estende até os dias de hoje pelo mundo, pode causar espanto ao observador sereno, mas também pode gerar entretenimento e entusiasmo àquele Leitor pesquisador.

Como nosso prezado Leitor poderá observar nas linhas que se seguem, o autor de “Perceval, ou O Romance do Graal” designa de “Graal” uma bandeja-taça contendo uma hóstia, aquela já tão conhecida nas missas religiosas das igrejas, e que imita a Eucaristia (última Ceia de Jesus Cristo com seus discípulos).

É também no Romance do Graal que aparecerá, pela primeira vez, o curioso personagem “Perceval”, conhecido como o “tolo puro” ou o “tolo ingênuo”. Perceval é o mais novo personagem arturiano criado pelo poeta francês e incluso em seu conto-romance do Graal. Este novo personagem, surge para incrementar a nova estória do mundo arturiano.

Outra coisa que o Leitor poderá observar se ler o romance do Graal inteiro no original traduzido, são algumas *poucas* passagens que *rimam*, obedecendo a forma de poema, e que puderam transparecer no português também, apesar da tradução, e que no original francês é sempre presente. A forma poética e romântica de um poema, assim como de uma prosa, logicamente desaparecerá quase completamente em uma tradução. Pois é o próprio idioma original que dá rima, ritmo e vida, segundo a vontade do poeta em manejar as palavras em sua Obra. Na tradução, as palavras não se encontram mais entrelaçadas poeticamente e o seu som se modifica naturalmente, ficando somente a estória pura.

Alguns trechos dessa estória pura e legítima transcreveremos aqui, quando necessário, para que o Leitor compreenda melhor o Graal e o novo personagem Perceval. Assim, o Leitor verá como o conceito “Graal” foi fundado e posteriormente desenvolvido pelos escritores *pós*-Chrétien. O Leitor verá a nova palavra “graal” aparecer, pois até então, não era usual ainda, sendo introduzida pelo autor em seu romance, e a partir daí usada na Literatura mundial até hoje. Foi o uso simples e natural de uma palavra construída e derivada de outro idioma, numa Obra literária nacional. Chrétien usou a palavra “graal construída do latim” para *designar* uma “bandeja-taça”, criando um ar de mistério ao redor da narração, para enriquecê-la, ou em outras palavras, para incrementá-la. Dar um nome a um objeto de destaque em um texto faz com que tal objeto seja glamourizado. Simplesmente isso.

Seguiremos agora transcrevendo algumas partes do Conto, juntamente com a nossa própria narração resumida do poema e nossos comentários e atenções, para assim termos uma ideia do conteúdo do poema e da visão de Chrétien sobre o assunto Graal, assunto esse, que se tornaria a estória-Mãe sobre Graal no mundo, como veremos adiante.

Nas transcrições breves do romance, algumas expressões arcaicas de época aparecerão naturalmente.

Nas primeiras linhas do livro, antes de iniciar seu “Conto do Graal”, Chrétien de Troyes fez uma alocução breve, mas simpática, ao seu patrocinador, o Conde de Flandres, Felipe de Alsácia, falando do quanto ele era bom, justo e cheio de virtudes. Em seguida, ele seguiu escrevendo seu poema-estória, que começa assim:

“Foi no tempo em que as árvores florescem, as folhas, matas e prados enverdecem, os pássaros cantam docemente seu latim pela manhã e todos os entes inflamam-se de júbilo. Então, na Gasta Floresta solitária, o filho da viúva levantou-se. Vivamente selou seu cavalo de caça, pegou tres dardos e saiu do solar materno. Dizia consigo mesmo que iria ver os gradadores que estavam semeando a aveia com doze bois e seis grades.

Penetra assim na floresta, e prontamente seu coração rejubila com o suave tempo que se expande e ao ouvir aquele canto de tantos pássaros em regozijo. Todas essas cousas lhe são doces. Na leveza do tempo sereno, liberta do freio o cavalo e deixa-o ir pastando pela relva fresca e verdejante.

Diverte-se em lançar seus dardos ao redor: para a frente, para trás, à direita, à esquerda, para cima, para baixo. E eis que ouvem chegarem cinco cavaleiros armados, com todas armas aparelhados. As armas dos que vinham faziam grande ruído, pois amiúde esbarravam nos ramos dos carvalhos e das bétulas. Todas as lorigas então fremiam. Lanças chocavam-se com escudos. Soava a madeira, soava o ferro de escudos e lorigas.

O rapaz ouve, mas não vê os que chegam a bom passo. Espanta-se, dizendo consigo: ‘Por minh’alma, minha mãe e senhora diz a verdade quando afirma que os diabos são as mais feias cousas do mundo, e ensina que eu faça o sinal da cruz para me proteger deles. Mas tal não farei! Realmente, não me persignarei! Não; o mais forte escolherei. Vou atingi-lo com meu dardo. Nenhum dos outros chegará perto!’ ”

Mas quando consegue avistar os cavaleiros com seus elmos claros reluzentes, as lanças e os escudos, as lorigas faiscantes, o ouro, o azul e a prata, o rapaz se lembra das palavras de sua mãe:

“– Ah, senhor Deus, perdão! São anjos que vejo aqui! Em verdade, sim, pequei ao pensar que fossem diabos! Minha mãe não me enganava ao dizer que os anjos são as mais belas cousas que existem, exceto Deus, mais belo que todos. Mas este aqui, que posso ver bem, é tão magnífico que seus acompanhantes são dez vezes menos belos! Como disse minha mãe, homem deve acima de tudo adorar, orar e honrar a Deus. Vou adorar este aqui e todos os anjos empós ⁶⁸ dele.”

E imediatamente o rapaz se penitencia recitando todas as orações ensinadas por sua mãe, até que o comandante dos cavaleiros o vê e dá ordens aos demais cavaleiros:

“Prontamente, deita por terra e recita de enfiada todas as orações que a mãe lhe ensinara. Então o senhor dos cavaleiros avista-o e diz aos companheiros:

– Parados! Ficai para trás! Esse rapaz caiu pelo medo que lhe causamos. Se fôssemos todos juntos até ele, ficaria tão apavorado que talvez morresse, e não poderia mais responder ao que desejo perguntar.”

O comandante galopa e se aproxima do rapaz saudando e tranquilizando:

“– Garoto, não tenhas medo!

– Pelo Salvador em que creio, não tenho medo! – diz o rapaz – Sois Deus?

- Claro que não!
- Então quem sois?
- Um cavaleiro.
- Cavaleiro? Não conheço ninguém assim chamado! Nunca vi um. Porém sois mais belo do que Deus. Gostaria de parecer convosco, assim todo brilhante e afeitado!”

A estória prossegue com o deslumbramento do jovem personagem identificado como sendo galês⁶⁹ e “filho da viúva”, ao se deparar com alguns cavaleiros na floresta que por ali passavam, pois tais, ele nunca havia visto antes. Estes, pedem informação para o jovem, que ao invés de dar pronta resposta, passa a fazer perguntas sobre perguntas, sobre tudo o que se descortinava diante dele: a lança, o escudo e a loriga daqueles homens.

Por último, o jovem fica sabendo que estes aparatos e a consagração de cavaleiro foram dados por um rei de nome Artur.

Após, o jovem dá a informação que os cavaleiros queriam e volta para casa decidido a ir encontrar o rei Artur, para que este o faça cavaleiro também.

Até então, sua mãe e os serviçais haviam mantido o jovem em ignorância sobre a existência da Cavalaria e de cavaleiros, pois temiam que o jovem ficasse tão deslumbrado que quisesse se tornar um, abandonando assim o solar materno e metendo-se em eventuais perigos. Mas as tentativas da mãe são em vão, porque o jovem a todo custo decide se tornar cavaleiro sem se importar com os medos maternos. Sua mãe assim agia por haver perdido o marido que também era um cavaleiro. Ela narra ao filho que:

“Jamais existiu cavaleiro de tão alto valor como vosso pai. E nenhum foi tão temido entre as ilhas do mar. Caro filho, podeis gabar-vos de não precisardes corar de sua linhagem nem da minha, pois sou nascida de cavaleiro, dos melhores desta região. Mas todos os melhores estão decaídos.”

E a mãe prossegue exaltando as qualidades do cavaleiro medieval:

“Em todos os lugares vemos desventura abater-se sobre os homens probos⁷⁰, mesmo aqueles que se mantêm em grande honra e bravura! Os maus, os covardes, os desonrados não caem, tão baixo estão! Mas os bons têm de ser abatidos! Vosso pai, se não sabeis, foi cruelmente ferido nas pernas durante um combate. Não teve mais forças para defender suas grandes terras, seu tesouro ganho por valentia. Tudo soçobrou, e foi triste pobreza.”

Através do personagem, Chrétien evidencia a perseguição dos *nobres cavaleiros medievais*:

“Quando morreu Uterpendragon, pai do bom rei Artur, os gentis-homens foram destruídos. Tomaram-lhes as terras. Toda a pobre gente fugiu como podia. Não sabendo aonde fugir, vosso pai fez-se conduzir em liteira para a Gasta Floresta, onde possuía este solar. Éreis então um bebê, ainda não desmamado, com apenas dois anos. Tínheis dois irmãos, dois belos jovens. Quando atingiram idade suficiente, a conselho do pai foram as cortes reais para ter armas e cavalos: o primogênito para a corte do rei de Escalalon, o outro para o rei Ban de Goneret. No mesmo dia os dois rapazes foram sagrados cavaleiros. Depois tomaram caminho para retornar ao solar e nos rever e trazer alegria a vosso pai e a mim. Mas aí, nunca chegaram. Foram ambos aniquilados. Em combate morreram ambos, o que me causou mui grande tristeza.”

E a mãe encerra sua narrativa buscando expressar ao filho todos os seus temores e tristezas e seu apego ao filho sobrevivente:

“Do luto pelos filhos morreu o pai, e desde sua morte tenho sofrido vida muito amarga. Éreis todo o meu reconforto e todo o meu bem, pois já não me restava nenhum dos meus. Deus nada mais deixou que me pudesse dar júbilo e alegria.”

O rapaz, no entanto, não dá muita atenção aos sofrimentos e preocupações de sua mãe. Porém diz:

“– Dai-me de comer. Não sei do que falais. Quanto a mim, de bom grado partirei para junto do rei que faz cavaleiros.”

Obviamente o rapaz não liga para a preocupada e cuidadosa mãe, e parte em busca de seu desejo de cavaleiro. Leva consigo, além de seu cavalo, um dardo e uma varinha para espreitar seu animal de montaria e alguns conselhos de vida e recomendações maternas, como ir a igreja ou ao mosteiro orar a Deus. Ao filho, que não sabia o que era igreja nem mosteiro, a mãe explica que é...

“...uma bela e santa casa cheia de relíquias e tesouros. Ali homem sacrifica o corpo de Jesus Cristo, o santo Profeta que os judeus tanto fizeram sofrer. Ele foi traído, julgado injustamente. Sofreu angústias mortais pelos homens e pelas mulheres (...).”

O filho então parte, levando as recomendações da mãe, mas quando se volta para vê-la pela última vez à distância, percebe que ela está caída como morta, próxima à ponte.

Sem se dar conta da gravidade da cena, ele...

“...fustiga com a varinha a garupa do cavalo e parte a galope (para impedir a si de retornar) em meio à grande floresta escura. Cavalga até declinar o dia. Dorme a noite no bosque até o alvorecer.”

Daí em diante, segue o jovem aventureiro pelos novos caminhos a sua frente. Conhece um mosteiro e por breves momentos uma damizela⁷¹, mas segue cavalgando pela trilha que lhe informaram e que prosseguia até o rei Artur, em Cardwell.

Lá chegando, fica defronte ao rei, e aqueles de sua comitiva olham para o rapaz que...

“...mostra olhos límpidos e risonhos. Quem o vê considera-o louco, mas também belo e nobre.

Diz o rei:

– Amigo, desmontai. Um valete cuidará de vosso cavalo. Prometo: daqui a pouco sereis cavaleiro, para minha honra e vosso proveito.”

Enquanto ainda estava nas proximidades do rei Artur, o jovem presenciou uma ofensa inesquecível feita a uma jovem donzela, por parte de um dos cavaleiros preferidos do rei, de nome Kai, quando ela riu e fez um comentário endereçado ao jovem galês. Na verdade, Kai a esbofeteia, lançando-a ao chão.

Depois de não se mostrar muito educado perante o rei, o jovem galês sai para um combate do lado de fora do castelo do rei Artur, contra um inimigo do rei, por causa dos seus pertences de cavaleiro que haviam deixado o jovem rapaz deslumbrado e também por causa da vontade do rei. Este inimigo era conhecido como “o Cavaleiro Vermelho” da floresta de Quinqueroi.

Trava-se uma furiosa luta então, e o jovem galês mata o Cavaleiro Vermelho com seu dardo. Em seguida se apropria dos pertences que queria: a lança do morto, o escudo, o elmo, a armadura vermelha, a loriga, as perneiras, a coifa e a espada.

Como veremos, somente mais adiante aparecerá o nome do jovem galês no poema, num “autoreconhecimento” inesperado.

Continuando, o jovem galês parte dali em busca de outras paragens. Mas antes de partir, ele envia uma mensagem ao rei Artur e à donzela maltratada, através de um serviçal do próprio rei que o havia acompanhado até ali, de nome Ivonet. Ele diz ao serviçal para saudar o rei, de sua parte, e dizer a donzela que...

“...dentro de meu poder e salvo se eu morrer, vou preparar a esse grosseirão tal cartada que ela se terá por vingada.”

Então ambos se separaram e partiram.

Ivonet diante do rei Artur e dos cavaleiros relata o ocorrido, e este desperta em Sire Kai muita raiva pelas palavras ditas pelo galês. Artur, no entanto, lhe direciona seu pesar:

“– Ah, Kai, que mal me fizeste hoje! Zombaste desse rapaz a quem bastava aprender melhor o uso do escudo e da lança para dar certamente um bom cavaleiro. Porém afastastes de mim esse que hoje me prestou tão grande serviço. Agora ele vai encontrar, em má hora, alguém que para ganhar seu cavalo irá combatê-lo. Ele é **ingênuo** e sem modos, mas atrai invejosos. Não saberá se defender bem e em breve será vencido, morto ou ferido.

Assim o rei lamenta o galês. Mas que fazer em tal remorso? Só lhe resta calar.”

[negrito nosso]

Enquanto isso, o rapaz galopou pela floresta até chegar a uma planície onde segue atravessando uma pradaria até um largo e profundo rio. Ali perto, numa colina, avistou um castelo aparentando ser muito rico, formoso e sólido:

“O rapaz cavalga rumo à ponte. Encontra ali um homem probo vestido com roupa púrpura, que perambulava esperando-o. Para manter a atitude, segurava uma varinha. Perto dele, dois valetes que não portavam manto.

O rapaz, que bem aprendera o que lhe haviam ensinado, saúda-o e diz:

– Sire, assim ensinou minha mãe.

– Deus te abençoe, caro irmão! – diz o homem probo, que o reconheceu **ingênuo e tolo**. – Dize-me: de onde vens?

– De onde? Da corte do rei Artur.

– Que fazias lá?

– O rei me tornou cavaleiro, Deus lhe dê boa aventura!

– Cavaleiro? Não pensei que nestes tempos ele cuidasse de Cavalaria, mas que tivesse outra cousa a fazer além de sagrar um cavaleiro. (...)

[negrito nosso]

Terminando o diálogo, o jovem apeia e decide se hospedar naquele lugar. Antes porém, o chamado “homem probo” toma o jovem como aluno e lhe ensina o uso das armas, lança e escudo, visto que o jovem só sabia manusear dardos. Ele também aprende, através da observação do mestre probo, como se portar em cima de um ginete.

Admirado com a habilidade do mestre, o jovem diz:

“Homem pode sempre aprender o que quer, desde que se empenhe. Todo ofício exige ânimo e esforço. Não há vergonha em não saber fazer o que não aprendeu nem viu algum outro praticar.

O galês monta por sua vez, prontamente portando lança e escudo com tanta destreza que parecia ter passado seus dias em guerras e torneios. Um verdadeiro frequentador de batalhas e aventuras! A cousa estava em sua natureza. Quando natureza e coração se juntam, nada mais é difícil.”

Após animado diálogo...

“...o anfitrião fala então:

– Vamos para o castelo! Sereis meu hóspede honrado.

Ambos partem lado a lado.”

Nisso, o rapaz pergunta ao anfitrião seu nome. Este lhe responde:

– “Mui caro amigo, meu nome é **Gornemant** de Gort.”

[negrito nosso]

Após boa refeição, Gornemant convida o rapaz a ficar mais tempo como seu hóspede, no que ele responde:

“– Sire, não sei se estou perto ou longe do solar de minha mãe, mas suplico a Deus que me conduza para junto dela, se a puder ver de novo, pois a divisei desfalecida ao pé da ponte quando a deixei. Não sei se ainda vive ou morreu. Porém sei bem que assim tombou pela dor de minha partida. Enquanto sentir essa inquietude, não poderei fazer longa permanência onde quer que seja. Partirei amanhã, ao despontar o dia.”

Logo de manhãzinha o rapaz levanta e se veste e...

“...o senhor curva-se e lhe calça a espora direita. Pois tal era o costume: quem fazia um cavaleiro devia calçar-lhe a espora direita. Chegam valetes trazendo as peças de armadura, afanando-se à porfia para armar o jovem. Mas é o senhor que lhe cinge a espada. Beija-o e diz:

– Com esta espada que ora entrego, **confiro-vos a Ordem mais alta que Deus criou no mundo. É a Ordem de Cavalaria**⁷², que não admite vilania.”

[negrito nosso]

E o rapaz é advertido pelo senhor sobre as condutas de um cavaleiro:

“Caro irmão, se tiverdes de combater lembrai que, quando vosso adversário vencido implorar mercê, deveis ser misericordioso e não o matar. Não faleis mui facilmente. Quem fala demasiado pronuncia palavras que se transformam em loucura. Quem fala demais faz pecado, diz o sábio. Peço também: se acontecer que encontreis em desgraça, por falta de socorro, homem ou mulher, órfão ou dama, prestai socorro, se possível. Agireis bem. E finalmente eis algo que não deve ser esquecido: ide amiúde ao mosteiro orar ao Criador de todas as cousas, que Ele tenha mercê de vossa alma e que neste mundo terreno vos guarde como seu cristão.

E o galês responde:

– Abençoem-vos todos os apóstolos de Roma, caro Sire que me ensinais como minha mãe.

(...) O senhor faz sobre ele o sinal da cruz, dizendo ainda:

– Pois que te agrada partir sem esperar, adeus!

O novo cavaleiro deixa seu anfitrião.”

O cavaleiro segue adiante com seu cavalo, ansioso por reencontrar a mãe. Espera reencontrá-la viva e com boa saúde. Mas no caminho se depara com uma região desolada próxima ao mar. Perto dali ele avista um castelo que lhe chama a atenção. Se dirige para lá para ver se consegue abrigo para a noite.

O lugar está em miséria, a cidade quase morta, é uma terra desolada.

As pessoas estão inquietas, e surge de repente uma damizela de grande beleza, graciosidade e elegância:

“Tão logo a vê, o cavaleiro saúda e ela retribui; (...) A damizela toma-o gentilmente pela mão e diz:

– Caro Sire, vosso pouso não será hoje o que conviria a um homem probo. Se ora vos contasse a que estamos reduzidos, poderíeis crer em maleza e me acusar de avareza para vos fazer partir. Porém vinde, suplico. Aceitai nossa hospitalidade como a podemos oferecer, e que Deus vos conceda um amanhã melhor!”

O jovem cavaleiro é conduzido pela damizela, chamada Brancaflor, a uma sala do palácio muito bonita e ampla, onde estão postados pequenos grupos de outros cavaleiros que ali permanecem silenciosos, com o olhar fixo no jovem Sire ao lado de sua

senhora. Este, ...

“...não diz palavra. Se ele nada diz é que recorda com exatidão o conselho do homem probo.
– Grande Deus – perguntam entre si –, ele é realmente mudo? Seria uma pena, pois jamais nasceu de mulher um cavaleiro tão bem feito. Como tem bela presença, ali, junto da senhora! Como ela está formosa ao seu lado! Se apenas ambos resolvessem não continuar assim calados! Em verdade são tão belos que Deus os parece ter feito um para o outro, tanto se combinam!
Assim os cavaleiros conversavam entre si. (...).”

O rapaz fica sabendo que Brancaflor é sobrinha de Gornemant de Gort, seu anterior anfitrião e mestre, que é elogiado ali como sendo nobre, rico e poderoso, além de bondoso.

Enfim se alimentam e se retiram, indo dormir...

A noite será de surpresas, visto que a linda damizela não consegue dormir, desejando procurar o rapaz e lhe confiar seu sofrimento. Assim faz, e de um impulso entra nos aposentos dele, permanecendo ajoelhada e chorando à beira de seu leito. Ele acorda, e, vendo-a naquele estado próxima dele, abraça-a afetosamente e lhe pergunta:

“– Bela, o que desejais? Por que viestes?
– Piedade, Sire cavaleiro! Por Deus e por seu Filho, suplico que não me julgueis mais vil porque vim tão pouco vestida, como vedes. Na loucura não pensei nisso um único instante. Não consigo mais suportar que não haja um só dia sem sofrimento. Tal é minha vida.”

Ela relata que dos 310 cavaleiros que guardavam o castelo anteriormente, restavam apenas 50. Isso se devia ao fato de os outros terem sido aprisionados por um certo “senescal⁷³” de nome Anguingueron que serve Clamadeu das Ilhas. Foram, na verdade, sitiados e obrigados a se manterem somente com os víveres que ainda possuíam. Diante dessa circunstância, amanhã se renderiam aos inimigos, se não obtivessem ajuda. A damizela, por isso, se tornará escrava de Clamadeu. Mas em vez disso, ela preferia morrer:

“Vou me matar. Ao vencedor não deixarei mais que meu cadáver. Não me importa o que acontecerá! Clamadeu que me quer só me terá sem alma e sem vida. Guardei comigo em um escrínio⁷⁴ um punhal de lâmina fina. Bem o saberei usar! Eis o que tinha a contar. Volto ao meu quarto e vos deixo repousar.
O jovem cavaleiro poderá em breve dar prova de sua valentia, caso queira.”

E continua a narração com o jovem consolando a damizela com palavras meigas e beijos, sem deixá-la mais partir de seu leito até o alvorecer.

Quando a damizela encontra novamente o jovem, agora “seu cavaleiro”, este lhe diz que irá procurar o inimigo e enfrentá-lo. Diz que se vencê-lo e matá-lo, a única recompensa que deseja é o amor da damizela. Mas esta, preocupada com o perigo que ele irá correr, discorda. O jovem, no entanto, se veste e se põe a caminho. Todos e todas o seguem em cortejo e chorando até a porta:

“Quando o veem fora das muralhas, bradam a uma só voz:
– Caro Sire, que a verdadeira Cruz⁷⁵ onde Deus permitiu os sofrimentos de seu Filho vos preserve hoje de morte e prisão! Que Ele vos conduza são e salvo ao lugar que desejais!
Assim oram no castelo (...).”
[negrito nosso]

O jovem e bravo cavaleiro segue adiante e encontra o inimigo, mas após vários diálogos infrutíferos, lança com coragem seu cavalo ao encontro do líder Anguingueron para a luta. Lanças em mira, cólera a flor da pele e cavalos em velocidade, ambos os cavaleiros correndo se embatem e um cai por terra. É o inimigo. Muito rápido o jovem salta de seu cavalo e continua a luta com espada em punho. Longa e furiosa batalha se trava, até que o inimigo pede piedade quando se vê derrotado.

Nisso, o vencedor hesita, recordando os conselhos do homem probo de ser misericordioso e não matar quem se arrepende e pede piedade.

Nesse ponto do poema, os diálogos giram em torno de várias exigências por parte do jovem vencedor ao vencido, mas que são rejeitadas.

Mas finalmente o vencido aceita a proposta a seguir:

“Iráis então para a prisão do rei Artur. Saudarás o rei e lhe dirás de minha parte que mande procurarem na corte a donzela que o senescal Kai esbofeteou porque riu ao me ver. Eis a quem te renderás. Dize-lhe que peço a Deus não morrer antes de a ter vingado.”

Anguingueron promete-lhe que agirá segundo esta ordem, partindo dali com seu estandarte e cerco. Todos se vão e o cavaleiro vencedor retorna ao castelo. Lá chegando, todos vão em júbilo ao seu encontro, e após descê-lo do cavalo, o poupam de carregar as armas. A jovem donzela também jubilante trata de levá-lo aos seus aposentos para que tenha conforto e repouso. Carícias e beijos também fazem parte do júbilo e nada mais lhes apraz do que isso.

“Entrementes, Sire Clamadeu das Ilhas julga-se em dia de glória. Acorre, acreditando já ver o castelo rendido à sua mercê e a damizela em seu poder.”

Mas Sire Clamadeu ficou sabendo que seu bravo senescal se rendeu e rumou para a prisão do rei Artur. Fica fora de si com a notícia e procura outra solução para conquistar o castelo antes sitiado.

Depois de ouvir vários conselhos, vai ao encontro de guerra e batalha, muito mais fortemente preparado e armado do que antes, e ainda com a esperança de vencer aqueles que estariam fracos, pois passaram fome, desnutrição e cansaço, por conta do cerco anterior. Após vários episódios de confrontos e tentativas vãs, restava a Clamadeu fazer um último ataque, que decide realizá-lo no dia seguinte.

Nesse mesmo dia no entanto, um navio chega à costa impelido por fortes ventos e para na cidadela do castelo, fazendo toda gente correr ao seu encontro jubilante.

“– Somos mercadores que trazemos provisões para vender: temos pão, vinho e toucinho, bois e porcos bons para o abate.
– Bendito seja Deus que deu força ao vento para vos impelir até aqui! Sede mui bem-vindos. Desembarcai tudo! Tudo está vendido, não importa o preço pedido. Tomareis o que for devido.”

Assim brada aquela gente sofrida.
Bom negócio é feito e muitas provisões chegam às pessoas. Logo, nas cozinhas, começa o preparo de fugaz refeição, tomada depois por todos. Os inimigos não poderão mais vencer este castelo pela fome.

No entanto, o inimigo, sem se dar por vencido, ainda lançou um último golpe: manda uma mensagem ao castelo, desafiando o jovem cavaleiro invicto para um combate ao meio-dia na planície.

O jovem cavaleiro, apesar da advertência e do temor por parte da sua donzela, toma sua decisão e aceita o desafio, partindo para o novo combate.

A longa luta que se travará, o nosso poeta a narrará em muitas linhas até a vitória do jovem galês. Depois ele escreve:
“Clamadeu tem de pedir mercê. Como fizera Anguingueron, acata as condições do vencedor.”

Ou seja, o perdedor deverá seguir os mesmos caminhos de Anguingueron até Artur, e ainda prometer libertar todos os prisioneiros feitos anteriormente, rechaçar qualquer exército que ameaçar o castelo e nunca mais causar contratempo à sua querida damizela.

“Assim Clamadeu retorna à sua terra e liberta todos os prisioneiros, que levavam triste vida nas mais sombrias masmorras. Quanta alegria no salão principal e em todos os alojamentos dos cavaleiros! Repicam em júbilo os sinos dos mosteiros e capelas. Não há monge nem freira que não renda graças ao Senhor.”

Clamadeu agora segue pelo caminho que leva até Disnadaron em Gales, onde o rei Artur e sua corte se encontravam reunidos. Chegando lá, seu antigo vassalo Anguingueron, que lá se encontrava também, bradou ao ver Clamadeu se aproximando:

“– Senhores! Senhores! Que espantosa aventura! Crede em mim: o Cavaleiro da Armadura Vermelha é quem envia esse cavaleiro que chega! Sim, pelo sangue que nele vejo, sei que foi vencido. Conheço-o bem, pois é meu senhor por direito e sou seu vassalo. Tem por nome Clamadeu das Ilhas. Sempre pensei que nenhum cavaleiro o igualasse em todo o império de Roma. Porém os melhores nem sempre são os mais felizes!
Assim fala Anguingueron, que ocorre para seu senhor.
Era então Pentecostes. A rainha tinha assento perto do rei, no lugar de honra da grande mesa. Após ouvir missa no mosteiro, damas e cavaleiros estavam reunidos com duques, condes, reis, rainhas e condessas.”

Depois, encontrando-se diante de Artur, Clamadeu declara:

“– Que Deus salve e abençoe o melhor dos reis, o mais nobre e generoso! – diz ele – Seus altos feitos são por toda parte conhecidos e atestados. Caro Sire, escutai, tenho mensagem a transmitir. Embora me pese, devo dizer a verdade: fui enviado por um cavaleiro que me venceu e determinou que me entregasse ao vosso poder. Se perguntarem seu nome, não saberei dizer. Porém será fácil de reconhecer,

pelos sinais que vou descrever: tem armas vermelhas e diz que as recebeu de vós.

– Amigo, que Deus te ajude! Dize-me se esse cavaleiro é bem-disposto, benevolente e vigoroso?

– Sim, caro Sire, podeis crer, é o mais valente cavaleiro com quem já tive afazer. Recomendou-me procurar a donzela que riu (e recebeu, para vergonha, uma bofetada de vosso senescal) e dizer que a vingará, se Deus permitir.”

Clamadeu também encontra a donzela ultrajada e lhe transmite a mensagem que trazia do cavaleiro que o derrotou.

Clamadeu e Anguingueron permanecem na corte de Artur e são admitidos como conselheiros.

“Durante esse tempo, o cavaleiro que salvara o castelo e a bela Brancaflor, sua amiga, vive junto dela bem à vontade e nos prazeres. Toda a cousa seria sua sem disputa. Porém os pensamentos do galês estão longe. Fica lembrando a mãe, que torna a ver desfalecida. Seu único desejo é ir revê-la. Não ousa pedir licença para partir à amiga, que aliás não consente e recomenda a toda a gente rogar que permaneça. Mas são vãs súplicas, exceto por uma promessa que ele faz: se encontrar a mãe com vida, vai trazê-la consigo e passará a governar a terra. Se a mãe estiver morta, retornará da mesma forma.

E parte, deixando a amiga entregue à dor e despeito. Todos estão mui tristes.”

Depois, o Cavaleiro Vermelho segue então outro caminho por todo o dia, mas sem saber que rumo tomar. Desesperado, ...

“...reza sem cessar a Deus, o Pai Soberano, pedindo-lhe a graça de encontrar a mãe com vida e saúde.”

Adiante, chega a um rio de águas rápidas e profundas que o faz parar. Vai pela margem à procura de uma ponte ou passagem, até avistar uma barca com dois homens que se aproximava. Eles ancoram e o jovem cavaleiro vê que...

“...o homem à proa pesca com linha, espetando no anzol a isca de um peixinho não maior que carpa miúda.”

O jovem cavaleiro se pôs a falar com eles, e soube que não havia como cruzar o rio com o cavalo. O rapaz, no entanto, é convidado como hóspede para a noite que se aproxima, pelo pescador, que lhe orienta:

“– Subi por aquela brecha que cede lá na rocha. Chegando ao topo, avistareis um valezinho e uma casa onde habito, perto do rio e dos bosques.”

O jovem cavaleiro cavalga para lá e avista uma torre que o deslumbra. Chrétien comenta:

“Daqui até Beirute, homem não encontraria torre tão bem assentada!”

À entrada da torre, quatro valetes vem ao encontro do rapaz. Um conduz o cavalo para receber cuidados, dois retiram-lhe a armadura e o último lhe oferece um manto novo. Após isso, ele é conduzido para as galerias onde Chrétien também comenta:

“Daqui até Umbria, homem não encontraria tão belas galerias.”

Das galerias, dois serviçais vem buscar o rapaz para levá-lo até uma vasta sala quadrada. Ali se encontra sentado o Rei-Pescador, de cabelos quase brancos, vestido de túnica e capuz negros. Ele pergunta ao hóspede:

“– Amigo, de onde vindes hoje?

– Sire, esta manhã deixei um castelo de nome Bom Refúgio.

– Deus me guarde! Tiveste longa jornada! (...)”

Enquanto conversavam, um valete entra e oferece ao seu senhor uma espada que trazia pendurada no pescoço. O seu senhor, ...

“...a puxa um pouco da bainha e vê claramente onde foi forjada, pois está escrito. É de aço tão duro que em caso nenhum quebra, exceto um único, sabido apenas por quem a havia forjado e temperado. Diz o valete que a trouxera:

– Sire, a loura donzela, vossa sobrinha a bela, vos faz presente esta espada. Jamais segurastes arma tão leve para seu tamanho. Pode ser dada a quem quiserdes, porém minha senhora ficaria contente se a pusésseis em mãos de alguém hábil no jogo das armas. Quem a forjou fez apenas tres. Como está morto, nunca mais poderá forjar outra.”

O Rei-Pescador entrega a bela espada ao jovem hóspede. O punho da espada era de ouro da Arábia ou da Grécia, a bainha de sabastro⁷⁶ de Veneza. O senhor apresenta-lhe a preciosa peça como um tesouro e diz:

“– Caro Sire, esta espada foi feita para vós e quero que assim seja. Peço-vos para a cingir e desembainhar⁷⁷.

Assim faz o jovem, agradecendo (...).

Enquanto falam de cousas e lousas, veio de um aposento um valete que segurava **Lança brilhante**, empunhada pelo meio. Passou ao largo

do fogo e dos que estavam sentados. Uma gota de sangue vertia da ponta de ferro da Lança: e até a mão do valete deslizava essa gota rubra⁷⁸. O jovem hóspede vê a maravilha e se refreia para não perguntar o que significa. É que recorda as palavras de seu mestre de Cavalaria. Não ensinou ele que homem jamais deve falar demais? Fazer pergunta é vilania. Assim, não diz palavra. Chegam então dois valetes segurando na mão candelabros de fino ouro nigelado. Mui belos homens eram os valetes que portavam os candelabros. Em cada candelabro ardiam dez velas pelo menos. Uma damizela mui bela e esbelta e bem trajada vinha com os valetes, trazendo **nas mãos uma Taça**⁷⁹. Ao entrar na sala, tão grande luz emanou **desse Graal** que as velas perderam a claridade, como as estrelas quando desponta sol ou lua. Atrás vinha outra donzela, portando um prato de prata. O **Graal** que ia à frente era feito do ouro mais puro. Tinha pedras engastadas, pedras de muitas espécies, das mais ricas e preciosas que existem no mar ou em terra. Nenhuma poderia ser comparada às que recamavam o **Graal**. Assim como havia passado a **Lança**, as pedras passaram diante dele. Foram de um aposento para outro. O jovem os ouviu passar, mas não ousou perguntar a quem apresentavam esse **Graal** no outro aposento, pois tinha ainda na mente as palavras do homem sábio, seu mestre de Cavalaria. Temo que as cousas desandem, pois aconteceu-me ouvir que calar demasiado nem sempre é melhor que falar demasiado. Assim, quer isso traga astres ou desastres, o hóspede não faz uma só pergunta.”

[negritos nossos, pp. 65-66]

A uma ordem do senhor, é posta uma farta e gostosa mesa para a refeição de ambos. Mesa digna de reis e imperadores.

“Então mais uma vez o **Graal** passa perante os dois convivas; porém o jovem não pergunta quem é servido com ele. Continua a lembrar do homem probo incitando-o a não falar demasiado. Contudo, cala mais do que deveria. A cada prato servido, via o **Graal** passar novamente à sua frente, todo descoberto. Mas não sabe a quem o servem. Não tem o menor desejo de saber. No dia seguinte pela manhã, quando deixar o senhor e toda a sua gente, será tempo de perguntar a um dos valetes da corte.

(...) Finalmente diz o homem probo:

– Amigo, é a hora do deitar. Se permitis, vou retornar a meus aposentos. Ai de mim, não tenho o menor poder sobre este corpo! É preciso que me carreguem.

Entram então quatro servidores mui robustos que pegam pelas pontas o edredom onde o senhor está deitado e o levam para seu quarto.”

[negritos nossos, p. 67]

O jovem cavaleiro também vai dormir no aposento que lhe destinam.

No dia seguinte, fato estranho, não encontra ninguém por perto. Portas fechadas e sala vazia. Bate em portas mas ninguém responde. Como num passe de mágica, todos sumiram. Do lado de fora, o jovem cavaleiro encontra seu cavalo selado e sua lança e escudo perto:

“Monta e vai por toda parte, procurando, mas a ninguém encontra: nem serviçais nem escudeiro ou valete. A ponte levadiça está baixada para o campo.”

Deseja ir rumo à floresta do outro lado da ponte, pois pensa em encontrar algum serviçal por lá:

“Irá então para aquele lado e talvez encontre alguns deles que diga aonde levam esse **Graal** e por que a **Lança sangra**. Passa a ponte pensando assim; (...).”

[negritos nossos]

Após, ...

“...vê que levantaram a ponte, sem que ninguém estivesse à vista. Chama, porém sem resposta. Brada:

– Dize, tu que levantaste a ponte, responde! Onde te escondes? Aparece, pois tenho algo a dizer!

Vás palavras! Ninguém lhe responderá.

Vai então pela floresta. Em uma senda, encontra marcas recentes de cavalos que passaram.”

Seguindo em frente, encontra uma donzela chorando em desespero, sob um carvalho.

Ela passou a gritar:

“– Ai de mim, como sou infeliz! Malditas horas em que nasci e fui gerada! Prouvera a Deus que jamais tivesse de segurar no colo meu amigo morto! Por que sua morte e não a minha? (...).”

Sem encontrar conforto, a donzela se mantinha chorando, lembrando o amor de sua vida, que se encontrava ali deitado no seu colo, com um corte na cabeça. O jovem cavaleiro a saúda e lhe pergunta quem foi que matou aquele homem. Ela lhe responde que foi um cavaleiro. Em seguida, o jovem lhe diz que está vindo da mais bela morada que já esteve na vida. A donzela lhe responde:

“– Ah, senhor, então dormistes no castelo do rico Rei-Pescador?

– Damizela, pelo Salvador, ignoro se ele é rei ou pescador, mas é mui sábio e cortês. Mais não sei dizer (...).”

A donzela conhecia este que era chamado de “Rei-Pescador”, por isso, esclarece o rapaz:

“– Caro Sire, sabe que ele é rei, mas em batalha foi ferido e tão tristemente estropiado que perdeu o uso das pernas. Dizem que um golpe de dardo nos quadris fez tal ferimento, e que nunca cessou seu sofrimento. Sofre ainda hoje, e não pode montar cavalo. Então, quando quer distração, manda que o transportem em uma barca. Deixa-se levar pela água, pescando com anzol, e por isso é chamado Rei-Pescador (...).”

O jovem passa a relatar fatos de sua estada agradável no castelo deste rei, inclusive que pôde sentar-se ao lado dele. A donzela então, inicia um diálogo com o jovem cavaleiro:

“– Vistes a **Lança** cujo punho sangra sem ter porém sangue nem veia?

– Se a vi? Sim, por minha fé.

– E perguntastes por que sangra?

– Jamais falei de tal!

– Deus me ajude! Ficai sabendo que agiste mui mal. E viste o **Graal**?

– Vi-o bem.

– Quem o portava?

– Uma donzela.

– De onde veio ela?

– De um aposento. E foi para outro aposento.

– Ninguém caminhava à frente do **Graal**?

– Oh, sim!

– Quem?

– Dois valetes, mais ninguém.

– E que traziam nas mãos?

– Castiçais guarnecidos de velas.

– E atrás do **Graal**, quem vinha?

– Outra donzela.

– Que portava ela?

– Um pratinho de prata.

– Perguntastes a essa gente para onde iam assim?

– Nem uma palavra saiu de minha boca.

– Deus me ajude! É pior ainda! Que nome tendes, amigo?

E ele, que não sabia o próprio nome, subitamente soube, e respondeu que era **PERCEVAL O GALÊS**. Mas ignora se diz verdade ou não. Disse a verdade, porém não sabia. Após ouvir, a damizela ergueu-se de chofre perante ele, falando muito encolerizada:

– Então vosso nome está mudado, amigo!

– Como?

– Para ‘Perceval o Mísero’. Ah, infeliz Perceval, conhecestes má ventura ao não perguntar jamais algo que teria feito bem a esse bom **rei ferido! Prontamente ele teria recuperado o uso dos membros, mais a terra**. Tão grande bem teria advindo! Porém fica sabendo que desventura virá, a ti e a outrem, por esse pecado, fica sabendo bem! Assim já ocorreu com tua mãe, pois morreu de dor por ti⁸⁰. Conheço-te melhor do que tu mesmo, que não sabes quem sou. No entanto, longo tempo fui criada contigo, em casa de tua mãe. Sou tua prima-irmã e és meu primo-irmão. Porém essa desventura que te adveio, de não ter sabido o que fazem do **Graal** e a quem o levam, não me pesa menos que ter visto morta tua mãe, e morto também este cavaleiro a quem amava tão vivamente, e que me amava como sua amiga querida.”

[negritos nossos]

O jovem, que agora passaremos a chamar pelo nome (Perceval), ficou transtornado diante de tantas descobertas e decide mudar de rumo. Em vez de seguir para a casa da mãe, quer seguir outro caminho, mas antes convida a prima a acompanhá-lo, prometendo seguir no encalço do cavaleiro que matou seu amado, para vingá-lo. Ela, no entanto, recusou a acompanhá-lo porque pretendia enterrar o morto. Ainda antes de Perceval partir, a sua prima lhe diz para não usar aquela espada que ele ganhou recentemente, pois conhecia a sua história e sabia que ela voaria em pedaços quando usada. Apavorado com esta notícia, Perceval vai embora, deixando a damizela sozinha, mergulhada em sua dor.

Pela trilha que seguiu, Perceval vivencia aventura e batalha. Vence outro cavaleiro que o ataca, e, ao pedir este, misericórdia, Perceval também o envia à corte do rei Artur como fizera com os outros anteriormente e com as mesmas recomendações.

O rei Artur, em uma conversa com seu sobrinho Galvão, muito se admirou das peripécias e atitudes do jovem Perceval. Por isso o rei jurou procurá-lo a qualquer custo, pois queria revê-lo e saber se estava vivo ou morto:

“Tão logo o rei assim jurou, todos souberam que teriam de se pôr a caminho sem tardança.”

Após todas as providências necessárias, partiu então o rei Artur de Carlion, juntamente com sua comitiva e a rainha. Chegando a seu destino, Artur e os seus montaram acampamento.

A certo ponto, um cavaleiro foi avistado nas proximidades de onde o rei Artur se encontrava acampado com os seus. Para saber do que se tratava, o rei envia Kai para recepcioná-lo. Este último, ao reconhecer que aquele cavaleiro é Perceval, parte para cima dele em voraz luta. Perceval, novamente vence um combate, fazendo o outro retornar de onde veio, com o braço direito destroçado e a clavícula deslocada. Agora, a donzela que o senescal esbofeteou estava vingada. O rei Artur no entanto, envia seu sobrinho Galvão para trazer aquele cavaleiro vencedor até ele.

Galvão, frente a frente com Perceval, convida-o cortesmente para acompanhá-lo até o rei Artur. Agora jubilosos, os dois cavalgam para o acampamento do rei. Chegando lá, Galvão leva Perceval até sua tenda, para que se troque e se arrume antes de se encontrar com Arthur. Feito isso, ambos se dirigem até ele como dois ótimos amigos. Ansiosamente o rei aguardava ver aquele jovem cavaleiro de outrora.

Quando ambos chegam, o rei se dirige a Galvão:

“– Caro sobrinho, muito vos agradeço!

E para Perceval:

– Caro Sire, sede bem-vindo aqui! Ensinaí por qual nome vos devo chamar.

Responde Perceval:

– Por minha fé, querido Sire rei, **meu nome não esconderei: é Perceval o Galês.**

– Ah, Perceval, mui caro amigo – responde o rei –, pois que ora estais em minha corte, afirmo: se depender apenas de mim, não a deixarei! Grande tristeza tive antes, na primeira vez que vos vi, de não haver adivinhado então, as façanhas que Deus reservava para vosso braço. Todos os ouvidos da corte as ouviram contar. Fiquei sabendo de todos os vossos feitos.”

[negrito nosso]

Perceval também cumprimentou a rainha e a donzela que rira. Todos estavam felizes. Então, fazem uma grande festa por vários dias.

Depois, aparece na corte uma donzela montada sobre uma mula, uma espécie de vidente de mau-agouro e tão feia que Chrétien conta:

“Homem jamais viu ser tão feio, mesmo no inferno!”

Ela saúda o rei e todos os barões, exceto Perceval. Mas aproxima-se dele, e sem desmontar, lhe diz:

“– Ah, Perceval, fortuna tem cabelos na frente, mas por trás é calva! Maldito seja quem te saudar ou te desejar algum bem! Não soubeste agarrar a fortuna quando passou perto de ti! Estiveste em casa do Rei-Pescador e viste a **Lança que Sangra**. Seria tão custoso abrires a boca, emitires um som, tanto que não pudeste perguntar a razão da gota de sangue que corre na ponta da Lança? Viste o **Graal**, mas a ninguém perguntaste quem era o rico homem servido com ele. É digno de pena quem vê tempo tão belo, tão claro, tão favorável e espera céu ainda mais belo! É de ti que falo. Foi esse teu caso. Era tempo e lugar de falar. Quedaste mudo. Não te faltou azo⁸¹. Teu silêncio nos foi nefasto. Era mister fazer a pergunta. O Rei-Pescador de triste vida ficaria curado de sua ferida; possuiria em paz sua terra, da qual não mais terá sequer um retalho. Sabes o que acontecerá? As mulheres perderão os maridos, as terras serão devastadas, as donzelas sem socorro não poderão mais que ser órfãs e muito cavaleiro morrerá. Todos esses males virão de ti.”

[negritos nossos, p. 86]

Segundo a mulher, o Graal os salvaria de sofrimento e devastação, se Perceval tivesse dado a atenção devida. Depois destas revelações, essa feia mulher se voltou para o rei Artur e se despediu, dizendo que iria para bem longe dali. Antes porém, ainda lhe noticia que num castelo longínquo se encontra um damizela sitiada aguardando por liberdade:

“– Quem levantar o cerco e libertar a damizela conquistará honra suprema. E ainda mais: o cavaleiro a quem Deus conceder a vitória poderá sem temor cingir a espada que possui estranhos adornos.”

Esta notícia desencadeia estranhos sentimentos nos cavaleiros ali presentes. A donzela feia parte sem mais demora, deixando atrás de si cavaleiros inquietos. Estes, sem perda de tempo, se levantam e manifestam perante o rei o seu desejo em ir libertar o mais rápido possível a damizela em perigo.

Sire Galvão é o primeiro a se manifestar, ele, o sobrinho do grande Artur. Depois, os cavaleiros Gifles e Kahedin. Seguindo

as pistas que a mulher feia deixou em seu relato, eles decidem partir atrás das aventuras que os aguardavam.

Perceval, no entanto, toma decisão diferente. Diz que não descansará nem poupará esforços enquanto não souber finalmente, ...

“...qual homem que se alimenta do **Graal**, o que é aquela **Lança que Sangra** e por que sangra.”
[negritos nossos]

Assim se iniciará a **procura de Perceval pelo Graal**⁸², ou melhor, se iniciaria, pois o autor Chrétien interrompe a narração sobre Perceval e o Graal, e passa a narrar a estória do cavaleiro Galvão ali presente.

Chrétien narra que Galvão é alvo de ataques e de traição, e que ele é chamado para um combate por parte de um tal de Guingambresil, a quem o rei Artur já conhecia. Guingambresil desafia Galvão diante do rei a confessar sua culpa por certas acusações que faz, num prazo de quarenta dias.

Galvão decidido a se defender, parte dali para provar a sua inocência, levando consigo um escudeiro e sete corcéis. Na corte, lamentam-no amargamente. São muitos a chorar sua partida e...

“E Sire Galvão parte. Agora vos contarei suas aventuras”, intercala Chrétien de Troyes.

No caminho que Galvão encetou, ele encontra uma tropa de cavaleiros, e por último, um escudeiro solitário conduzindo pela rédea um cavalo de Espanha. Inquirido por Galvão aonde ia aquela tropa, o escudeiro explica que estavam indo a um torneio de ajuste de contas por causa da mão de uma donzela. Galvão de um modo inesperado se envolve também neste torneio em Tintagel e depois em outros, vencendo todos. Ganhou por isso muitos cavalos e a gratidão de muitas donzelas.

Depois, ele segue adiante e chega em outra cidade. Lá, há um clima bem animado e as pessoas aparentam estar felizes. Galvão descobre que esta é a cidade de seu destino, onde devia provar sua inocência contra Guingambresil. É nesse lugar que ele também conhece a donzela que se torna seu grande amor. E, num momento de perigo, é desta donzela que Galvão ganha uma espada de presente, para se defender. Ela é conhecida como “a melhor espada do mundo”! Corta tanto madeira como ferro, e se chama “Excalibur”! Assim narra o poeta Chrétien. Entretanto, não foi necessário usar a Excalibur. O rei deste reino achou melhor adiar a batalha entre Galvão e Guingambresil por um ano, com a condição de que Galvão conquistasse e trouxesse para ele a Lança que Sangra:

“Que Sire Galvão vá embora, desde que faça juramento de nos entregar daqui a um ano a **Lança** cuja ponta chora o bom sangue claro que verte. Pois está escrito que advirá de todo o reino de Nogres ser destruído por essa **Lança**.”
[negritos nossos]

Sobre um relicário valioso que apresentam a Galvão, ele faz então um juramento, onde promete encontrar a Lança mágica usando todo o seu empenho.

Após esse episódio, Galvão pediu licença à sua damizela para partir para aquela missão e se vai dali.

Após, ...

“...o conto se cala sobre Sire Galvão e volta a falar de Perceval⁸³.”

No entanto, vários episódios fizeram parte desta odisseia de Galvão, aqui resumida nestas poucas linhas.

Retoma o poeta:

“Diz a história que Perceval tanto perdeu a memória de Deus que nem se lembra mais Dele.
Abril e maio passam cinco vezes, o que faz cinco anos inteiros, sem que ele entre em mosteiro, sem adorar Deus no madeiro.
Assim Perceval passou cinco anos, mas nem por isso deixou de correr cavalaria. Procurava as piores aventuras, as mais cruéis e mais duras; e, se é verdade que as encontrou, fez belas proezas. Nenhuma empreendeu que não a concluísse a seu agrado. Durante esses cinco anos, ao rei Artur enviou prisioneiros sessenta renomados cavaleiros.
Assim passou Perceval os cinco anos, sem uma só lembrança de Deus. Mas, ao cabo de cinco anos, quando ia por um deserto, caminhando como de hábito, guarnecido de todas as armas, encontrou tres cavaleiros escoltando seis damas. Todos estavam cobertos com capuzes, mas iam a pé, descalços e em camisões de crina.
As damas ficaram espantadas de o ver a cavalo e em armas, enquanto elas próprias e os companheiros andavam a pé, fazendo penitência de seus pecados.
Um dos tres cavaleiros detém Perceval e diz:
– Mui querido amigo, então não acreditaís em Jesus Cristo, que escreveu a nova lei para dar aos cristãos? Não é bom nem razoável armar-se no dia em que Jesus Cristo foi morto! Agis mal!
E aquele que não tinha a menor ideia do dia, da hora nem do tempo, tão vazio estava seu coração, responde:

– Mas em que dia estamos?

– Que dia? Não sabeis? É Sexta-Feira sagrada, quando homem deve chorar seus pecados e adorar a cruz; pois neste mesmo dia foi vendido por trinta dinheiros e crucificado Aquele que era puro de pecado. Ele viu os pecados que travam e sujam o mundo, e por isso se fez homem. É verdade que ele foi Deus e homem, que a Virgem deu à luz um filho concebido pelo Espírito Santo. Deus recebeu nosso sangue e nossa carne. Sua divindade foi recoberta de carne de homem. Quem assim não O procurar jamais O verá de face. Ele nasceu da Senhora Virgem, e tomou a forma e a alma de um homem, com Sua santa divindade. E neste dia, é verdade, foi posto na cruz e tirou Seus amigos do Inferno. Foi morte mui santa, que salvou os vivos e os mortos, fazendo-os passar da morte para a vida. Os maus judeus, em seu ódio (deveriam ser mortos como cachorros), fizeram o mal deles e o bem nosso quando O puseram na cruz. Perderam-se e nos salvaram⁸⁴. No dia de hoje, todos os que creem em Deus devem fazer penitência, e nenhum cristão deveria portar armas pelos campos nem pelos caminhos.

– De onde vindes agora? – perguntou Perceval.

– Sire, viemos de bem perto daqui, de onde habita um santo eremita, nessa floresta em que ele só vive para a glória de Deus, tão santo é.

– E lá, senhores, que fizestes? Que queríeis? Que procuráveis?

– O que, senhor? – diz uma das damas. – Pedimos conselho sobre nossos pecados e nos confessamos, praticando assim a mais útil ação que cristão pode fazer para junto de Deus ir viver.

Ao ouvir isso, Perceval chorou e quis ir falar com o homem probo.(...)”

Continua Chrétien:

“Tão logo entra na capela, Perceval põe-se de joelhos. Vendo-o tão humilde, o santo homem chama-o junto de si. Ele chorava tanto que as lágrimas lhe corriam até o queixo. Sentia-se tão culpado para com Deus que se prosternou aos pés do eremita e de mãos juntas suplicou que o aconselhasse, pois tinha grande precisão.

O santo homem diz-lhe para se confessar, pois não teria perdão se não confessasse e lamentasse suas faltas.

– Sire – diz Perceval –, nos cinco últimos anos, onde quer que estivesse, fazendo o que fosse, esqueci Deus e minha fé e nada pratiquei além do mal.

– Eh, caro amigo! – diz o homem probo. – Dize-me por que agiste assim e suplica a Deus que tenha compaixão de tua alma pecadora.

– Sire, um dia estive em casa do Rei-Pescador, e vi a **Lança** cujo ferro sangra sem nunca cessar, e nada procurei saber sobre aquela gota de sangue que verte da ponta de aço. Em seguida não fiz melhor: o **Santo Vaso**⁸⁵ que vi, não sei quem dele se serviu. Desde então, fiquei tão humilhado que desejei morrer, esquecendo Deus. Não pedi perdão e, que saiba, nada fiz para ser perdoado.

– Eh, meu amigo – diz o eremita –, conta-me teu nome!

E ele responde:

– Perceval, caro Sire.

Ante esse nome o homem probo suspira, pois o reconheceu. E diz:

– Irmão, o que te prejudicou é um pecado que ignoras. É a dor que fizeste a tua mãe no momento em que a deixaste. Ela tombou por terra desfalecida, na entrada da ponte, ante sua porta, e foi assim que morreu. Por esse pecado que fizeste é que nada perguntaste da **Lança** nem do **Graal**. Aconteceram-te muitas desventuras, e terias sido aniquilado se ela não tivesse rogado por ti. Mas sua prece teve tal força que por ela Deus te guardou de prisão e de morte. Quando o ferro que ninguém enxuga sangrou diante de teus olhos, teu pecado congelou-te a língua. Tua razão não despertou, e por tua loucura não pudeste saber quem faz uso do **Graal**. O homem que é servido nele é meu irmão; já minha irmã foi tua mãe. E fica sabendo que o Rei-Pescador é filho do rei que se alimenta do **Santo Graal**. Entretanto, não creio que encontre nele lampreia nem lúcio nem salmão, mas somente a **hóstia** que lhe trazem nesse **Graal**. **Essa hóstia é tão santa que sustenta e conforta sua vida, e ele próprio é tão santo que nada o faz viver exceto essa hóstia no Santo Graal**. Há doze anos que vive assim, que não sai de seus aposentos onde viste entrar o **Graal**. Agora te darei penitência por teu pecado.

– Caro tio, assim o quero, diz Perceval de todo o coração. Se minha mãe foi vossa irmã, chamai-me sobrinho e vos chamarei meu tio, para melhor vos amar.

– É verdade, caro sobrinho, mas ouve: se tens piedade de tua alma, se teu arrependimento é verdadeiro, para tua penitência irás à igreja todas as manhãs e antes de qualquer outra cousa. Não esqueças por razão alguma; ganharás com isso. Se onde estiveres houver um mosteiro, uma capela, uma paróquia, vai para lá assim que o sino soar, ou melhor, tão logo despertes. Nunca te arrependerás disso, e tua alma ficará mais forte. (...)”

[negritos nossos]

Perceval ainda recebeu mais conselhos do eremita, seu tio, e permaneceu mais dois dias com ele, além de ter aprendido a orar e a adorar a cruz. Encontrou assim, a paz que necessitava.

No trecho anterior, em negrito, constata-se também que o Graal, por conter dentro a hóstia, torna-se santo, “o **Santo Graal**⁸⁶”.

Tres fatos esclarecedores são observados até aqui, sobre a importância e a composição do Graal no tema de Chrétien de Troyes:

1. Primeiro, além do próprio Rei-Pescador, o pai dele, devido a uma enfermidade, sobrevive alimentando-se da hóstia do Graal, único alimento que o mantém vivo (Chrétien não dá um nome ao ancião no poema).

2. Segundo: o Rei-Pescador aleijado se curaria de sua ferida na perna se Perceval tivesse lhe perguntado sobre o Graal e a Lança. Sua redenção estava nas mãos de Perceval, bastando que ele tivesse tido misericórdia (compaixão) pelo Rei-Pescador a ponto de se interessar pelo seu sofrimento e feito a pergunta que o salvaria (e com isso o seu reino), através dos poderes miraculosos do Graal e da Santa Lança que Sangra, que então entrariam em ação.

3. Chrétien denomina o Graal tanto de *taça*, num lugar da Obra, quanto de *vaso* em outra. Isso porque quem fez a tradução do francês, não manteve a homogeneidade na tradução. No entanto, devido à origem da palavra “Graal”, a melhor tradução desta, originalmente, é “vaso” ou “bandeja”. Como explicamos, somente mais tarde seriam compostos outros poemas onde Graal seria uma taça ou um cálice, conforme o desejo dos próximos poetas. Podemos ver no poema de Chrétien:

3a) “Uma damizela mui bela e esbelta e bem trajada vinha com os valetes, trazendo nas mãos uma **taça**. Ao entrar na sala, tão grande luz emanou desse **Graal**...”

3b) “Então mais uma vez o **Graal** passa perante os dois convivas; porém o jovem não pergunta quem é servido com ele. (...)”

3c) “...o **Santo Vaso** que vi, não sei quem dele se serviu. (...)”

Prossigamos com a estória do Graal e Perceval:

“Perceval tudo aceita. Então o eremita, em grande segredo, ensina-lhe uma certa prece que repete até que ele a saiba de cor; e essa prece continha muitos nomes do Senhor Deus, dentre os mais poderosos, e que nenhuma boca humana deve pronunciar. Quando a oração estava aprendida, proibiu-lhe repetir esses nomes, exceto em grande perigo.

– Não sire, não repetirei, diz Perceval.

Assim, ele ficou e ouviu a missa com o coração em júbilo. Após a missa, lamentou seus pecados e adorou a Cruz. Arrependeu-se sinceramente, e então ficou em paz.

Essa noite, Perceval teve para comer o que agradou ao eremita: nada mais que beterraba, cerefóio⁸⁷, alface e agrião, painço e pão feito de cevada e aveia, e depois água da fonte. Mas seu cavalo recebeu boa cama de palha e uma bacia repleta de cevada, bem estabulado em boa estrebaria.

Então Perceval tomou consciência da Paixão e da Morte que Deus sofria naquela sexta-feira, e na Páscoa comungou mui piedosamente. Aqui o conto deixa de falar de Perceval e agora relata a história de Galvão.”

[p. 112]

A narração cessa aqui sobre Perceval e o Graal, e o poeta Chrétien retorna à narração sobre Galvão.

Galvão agora cavalgava fugindo da cidade na qual fora sitiado anteriormente. Seguiu caminho e este o levou a diversas outras aventuras, com lutas, donzelas, cavaleiros feridos, desafios, vaidades, coragens e traições.

Por último, após lutar valentemente numa batalha com um feroz leão num castelo encantado e sem rei, Galvão é honrado e aclamado como o novo senhor do castelo e daquele burgo, sendo apresentado à rainha de cabelos brancos que lá vivia.

Depois de saudá-la, ela, reconhecendo e agradecendo, preza Galvão lhe dizendo:

“– Sire, depois de vós sou senhora deste palácio. Cedo-vos o senhorio, que bem haveis merecido. Dizei: não sois da casa do rei Artur?

– Senhora, em verdade sou.

– Gostaria de saber, estais entre os cavaleiros da patrulha que fazem muitas proezas, segundo ouvi dizer?

– Não, senhora.

– Creio em vós. Dizei porém, sériéis companheiro da Távola Redonda, entre os mais prezados do mundo?

– Senhora – diz ele –, não ousaria dizer que sou dos mais prezados. Não me creio dos melhores, mas tampouco sou dos piores.”

Essa rainha é a mãe do rei Artur. Ela coloca Galvão aos cuidados de duzentas e cinquenta donzelas e de valetes.

Galvão ainda conhece sua própria mãe nesse castelo (é também uma rainha) e ainda uma tia que lá morava.

Galvão fez desse burgo seu lar.

A partir deste ponto, Chrétien escreverá várias paginas sobre a estória do sobrinho de Artur, Galvão, sem no entanto citar mais o Graal ou Perceval. E mais: não continua nem mesmo a narração da estória de Galvão que está se desenrolando. Surgirá um problema: a estória será interrompida sem mais nem menos.

Vejamos:

Em meio a um novo combate que Galvão se mete, enquanto os preparativos estão sendo feitos, os personagens estão se mostrando e um cenário está sendo construído, mas a narração de Chrétien de Troyes é interrompida definitivamente, do nada.

Seguem suas últimas linhas:

“O mensageiro caminha mais longe, e tão longamente que encontra o rei alojado em seu palácio. Perto dele estão sentados cem condes palatinos, cem reis mais cento e dois.

O rei Artur está abatido e pensativo; vê sua grande baronagem, mas não vê o sobrinho e desfalece de aflição. Os primeiros que o alcançam erguem-no sem preguiça, pois cada qual o quer sustentar.

Minha senhora Lore, que estava em um balcão e via a desolação que havia na sala, desce depressa ao encontro da rainha, toda louca e desnorteadada. Quando a vê chegar, a rainha pergunta-lhe o que tem.”

[p. 151]

Com as linhas acima, Chrétien de Troyes para de escrever sua Obra definitivamente, sem no entanto terminá-la, nem retornar mais para a narração do herói Perceval, o Graal ou o Rei-Pescador. Ela é interrompida bruscamente, sem uma finalização!

O poeta de Troyes falece e não se sabe de que modo. Era o ano de 1191. Ficou para a posteridade sua Obra assim INACABADA...

Chrétien de Troyes exaltou principalmente dois personagens em seu poema do Graal: o cavaleiro Perceval e o cavaleiro Galvão. Por isso, ora Chrétien falava de um, ora falava de outro, mostrando duas estórias seguindo *paralelas* no poema. Obviamente, nunca saberemos qual o final destas estórias, desejadas pelo seu criador. Só podemos especular, pois Chrétien não o concluiu...

De um modo geral, a Obra de Chrétien possui um caráter ingênuo e pobre nos detalhes, mas era uma evolução em andamento. Obviamente, foi uma Obra fora dos padrões de hoje, mas única se for vista pelo âmbito da época em que foi escrita. A beleza está aí!

Chrétien de Troyes jamais imaginou que destino sua Obra mística teria se ele morresse sem concluí-la, e nem os desenvolvimentos que sua invenção seguiria na posteridade. Chrétien de Troyes imortalizaria o Graal, e, indiretamente, a si próprio com sua morte súbita, fato esse que ele nunca previu...

68 “Depois”.

69 Nativo do País de Gales, hoje parte do Reino Unido.

70 Probo: Homem de honra; homem honrado.

71 Moça solteira, jovem, menina.

72 É certo que a Cavalaria clássica, como a conhecemos hoje, surgiu na França. Neste trecho de Chrétien de Troyes, percebe-se pela primeira vez na *Literatura*, a Cavalaria sendo apresentada como uma ordenação cristã, e como uma parte do plano da “Divina Providência”. É a cristianização crescente da Cavalaria que se faz ver.

73 Senescal: antigo mordomo-mor em certas casas reais; supervisor administrativo da corte; magistrado judicial ou governador-geral em certos Estados.

74 Guarda-jóias.

75 Uma das relíquias cristãs em voga na época.

76 Tira de pano de cor diferente, para enfeite em paramentos, vestidos, etc. Variantes: sebastro, sabastro.

77 A espada simboliza o cavaleiro por natureza. É o distintivo visível do cavaleiro. O cavaleiro galês é aqui exaltado como um “Cavaleiro do Graal”, como perceberemos adiante.

78 A estória desta Lança do poema de Chrétien é inspirada na narração bíblica de João 19:34-35. Chrétien considera aqui a descoberta da “Santa-Lança de Longino” em Antioquia, pelos cruzados na Primeira Cruzada (1096) e mantida no Vaticano desde então (Lança de Longino do Vaticano). Também já havia na época do poeta, outra suposta Lança de Longino, presenteada a Carlos Magno séculos antes por um papa, e conservada em Viena na Áustria. No capítulo 8 falaremos sobre isso. Por certas composições de seus poemas, alguns historiadores acreditam que Chrétien de Troyes era um clérigo. Isso se deve ao fato de os clérigos terem sido os verdadeiros mestres da palavra e da escrita na época medieval. Mas tal alegação sobre nosso poeta não possui confirmação histórica comprovada, apesar de tudo indicar isso.

79 Na maioria das traduções do francês, traduz-se somente “bandeja” e “vaso” ao invés de “taça”, pois bandeja é a tradução mais certa e usual da época. O termo “taça” somente evoluiria mais tarde (em outras literaturas) para o significado de Graal. Na tradução portuguesa que utilizamos aqui, traduziu-se “taça”, pois é o termo mais famoso para Graal atualmente.

80 Neste trecho o poeta Chrétien de Troyes quer transmitir um ensinamento com seu conto do Graal ao seu leitor ou ouvinte, ou seja, uma “mensagem”, que diz que uma pessoa deve ter compaixão pela outra e não pensar somente em si própria. É a “Mensagem do Graal”, do Conto do Graal e a mais importante.”

81 Do provençal “aize”: ensejo, ocasião, oportunidade, pretexto.

82 Termo que se tornou mais conhecido como “busca do Graal”.

83 Pagina 108 do livro de Chrétien (Editora Martins Fontes).

84 Os judeus, em muitas ocasiões, sofriam diversas perseguições da Cristandade que os culpava pelo crime de traição e crucificação contra o maior ícone da Igreja: Jesus Cristo. Tal costume também emigrou para Obras literárias medievais.

85 Nova designação do “Graal” que também é usada como significação ou como sinônimo de “bandeja” e taça na estória, dependendo de quem faz a tradução do francês. No final, a significação simbólica primitiva do termo é a mesma: a de “recipiente santo” que carrega a hóstia divina da Igreja, e que Chrétien de Troyes deu o nome de “Graal”.

86 O conceito de “Santo” com relação ao Graal aqui, está relacionado ao fato dele portar a hóstia eucarística, comemorada pela Igreja como simbologia do corpo divino do Deus-Homem Jesus Cristo, o que dava uma importância espiritual e simbólica ao conteúdo que este vaso-taça carregava.

87 Planta comestível da família das umbelíferas, de folhas condimentares, simples ou crespas.

TERCEIRA PARTE

A HERANÇA DO GRAAL

OS NOVOS POETAS E ESCRITORES DO GRAAL

“O imaginário constrói e alimenta lendas e mitos.”

Jacques Le Goff

Chrétien de Troyes escreveu seu Conto-Romance em forma de poema, belo e inacabado. Marcas de uma época. Ele também foi autor de diversas outras histórias do Rei Artur, muito apreciadas, como vimos. A diferença do *Romance do Graal* com relação às outras histórias foi o emprego da palavra “Gaal” como um nome especial para uma bandeja milagrosa (também chamada de vaso e taça), a inclusão do novo personagem arturiano Perceval e a ênfase da mística do Graal e da Lança que Sangra. O imaginário da época tinha uma verdadeira obsessão pelo culto à objetos sagrados. Daí o Graal místico. As relíquias eram apresentadas como promessa de salvação e vistas como detentoras de poderes sobrenaturais, bênçãos e milagres.

Também vimos que duas histórias seguem em paralelo no poema de Chrétien. A história de Perceval e a história de Galvão. Ambas permaneceram sem um fim por causa da morte do poeta.

Em meio a tudo isso, pudemos observar os adjetivos sempre presentes em seus personagens: a Cavalaria, as armas, os combates, as donzelas, os castelos, a honra, a cortesia, o cristianismo.

Existiam outros poetas e escritores na época, que admiravam Chrétien e suas Obras. Imaginem quando as cortes e os fãs ficaram sabendo do falecimento inesperado do maior poeta de sua época, o susto que isso causou no meio artístico. Obviamente, por intermédio de alguém ou da própria corte de Flandres, se soube rapidamente que a última Obra de Chrétien ficara sem conclusão. Como não publicar sua última Obra agora? Como, sem mais nem menos, deixar de lado um poema, que depois de pronto, seria outro grande sucesso do maior poeta da Europa?

Não, juntamente com Chrétien de Troyes não poderiam terminar as histórias arturianas, nem o sucesso literário que elas desencadearam. Algo tinha de ser feito!

É a partir deste ponto que entraram em cena outros escritores e poetas, na sucessão literária de Chrétien de Troyes. O sucesso das suas histórias e os encantamentos dos seus Leitores precisavam continuar, pois eram bem-vindos. Chegou a vez de “outros” escritores se sobressaírem...

A sequência do Conto do “Gaal estava à espera apenas de um poeta (ou de uma exigência) para reviver no Ocidente”, escreve Armand Hoog em seus comentários no livro de Chrétien em português.

As histórias inacabadas de Perceval e de Galvão precisavam continuar e finalizar. E o momento era esse! As Obras literárias circulavam rápido pelas cortes, pois a imaginação literária medieval desenvolveu a paixão do “contar”. Por isso, havia uma demanda alta por literatura. E aconteceu: “os continuadores” apareceram!

No capítulo “Sequência e fim de Perceval, segundo os continuadores de Chrétien de Troyes” (do livro Perceval ou O Romance do Graal), podemos ler:

“Os autores desta tradução julgavam útil divulgar a sequência da história que o poeta parece ter deixado incompleta. De fato, continuadores notáveis, inspirando-se no romance e em seus personagens, propuseram outras aventuras, muitas vezes com talento e fértil imaginação. Essas sequências são Obras de vários autores, de interesse desigual, onde não faltam contradições e formas divergentes.”

As primeiras CONTINUAÇÕES em versos foram manuscritas por alguns poetas. São eles: um pseudo-Wauchier, Wauchier de Denain, Gerbert de Montreuil e Manessier, totalizando 12 manuscritos. É assim que veremos o desenvolvimento das histórias e da literatura de Chrétien prosseguirem. Mas tudo acabaria adquirindo nova forma, nova adaptação.

Através de Chrétien de Troyes, a Cavalaria foi apresentada pela primeira vez na literatura como uma ordenação cristã, parte de um plano da “Divina Providência”:

“– Com esta espada que ora entrego, confiro-vos a Ordem mais alta que Deus criou no mundo. É a Ordem de Cavalaria, que não admite

Mas a partir de Gerbert de Montreuil perceberemos uma “origem” da Cavalaria sendo levada para mais perto do próprio Jesus Cristo, através de José de Arimatéia e seu Graal, numa nova visão literária.

Agora acompanharemos *alguns trechos* destes manuscritos, tirados do “capítulo das sequências” (a 1ª, a 2ª, a 3ª e a 12ª) do livro Perceval ou O Romance do Graal, de Chrétien, e depois, veremos alguns resumos de histórias evoluídas destas primeiras continuções (incluindo o capítulo 11), como heranças absorvidas nas décadas e séculos seguintes, em novas criações, através de outros escritores e poetas que também se tornaram um sucesso, juntamente com outros menos afortunados.

Sobre os escritores e poetas mais recentes e seus escritos do Graal, Perceval e Artur, surgidos principalmente a partir do século XIX, logicamente não abordaremos *todos*, pois precisaríamos de mais de um livro para fazer isso, não sendo este o objetivo do presente trabalho. Mesmo assim, o Leitor visualizará a elaboração das diversas criações literárias e até doutrinárias, que se desenvolveram a partir da criatividade de Chrétien de Troyes.

O Leitor verá ainda que Chrétien foi o *menos* místico dos poetas.

Mas antes de adentrarmos nestas continuções da Obra de Chrétien e demais criações de outros escritores, relembremos o finalzinho da Obra Perceval ou O Romance do Graal, que falava sobre Galvão, transcrito no capítulo anterior, juntamente com as minhas intermediações, a partir do qual as primeiras sequências surgiram:

“De volta ao castelo, Galvão chamou um rapaz valente e prestativo, para enviar a mensagem ao rei Artur:

“ (...) ”

– ‘Irmão, irás então a meu senhor o rei Artur. Tenho nome de Galvão e sou sobrinho dele. O caminho não é longo nem perigoso.’ ”

Galvão lhe transmitiu a mensagem que convidava o rei Artur e sua corte para o duelo de vingança contra ele, Galvão, e contra o próprio rei Artur a quem Galvão servia. Todos deveriam estar alojados na pradaria de baixo, no quinto dia da festa de Pentecostes.

Partiu assim o mensageiro com seu cavalo até a cidade de Orcânia. Lá, o mensageiro verificou que Sire Galvão era muito querido e o quanto fazia falta àquela gente, causando aflição o seu sumiço. Depois, continuou:

“ ‘O mensageiro caminha mais longe, e tão longamente que encontra o rei alojado em seu palácio. Perto dele estão sentados cem condes palatinos, cem reis mais cento e dois.

O rei Artur está abatido e pensativo; vê sua grande baronagem, mas não vê o sobrinho e desfalece de aflição. Os primeiros que o alcançam erguem-no sem preguiça, pois cada qual o quer sustentar.

Minha senhora Lore, que estava em um balcão e via a desolação que havia na sala, desce depressa ao encontro da rainha, toda louca e desnorreada. Quando a vê chegar, a rainha pergunta-lhe o que tem’ ” ”

Assim “finaliza” sua Obra o poeta de Troyes, deixando-a inacabada.

Vejamos agora o que os outros escritores criaram a partir deste ponto da Obra de Chrétien:

7.1 – MANUSCRITOS DO PSEUDO-WAUCHIER

– PEQUENO Trecho transcrito da Primeira Continuação: – (esta é indicada como “Continuação de Galvão”)

“A rainha Guinevere, esposa do rei Artur, vendo-a assim desfeita, pergunta o que acontecia e o que tanto a apavora.

– Ah, franca rainha honrada, não me posso recompor! Um mensageiro acaba de entrar no palácio e nunca vi tanta gente desatinada! É sem dúvida pelo que ele anuncia. O rei desmaiou! É seguramente uma desventura contra a qual nada podemos.

Ao ouvir tais palavras, a rainha empalidece de chofre e cai ao chão desfalecida. Verieis então que universal desolação! Damas e damizelas dilaceram as vestes e arrancam os cabelos. Homem nunca viu cousa igual!

Finalmente o rei recupera os sentidos e o mensageiro se apresenta:

– Rei – diz ele –, Deus vos abençoe e a vossa nobre companhia! Vosso sobrinho Galvão envia saudação a quem é seu rei.

O rei ouve-o e levanta. Jamais sentiu júbilo igual. Atrai para si o rapaz que ainda estava a cavalo e o estreita nos braços.

– Amigo – diz ele –, Deus te ajude! Que ele guarde e salve Galvão como te salva! Dize-me a verdade: Galvão está vivo e bem-disposto?

– Sire, Deus nos guarde em sua alegria! Deixei vosso sobrinho em boa saúde. Está longe deste país, senhor de um castelo que conquistou por seu valor. Por mim vos suplica, como a seu tio e senhor, que lhe presteis honra e socorro. Empreendeu batalha contra quem se

vangloriou de o cobrir de desonra: Sire Guiromelan, que é o pior inimigo vosso e também dele. Na precisão aparece o amigo. Eis por que ele apela para vós, como ao protetor do pássaro contra o passarinho.

Ante essa nova, explode o júbilo. Sire Galvão está vivo e chama-os para suas proezas! O palácio inteiro ecoa de risos e canções, harpas e violas soam nas mãos dos músicos.

A senhora Isaune de Carhaix, que ouve esse regozijo de um balcão donde olhava o paço, vai encontrar a rainha e levar a notícia:

– Vinde, minha senhora, é júbilo! O rei está contente da mensagem que lhe vem de Sire Galvão. Ouvi senhora, essas músicas!

– Bela, é verdade? Deus vos escute! E a mim e a todas estas damizelas! E nos conceda ventura!

A rainha ergue-se de pronto e acorre ao palácio, sem mesmo portar seus adereços, mais as damizelas em cortejo sem se cobrirem com os mantos. Homem jamais vira igual cavalgada de princesas em comoção! Quando as vê chegar, o rei se inclina para o mensageiro:

– Amigo, eis a rainha. Tu mesmo lhe dirás o que acaba de regozijar.

(...)”

Na sequência, a rainha ouve o que o mensageiro tem a relatar sobre Galvão e o convite dele para o duelo, fazendo com que toda a corte se preparasse e se pusesse a caminho ao encontro de Galvão em seu novo reino. Então partem de Orcânia incríveis trinta mil cavaleiros e quinze mil damas, damizelas e donzelas para o castelo maravilhoso na cidadela de Galvão.

Lá chegando, e após muitos cumprimentos do rei Artur e Galvão, Artur vai ao encontro da mãe que lá morava também e que não via há trinta anos. Galvão é festejado, aclamações ao rei Artur são feitas e cantos alegres são ouvidos.

Em seguida, Galvão se confessa com um bispo e se prepara para o combate marcado. Prontos, Guiromelan e Galvão se encontram na bela pradaria para a batalha, juntamente com os milhares de acompanhantes de ambos os lados. A honra estava em jogo.

A batalha começou com o embate das lanças dos dois cavaleiros, depois espadas e escudos, e árdua luta por toda a manhã. Quando Guiromelan começou a ficar em apuros, Clarissan, sobrinha de Artur e amada de Guiromelan, suplicou perante Artur e depois perante seu irmão Galvão, pela vida do amado. Este, atende a irmã com a concordância de seu oponente e finalizam a batalha para a felicidade de ambos os amantes. Por causa da atitude de Galvão, Guiromelan lhe promete dar em troca sete cidades de seu reino.

Mais ou menos assim, terminou a disputa dos guerreiros, transformando-se em amizade. E assim, as milhares de pessoas ali presentes desarmaram-se e confraternizaram-se.

Artur finalizou a ocasião comemorando as bodas de ambos os amantes felizes, e presenteou-os com duas cidades de seu reino e muitas fortalezas.

Desse modo acabou a estória deste manuscrito, com o desfecho de Galvão. Para maiores detalhes sobre este trecho e os demais a seguir, convido meu Leitor à ler a Obra completa no original, citada em nossa referência bibliográfica.

Vamos ao seguinte autor, que contará o desfecho da estória de Perceval:

7.2 – MANUSCRITOS DE WAUCHIER DE DENAIN

– PEQUENO Trecho transcrito da Segunda Continuação: –
(esta é indicada como “Continuação de Perceval”)

Mas antes de iniciá-la, leiamos novamente a última parte escrita por Chrétien, sobre Perceval:

“Perceval tudo aceita. Então o eremita, em grande segredo, ensina-lhe uma certa prece que repete até que ele a saiba de cor; e essa prece continha muitos nomes do Senhor Deus, dentre os mais poderosos, e que nenhuma boca humana deve pronunciar. Quando a oração estava aprendida, proibiu-lhe repetir esses nomes, exceto em grande perigo.

– Não sire, não repetirei, diz Perceval.

Assim, ele ficou e ouviu a missa com o coração em júbilo. Após a missa, lamentou seus pecados e adorou a Cruz. Arrependeu-se sinceramente, e então ficou em paz.

Essa noite, Perceval teve para comer o que agradou ao eremita: nada mais que beterraba, cerefóio, alface e agrião, painço e pão feito de cevada e aveia, e depois água da fonte. Mas seu cavalo recebeu boa cama de palha e uma bacia repleta de cevada, bem estabulado em boa estrebaria.

Então Perceval tomou consciência da Paixão e da Morte que Deus sofria naquela sexta-feira, e na Páscoa comungou mui piedosamente. Aqui o conto deixa de falar de Perceval e agora relata a história de Galvão.”

[p. 112]

A partir daqui, Wauchier de Denain intercede e continua o poema de Chrétien, onde escreve:

“Quando cavalgava, um dia, Perceval atravessou um bosque até cerca de meio-dia. Ao sair da planície, viu-se em um campo agnífico, coberto de menses⁸⁸ como terra de abadia. Ficou surpreso, com a sensação de que passara por lá dois ou tres anos antes e vira apenas terras devastadas.

Contempla o vale e avista, reluzente de sol, um soberbo castelo com muros mais alvos que neve. Tem cinco belas torres, sendo a do meio em vivo vermelho e as outras brancas. O largo rio Humber banha os muros da cidade e produz em profusão robalos e salmões, lampreias e esturjões. As ruas fervilham de gente. São burgueses, serviçais, cavaleiros e mercadores que vendem muitas mercadorias: peles, tecidos, seda. Cambistas pesam e testam todo tipo de moedas, esterlinos e besantes. Ourives forjam baixelas de prata e de ouro com ricos ornamentos, tecelões urdem túnicas bordadas com fios, lantejoulas e pedrarias; outros vendem porções de pimenta e cera, cobre, cravo-da-índia zedoária⁸⁹. Vendem e comerciam mercadorias do mundo inteiro, das mais preciosas e mais caras, vindas pela marinha de mui longínquos países: Alexandria, Escravônia, Babilônia, Antióquia, Almeria, Meca, Cesaréia, Jerusalém, Tessália, Hungria e muitos outros. A cidade tem mais de vinte abadias e belos monastérios com altos campanários cobertos de chumbo. Que dizer do castelo tão belo de ver? Homem chega a ele por uma ponte (certamente a mais bela do mundo) que é erguida à noite, uma grande torre a defende, sob a qual é preciso passar. Homem segue assim uma passagem em arco que conduz a outra ponte, igualmente defendida por uma torre com seteiras, ameias e baluarte.

Perceval passou a porta e cavalga pela cidade. Espanta-se de ver multidão de cavaleiros, serviçais, mercadores, burgueses, e, florindo o conjunto, bonitas jovens e ricas damizelas nobremente ataviadas. Essa riqueza o desorienta e impede de reconhecer um lugar onde vira apenas miséria. Vai assim até o palácio, onde quatro valetes vêm ajudá-lo a apear; pegam-lhe escudo e lança e o conduzem até a sala. Quem é esta mulher tão bela que o acolhe e que o comove sem razão? Vinte cavaleiros estão ao redor para a servir. Mas cercam a ele também: fazem-no sentar em um coxim com flores de prata. Desarmam-no e dão-lhe para vestir um manto de seda tingida de vermelho. A damizela diz baixinho a uma das aias:

– Nunca vi alguém tão parecido com meu senhor que amo de amor, que por mim se pôs em perigo contra Anguingueron e Clamadeu e que devolveu minha terra.

– É ele, minha senhora – responde a serva. – tenho certeza. (...)”

Perceval, na sua procura pelo Graal, havia chegado ao reino de Bom Refúgio, que anteriormente havia salvado, quando guerrear com Clamadeu, honrando a bela Brancaflor. Agora, neste reencontro, Brancaflor tratou-o com cuidados, carinho e amor, assim como todo o povo. Perceval participou da alegria e dos festejos na cidade e no castelo, que se estenderam por tres dias.

Assim Perceval atingiu o auge de seus desejos. Já à noite, a bela Brancaflor se deitou com seu herói em felicidade...

Na manhã seguinte, Brancaflor disse ao seu amado Perceval:

“– E doravante, senhor, se quiserdes me desposar, sereis senhor de minha terra e mil cavaleiros vos terão por chefe.”

Perceval no entanto não podia ficar. Devia prosseguir na sua missão de procura pelo reino do Rei-Pescador e seu Graal. E mesmo envolto pelas aflições de Brancaflor e pelas súplicas de todos, ele montou em sua sela e saiu do castelo, com promessas de retorno tão logo pudesse.

Todos ali presentes se despediram de Perceval com um pedido a Jesus Cristo: que “*o guarde mil vezes*”.

Assim termina esta continuação.

O trecho seguinte, o terceiro do *Capítulo das Sequências*, é do poeta Gerbert de Montreuil. Ele também escreve sua própria continuação independente sobre Perceval.

7.3 – TEXTOS DE GERBERT DE MONTREUIL

– PEQUENO Trecho transcrito da Terceira Continuação: –
(esta é indicada como outra “Continuação de Perceval”)

“A cada manhã e enquanto dura o dia, vaga Sire Perceval por planície ou bosque, montanha ou vale; até que uma tarde avistou no meio de um grande prado uma árvore de onde pendiam duas donzelas amarradas pelos cabelos. E era penoso vê-las tão apazíveis e sofredoras! Perceval aproximou-se e na clareira depara com dois cavaleiros armados que lutam de morte, com grandes golpes de espada nos elmos.

Ambos sofrem de múltiplos sofrimentos, e entretanto não fraquejam. Entreinvestem⁹⁰ e fazem voar ao redor pedaços de lorigas e de escudos. Perceval acorre entre eles para acalmar a batalha, e tão exaustos estão que se deixam cair por terra, onde ficam a jazer como mortos. Em seguida vai até a árvore, de onde despendura as damizelas e lhes pergunta a causa dessa batalha e de estarem pendentes. Elas choram, fazem grande bulha dizendo que gostariam de morrer; mas o cavaleiro as interroga com paciência, até uma delas responder:

– Vou contar a verdade de tudo, Sire, pois quereis saber. Sobre o Monte Doloroso, há uma coluna maldita que o feiticeiro Merlim criou

por magia. Deus que fez a montanha, confunda esse feiticeiro, pois praticou grande maldade. Quinze cruzeiros estão fincadas em torno da colina, onde o mago diabólico atou um demônio.

(...)”

[p. 172]

Após a donzela relatar a Perceval sobre um tipo de feitiço que ocorre sobre o Monte Doloroso, aos cavaleiros que ali chegam, Perceval se prontifica a ajudar as donzelas e os cavaleiros feridos, e fica sabendo que aqueles cavaleiros pertencem a Távola Redonda, e seus nomes são Sagremor e Engrevain. Ao saber disso, Perceval encosta na testa deles um talismã que recebera de um eremita e os cura do feitiço de que foram alvos.

Ao recobram a consciência, no entanto, os dois cavaleiros não compreendem a situação em que se encontram, como se tivessem ficado sob o efeito de uma amnésia temporária. Mas ao notarem que estão feridos e que há um outro cavaleiro ali presente com suas donzelas, acham que foi Perceval que os atacou e os feriu. Tentam então reagir investindo contra Perceval, mas este é defendido pelas donzelas que se ajoelham perante os cavaleiros e gritam em favor de Perceval:

“– Parai! Pois esse mesmo cavaleiro vos acaba de curar!

Perceval, divertido, interpela:

– Sereis então como o cão de guarda que estrangulou o companheiro que o livrara do lobo? Assim age o vilão para com o cavaleiro que o protege.

Sagremor é o primeiro a compreender que ele próprio acabara de ser salvo. Finalmente ambos pedem desculpas a Perceval, que lhes abre os braços, e as jovens estão felizes com esse final de aventura que nada fazia prever.”

Após estas primeiras sequências de Wauchier de Denain e Gerbert de Montreuil seguem-se outros manuscritos destes mesmos autores. São mais continuções agregadas. No caso, a Quinta Continuação em versos, é de Wauchier, e um trecho dela destacamos aqui. É um trecho que narra o reencontro do Rei-Pescador com o cavaleiro Perceval, no fim de sua busca. O Rei manda preparar uma festa e ambos mantêm um curioso diálogo durante a mesma, em meio à famosa “procissão do Graal e da Lança que Sangra”. Seu texto narra:

“(...

Em torno deles há festa como homem jamais viu tão grande. O rei torna a pedir a Perceval que coma. O cavaleiro senta para obedecer, mas está mui vexado por lhe fazerem tal festa. Come às pressas, olhos baixos, querendo chegar logo à revelação que perseguiu tão longamente.

Tornam a passar a **Lança** e o **Graal**. Uma jovem de porte gracioso traz nas mãos a magnífica Salva de prata⁹¹. Finalmente a mesa é tirada e Perceval recorda ao rei sua promessa.

– Quando os judeus crucificaram Deus – começou então o rei, reclinando-se perto do hóspede –, um cavaleiro de Roma, **chamado Longino**, aplicou-lhe no flanco um grande golpe de **lança**, para ver se Ele estava morto, e o sangue jorrou claro e forte.

Perceval, reclinado no coxim, ouvia a narrativa com todo o coração. E o rei piedosamente relata a grande dor e a vergonha que Deus sofreu por nossos pecados. Perceval suspira e chora. **Então essa Lança que viu é a mesma que penetrou no corpo de Deus!** Fossem-lhe oferecidos agora todos os reinos e riquezas da terra, recusaria para continuar ouvindo.

– Sire, narrastes o feito da **Lança**. Mas dizei-me a verdade sobre o **Graal** e a Salva, sire.

Respondeu o rei, apesar da emoção que sentia:

– Sabei pois: **é o Vaso que recolheu o Sangue precioso**, quando escorreu do Santo Peito.

– Como pode ser que o tenhamos aqui, sire?

– Amigo, vou contar, pois assim prometi. José de Arimatéia trouxe-o para cá quando Vespasiano o tirou da prisão onde os judeus o haviam posto. José e seus amigos pregaram em Jerusalém e ali batizaram muita gente; quarenta e cinco foram com eles ao deixarem Jerusalém levando o **Santo Graal**. Um dia chegaram à grande cidade de Sarras, onde o rei Evalac estava em conselho com seus barões no templo do Sol, a respeito da dura guerra que lhe fazia o inimigo. José prometeu-lhe a vitória, desde que combatesse sob o escudo branco barrado com a cruz rubra; e realmente Evalac foi vencedor. Ele se fez batizar com o nome de Mordrain, arrastando todo seu povo para a nova fé. José partiu de Sarras com os companheiros, pregando, sofrendo e batizando; e, por toda parte aonde ia, levava o Santo Graal e estabelecia a fé em Jesus Cristo. Veio morrer em nosso país. Construiu este solar, onde por sermos de mesma linhagem moro depois dele, com o Santo Graal que deixou aqui, onde permanecerá sempre, se for vontade divina.

– Meu querido senhor, dizei, se vos apraz, quem são as duas graciosas jovens que portam a Lança e o Graal.

– A que porta o Graal é virgem e de linhagem real. Deus não suportaria estar em suas mãos se assim não fosse. A que porta a Salva e tem rosto meigo é a filha do rei Gondesert, meu irmão defunto. A que porta o Graal é minha filha. Agora que contei o que desejastes saber, é tempo de repousar. (...)”

[negritos nossos, pp. 185-186]

Em seguida há uma passagem de Gerbert (p. 207) onde Perceval, conversando com Gornemant, confessa sua própria *tolice* (que ainda porta consigo) retratada no capítulo anterior. O próprio Perceval, aparece lembrando, e confessa à Gornemant:

“(…) Quando vi sangrar a Lança e levarem o Graal em procissão, primeiro agi mui tolamente. (…)”

Já no texto abaixo, está um trecho interessante onde Perceval recebe uma “revelação do céu”, uma voz que lhe fala:

“Perceval, gentil irmão! Faze que ambos tenhais Deus em vosso pensamento, e fica sabendo que te falo em Seu nome! Nenhum marido deve tocar a esposa senão santamente, e apenas por duas razões: uma é para gerar, a outra para evitar o pecado. Isso é bem evidente para todos. Há porém maridos que julgam poder se entregar ao prazer da carne com sua mulher como bem lhes parece; contudo estão enganados! Mais lhes valeria mergulhar em água gelada para recuperar o bom senso. Guarda tua castidade e sê repleto de caridade, e toda honra te admirará disso.

Uma filha te nascerá que será graciosa e bela e esposará um rei glorioso. Entretanto, por desordem e pecado esse rei ficará em grande perigo de ver seu reino destruído, porém um de seus filhos o vingará e restabelecerá seu poder. Ele será outro herdeiro que conquistará grandes terras; mais um terceiro, gracioso e belo, que será mudado em pássaro para desespero dos pais. O irmão mais velho terá por mulher uma donzela a quem, por seu valor, entregará todos os seus bens. A ambos nascerá uma filha cujo filho será glorificado no mundo, pois seus tres descendentes conquistarão Jerusalém e a Verdadeira Cruz.

Para que esses gloriosos destinos se realizem é preciso que Perceval persista na busca, ou então seus herdeiros serão privados de glória.”
[pp. 224-225]

Não só Wauchier de Denain inclui José de Arimatéia em seus versos, mas também Gerbert de Montreuil como podemos observar a seguir:

“– Quarenta anos após a Crucificação de Nosso Senhor Jesus Cristo, reinava um rei de infíéis em um país de mar, perto de Jerusalém. Tinha por nome Evalac e reinava em Sarras, cidade tão nobre quanto Arras. Evalac era rei e senhor; mas Tolomer, o rei da Síria que não amava os sarracenos, destruía toda a sua terra. Ora, o barão José de Arimatéia, que era um guerreiro cristão (combatera cinco anos sob Pilatos, e aquele príncipe, para recompensar seu valor, entregara-lhe o corpo de Nosso Senhor), o barão José de Arimatéia foi ao encontro de Evalac com seus cavaleiros e sua irmã Seraféia, e assegurou-lhe que se ouvisse seu conselho conservaria o poder.

Evalac aceitou e José mandou que renunciasse à má religião para confiar apenas no Rei de Glória, donde vem toda a força vitoriosa. Evalac foi batizado e então venceu Tolomer e tomou como nome de batismo Mordrain. José deixou-o e continuou caminho, chegando a nosso país com sessenta cristãos e duas belas damas, que eram Filosofine e Isabiau. Uma delas portava uma **Salva** mais clara que a lua; a outra, uma **Lança que sangrava** sem jamais estancar. Mas José portava um **Vaso** como homem nunca viu tão belo e por sua virtude muita gente se convertia.

Ora, o rei que reinava na época em nosso país, furioso de ver seus barões irem para o batismo, mandou que os prendessem em negra masmorra e proibiu que recebessem bebida e alimento. Assim ficaram quarenta dias, dormindo sobre um pouquinho de feno. Mas nada sofreram, pois José conservava o **Santo Graal**; e bastava que o contemplassem para se acharem repletos de todos os bens desejáveis.”

[negritos nossos, pp. 240-241]

Gerbert também escreveu em sua estória, sobre o seu trabalho de continuador de Chrétien, afirmando: “...*pois empreendi o conto de Perceval*⁹²”, e: “(…) *Assim Chrétien de Troyes nos assegura, ele que começou esta história que a morte o impediu de concluir*⁹³”.

7.4 – MANUSCRITOS DE MANESSIER

Décadas depois da morte do conde de Flandres, Felipe de Alsácia, uma parente sua chamada Joana de Flandres, encomendou a um poeta de nome Manessier, uma continuação da Obra de Chrétien de Troyes. Esta, é conhecida como “Manuscritos de Manessier”, uma continuação escrita sob influência dos monges da abadia de Cluny. Também Gerbert e Wauchier, prestaram seus trabalhos de poetas continuadores diretamente à corte de Flandres.

Manessier escreveu diversos textos em versos da continuação de Chrétien, sendo que reproduzimos abaixo somente a parte 12ª do livro “Perceval ou O Romance do Graal”, pois este é como uma finalização sumária da estória mística de “Perceval” e da saga do Graal começada por Chrétien e continuada até aqui antes da chegada de novos escritores, que viriam para reescrever desde o início, suas próprias estórias e poemas sobre Perceval e o Graal:

– 12ª Parte da Continuação: –

(esta é indicada como “Continuação de Perceval”)

“Depois que reis, bispos, cavaleiros e príncipes sentaram em redor das mesas, entrou a damizela que portava o **Santo Graal**. Um jovem a seguia com a **Lança que Sangra** e que não parava de sangrar. Depois veio mais uma damizela trazendo a **Salva de prata**. Quando

passavam entre as mesas, estas se guarneciam das mais variadas e saborosas iguarias. Voltavam quando todos haviam comido, e novos manjares cobriam então as mesas. Um sábio não poderia citar uma só iguaria que não estivesse sobre as mesas. O rei Artur quis saber de Perceval o que tudo aquilo significava e Perceval respondeu exatamente como o Rei-Pescador lhe ensinara. Um mês durou a corte plenária; e o Graal, da mesma forma, todos os dias novamente os servia. Por fim separaram-se. Perceval reinou em paz durante sete anos, querido e respeitado por todos os vizinhos. Casou com o rei Merien a filha do rei Gondesert, e a do Rei-Pescador com o príncipe de Vollone. Aconteceu então a morte de Brancaflor, e houve grande tristeza. Perceval resignou sua terra para o rei Marone e se retirou para um mosteiro, onde viveu a mais devota vida. Levou para seu piedoso retiro o Graal, a Lança e a Salva e jamais se separou deles. O conto diz em seguida que Perceval, tão amado de Deus, foi se aperfeiçoando em Seu serviço. Em tres anos tornou-se acólito, depois subdiácono, depois diácono e após cinco anos passou a padre. Cantou sua primeira missa em um dia de São João e morreu dez anos depois, na véspera da Candelária. Deixou a Terra sem sofrimento e foi posto no céu à direita do Salvador. **O Graal, a Lança e a Salva foram levados para o céu com ele, pois ninguém os reviu mais na Terra.** Perceval foi enterrado no Palácio Aventuroso, junto do rei Mordrain e de seu filho o Rei-Pescador, com o seguinte epitáfio: ‘Aqui jaz Perceval o Galês, que levou a termo as aventuras do Graal’.” [negritos nossos]

A frase acima, colocada em negrito, serve para elucidar o Graal (juntamente com a Lança e a Salva) sendo colocado “no céu” por este poeta, através de Perceval, que para lá foi após sua morte, sendo colocado à direita de Jesus Cristo, o Salvador cristão. Perceval se tornou assim, “divino”. Interessante lembrar que a ideia de Manessier do “Perceval divino” e o Graal no “Reino dos Céus”, ressurgirá séculos depois como conteúdo de uma vindoura doutrina messiânica do Graal⁹⁴.

Muitos acontecimentos se desdobraram nas outras continuações não relatadas aqui, até se chegar nesta 12ª. Nelas é possível perceber a continuação da procura de Perceval pelo reino do Graal, que acontece por vários caminhos e aventuras; o casamento de Perceval com Brancaflor; o reencontro com o Rei-Pescador; o significado da Lança que Sangra e do Graal; as peripécias de Galvão; os cavaleiros da Távola Redonda; mais batalhas, aventuras, donzelas e mágicas; a coroação de Perceval como o novo rei do Graal; e etc.

Chama a atenção, o fato de aparecer a citação do personagem bíblico José de Arimatéia para a explicação do Graal. A Lança que Sangra foi aquela usada para perfurar o flanco de Jesus Messias na cruz, e o Graal se tornou agora o vaso-cálice usado para recolher este sangue que verteu do flanco. Por isso, são *santos* o Graal e a Lança nas diversas continuações, pois estão ligados a Jesus, Filho do Deus Javé, diretamente.

Também é inserida na estória a glória de um “Assento Perigoso”. É uma inclusão posterior que diz que o rei Artur recebeu de uma fada (a Fada das Rochas Roxas), uma cadeira mágica chamada “Assento Perigoso”, que coloca à prova os melhores cavaleiros, com a promessa de que o cavaleiro que se sentar ali corajosamente, em um perigoso “teste” e não for “tragado pela terra”, seria escolhido pelo tal “Assento” como o melhor de todos os cavaleiros do mundo. Então, este cavaleiro seria designado por Deus como o Rei do Graal e o guardião da Lança que Sangra. E será Perceval que conseguirá tal proeza, tornando-se então o grande herói, pois todos os outros cavaleiros que lá se sentaram até então, foram tragados pela terra e desapareceram.

As Cruzadas europeias, que foram se tornando cada vez mais famosas, influenciando mais e mais a vida europeia, juntamente com os ideais da Igreja, fizeram com que os Continuadores de Chrétien se inspirassem mais e mais nelas, agregando mais aventuras ligadas às Cruzadas em seus poemas. Por causa disso, pesquisadores e leitores das gerações seguintes quiseram dar a estes poemas uma suposta legitimação histórica!

A Lança e o Graal também são denominados de “Lança Mágica” e “Graal Nutritivo”. Este “Graal Mágico” também é o “Graal Reabilitador”, que cura milagrosamente o cavaleiro leal de seus ferimentos de combate.

7.5 – O ANÔNIMO DE PEREDUR E SEU PERCEVAL BÁRBARO

Após estas continuações, e dada a sua popularidade, a “febre” dos poemas e estórias arturianas, com seu Perceval, Graal e outros heróis se espalhou por toda parte influenciando e estimulando novas evoluções e novas apropriações.

O tema “Perceval e o Graal” teve, a partir de então, diversas outras criações *baseadas* em Chrétien de Troyes e nos seus primeiros herdeiros literários. Era como se cada novo escritor se achasse no direito de escrever sua própria versão da estória

inacabada de Perceval e o Graal místico, daquele poeta de Troyes que tão famoso se tornou, e que também divulgou e tornou popular as histórias arturianas na Europa.

Dentre estas novas criações, houve um concorrente em galês⁹⁵ no início do século XIII. O autor do conto é anônimo e sua Obra aparece no chamado “livro branco de Rydderch (séc. XIII)” e no “livro vermelho de Hergest (séc. XIV)”.

Nesta nova história, o personagem Perceval terá um nome galês adaptado: Peredur.

A Obra *Peredur* acompanha os mesmos personagens e aspectos da história do poema de Chrétien de Troyes, por ser baseado nele, mas com um agregado de elementos célticos e a característica da inexistência do Santo Graal. E não somente isso, mas há o fato de a Obra conter uma certa *dureza*, atrelada ao seu fundo céltico bárbaro, insento de uma mentalidade mais refinada, aristocrática e cortês, como na Obra de Chrétien.

Por exemplo, comparando-se a parte da Obra de Chrétien, onde é citado o cortejo do Graal, com a mesma equivalência em Peredur, temos algo grotesco: vê-se um cortejo acompanhado de uma lança e de um grande caldeirão que contém em seu interior, uma cabeça decepada flutuando no próprio sangue.

Esta cena, suscita nos outros personagens presentes na história, angústia, gemidos e choros.

Esse cortejo do caldeirão acontece assim, porque é deste modo que Peredur se *vinga* daquele morto, o dono da cabeça.

Aqui, o grande caldeirão “toma o lugar” do Santo Graal de Chrétien.

Há, nas crenças celtas, um Deus principal chamado Dagda, e sua mitologia conta que ele possui um caldeirão mágico capaz de fornecer comida e bebida de forma inesgotável. No material conhecido como “matéria bretã”, citado no capítulo 5, existem narrações folclóricas celtas de Gales e Irlanda, onde é citado este caldeirão mágico “da abundância”, que é um portador mágico de fartura incessante e alimento constante para o povo. É o “caldeirão inesgotável” e “caldeirão reabilitador”, símbolo de vida e fecundidade, portador de bem-aventurança e felicidade para os celtas. Uma utopia que virou mito. Alguns pesquisadores das Obras medievais arturianas acreditam que Chrétien de Troyes, de posse desta matéria bretã, se inspirou no caldeirão mágico da mitologia celta para criar sua história do Graal místico, incorporando-o, ou melhor, adaptando sua filosofia à filosofia cristã (fato ainda mais acentuado nos poetas medievais subsequentes). Mas tal caldeirão também é conhecido como “o caldeirão de sangue” com diversas propriedades mágicas, o que o aproxima mais da história de Peredur.

Foi a partir desta herança celta que o Graal tornou-se, através dos novos poetas, o “Graal Nutritivo” e o “Graal Mágico”, também denominado de “Graal Reabilitador” que cura milagrosamente o cavaleiro leal de seus ferimentos de combate.

7.6 – ROBERT DE BORON

O francês Robert de Boron⁹⁶ (fim do séc. XII/início do séc. XIII) nasceu na localidade de Boron (Franche-Comté), perto de Montbéliard (Mont Belyal) na França. Este poeta também associou o Graal com Jesus Cristo.

Ele trabalhava como poeta na corte de Gautier (Walter) de Montbéliard (? /1212), Senhor de Montfaucon. Robert era um clérigo e cavaleiro, e no começo do século XIII já era um importante autor de livros sobre as lendas arturianas, seguindo o exemplo de Chrétien de Troyes.

Duas Obras suas em versos octossílabos, viriam a ser seus maiores sucessos: “José de Arimatéia” e “Merlim”.

José de Arimatéia e Merlim se consagraram como personagens de destaque na história do Graal. E isso continuaria daqui em diante.

De acordo com a história de Robert de Boron, o cálice sagrado utilizado por Jesus Cristo na Última Ceia, foi reutilizado pelo príncipe e discípulo José de Arimatéia para coletar as últimas gotas do sangue do próprio Cristo em seu falecimento, após o soldado romano Longino lhe perfurar o flanco. Foi aí que Robert transformou o Graal de Chrétien no Cálice da Ceia de Cristo, dando uma conotação mais cristã ao Graal⁹⁷. É um cálice detentor de milagres, detentor de poderes, detentor da vida eterna. Os homens terão de aspirar encontrá-lo e de resgatá-lo, pois seria o suprasumo de sua busca até o divino e sagrado (que na verdade se mostra como uma busca por conhecimento). É a tentativa de comunhão com Jesus, ou seja, com o divino e com o próprio Deus Javé.

De acordo com esta história de Robert de Boron, José de Arimatéia teria emigrado com sua família, logo após a crucificação

de Jesus, para Avalon⁹⁸ no sudoeste da Grã-Bretanha, onde se localiza a abadia Glastonbury, e ali guardaram o Graal até a chegada de Perceval.

O que mais inspirou Robert de Boron no seu poema arturiano, foi um acontecimento de sua época, onde os monges de Glastonbury afirmaram ao mundo terem descoberto, no cemitério da abadia, as tumbas do verdadeiro Rei Artur e de Güinevere, sua amada.

Os monges disseram que havia uma inscrição no túmulo que dizia: “Aqui jaz enterrado na Ilha de Avalon⁹⁹ o conhecido Rei Artur”. A descoberta foi em 1191. Mas a veracidade de tal achado não foi comprovada até hoje. Sabe-se que os “supostos” restos mortais do casal real, foram depois transportados e enterrados dentro da própria abadia de Glastonbury em 1278, e em seguida perdidos durante a Reforma Protestante no século XVI, “segundo uma lenda”.

O que realmente se tem conhecimento, é que o próprio convento de Glastonbury foi destruído entre 1536 e 1540 pelo rei Henrique VIII, assim como outros edifícios em toda parte, por causa da demanda por materiais obtidos da demolição, e necessários a seus novos projetos de construção e melhorias em outros edifícios por todo o reino.

Glastonbury, por razões dinásticas, políticas, monásticas e de prestígio, tinha todos os ingredientes para chamar a atenção para si própria. Por exemplo, os monges de lá diziam que sua igreja (a “Velha Igreja”) era a primeira igreja construída em solo inglês, inaugurando o nascimento do cristianismo na Inglaterra...

Muitos estudiosos afirmam que a descoberta dos monges foi forjada ou falsificada por eles mesmos, para enaltecer a origem antiga de Glastonbury e assim aumentar a sua fama, pois naquela época, os negócios com relíquias religiosas e peregrinações, eram muito lucrativos para as abadias.

O que a História sabe de concreto sobre um tal “rei Artur”, é que ele é um mito. No século XII, assim como no século XIII depois, este Artur mitológico tornou-se a sensação do momento, enaltecendo a imaginação heroica das conquistas, batalhas e amores. E isso, graças a Chrétien de Troyes.

Hoje, Glastonbury é um centro religioso e de peregrinação, onde o misticismo faz parte de sua história local. Da antiga igreja da abadia, restam apenas algumas ruínas vazias, mas ainda imponentes. Nos seus arredores, pode ser admirada uma de suas colinas, que tem como característica marcante o “formato” de um cálice. Ela é chamada de “a Colina do Cálice”...

Como já vimos, Chrétien de Troyes focou seu “Perceval ou O Romance do Graal”, na taça Graal e na Lança. Robert de Boron, no entanto, fez evoluir radicalmente o tema “Graal”. O seu romance em versos chamado “A estória do Graal” (L’Estoire du Graal), foi concebido em forma de trilogia e depois mudada para a forma em prosa, e foi baseada em narrativas de evangelhos apócrifos, como o de Nicodemos.

A trilogia foi concebida assim:

- 1) José de Arimatéia (A estória do Graal)
- 2) Merlim (A estória de Merlim)
- 3) Perceval (A diáspora dos cavaleiros da Távola Redonda e a morte de Artur)

Em seu romance, Boron mescla o Graal com uma gama de aventuras em torno da estória do rei Artur e o príncipe discípulo de Jesus Cristo, José de Arimatéia.

José de Arimatéia é um herói e um soldado, e Boron o aponta como um exemplo e modelo para a classe de cavaleiros.

Boron conta que um dos homens que tomaram parte na captura de Jesus, foi à casa onde Jesus havia feito a última ceia com seus discípulos e pegou o “receptáculo” onde Jesus partiu o pão e comeu o cordeiro pascal. No entanto, o homem entregou o receptáculo a Pôncio Pilatos. Mas Pilatos, não querendo para si próprio nada que pertencesse ao “tal” Jesus, deu a preciosidade ao príncipe judeu José de Arimatéia. Este, conservou consigo o receptáculo e usou-o para recolher o “sangue sagrado” do Filho de Deus que escorreu da ferida feita pela lança de Longino, após tirá-lo da cruz para lavá-lo e prepará-lo para o sepultamento.

Depois, nem bem o corpo de Cristo sumiu da tumba, através da famosa “ressurreição”, José foi preso pelos judeus. Na prisão, apareceu diante dele a figura sobrenatural de Jesus, com o “receptáculo” da última ceia na mão, lhe revelando que havia ressurgido dos mortos. Jesus, então, entregou o receptáculo a José de Arimatéia, ordenando-lhe que celebrasse uma missa em comemoração à sua crucificação.

Até este ponto da estória, Robert chama o prato utilizado na última ceia de Jesus, de “receptáculo”. Mas após o contato de

José de Arimatéia com o Cristo ressuscitado, Robert passa a chamá-lo de “Gaal”, exaltando seu poder e sua santidade.

O fato de o sangue de Cristo ser considerado sagrado pelos fiéis, como já explanei, é porque provém do Filho de Deus, pois a religião ensina que tudo o que vem de Deus é sagrado. Este fato faz com que o receptáculo que colhe este sangue, também seja sagrado. É o “cálice da ceia sagrada e do sangue sagrado”, ou seja, é o “receptáculo sagrado”, chamado agora por Robert de *Santo Graal*.

O sangue, em si, sabemos ser a base de todo o princípio vital, seja nos animais ou nos seres humanos, fazendo com que “sangue” tenha toda uma simbologia por isso. Na Antiguidade e na Idade Média, o sangue era considerado como a sede ou moradia da alma, por ser o princípio vital dos seres vivos.

Continuando, José tornou-se então o guardião do Graal. E isso através do próprio Jesus Cristo!

Quando José é solto da prisão, reúne ao seu redor um grupo de discípulos e lhes mostra o Graal sob sua responsabilidade. Em seguida, ele emigra com sua família para Avalon na Grã-Bretanha, terra do rei Artur, fixando-se na abadia Glastonbury, onde guardariam o Graal até a chegada de Perceval.

José então constrói uma mesa redonda para honrar o Graal: a “Távola Redonda”. Nela, o Graal seria colocado no centro, destacando-se.

Depois disso, o precioso Graal passou de José de Arimatéia para as mãos de seu cunhado Bron, que será o novo guardião do Graal. Bron, por sua vez, se transforma no Rei-Pescador. Daí em diante, ele e seus seguidores são chamados de “A Sociedade do Graal”.

Robert de Boron reescreveu a estória do Graal, fazendo do Graal um símbolo da “divina graça”, da qual a alma humana aspira fervorosamente.

Em seu poema, ele deu livre curso à sua fantasia literária. Robert escreveu que Jesus ensinou José de Arimatéia “palavras secretas” que a ninguém podia contar, nem escrever, sem ter lido primeiramente o “Grande Livro” no qual elas estariam consignadas. Tais palavras, ele diz serem pronunciadas no momento da consagração do Graal.

Outro trabalho de Robert de Boron foi a Obra “Perceval” em prosa, conhecida como “Didot-Perceval”, e contém um grande número de episódios, livremente imitados, daqueles narrados por Chrétien de Troyes.

A Obra mística da estória do Graal de Robert tornou-se a glorificação do sacramento eucarístico, pois seu Graal é ao mesmo tempo, a vasilha em que Jesus partiu o pão e comeu o cordeiro da Páscoa e no qual foi recolhido seu sangue na crucificação.

Com a morte repentina do famoso poeta francês Chrétien e seu poema do Graal inacabado, somado a todas estas estórias (continuações), aconteceu que o Graal se tornou uma demanda poética sem igual!

Então, por quase cinquenta anos, muitas narrativas foram produzidas abordando temas ligados ao rei Artur, marcando um ciclo literário que apaixonou o público medieval. Em suas narrativas, os autores preservavam o clima de magia e encantamento, juntamente com a procura que o cavaleiro herói deveria empreender para alcançar a vitória e a glória.

Nessa época, toda produção artística “pagã” tendia a ser “cristianizada” para uma aceitação da Igreja Católica, pois ela considerava qualquer produção *não* ligada aos dogmas da Igreja como heresia, expondo seus criadores a perigos. Os reis europeus da Cristandade ainda davam nessa época toda liberdade para o clero. Enquanto assim era, a Igreja, por sua vez, dizia que: “O rei é um enviado de Deus”. Mas depois, veio a ascensão do imperador alemão Frederico II, que trabalhou para mudar esta ordem de coisas, seguido pelos reis franceses.

Apesar do Graal *literário* ter-se ligado em suas origens (depois de Chrétien de Troyes) ao cristianismo, mesmo assim, a Igreja nunca aderiu a ele, como dissemos, a não ser algumas comunidades e igrejas isoladas. Bem diferente foi o caso de outras relíquias, como a Lança de Longino e o frasco com as supostas gotas de sangue do Cristo.

7.7 – O ANÔNIMO DE LE GRAND GRAAL E SEU GRAAL-LIVRO

Eu mencionei no último tópico, que Robert de Boron escreveu que Jesus Cristo ensinou a José de Arimatéia “palavras secretas” que a ninguém podia contar, nem escrever, sem ter lido primeiramente o “Grande Livro” no qual elas estariam consignadas.

Esta passagem de Robert inspirou um autor anônimo depois dele (um “continuador” da Obra de Robert de Boron), a escrever uma Obra e associar o Graal a um “livro” que ele disse ter sido escrito por Jesus e que se chamava “Le Grand Graal”.

Nascia assim o “Gaal-Livro”.

Essa Obra conta que o Graal-Livro tem o poder de “iluminar” quem o ler, desde que o seu leitor esteja nas “graças de Deus”.

Segundo o autor, o Livro-Graal possui muitas verdades de fé, e se estas forem pronunciadas por aquele que o lê, subitamente os “quatro elementos” da Natureza “se agitariam”, trazendo poderosas consequências na Natureza. O Graal-Livro daria, por isso, um poder terrível àquele que o possuísse.

7.8 – SÉCULO XIII E O POETA MAIS FAMOSO DA ALEMANHA: WOLFRAM VON ESCHENBACH

“No tempo das cortes e dos torneios, em que se elabora a ideia de uma Cavalaria, de alguma forma internacional, as imaginações trabalham sobre o rei Artur, a Távola Redonda e a busca do Graal. Resultam daí seres, lugares, aventuras de ficção aos quais se liga prontamente nosso devaneio moderno sobre ‘a’ Cavalaria clássica. Eles aparecem de fato no meio do século que se segue à mutação Cavaleiresca: em 1138, o rei Artur, em 1155, a Távola Redonda e, por volta de 1185, o Graal. Através deles, é seu espírito que se impõe, e tenta se acomodar (por meio do tema do Graal) ao cristianismo sacramental do ano 1200, pós gregoriano.

Entretanto, a Cavalaria arturiana, com suas festas de corte, sua busca por proeza elegante e a conquista de corações, não reina sozinha no imaginário do século XII. Ela coabita com outras duas grandes ficções: a Cavalaria (ou ‘vassalidade’) vingativa das canções de gesta, e a Cavalaria (muito mais a ‘milícia’) romana e disciplinada da qual os clérigos de corte querem o renascimento e louvam os méritos exemplares. Ambas são mais sanguinárias que a arturiana e, em certo sentido, inclusive, mais cristãs. E, ainda que elas tenham raízes mais antigas, sua grande ascensão é absolutamente contemporânea à arturiana.”

Dominique Barthélemy

Chrétien de Troyes, como vimos, inventou o *Romance*. Os novos poetas, escritores e trovadores da França¹⁰⁰, devido ao sucesso que este gênero inovador suscitou, passaram a imitar o seu “Criador Todo-Poderoso”. Então, chegou ao ponto deste gênero novo ser exportado para fora da França, e ser imitado por autores estrangeiros. Nada mais natural, visto que tudo o que faz sucesso, em qualquer época, faz o ser humano copiar, imitar, desenvolver, e assim se expressar, chegando por fim ao modismo. Isso sempre foi assim no comportamento humano.

Após a morte do grande poeta de Troyes, seu gênero literário se tornou um legado da arte literária. A admiração que Chrétien suscitara, ficaria viva ainda por muito tempo. Além do que, o fato dele ter deixado seu último poema inacabado, causou uma verdadeira frustração e uma *corrida* dos poetas, inconformados com tal destino inconsolável. Esse foi o “ponto-chave” que fez surgir uma atenção maior ao que se chama hoje de “Gaal”.

A Europa estava vendo surgir um Movimento novo, inspirado nos ideais franceses e provençais para a poesia e para a música. A imaginação literária medieval desenvolveu a paixão do *contar*, e as Obras circulavam depressa pelas cortes. Na França, na Inglaterra, na Itália, na Alemanha, assim como em outros países da Cristandade, compilações, fabulações extravagantes, empréstimos e aclimações de todos os tipos, deram origem a um grande número de contos e romances.

A habilidade literária foi evoluindo e se aprimorando. Disso tudo, resultaria o surgimento de outro grande poeta lírico e escritor: Wolfram von Eschenbach (1170-1220), agora na Alemanha¹⁰¹.

Dado o sucesso *do Romance do Graal* do colega escritor francês, Wolfram, inspirado nele e nos primeiros continuadores, decidiu escrever sua própria versão desde o início. É aí que o *Perceval* francês se transformaria no *Parsifal* alemão, que será o primeiro trabalho em alemão “original”. Também na Obra de Wolfram as influências francesas serão evidentes. Veem-se nomes franceses, termos franceses e expressões francesas germanizadas. Lugares franceses, como por exemplo Champanha, Anjou e Valois além de outros fictícios são citados, bem como personagens e locais germânicos, europeus, africanos e asiáticos aclimatizados.

Depois que na Obra de Robert de Boron se destacaram dois novos personagens, que foram Merlim e José de Arimatéia, veremos Wolfram incluir dezenas de outros nomes como novos personagens de sua própria Obra, amalgamando o seu próprio conhecimento e arte, em um novo trabalho literário. É desse modo que surgirão as figuras heroicas alemãs que comporão o universo dos mitos e das lendas folclóricas germânicas que até hoje inspiram pessoas.

Wolfram em pessoa já havia visitado a Terra Santa e os templários de lá, o que enriquecia suas inspirações literárias. No

poema dele vê-se nitidamente uma grande influência oriental também.

Wolfram era um admirador de Chrétien de Troyes. Ele chamou Chrétien de “Mestre”. No entanto, ele criticou o trabalho inacabado do colega, querendo mostrar que seu *Parsifal* era a história “mais fiel já escrita” sobre Perceval e o Graal. Realmente foi a mais bem elaborada e rica. Uma maravilha literária. Mas assim é o caminho do desenvolvimento da Literatura...

Wolfram confessa em sua Obra, que ele mesmo tomou conhecimento da história arturiana francesa de Perceval e o Graal, de Chrétien, através de um tal de Kyot, “o provençal”.

Alguns pesquisadores medievais declaram que sob o nome “Kyot”, esconde-se o próprio Wolfram, que usa tal nome como uma espécie de “álibi” para uma fonte na França, como uma prodigiosa invenção própria. Já outros, identificam Kiot com “Guiot de Provins (?-1208)”, um outro popular poeta trovador francês, da cidade de Provins, em Champanha¹⁰².

Numa Obra de Guiot, conhecida como “sua Bíblia”, ele consagrou uma centena de versos à Ordem do Templo, fazendo dos templários, um modelo da Cavalaria. Sabe-se que este poeta fez viagens para a Alemanha, Grécia, Constantinopla e Jerusalém, tendo publicado várias Obras, dentre as quais algumas que foram queimadas pela Inquisição. A ocorrência destas viagens suscita a hipótese de que em sua visita à Alemanha, Guiot teria tido um encontro com Wolfram em alguma corte e lhe dado uma cópia de parte da Obra de Chrétien já publicada. Por exemplo, pode ter sido quando se deu a festa cavaleiresca de Pentecostes em 1184, em Mainz, festa essa famosa, e que contou com a presença de diversos poetas e trovadores da época, provenientes de vários países. Ou talvez Guiot e Wolfram já fossem amigos. No entanto são somente especulações. O que interessa na verdade, é que Wolfram soube da Obra Perceval ou o Conto do Graal, de Chrétien, e quis escrever uma versão alemã com suas ideias próprias.

Foi com seu próprio “Parsifal” que Wolfram se consagrou um dos maiores poetas épicos de sua época! E o maior de toda a Alemanha. Seu Parsifal é considerado o maior dos épicos germânicos do século XIII.

O idioma usado por Wolfram em Parsifal, é o dialeto alemão do leste da Francônia (região ao norte do estado atual da Bavária), um alemão mais arcaico. É ali que se situa *Wolframs-Eschenbach*, cidade natal do poeta. Com relação a este dialeto alemão, Schmidt Patier comenta, em seu prefácio de Parsifal, que “*a língua alemã nunca foi tão bela*”.

Hoje, existe no centro da cidadela Wolframs-Eschenbach, um belo monumento erigido em homenagem ao talentoso poeta. Em sua base pode-se ler uma passagem da Obra Parsifal, onde o autor fala brevemente da água e suas propriedades curativas.

O imperador do Sacro Império Romano-Germânico, Frederico Barbaruiva (Frederico I), casou-se em 1156 com Beatriz de Borgonha (1145-1184), filha única de Reinaldo III da Borgonha (1093–1148). Esta união germano-franca, trouxe consigo laços especiais entre França e Alemanha, fazendo com que a arte francesa, em diversos aspectos, se disseminasse para a Alemanha, influenciando a música e a poesia deste país.

A Alemanha dos principados, tinha uma história cavaleiresca muito semelhante à da França. O estudo acadêmico das diversas Obras de cada autor alemão, proporciona uma visão clara do modelo franco-provençal em que se basearam. *Alguns* nomes alemães medievais consagrados assim, foram: Friedrich von Hüsen (1150-1190), Hartmann von der Aue (1168-1210), Reinmar il Vecchio (?-1210), Rudolf von Fenis (1150-1196), Walther von der Vogelweide (1170-1230), Heinrich von Meissen (1255-1318), além de Wolfram von Eschenbach, é claro.

Wolfram também foi um cavaleiro do imperador Barbaruiva, tendo trabalhado na corte de Turíngia (região central da Alemanha). Como ele mesmo disse, “*sou cavaleiro por nascimento e educação*”. Hermann I (1155-1217) da Turíngia¹⁰³ era considerado “protetor das Belas Artes” e foi o patrocinador de Wolfram.

Wolfram trabalhou como poeta para várias outras cortes, sendo que uma das mais significativas foi a corte do feudo de Dürne, pois seu castelo, o castelo Wildenberg, também conspira de algum modo como ícone de inspiração para o Castelo do Graal Munsalvaeche presente em sua Obra.

Assim como na época de Chrétien, o cenário das cortes, dos cavaleiros, da Igreja e das Cruzadas, continua viva no poema de Wolfram.

No âmbito da religião, sua Obra será mais tolerante com as demais religiões do que outros poetas contemporâneos seus. Também transparecerá na Obra seus modos de galanteador e amante das mulheres. No campo da modéstia, Wolfram não consegue muito bem disfarçar sua personalidade neste assunto, pois afirma que “*pouco se me dá se alguém se revelar mais engenhoso que eu no trato de assuntos femininos*”.

É em 1210, que Wolfram mostra ao mundo seu poema cavaleiresco “Parsifal”. Foi um sucesso! Ele tinha então quarenta

anos. Sua composição possuía 25.000 versos elaborados em prosa, divididos em 16 livros! Só para se ter uma ideia mais próxima do que isso significa, temos a tradução portuguesa de seu Parsifal, e esta possui reunido em um só livro quase 500 páginas! Portanto, um imenso poema, muito maior e mais desenvolvido que o anterior de Chrétien de 128 páginas (edição em português), que no entanto ficara inacabado. A versão de Wolfram sobre o Graal e Perceval foi a mais notável já escrita.

Wolfram von Eschenbach não gostava de ser identificado como trovador. Queria ser conhecido como “*cavaleiro militante que se dedicava à arte do verso nos momentos de lazer*”. Mas desconsiderando totalmente isso, a posteridade o consagrou como representante máximo da literatura cortesã. Ele ficou conhecido na Alemanha como “Príncipe dos Trovadores”.

Mas em seu Parsifal, Wolfram chamaria a atenção com uma grande mudança: o Graal, em vez de ser uma bandeja, vaso ou cálice, transformou-se em uma “pedra portadora de milagres”! A “pedra da sabedoria”. É o Graal-Pedra. Em sua estória, Wolfram situa a origem desta pedra há centenas de anos: “*Recuava ao tempo em que o batismo se tornara nosso escudo contra as penas do inferno*”, ou seja, remontava para a época da instituição da Igreja. Na Idade Média, era atribuído às pedras preciosas poderes benéficos e miraculosos, por isso a escolha do poeta Wolfram em retratar o Graal como uma pedra.

Outras características de Parsifal, são o universo esotérico cheio de signos e mistérios envolvendo os acontecimentos. Wolfram vai longe em sua fantasia e pode ser considerado como um remoto precursor da ficção-científica!

No desenrolar do livro, percebe-se toda a fama dada ao rei bretão Artur, onde Wolfram o enaltece ao escrever que ele é “*o varão de fama dilatada e magnânimo de índole*”; “*o soberano de fama divulgada, [que] reina sobre muitos países estrangeiros*”; “*nosso líder supremo*”; e “*se és Artur, posso afiançar-te que a fama de teu nome alcançou os países mais distantes*”.

Lugares e personagens que aparecem “sem nome” no poema de Chrétien, receberam um nome no poema de Wolfram. Já outros receberam nomes diferentes, assim como novos personagens ainda foram criados, dando mais perspectivas à estória. Dentre estes últimos estão: Kingrun, Liasse (Liaze) e Cundrie (Kundri). Há também o aparecimento de um grande número de nomes de origem celta e terminologias árabes.

Em Parsifal a castidade é exaltada e os torneios são glamourizados. Os heroísmos, a honra e a fama são acompanhantes dos cavaleiros, juntamente com seus dois dons preciosos: o sentimento de honra e a lealdade.

Vejamos a seguir mais de perto, alguns “poucos trechos” transcritos da estória homônima de Wolfram, no que diz respeito ao tema Parsifal e Graal, dando-nos um panorama do poema com seu desenvolvimento progressivo. Veremos isso nas partes transcritas logo adiante¹⁰⁴.

Seu poema começa com uma apresentação da estória da “filiação” do personagem Parsifal. E segue que Parsifal é filho do famoso Gahmuret e da rainha Herzeloyde.

Wolfram conta que Parsifal havia sido criado longe dos homens, na floresta, pela sua mãe que assim decidira após a fatídica morte do marido cavaleiro. Por temor igual por seu filho, ela queria mantê-lo longe da Cavalaria e das armas. Assim, sua infância e juventude, foram longe de tudo, até que Parsifal se lançou no mundo, depois de se deparar imprevisivelmente com alguns cavaleiros que passavam próximos ao seu lar. Ele quis se tornar um deles! Ficou fascinado com a aparência deles!

Parsifal também é conhecido aqui como “o jovem de Valois”.

A partir daquele encontro com os cavaleiros de belas armaduras, ele seguiu com seu cavalo sem rumo certo, em busca de aventuras.

Desse modo chegou a um lago, onde encontrou um grupo de pescadores. Aproximando-se, perguntou a um “pescador” do grupo, onde poderia encontrar um lugar para pouso. O pescador lhe indicou um castelo da região e o caminho até lá.

Chegando ao castelo, Parsifal, foi recebido e cuidado das canseiras do dia.

Este pescador que fala com Parsifal é o conhecido “Rei-Pescador” de Chrétien, chamado por Wolfram de “Amfortas”. Parsifal é então convidado a participar, naquele dia, de um grande acontecimento na corte deste rei. Era o grande banquete de cavaleiros que aconteceria.

Assim que Parsifal se dirigiu ao grande salão do banquete que lhe indicaram, viu ali coisas impressionantes. O lugar possuía mais de cem mesas, cada uma com quatro cavaleiros sentados. Parsifal tomou lugar num assento ao lado do capelão da corte. Ali, ele era tratado e servido com consideração, visto sua aparência agradar a todos.

Em dado momento, entrou um escudeiro no salão portando uma lança. Wolfram narra:

“Um escudeiro irrompeu na sala carregando consigo uma **Lança de cuja ponta brotava sangue**, que escorria pela haste, manchando a manga e a mão de seu portador. Foi então que se fizeram ouvir no vasto palácio tantos lamentos e choros que nem mesmo trinta povos

teriam como derramar tantas lágrimas. O escudeiro, portador da Lança, deu uma volta completa no salão e se apressou em sair pela mesma porta pela qual havia entrado. Tendo o escudeiro e a Lança – cujo objetivo manifesto era lembrar aos cavaleiros uma terrível desgraça – desaparecido, as lamentações cessaram.”

[negritos nossos, p. 163]

Chegou então o momento em que a rainha soberana daquele reino, entra no salão em cortejo solene, trazendo à mão um objeto chamado “Graal”:

“(…) Mas eis que vinham surgindo mais seis damas usando preciosas vestes de seda de Nínive entretecida de fios de ouro. Seus vestidos, como os das demais, eram de tecido multicolorido e sumamente precioso.

Por fim surgiu a rainha. O esplendor que sua face irradiava sugeria aos presentes o despontar de um novo dia. Seu vestido era de seda árabe, e sobre uma almofada de achmardi verde ela trazia a quintessência da perfeição paradisíaca, princípio e fim de toda a aspiração humana. Esse objeto, chamado **Graal**, era superior a qualquer ideal terreno. A nobilíssima dama que tinha o privilégio exclusivo de ser a portadora do Graal chamava-se Repanse de Schoye¹⁰⁵. É que a natureza sobremodo sublime do Graal exigia que sua guardiã fosse intocada e sem mácula. Preciosos candeieiros precediam o Graal. Eram seis grandes vasos de vidro translúcido contendo bálsamo que alimentava uma bela chama. Depois de ingressarem no recinto em cortejo solene, a rainha e as jovens portadoras do bálsamo se inclinaram. A imaculada rainha colocou o Graal diante do anfitrião [Amfortas]. Segundo nosso relato, Parsifal teria contemplado demoradamente a portadora do Graal, pois sua presença lhe evocava o manto que usava. Com passo lento e grave, as sete se dirigiram ao local onde se achavam reunidas as dezoito. (...)”

[negritos e colchetes nossos, p. 165]

Um pouco mais adiante continua que:

“Agora atentai para mais essa notícia: cem escudeiros tinham por incumbência erguer o pão diante do Graal em atitude de respeitosa oferta, colocá-lo sobre toalhas de alvíssimo linho e, a seguir, distribuí-lo entre os presentes. Foi-me assegurado – e eu vo-lo repito de fé jurada, de sorte que mentireis comigo caso eu vos falte com a verdade – que diante do Graal apareceu, pronto para o consumo, tudo o que pudesse ser desejado. Havia ali rações frias e quentes, pratos conhecidos e desconhecidos, carne de rês e de caça. Possivelmente um ou outro dirá que estou a contar coisas impossíveis. Mas estará sendo injusto. O Graal era, de fato, depositário de Fortuna, uma cornucópia de felicidades terrenas que, mal comparando, assemelhava-se às delícias do reino celestial. Em taças de ouro, artisticamente trabalhadas, recebiam-se ali temperos e complementos para os diversos pratos: molho de carne, pimenta e calda de frutas. O sóbrio e o glutton ficavam ali igualmente à vontade, recebendo ambos obsequioso tratamento. De onde quer que surgisse um copo, qualquer que fosse a bebida solicitada – vinho de amora, vinho de uva, rubro sinopel –, o pedido era atendido de pronto, enchendo-se os copos consoante o desejo de cada um, graças às virtudes miraculosas do Graal. Toda essa ilustre comunidade era, pois, conviva do Graal.”

Pode-se observar que no texto de Wolfram, há uma “Mensagem do Graal” para o Leitor. Uma mensagem sobre as características do Graal, que também remete às características já descritas sobre o “caldeirão mágico dos celtas”, conhecido como “caldeirão da abundância” e símbolo da vida e fecundidade (Graal Nutritivo e Graal Reabilitador).

Prossigamos com a narração:

“Parsifal observou atentamente todo esse esplendor e a manifestação do miraculoso fenômeno. Mas sua educação cortês fez com que se abstivesse de qualquer pergunta. Ensimesmado, inquiriu de si para si: ‘Gurnemanz¹⁰⁶, que me estimava, recomendou-me de forma inequívoca que me abstivesse de perguntas desnecessárias. Devo eu uma vez mais provocar uma situação de constrangimento, fazendo perguntas inconvenientes? Mesmo sem perguntar, acabarei sabendo o que esta comunidade cavaleiresca tem de especial’.

Enquanto estava assim a pensar, acercou-se dele um escudeiro com uma espada. Só a bainha devia valer em torno de mil marcos, e o punho havia sido talhado de um enorme rubi. A lâmina era, por certo, predestinada a perpetrar feitos memoráveis. Oferecendo-a ao hóspede, o anfitrião declarou: ‘Senhor, fiz uso dela em muitos combates até que Deus me pôs à prova, fazendo-me padecer de uma ferida que resiste a qualquer tratamento. Aceitai-a como ressarcimento caso a acolhida não tenha correspondido à vossa expectativa. Guardai-a sempre convosco. Ao fazer uso dela, tereis a prova de que é uma companheira de muita confiança’.

Ai dele [Parsifal], pois mesmo assim nada perguntou. Ainda hoje sinto o que lhe sucedeu. É que, ao pôr-lhe a espada nas mãos, o rei quis estimulá-lo a formular a pergunta. Deploro igualmente o amável anfitrião, que vinha consumindo a existência a padecer de uma chaga incurável, quando uma única pergunta poderia tê-lo redimido.

O banquete terminara. Os serviçais se esmeravam em recolher os talheres servidos nos quatro carrinhos. Entrementes as fidalgas trataram de desincumbir-se de suas tarefas, desta vez observando a ordem inversa. Inicialmente acompanharam a mais ilustre até o local onde se achava exposto o Graal. Com ar solene e grave, a rainha e as jovens inclinaram-se perante o anfitrião e Parsifal e, a seguir, recolheram tudo o que haviam trazido. Parsifal seguiu-as com a vista enquanto se afastavam e antes que a porta se fechasse atrás delas, avistou sobre a cama, num quarto contíguo, um ancião que irradiava uma dignidade imponente e grave nunca vista antes por ele. Asseguro-vos, sem vislumbre de exagero, que seu cabelo era mais branco que a neblina. A identidade desse ancião, a narrativa irá revelá-la mais adiante. Da mesma forma e no devido tempo prestar-vos-ei pronto e detalhado esclarecimento acerca do senhor da casa, de seu castelo e seu reino (...).

(...) No castelo no qual Parsifal era hóspede, nunca se ouvia o alegre alarido do torneio ou da dança. Mergulhados na dor, esses homens dispensavam qualquer tipo de gracejo. Em meio a toda aquela abundância não havia sinal de alegria, embora algum humor faça bem até

aos mais deserdados da sorte.

O anfitrião voltou-se para seu hóspede: ‘Acredito que vosso leito já esteja preparado. Se estais cansado, gostaria de aconselhar-vos a repousar’.

Essa despedida eu deveria lamentar em altos brados, pois ela representava para ambos uma sucessão de desgraças. O ilustre Parsifal ergueu-se do canapé e, postando-se sobre o tapete diante do anfitrião, desejou a este uma boa noite.”

Parsifal, no entanto, após uma noite agitada, com angústias e sonhos ruins, se levantou e não encontrou ninguém no castelo. Parecia vazio. Então partiu dali preocupado, à procura de alguém. Na saída da ponte levadiça, um escudeiro apareceu e gritou-lhe:

“Não sois digno da luz do sol! Afastai-vos deste lugar, poltrão obtuso! Se vos tivesse ocorrido inquirir vosso anfitrião, teríeis alcançado a distinção suprema!

Quando Parsifal, em tom exaltado, exigiu explicações, não obteve resposta. Por mais que chamasse, o escudeiro se comportou como se estivesse dormindo em pé, fechando bruscamente o portão do castelo. Cedo demais a boa fortuna e a alegria de viver se haviam apartado deste que agora iria enveredar por sombrios caminhos. Tudo havia ele perdido. Quando estivera face a face com o Graal pusera em jogo seu destino, e isso só com o olhar, sem que sua mão tocasse nos dados da Fortuna. Na verdade ele não havia sofrido muito até essa parte. Parsifal seguiu os rastros claramente visíveis e disse, com seus botões: ‘Os cavaleiros cujo rastro estou seguindo deverão por certo, combater ainda hoje pela Causa de meu anfitrião. Se concordarem, juntar-me-ei a eles e não farei má figura. Comigo não há recuo! Combatarei ao lado deles a fim de fazer jus à hospitalidade e à magnífica espada que recebi do distinto soberano. Nada ainda fiz por merecê-la, e talvez me tenham na conta de covarde’.”

Parsifal foi seguindo os rastros de cavalos que encontrara, na esperança de achar alguém. Seguiu a pista dos rastros até que estes desapareceram por completo.

A partir daqui a história segue em andanças e surpresas. Numa destas, Parsifal encontra uma prima sua numa floresta e mantém um diálogo com ela, onde descobre coisas interessantes sobre o Graal e o ancião do castelo que estivera. A prima lhe diz:

“(…) Amfortas passa a vida numa cadeira de amplo espaldar. Não pode andar nem montar, e nem tampouco ficar de pé ou deitado. É ele o senhor de Munsalvaesche, mas incorreu na ira de Deus. Senhor, se de fato tivésseis sido admitido nessa enlutada comunidade, o senhor desses domínios teria sido redimido de seu prolongado sofrimento (…).”

“(…) Dize-me, agora, se te foi dado ver o Graal e o desditoso senhor do castelo! Quero ouvir a boa nova! Bendita seja tua afortunada demanda, que o libertou finalmente de seus terríveis tormentos! Serás agora exaltado sobre todas as coisas criadas. Todas as criaturas te estarão sujeitas! Obtiveste a forma mais sublime de poder e riquezas inconcebíveis! (…).”

“(…) Se alguma coisa neste mundo ainda pudesse constituir-se para mim em motivo de satisfação, esta seria a notícia de que o amargurado Amfortas foi libertado de sua longa agonia. Se tu o redimiste antes de partir, farás jus à suprema glória. Vejo que portas sua espada. Conhecendo sua miraculosa força secreta poderás, sem receio, engajar-te em qualquer combate. Sua lâmina é um primoroso trabalho de artesanato. Quem a forjou foi Trebuchet, descendente de nobre estirpe (…).” “(…) Crê-me, querido primo, todas as coisas singulares que te foi dado ver passam a pertencer-te a partir de agora. Exaltado muito acima dos membros da nobreza, ostentarás o diadema do restaurador. Tudo aquilo que constitui o objetivo da busca final dos homens, tu o terás até o limite do excessivo. Se formulaste adequadamente a pergunta, não haverá homem sobre a face da Terra que possa ombrear contigo em poder e riqueza.

Ele, porém, respondeu: ‘Não fiz pergunta alguma’.

‘Ah, teria sido melhor que meus olhos jamais vos tivessem visto’, exclamou a jovem enlutada. ‘Postergastes a pergunta! Por que não a formulastes? Não presenciastes a manifestação de muitos eventos miraculosos ao estardes face a face com o Graal? Vistes muitas damas nobilíssimas, entre elas a distinta Garschiloye e Repanse de Schoye; vistes as duas afiadíssimas facas de prata e a Lança vertendo sangue! Ai de vós – o que afinal pretendes de mim, ó homem maldito e desonrado? Vossa periculosidade é tão funesta como o dente do lobo enraivecido. Desde os verdes anos o amargo fel da perfídia sufocou em vós o sentimento da lealdade! Devíeis ter-vos compadecido de vosso anfitrião, a quem Deus castigou de forma tão terrível, e indagado da causa de seus sofrimentos. Escapastes com vida, mas dissipastes a fortuna maior de vossa existência!’

Consternado, ele implorou: ‘Querida prima, não sejas tão dura comigo! Se incorri em erro, quero penitenciar-me de bom grado.’

Mas a reação da prima foi de desprezo: ‘A penitência vos será concedida como mercê. Sei muito bem que em Munsalvaesche perdestes de forma irremediável vossa honra e reputação de cavaleiro. A partir de agora não vos dirigirei palavra alguma’. Amargurado, Parsifal retirou-se.

O fato de não ter formulado pergunta alguma, ao ver o anfitrião curvado ao peso de sua dor, deixou nosso herói profundamente abatido.”

Da corte de Artur, uma comitiva havia saído à procura de Parsifal, com o próprio Artur à frente, pois ele queria convidar Parsifal à incorporar-se à Confraria da Távola Redonda.

Após o desagradável encontro com a prima, Parsifal passou em Nantes, e lá se deparou com um esplêndido cavaleiro conhecido como “o Cavaleiro Vermelho”. Parsifal ficou tão deslumbrado com sua roupa vermelha que o desafiou para um combate, pois desejava para si suas vestes vermelhas. E ele venceu o campeão, pegando para si a sua roupa e vestindo-a. Após tal fato, Parsifal assumiu a alcunha de “Cavaleiro Vermelho”.

Após, ele seguiu adiante sem rumo certo, em busca de aventuras e fama, acompanhado de seu cavalo, sua armadura, sua espada, seu escudo e sua *lança de Troyes*.

Depois de várias vivências pelo caminho, Parsifal chegou “coincidentemente” às proximidades do acampamento do rei bretão Artur. Ao chegar, foi conduzido ao acampamento por Galvão (o mesmo *Galvão* do conto de Chrétien), seu primo e também sobrinho de Artur, e que era o mais renomado cavaleiro da Távola Redonda de até então.

Depois, a rainha Cuneware (Güiniver) recebeu Perceval com um beijo de boas vindas, e Artur o convidou a ser cavaleiro da Távola Redonda, no que Wolfram narra:

“Essa solicitação veio ao encontro de seus mais caros desejos. Contento e orgulhoso, ele aceitou logo.”

A Távola Redonda ficava em Nantes¹⁰⁷. Mas ali no acampamento longe de Nantes, para que pudessem prestar homenagem à Parsifal, foi improvisada uma reprodução simbólica da Távola, no meio de um prado florido.

Na Távola Redonda todos os lugares eram honrosos por igual, e damas e cavaleiros comiam juntos. As damas podiam sentar-se ao lado de seu bem-amado.

E Wolfram continua sobre Parsifal:

“Segundo nosso relato, ninguém havia na Távola Redonda que se lhe avantajasse em distinção e fidalguia. Nele [Parsifal] se combinavam vigor e juventude (...)”. “(...) Ele caiu no agrado geral conquistando a simpatia de homens e mulheres.”
[colchetes nossos]

Em determinado momento, durante a confraternização, compareceu montada em uma mula, perante Artur e Parsifal, uma jovem feiticeira de feio e repugnante aspecto, dizendo palavras de mau augouro a ambos. Mas Parsifal era seu alvo:

“Dizei-me, senhor Parsifal, por que não livraste o pobre Pescador de seus dolorosos suspiros quando, triste e inerte¹⁰⁸, esteve sentado diante de vós? Ele vos mostrou claramente o quanto vinha sofrendo, ó hóspede desleal! O que devíeis ter feito era compadecer-vos de seus sofrimentos! Devíeis perder a língua, já que vosso coração se apartou de todo o reto pensar! Deus já vos reprovou e vos reservou as penas do inferno. E já nesta vida a mesma sorte irão desejar-vos os fidalgos de bem quando descobrirem vossos projetos. Ó azar da fortuna, maldição da felicidade, desprezador do verdadeiro prestígio! Vossa honra se desvanece e vossas energias se encontram tão combalidas que médico algum teria condições de valer-vos. Se alguém quisesse tomar meu juramento, eu diria em vossa cara que nunca me foi dado ver em homem algum, como em vós, tamanha falsidade combinado com tão boa aparência. Ó chamariz traiçoeiro e enganador, dente maligno de víbora! Vós não mereceis a espada que Amfortas vos ofereceu. Ao aceitá-la e permanecer mudo, incorrestes em pecado mortal. Vós sois um instrumento de Satanás, ó abominável senhor Parsifal! Com indiferença contemplastes o Graal, as facas de prata e a Lança coberta de sangue quando essas relíquias foram postas diante de vós. Vossa presença faz com que as alegrias pereçam e as calamidades floresçam. Se tivésseis formulado a pergunta em Munsalvaesche, vossa recompensa seria maior que receber como feudo a rica e imensa cidade de Tabronit, no país dos pagãos. (...)”
[negritos nossos, p. 210]

Por causa da grande falha de Parsifal, vê-se ainda as palavras derradeiras da feiticeira Cundrie antes dela partir da comunidade da Távola Redonda, como lembrança horrível:

“Ó Munsalvaesche¹⁰⁹, lugar da angústia suprema! Ai de ti, porque agora já ninguém mais virá em teu socorro.”
[p. 211]

A feiticeira, então, partiu dali chorando sem se despedir. A rainha e as demais damas caíram em prantos.

Parsifal, após tais vivências, achou que só teria alegria novamente se compensasse aquilo que deixou de fazer no castelo do Graal, para ajudar o Rei-Pescador Amfortas. Ele diz:

“Daqui em diante serei um órfão de alegria, até que tenha uma vez mais o Graal diante de meus olhos. Este é meu firme propósito, e nele pretendo persistir pelo resto de minha vida.
Se agora sou objeto de riso por parte de meus semelhantes apenas porque cumprio os preceitos do comportamento cavaleiresco, então devo concluir que tais preceitos são imperfeitos. O nobre Gurnemanz incutiu-me no espírito o dever de ser cortês e de me abster de fazer perguntas indiscretas. Aqui se acham reunidos muitos nobres cavaleiros. Lembrai-vos de vossa distinta educação e dizei-me o que devo fazer para reconquistar vossa estima. Aqui fui condenado com palavras duras e ásperas e não censuro quem, por esse motivo, se afastou de mim. Mas sede justos comigo quando houver reconquistado fama e consideração. Devo deixar-vos agora, pois me admitistes em vossa comunidade quando eu ainda desfrutava de alto conceito. Eu vos desobrigo de quaisquer compromissos de amizade para comigo até que eu tenha reconquistado o que **minha imaturidade** permitiu perecer no nascedouro.”

Como podemos observar em nosso negrito acima, o personagem Parsifal menciona uma característica confessa de si mesmo,

a “imaturidade”, referindo-se ao conhecido conceito de “tolo puro” (tolo ingênuo), que ao longo da Obra o próprio Parsifal admite ser, e que veremos repetir-se novamente mais adiante.

E a narrativa da Obra prossegue:

“Daqui por diante terei a amargura por companheira; meu coração fará com que meus olhos chorem, pois, a exemplo do que ocorre com muitas puras donzelas, abandonei em Munsalvaesche aquilo que agora me priva de todas as alegrias. Todas as maravilhas deste mundo diminuem em importância quando comparadas com o Graal. No entanto o soberano do Graal vai morrendo aos poucos, miseravelmente. Ah, indefeso Amfortas! De que te serviu, afinal, o fato de eu ter estado contigo?”

A partir daí, Parsifal pede licença ao rei Artur e aos outros presentes, para seguir em frente e reencontrar o Graal em Munsalvaesche e tentar reparar seu erro. Todos lamentam a sua partida e o seu desalento. Na despedida, Artur promete proteger o reino de Parsifal conquistado anteriormente.

Quando Parsifal se despede de Galvão, este lhe diz confiante:

“Estou certo de que irás superar todas as vicissitudes que obstruírem teu caminho. Que Deus te conceda boa sorte! A Ele peço que, graças à Sua onipotência, me dê oportunidade de logo assistir-te em tudo o que for necessário.”

Mas Parsifal desabafa:

“Ah, quem tu imaginas que seja Deus? Se Ele fosse de fato todo-poderoso e tivesse capacidade para manifestar essa onipotência, não nos teria exposto a uma situação tão desmoralizante. Na expectativa de Suas recompensas, sempre Lhe fui leal e pronto para servi-Lo. Por isso, doravante recuso-me a ser-Lhe servidor. Se Ele me quer mal, eu arco com as consequências. Amigo, se partires para a luta, não confies em Deus. Confia, antes, numa mulher cuja pureza e bondade feminina estejam acima de qualquer dúvida. Seu amor será teu escudo e salvaguarda no combate.”

A senhora Cuneware ainda diz a Parsifal:

“(…) Compartilho, ademais, a depressão moral em que vós, nobre varão, estais mergulhado. Não terei alegria enquanto durar vossa tristeza.”

E assim, Parsifal abandona a Távola Redonda e seus amigos. Montou em seu cavalo e partiu...

Visando retornar ao reino do Graal, Parsifal, fará pelo caminho feitos memoráveis e passará por aventuras Cavaleirescas sem conta. Cinco anos se passarão assim, sem que Parsifal reencontre o caminho certo para Munsalvaesche. É como se este lhe permanecesse escondido. Wolfram dá, assim, um tom de enigma à estória de Perceval e o Graal, pois inicialmente já havia passado “a oportunidade” de Parsifal ser louvado pela cura do rei Amfortas.

A partir desse ponto, Wolfram conduz sua narrativa falando de outro personagem. Será a vez de Galvão e suas aventuras, deixando Parsifal para mais adiante.

Galvão passará por muitas peripécias e combates em busca de fama, até que estas lhe colocam também no caminho da procura pelo Graal. Solitário e disposto a passar por perigos incertos, partiu também ele na procura pelo Graal e pelo reino de Munsalvaesche. Muitas paginas falarão de suas aventuras, mas depois a narração voltará para Parsifal, narrando que ele teria “*percorrido a cavalo e navio numerosas terras e mares*”, e enfrentado muitas aventuras na procura de Munsalvaesche e o Graal, mas ainda não havia conseguido encontrar novamente o rumo para lá.

Após atravessar uma floresta, Parsifal chegou a um local onde se deparou com uma ermida habitada por uma donzela, que descobriu ser sua prima, a duquesa Sigune, que decidira viver ali por causa da dor de haver perdido seu amado num combate. Ela então, manteve um diálogo com Parsifal sobre sua situação, dizendo que o seu sustento era provido por víveres que a maga Cundrie lhe trazia periodicamente quando a visitava semanalmente: “*Ela assumiu o compromisso de cuidar de minhas necessidades...*”, diz, e segue com um diálogo pormenorizado com Parsifal.

Depois, Parsifal segue adiante, até topar com um cavaleiro templário de Munsalvaesche que protegia o caminho. Como nada podia demover Parsifal de sua jornada, ambos se enfrentaram em combate, onde Parsifal saiu vitorioso, continuando adiante mas sem achar a trilha certa. Aqui neste ponto é onde o autor Wolfram relaciona a comunidade do Graal com os templários. Ele narra:

“(…) Descavalgado, o templário de Munsalvaesche foi arremessado a um despenhadeiro, onde despencou em queda livre sem possibilidade de se agarrar no que quer que fosse. Parsifal prosseguiu na arremetida. (...)”
[grifo e negrito nosso, p. 287]

Semanas depois, se deparou com uma comitiva que vinha a pé. Era uma peregrinação piedosa, devido a ser uma Sexta-Feira Santa, dia da “Paixão de Cristo”. Um senhor de cabelos grisalhos separou-se do grupo, vindo ao encontro dele para lembrá-lo desta data importante, mas Parsifal estava indiferente com relação ao Deus cristão, e disse:

“– Antigamente servi a alguém chamado Deus, até o momento em que Ele permitiu que eu fosse exposto à execração pública. Até então jamais duvidara d’Ele, pois me haviam dito que Sua ajuda jamais me faltaria. Na realidade, Ele me desapparou.”

O senhor de cabelos grisalhos lhe respondeu:

“– (...) Não muito longe daqui mora um santo homem que vos dará bom conselho e vos imporá uma penitência para expiardes vossos malfeitos. Se derdes prova de vosso arrependimento, ele poderá absolver-vos de vossos pecados.”

Os caminhantes ainda quiseram dar acolhida à Parsifal, mas este preferiu continuar sua jornada, e, despedindo-se, seguiu em frente. Sem saber que rumo tomar, resolveu deixar a escolha à vontade do Deus, libertando seu cavalo do controle das rédeas para seguir ao seu bel-prazer. E assim, sua montaria tomou o rumo que conduzia à Fontane la Salvatsche (Fonte da Salvação, Fonte Silvestre) onde morava o piedoso Trevrizent, que vivia uma vida de sacrifícios. *“Através dele é que Parsifal seria iniciado nos mistérios do Graal (...)”*, escreve Wolfram. Agora Wolfram começa a inventar alguns detalhes místicos na estória e fala de uma revelação do céu, dando à estória um ar de mistério e sensacionalismo (p. 291). Ele segue narrando em primeira pessoa:

“(…) Outrora vivia um pagão chamado Flegetanis, afamado por sua notável sabedoria. Esse naturalista era israelita de raça e descendia de Salomão (...)”. “(...) Por parte de pai, Flegetanis era pagão e prestava culto a um bezerro, como se este fosse seu Deus. Como pôde o demônio induzir um povo inteligente a tão infame prática, a ponto de nem mesmo a sabedoria e a onipotência divinas terem podido demovê-lo de tal propósito? O pagão Flegetanis possuía profundos conhecimentos acerca do movimento dos astros e de suas revoluções. Sabe-se que o movimento circular dos astros se acha intimamente ligado ao destino dos homens. Foi assim que o pagão Flegetanis descobriu, numa constelação da esfera celeste, um segredo do qual sempre se referia a tremer. Ele explicou que havia um objeto chamado ‘o Graal’. Esse nome ele vira claramente inscrito nas estrelas. ‘Uma legião de anjos haviam-no depositado na Terra antes de regressar ao empíreo celeste, onde talvez tenham sido absolvidos e readmitidos no Céu. Desde então, pessoas de coração puro iniciadas pelo batismo deviam encarregar-se de sua guarda. Quem for convocado para o Graal deve ter alcançado elevado grau de perfeição.”

Ressalto que na Obra de Wolfram, esse episódio na estória surge como uma outra “Mensagem do Graal”, agora revelada por Flegetanis em suas *visões*.

Continuando a narração, Wolfram levanta uma questão: que povo...

“...graças à pureza de seus costumes, poderia ter sido convocado para a missão de guardar o Graal?”

As repostas estavam em Anjou, na estirpe de um tal Mazadan. Descobriu-se que *“Titurel e a seguir seu filho, Frimurtel, haviam transmitido como bem de herança o Graal a Amfortas, cuja irmã, Herzeloyde, tivera com Gahmuret um filho que é o herói desta narrativa”*, ou seja, o herói Parsifal.

A essa altura a narrativa volta para Parsifal, que havia chegado na casa do eremita. Lá, foi convidado a apeiar e a se aquecer ao fogo.

Acercando-se do eremita...

“...falou-lhe dos peregrinos que lhe haviam exaltado sua rica sabedoria e incentivado a procurá-lo, e concluiu dizendo: ‘Senhor, aconselhai-me, pois sou um homem carregado de pecados!’.”

Parsifal ainda falou ao eremita de suas atitudes erradas, como o fato de, em mais de cinco anos, não ter entrado em uma igreja ou catedral, e de seu ódio e queixas para com Deus por causa de suas vicissitudes e sofrimentos. Ao que o eremita lhe explica:

“(…) Cabe ao homem fazer-se merecedor da ajuda de Deus, que está sempre pronto a socorrer a alma prestes a sucumbir às forças das Trevas. Sede-lhe fiel e jamais duvideis d’Dele, pois sendo a essência da lealdade Ele tem horror a qualquer tipo de esperteza. (...)”

Depois de vasto diálogo sobre Deus, Céu, Inferno, pecado, Adão, Eva e afins, Parsifal e o eremita se põem a falar sobre o Graal:

“– Senhor, alegre-me sobremodo pelo fato de me terdes aclarado o entendimento acerca d’Aquele que retribui o bem e o mal na justa medida (...)”. “(...) Minha suprema aspiração é conquistar o Graal; mas tenho igualmente saudades de minha mulher, a mais linda criatura que veio a este mundo. Para ela e para o Graal sinto-me atraído de modo irresistível.

O anfitrião admitiu:

– Tendes razão. Se vos consumis em saudades de vossa esposa, vossas aflições são compreensíveis e mesmo procedentes. Se a ela estiverdes unido pelos laços legítimos do matrimônio, não tendes por arreçar-vos das penas do inferno. Com a ajuda de Deus sereis em breve aliviado dessas mazelas e penas. Mas se bem ouvi, estais igualmente empenhado na busca do Graal. Ó grande insensato! Essa é uma pretensão que devo lamentar. Conquistar o Graal é privilégio exclusivo daqueles predestinados a essa missão. No que se refere ao Graal, a questão se resume nisso. E o digo por experiência própria.

Parsifal quis então saber:

– Vós próprio estivestes lá? – ao que o anfitrião respondeu:

– Sim, senhor!

Parsifal tratou de ocultar cautelosamente do anfitrião o fato de ter visitado também aquelas paragens. Procurou, ao contrário, descobrir as singularidades que diziam respeito ao Graal.

O anfitrião prosseguiu:

– Conheço bem essa questão e sei que em Munsalvaesche, junto do Graal, vivem muitos valorosos cavaleiros que com frequência de lá se ausentam em busca de aventuras. Esses **templários** consideram o combate – que lhes resulte em fama ou decepção – um ato de expiação de seus pecados. Ali se concentra uma aguerrida milícia, e agora vou revelar-vos de onde lhes provém o sustento. Eles são alimentados por **uma pedra**, e se dela nunca tivestes notícia, eu vo-la descreverei agora. **Ela é chamada** Lapsit Exillis¹¹⁰.”

[negritos nossos]

O termo “*Lapsit Exillis*” é o nome latino do Graal, que foi transcrito do Parsifal alemão que serviu de base à tradução para o português. Numa “nota” do tradutor, presente nesse trecho (na última frase), ele explica que “*Lapsit Exillis* é de um latim indecifrável, que possivelmente resultou de um erro de copista ao reproduzir o original do poeta Wolfram”. *Lapsit Exillis* derivaria, portanto, de *lapis ex caelis*, que significa “pedra caída do céu”, ou ainda de *lapis exilii*, “pedra do exílio”, do exílio do céu, e que derivam por sua vez da inscrição em árabe do cálice de Valência (*Santo Cáliz*).

Tal pedra-Graal de Wolfram, refere-se à estória da pedra que estava fixada na coroa de Lúcifer (“o Portador da Luz”), e que diz que quando ele foi expulso do “Paraíso Celeste”, a pedra caiu da sua coroa e se precipitou no céu até cair na Terra. Tal inspiração para essa estória de Lúcifer, provem das crenças sírias que reverenciavam as pedras, especialmente as pedras meteóricas. Os sírios consideravam as pedras meteóricas dotadas de “potência da vida”. Atualmente, no entanto, a inscrição em árabe do cálice de Valência é traduzida *li-izahirati* ou *lilzáhira*, e que significa: “para o que reluz”¹¹¹.

Continuando, Wolfram segue sua narração descrevendo as virtudes miraculosas que essa pedra possui e o diálogo de Parsifal com seu piedoso amigo:

“Suas virtudes miraculosas permitem que a fênix seja reduzida a cinzas e delas renasça para uma nova vida. É o período de muda da fênix¹¹². Depois de produzir tal fenômeno, a pedra continua retendo seu antigo esplendor. Se um moribundo contemplar a pedra, a morte não poderá prevalecer sobre ele nas semanas seguintes. Tampouco ele irá envelhecer, pois conservará a aparência que tinha ao avistar a pedra. Se pessoas, na força da idade – quer se trate de jovem ou varão – contemplarem a pedra no decurso de duzentos anos, apenas seus cabelos encanecerão. A pedra tem o dom de instilar-lhes um vigor capaz de conservar-lhes o viço da juventude. **A pedra é chamada também ‘o Graal’**. Hoje é o dia assinalado para que o mensageiro desça sobre ela, renovando-lhe a força miraculosa. Hoje é Sexta-feira Santa, dia em que pode ser vista uma pomba descendo dos céus para depositar sobre a pedra uma pequenina e branca oferenda. Depois de havê-la depositado ali, a alvíssima pomba¹¹³ regressa ao empíreo celeste. Como eu já disse, toda Sexta-feira Santa ela deposita sobre a pedra essa oferenda, que lhe infunde o dom prodigioso de fazer aparecer todas as bebidas e comidas deste mundo em profusão, bem como carne de tudo o que sob o céu voa, corre ou nada. Assim a força do Graal provê de alimentos essa fraternidade cavaleiresca.

Ouvi agora como se torna conhecida a identidade daqueles convocados para o Graal. **Na orla superior da pedra aparece uma misteriosa inscrição**. Esta contém o nome e a estirpe das moças e rapazes predestinados a empreender a demanda restauradora do Graal. Não é necessário remover a inscrição, pois tão logo tenha sido lida ela desaparece diante dos olhos daqueles que a leram.

Quem hoje vive como pessoa adulta junto ao Graal foi convocado ao seu serviço quando ainda adolescente. Toda mãe se sente sobremodo feliz quando um filho seu é convocado para o Graal. Pobres e ricos sentem-se lisonjeados quando convidados a enviar seus filhos para integrar a comunidade do Graal. Seus membros são recrutados em muitos países, e eles permanecem junto do Graal durante toda a vida, livres de toda mancha e pecado. Mais tarde isso lhes resultará em recompensas no céu. Ali, após a morte, eles verão realizados seus mais caros desejos. Aqueles nobres e eminentes anjos que, na luta entre Lúcifer e a Santíssima Trindade, haviam permanecido neutros, foram, por castigo, condenados a permanecer na Terra a fim de aqui manterem sob sua guarda **a pura e imaculada pedra**. Ignoro se Deus os perdoou ou se os rejeitou definitivamente. Ressalvado Seu senso e justiça, é de supor que os tenha readmitido em Seu reino. Desde então a **pedra** ficou sob a custódia daqueles homens convocados por Deus para essa missão e aos quais Ele enviou Seu anjo. Senhor, é nisso que se resumem os fatos concernentes ao Graal.

Parsifal retomou a palavra:

– Se um cavaleiro atuante, usando escudo e lança, pode alcançar tanto glórias deste mundo quanto eterna bem-aventurança, então posso dizer que sempre fiz o humanamente possível. Nunca me esquivei de combates e, com mão de ferro, tratei de adquirir fama. Caso Deus entendesse alguma coisa da arte militar, deveria convocar-me para os serviços do Graal, a fim de que ali pudessem saber quem sou eu.

Asseguro-vos que minha mão jamais arrefeceu na luta!

Mas o piedoso hospedeiro tratou de orientá-lo:

– Ali deveis evitar qualquer tipo de presunção e cultivar sobretudo a modéstia! Com essa vossa exuberância juvenil não será fácil mostrar-vos contido e modesto. Mas o orgulho sempre precede a queda! Nessa altura titubeou, refletindo sobre a melhor maneira de expressar seu pensamento. Enfim prosseguiu:

– Senhor, lá vive um rei que se chamava e se chama Amfortas. Sua situação desesperadora, resultante de uma presunção excessiva, deveria inspirar piedade a vós e a mim, pobres pecadores. Sua juventude, riqueza e impulso erótico contrário aos bons costumes o precipitaram em amargo sofrimento. [p. 300]

Tal procedimento atentava contra os estatutos do Graal. É dever de todo cavaleiro e serviçal abster-se conscientemente de qualquer leviandade, pois a modéstia pode mais que a soberba. Junto ao Graal vive uma seleta fraternidade cujo alto padrão, provado em muitas lutas, tem mantido até esta parte os incursores à distância. Foi dessa forma que se preservaram até hoje os mistérios do Graal. Deles comungam unicamente aqueles convocados para Munsalvaesche a fim de ali integrar a comunidade do Graal. Apenas um homem conseguiu introduzir-se ali sem ser previamente recrutado. Na realidade tratava-se de um parvo, que acabou retirando-se dali carregado de pecados. Ele nem sequer se deu ao trabalho de indagar ao anfitrião a causa de suas penas, a despeito de vê-lo sofrer tanto. Não pretendo censurar ninguém, mas considero o fato de não ter procurado informar-se acerca da triste sorte do anfitrião um pecado que ele terá de expiar, posto que jamais a alguém foi dado assistir a tamanho sofrimento. Antes dele o rei Lahelin conseguiu penetrar até o lago Brumbane, onde o nobre guerreiro Lybbeals de Prienlascors o compeliu a bater-se com ele. Esse duelo resultou na morte de Lybbeals, e Lahelin se apoderou da montaria do herói. Em consequência, a pilhagem foi descoberta. Senhor, acaso sois Lahelin? O animal que se encontra em minhas baías apresenta todas as características dos cavalos que integram o plantel da comunidade do Graal. Com certeza é oriundo de Munsalvaesche, pois exhibe na sela a efigie de uma pomba. Esse símbolo heráldico Amfortas outorgou à comunidade do Graal num tempo em que ainda vivia feliz e sem preocupações. Sua presença no campo dos escudos é bem antiga. Titurel¹¹⁴ o legou a seu filho, o rei Frimurtel¹¹⁵. E foi ostentado tal símbolo, no escudo, que esse herói perdeu a vida em duelo. Ele amou a esposa tão intensamente como homem algum jamais amou sua mulher, além de lhe dedicar uma lealdade imutável. Tomai-o como exemplo e amai vossa mulher de todo o coração. Ele, ademais, poderá servir-vos de exemplo, já que sois tão parecidos. Foi ele quem, antes do atual soberano, reinou sobre o Graal. Ah, de onde vens, afinal? Dizei-me, por favor, qual é vossa estirpe!

Os dois se entreolharam firmemente. Por fim, Parsifal declarou ao anfitrião:

– Sou filho de um homem que, no desempenho do ideal cavaleiresco, perdeu a vida numa justa. Senhor, lembrai-vos dele bondosamente em vossas orações. Meu pai se chamava Gahmuret e, de origem, era angevino. Não sou Lahelin, senhor, embora também eu tenha pilhado um morto num tempo em que era ainda um pobre tolo. Sim, sou responsável por isso e confesso tal pecado. Minha mão assassina tirou a vida de Ither de Kukumerland e o despojou de tudo o que parecia de valor.”

[negritos e grifo nossos]

Em nosso grifo acima, vemos novamente uma referência ao Parsifal “tolo puro”. O próprio Parsifal fala de si próprio como sendo um tolo puro (*pobre tolo*). Como ainda se verá adiante, aparecerão outros sinônimos traduzidos do alemão, como “tolo inocente”, “simplório” e outros. Perceval, assim como Parsifal aqui, se mostra como o arquétipo do tolo. Parsifal é assim caracterizado, devido ao fato dele ter vivido sua infância e adolescência longe do mundo e não ter tido vivência nenhuma das coisas da vida, tal qual um passarinho que vive durante anos trancado numa gaiola, e de repente, ao se ver solto na natureza imensa e cheia de novidades, fica sem saber o que fazer, pois não sabe voar nem procurar alimento.

O anfitrião de Parsifal continua o diálogo:

“– Ai de ti, ó mundo! Esta é tua lógica, exclamou o anfitrião, abalado com o que acabara de ouvir. Tu ofereces aos homens mais motivos para se arrepender do que para se rejubilar. É o quinhão que ofereces. Eis a moral da história!

E prosseguiu:

– A mando do filho de minha irmã, que conselho poderia eu dar-te em tal circunstância? Tu mataste teu próprio parente! Se carregado com essa culpa comparecesses perante o tribunal de Deus, tu só a resgatarias com tua própria vida, pois ambos são do mesmo sangue. Como irás expiar a morte de Ither de Gaheviez? (...) Até mesmo a vida de tua mãe Herzeloyde, minha irmã, se extinguiu em saudades de ti! (...)

Foi a afeição materna que lhe causou a morte ao ver-te partir. Eras tu o animal que lhe sugava os seios; eras tu o dragão que alçou voo apartando-se dela. Ainda antes de teu nascimento ela vivenciou esses acontecimentos num sonho premonitório. (...)”

A partir daqui, Wolfram von Eschenbach segue narrando sobre a estória do rei Amfortas e sua ferida incurável, e o “como foi” que este infortúnio se abateu sobre ele.

Ele escreve que Amfortas, o rei do Graal, “*vive sem alegrias, e a única esperança que lhe resta é alcançar a vida eterna através do sofrimento*”.

Wolfram conta que tudo começou quando Amfortas, no início de seu reinado e época da florescência da juventude, fez os desejos sexuais tomarem vulto ao ponto de se tornar motivo de escândalo. Que viveu muitas aventuras e batalhas por causa de uma amante, alcançando notável reputação por isso. Mas numa de suas buscas por aventuras amorosas entrou em combate com

um cavaleiro pagão, próximo ao rio Tigre, na Mesopotâmia, e este lhe feriu os órgãos genitais com uma lança envenenada. Daí em diante, nunca mais teve saúde.

O tal pagão havia sido atraído pela lenda da força miraculosa do Graal, e pensava em conquistá-lo à força quando o encontrasse. Amfortas saiu vencedor do combate, mas parte da ponta da lança envenenada permaneceu alojada na ferida provocada, não saindo de jeito nenhum. De volta ao reino do Graal, muitas tentativas de cura e medicamentos foram dados a Amfortas, mas se mostraram inúteis “*porque Deus não quis que ele se curasse*”, contou o eremita.

Todos os seus súditos compartilharam do sofrimento de seu rei. Amfortas esperou que Deus o socorresse através do Graal Miraculoso. Então, todos que estavam junto a ele caíram de joelhos, em súplica, diante do Graal. O eremita conta:

“Foi então que apareceu em sua borda a seguinte inscrição: Um cavaleiro viria e se, tomado de compaixão, perguntasse sobre a triste sina do rei, todas as tribulações terminariam. Mas ninguém poderia adverti-lo sobre a importância da pergunta, caso contrário esta não surtiria efeito. O estado da ferida não apenas se mantinha inalterado, como provocava dores ainda mais intensas. E a inscrição prosseguia: Tomastes boa nota de tudo? Qualquer explicação feita às ocultas resultará em dano. Caso ele não faça a pergunta logo na primeira noite, a pergunta perderá sua eficácia. Mas, se à formular na hora certa, herdará o reino e todas as provações terminarão, segundo a vontade do Altíssimo. Amfortas se restabelecerá, mas nunca mais voltará a reinar. [p. 306]
O que lemos no Graal significava que uma pergunta compassiva poderia pôr fim às tribulações de Amfortas. (...)”

“Pergunta compassiva” ou “pergunta de compaixão”, demonstra aqui como deve ser uma pessoa boa e digna, na concepção da época e do autor. Ter, além de nobreza e bondade, o sentimento de compaixão “para com o seu próximo” quando o visse passando por necessidades ou sofrimentos. A compaixão é vista como grandeza e nobreza de alma, por isso, a falta cometida por Parsifal, quando este agiu como um “tolo puro” (ingênuo) e por isso insensato, não se comovendo com a situação dolorosa de seu anfitrião Amfortas, é condenada e ele é visto como um pecador insensível. Mas como ele agiu assim, sem intenção malévola, ele terá novamente uma oportunidade de se redimir e ajudar o Rei do Graal, através da anuência da benevolência de Deus, em uma nova chance. Uma nova oportunidade. Aqui temos a equivalência da primeira mensagem transmitida do Graal, que Chrétien expressara em sua estória sobre ter compaixão pelos outros.

O eremita continua a narrar:

(...) Enquanto isso, tratávamos a ferida com linimentos tais como o admirável unguento de nardo, o composto de teriaga e com fumaça resultante da queima de pau de aloés. A despeito disso, Amfortas continuava a sentir dores o tempo todo. Foi nesse meio tempo que eu me retirei para este lugar onde me mantenho em luto estrito. Tempos depois apareceu, de fato, o anunciado e já mencionado cavaleiro. Mas teria sido melhor se não tivesse aparecido por lá, pois apenas se cobriu de ignomínia. Embora assistisse a um sofrimento por demais evidente, não se animou em indagar do anfitrião: Senhor, estais sentindo alguma coisa? Como sua estupidez¹¹⁶ fê-lo postergar a pergunta, ele deixou escapar a grande oportunidade que estava ao alcance de sua mão.
Dito isso, ambos se quedaram cabisbaixos. (...)

(...) Parsifal disse ao anfitrião: Senhor e querido tio meu, devo confessar-vos meu infortúnio, que por acanhamento vos oculte. Em nome de vossa elevada educação, sede tolerante comigo, pois o faço confiante em vosso apoio. Meu delito é tão grave que mesmo se o julgardes com imparcialidade continuarei sem esperanças e sem possibilidade de ser resgatado de minhas penas. Espero de vós leal conselho e compreensão para com minha falta de experiência. Aquele infeliz que estive em Munsalvaech¹¹⁷, que viu todo o quadro de infelicidades – a falar por si mesmo – e que, a despeito disso não formulou qualquer pergunta, fui eu. Senhor, foi esse o meu pecado!
O anfitrião exclamou: Que estás a dizer sobrinho? Agora temos, com efeito, sobejas razões para lamentos e tristezas. Não fizeste uso da razão e desperdiçaste tua grande oportunidade (...). (...) Se me for possível fazer re florescer em ti a virtude, instilar em teu coração novo ânimo, a fim de que possas firmar teu conceito e voltar a confiar em Deus, então alcançarás teus elevados objetivos e reconquistarás o que perdeste. Deus não te abandonou. Ele te aconselha por meu intermédio. Acaso viste a Lança no castelo de Munsalvaesche? Pelo estado da ferida e também pela neve que cai em pleno verão, percebe-se que Saturno atingiu seu ponto máximo. Naquela oportunidade, teu querido tio foi atormentado por um frio que o enregelou por dentro. Foi preciso introduzir a ponta da Lança na ferida a fim de que uma dor amortecesse a outra. Isso explica por que a ponta da Lança estava manchada de sangue¹¹⁸ (...).

(...) O Rei não pode montar, andar, deitar-se e tampouco ficar em pé. Mal consegue sentar-se. Geralmente fica meio encostado, ciente de sua situação deplorável. Na mudança de lua é acometido de dores terríveis. Nas imediações existe um lago chamado Brumbane. Muitas vezes é transportado para lá, a fim de que o ar puro do lago dissipe o mau cheiro que a ferida exala. A isso ele chama seu dia de pesca. No castelo ele necessita, na realidade, de algo mais do que aquilo que ali consegue apanhar em meio às dores que o atormentam. Foi daí que resultou sua fama de pescador¹¹⁹, com a qual teve de conformar-se, embora esse homem triste e acabrunhado não ponha à venda nem salmões nem lampreias.

Parsifal observou: Eu encontrei o rei quando sua embarcação estava ancorada no lago e o tomei por um pescador de verdade, ou por um homem que ali se estivesse distraindo de alguma forma (...).

(...) Vi também postadas diante do rei, em atitude solene, vinte e cinco donzelas.

O dono da casa esclareceu: Deus dispôs que donzelas fossem encarregadas da guarda do Graal. Servir ao Graal é considerado um privilégio. Por isso, somente cavaleiros castos e sóbrios podem servir ao Graal (...).

(...) Sobrinho, vou revelar-te agora alguns fatos de cuja veracidade não deves duvidar. A comunidade do Graal toma e dá, ao mesmo tempo. Assim, se de um lado ela recruta adolescentes de nobre estirpe e boa aparência, por outro, se num país a dinastia reinante se extingue e o povo sem amo, vendo nisso a mão de Deus, pede um soberano oriundo da comunidade do Graal, esse desejo é atendido. A ele todos deverão prestar obediência, pois é o ungido do Senhor. Deus dispôs que as missões dos homens fossem secretas. (...)”

O último parágrafo do trecho acima, fala muito da exaltação do autor Wolfram para com a comunidade do Graal, que é uma comunidade de templários na sua Obra. Na época de Wolfram, os templários eram muito famosos e foram quase elevados a “Deuses”. Como vimos aqui, Wolfram chega ao ponto de consagrar (através do tio de Parsifal) um soberano da comunidade como “ungido do Senhor”, ato esse normalmente só reservado a Jesus Cristo ou aos papas. “Ungir” é o equivalente a ser consagrado “messias”. Como um “messias de Deus”.

Parsifal permaneceu junto do eremita por quinze dias. Este absolveu Parsifal de seus pecados perante Deus e depois ambos se separaram. Parsifal seguiu seu caminho à procura do reino de Amfortas, sem, no entanto, encontrá-lo ainda.

Após a vivência com o eremita, a estória retorna à narração das aventuras do cavaleiro Galvão, que na sua determinação de também ir à procura do Graal, se depara no caminho com uma bela dama, soberana da região em que se encontrava, chamada Orgeluse, duquesa de Logroys. Ao vê-la, Galvão sente-se conquistado de amor com toda a alma e faz de tudo para angariar a sua benevolência, mas que, segundo Wolfram, será não só a felicidade de Galvão, mas também o seu maior tormento. E assim é realmente, pois a dama encantadora o faz passar por diversas situações de sofrimento.

Seguindo em frente, Galvão chega a um reino chamado “País Encantado” (*Terre Marveille*), onde fará proezas e feitos heroicos frente à belas damas de um “castelo encantado”.

Neste castelo, após “domar” uma cadeira encantada, lutar valentemente com um feroz leão e ganhar uma batalha com um vilão de aspecto hercúleo chamado Clinschor, Galvão é cuidado pela rainha Arnive e por formosas donzelas. Depois, é honrado e aclamado como o novo senhor daquele castelo e daquele reino, devido à sua vitória que salvou mais de 400 donzelas.

Após mais aventuras e narrações de Wolfram, a amada de Galvão se deixa conquistar e se arrepende dos malefícios que fizera o cavaleiro passar anteriormente. A seguir, ela se torna a rainha de seu amado no País Encantado.

Galvão foi coberto de muita glória em seu novo reino e após muitas paginas e acontecimentos envolvendo combates, amores, exibições e exaltações, a estória volta a falar de Parsifal, especificamente.

Parsifal, em suas andanças, havia encontrado um nobre cavaleiro pagão pela frente, e entrou em combate mortal com ele para medir forças e por causa de fama e amor feminino. O oponente estava vestido caracteristicamente com uma riquíssima vestimenta, sobressaindo o seu elmo especial e o escudo guarnecido de pedras preciosas de diversas cores, mostrando-se em vantagem contra Parsifal.

Foi a prova mais difícil da vida de Parsifal. Wolfram explana com o personagem e consigo mesmo:

“Por que titubeias, Parsifal? Se pretendes conservar a vida, deverás evocar a imagem de tua bela e recatada esposa! O pagão pode contar com dois aliados que constantemente lhe renovam as forças. O primeiro era o amor que o dominava inteiramente; o segundo era o poder das gemas, cujas nobres e benéficas virtudes lhe instilavam ânimo e lhe multiplicavam as forças. Pesa-me assistir ao progressivo esgotamento do cristão face aos vigorosos ataques do adversário (...)”

A luta prosseguiu até que ambos se reconhecem como filhos do mesmo pai, Gahmuret, e tentam se reconciliar por serem irmãos.

Um era pagão e o outro era cristão. O bravo pagão se chamava Feirefiz. Sua mãe se chamava Belakane. Para Parsifal foi a mais valiosa e alegre descoberta de sua vida, escreve Wolfram.

Após uma conversa de reconhecimento entre ambos, segue a narração:

“Feirefiz e Parsifal encerraram as diferenças com um beijo, pois a essa altura a amizade lhes convinha muito mais que a hostilidade. Lealdade e afeição puseram fim ao confronto, e o pagão exclamou, visivelmente satisfeito: ‘Sinto-me sobremodo feliz por ter finalmente ante meus olhos o filho de Gahmuret. Que sejam louvados todos os meus deuses, mas especificamente minha Deusa Juno e meu poderoso deus Júpiter, que me concederam semelhante felicidade. Deuses e deusas, vossa onipotência desejo sempre amorosamente exaltar! Louvado seja igualmente o brilho do planeta sob cujo signo empreendi minha viagem, pois ele me conduziu a teu encontro, ó guerreiro terrível e amável, cuja valorosa destra por pouco me deixou em dúvida sobre se fiz bem em ter saído de casa. Louvados sejam ainda o ar e o orvalho que nesta madrugada me envolveram ao partir. Chave do amor cortês. Quão feliz deve julgar-se a mulher que teve a ventura de te conhecer!’

A isso respondeu o guerreiro de Kanvoleis [Parsifal]: ‘Tendes o dom da palavra. Eu mesmo gostaria, de todo o coração, de possuir todos esses recursos de expressão. Infelizmente a natureza não me aquinhoou com o dom de multiplicar, pela magia da palavra, vossa fama de

grande combatente. Deus sabe que seria o meu desejo. Meu coração e meus olhos me impelem a entoar um cântico de louvor à vossa fama, pois só eu sei que, exceto vós, jamais cavaleiro algum me deixou em semelhante situação de dificuldades!’

O poderoso Feirefiz disse-lhe então: ‘Nobre guerreiro, Júpiter se esmerou, sem dúvida, quando te criou. Mas não me trates mais com esse cerimonioso vós. Afinal, somos filhos do mesmo pai’. Com fraternal afeição, insistiu em que ele deixasse de lado o ‘vós’ e o tratasse com o íntimo ‘tu’. Constrangido com a proposta, Parsifal objetou: ‘Irmão, com certeza sois tão poderoso como o Baruc¹²⁰ e, além disso, o mais velho de nós dois. Tendo na devida conta minha juventude e pobreza, não me atreveria a transgredir as normas da cortesia tratando-vos com um indevido *tu*’.”

Em seguida os irmãos se sentaram na relva e continuaram a conversar, principalmente sobre o pai. E Parsifal falou (p. 453):

“(…) Muita coisa que me tem sido dita a respeito dele o revela como homem de bem. Nas numerosas cidades pelas quais passei, ele era descrito como combatente de escol¹²¹, que conquistou grande renome por suas muitas vitórias. Seria impossível imaginá-lo cometendo ato indigno. Tirante as criaturas volúveis, sempre teve o apoio do mundo feminino, de cuja Causa era ardente defensor. O que o distinguia era aquilo que mesmo hoje constitui o apanágio do cristão: A lealdade inabalável. Seu coração sem falsidade sempre o guiava pelo bom caminho. É isso que me tem sido dito por quem teve a oportunidade de conhecer o homem que gostaríeis de encontrar. Acredito mesmo que, se ele ainda vivesse, não lhe recusaríeis vossa consideração, pois ele sempre esteve em busca de fama. Mas quis a fatalidade que, no desempenho de seus misteres, esse que as damas consideravam o ideal masculino se chocasse com o rei Ipomidão diante de Bagdá. Foi ali que, a serviço do amor, chegou ao termo sua gloriosa existência. Em combate singular nós dois perdemos o autor de nossos dias.

Que perda irreparável!, exclamou o gentio (...).

(...) Ele chorava e ria ao mesmo tempo. Dos olhos do gentio escorriam lágrimas como se fossem uma homenagem ao batismo. Como é sabido, o batismo pretende antes de mais nada ensinar-nos lealdade, e essa nova aliança é denominada cristã porque Cristo é a própria lealdade.”

A seguir, os dois irmãos se dirigem ao acampamento de Artur, não longe dali, próximo ao reino de Galvão, e participam das festividades e comemorações cavaleirescas que se seguem. Artur manda fazer uma provisória Távola Redonda na campina, para reunir seus cavaleiros e damas, e admite o irmão de Parsifal como novo cavaleiro da Távola Redonda. Lá, Feirefiz conhece seus parentes e faz amigos, gerando um clima de amizade e alegria entre todos. Era um acampamento como nunca antes visto, com muitos milhares de soldados dos vários reis presentes, e milhares de damas e donzelas acompanhantes. E é durante este clima festivo, ao redor da improvisada Távola Redonda, que reaparecerá perante Parsifal e Artur, a maga Cundrie (p. 466):

“Salve o dia de sua vinda! Louvada seja a ditosa mensagem proferida por seus lábios! Eis que se aproximava a jovem usando vestuário confeccionado de acordo com o mais recente modelo francês. Em seu precioso manto de veludo negro, mais negro que a pelagem do cavalo preto, aparecia, bordado a fio de reluzente ouro árabe, o signo heráldico do Graal – um grupo de rolinhas. Identificado o brasão, este passou a ser alvo da curiosidade geral. Mas deixai que ela se aproxime um pouco mais. Usava toucado branco e altanado e, a par disso, um véu compacto que lhe ocultava a face ao olhar de todos.”

Cundrie viera até Parsifal como mensageira, para lhe revelar uma mensagem do reino de Amfortas, o reino do Graal. Esta mensagem convidava Parsifal a ser o novo rei do reino do Graal. É mais uma Mensagem do Graal que aqui se revela:

“(…) Voltando-se para Parsifal, assim disse: ‘Agora toma teu coração nas mãos e rejubila-te! Salve teu alto destino, ó apanágio da ventura humana! Leu-se na **pedra** que tu serás o novo soberano **do Graal**. Juntamente contigo foram convocados Condwiramurs, tua esposa, e Loherangrin, teu filho. Ao deixares o reino de Brobarz, já vinha ela esperando dois filhos teus. Ali (no reino paterno) Kardeiz¹²² terá um rico quinhão. Mesmo que não te coubesse outra ventura que não a cura de Amfortas, ainda assim serias considerado o mais feliz dos homens. Tua boca, que não sabe mentir, deverá saudar o nobre e amável rei. Tua pergunta lhe devolverá a saúde e o restituirá dessa situação digna de pena a que a enfermidade o reduziu.’

A seguir citou os sete planetas¹²³ por seus nomes pagãos, os quais o nobre, poderoso e colorido Feirefiz, sentado à sua frente, conhecia muito bem. Prosseguindo, disse: ‘Presta bem atenção, Parsifal: Zval [Saturno, Senhor do Carma], o mais elevado dos planetas, o célebre Almustri [Júpiter], Almaret [Marte] e o brilhante Samsi [Sol] te trazem boa sorte. O quinto chama-se Alligafir [Vênus], e o sexto Alkiter [Mercúrio] e o seguinte Alkamer [Lua]. O que digo não é ilusório. Eles são esteios do firmamento, pois com seu movimento retrógrado impedem que sua rotação seja demasiadamente rápida. Tuas privações terminaram. Tudo aquilo que está contido na trajetória dos planetas e iluminado por sua luz estará ao teu alcance. Tuas penas se desvanecerão. Mas evita excessos. Eles te excluiriam da seleta comunidade, pois o Graal e sua força miraculosa rejeitam as pessoas sem autenticidade. Os sofrimentos ensombreceram tua juventude, mas a felicidade que agora está à tua espera afugenta-os para sempre. Tu conquistaste a paz interior e aguardaste a vinda da felicidade em meio a toda sorte de sofrimentos.’

Parsifal rejubilou-se com tal notícia. Tão feliz ficou que lágrimas – essa água viva que brota do coração – lhe afloraram aos olhos. A seguir disse: ‘Senhora, se Deus me conceder efetivamente tudo aquilo que dissestes, e se além de mim, pobre pecador, minha mulher e meus filhos puderem participar de minha felicidade, então Deus quis de fato conceder-me Sua graça. Ao ressarcir-me dos agravos sofridos, dais-me uma prova de lealdade. Vossa ira certamente me teria poupado se eu não tivesse caído em falta. Ao tempo eu não tinha maturidade suficiente¹²⁴ para o relevante papel que me fora destinado. Mas agora me cumulais de privilégios que afugentam todas as

minhas penas. Vosso traje confirma o que dizeis. Quando, em Munsalvaesche, me encontrei com o desventurado Amfortas, vi em todos os escudos pendentes das paredes o mesmo símbolo heráldico que ostentais em vosso manto: um bando de rolas. Dizei-me agora, senhora, quando e como poderei chegar ao local de minha felicidade. Não me deixeis esperar por mais tempo.'

Ela respondeu: 'Amado senhor meu, um único homem pode acompanhar-te. Escolhe-o. Eu própria te servirei de guia. Não vaciles e decide logo!'

Em todo o acampamento soube-se logo da presença da maga Cundrie e do teor de sua mensagem. Orgeluse chorou de alegria ao saber que a pergunta de Parsifal iria finalmente pôr termo aos sofrimentos de Amfortas. Artur, sempre preocupado em aumentar seu prestígio, dirigiu-se cortesmente a Cundrie, dizendo: 'Senhora, recolhei-vos à tenda e descansai. Dizei-me, além disso, em que vos posso ser útil.'

Ela respondeu: 'Arnive está entre vós. O que ela puder oferecer-me até a partida de meu amo deve bastar-me. Como foi libertada do cativeiro, gostaria de revê-la, bem como às outras damas que Clinschor manteve reclusas durante muitos anos.'

Dois cavaleiros a ajudaram a pôr-se na sela, e a seguir a nobre jovem tomou a direção da tenda de Arnive.

Entrementes havia chegado a hora da refeição. Parsifal, que comia ao lado do irmão, pediu-lhe que lhe servisse de companheiro de viagem, e Feirefiz se declarou disposto a acompanhá-la a Munsalvaesche. (...)

(...) Entrementes, Parsifal tomou a palavra e, falando em francês, relatou aos presentes os fatos singulares de que soubera através da boca de Trevrizent. Nunca homem algum seria capaz de conquistar o Graal a não ser que, para tanto, fosse predestinado pela Providência Divina. A notícia de que o Graal não poderia ser conquistado pela força das armas se espalhou por todos os países, convencendo os cavaleiros empenhados em sua demanda a suspender as buscas. Desde então, o Graal permanecera oculto. (...)”

Tres dias depois, Cundrie com seus dois acompanhantes rumaram para Munsalvaesche.

Enquanto isso, em Munsalvaesche, a comunidade do Graal conseguia conservar a vida de Amfortas contra sua vontade. O rei não aguentava mais o sofrimento que a sua ferida lhe causava. Seus súditos no entanto, ainda tinham esperança de que Parsifal retornasse e fizesse a pergunta que salvaria seu rei, por isso, para preservar sua vida, eles colocavam Amfortas constantemente defronte ao Graal, pois sua visão direta o mantinha vivo, mesmo contra a sua vontade. Seus súditos acreditavam que havia um momento propício para um reencontro com Parsifal se concretizar, e este seria precisamente o período em que Marte e Júpiter atingissem suas conjunções. E tal período havia chegado.

Nisso, Parsifal e Feirefiz, guiados por Cundrie, cavalgavam por rumos desconhecidos. Mas então, atingiram a fronteira do reino de Amfortas (pp. 475-476):

“Quando atingiram o posto de fronteira, veio ao seu encontro um esquadrão bem equipado de **templários** a cavalo. Mas ao reconhecerem aquela que vinha servindo de guia aos dois, desfizeram-se em gentilezas na esperança de que ela trouxesse boas notícias. Quando o comandante do esquadrão viu brilhar no manto de Cundrie o bando de pombas em revoada, exclamou: ‘Nossas tribulações terminaram, finalmente! Sob o emblema do Graal aproxima-se aquele que todos vínhamos aguardando desde o dia em que a desgraça sobre nós se abateu. Detei-vos! Estamos às vésperas de felizes acontecimentos!’

Ao deparar com os cavaleiros estranhos, Feirefiz, o angevino, recomendou ao irmão que se precavesse e ele próprio se dispôs a iniciar imediatamente o combate. Mas Cundrie segurou seu corcel pelas rédeas, impedindo desse modo que consumasse seu intento. Ato contínuo, a jovem disforme preveniu seu soberano Parsifal: ‘Certamente já identificastes os escudos e as insígnias. Ali está um esquadrão de cavaleiros do Graal dispostos a cumprir vossas ordens’. À vista disso, o nobre gentio reconsiderou sua atitude, dizendo: ‘Nesse caso, não se fala mais em confronto!’

Parsifal pediu a Cundrie que fosse ao encontro dos cavaleiros do Graal. Atendendo-o, ela comunicou aos **templários** os felizes acontecimentos que jaziam à frente. Os **templários** desmontaram então, tiraram os elmos e de pé receberam Parsifal, cujo afetuoso cumprimento se lhes afigurava uma bênção. A seguir, com os olhos rasos d’água e muita esperança no coração, rumaram todos para Munsalvaesche.

A essa altura, uma grande massa de gente se reunira para recebê-los: Muitos cavaleiros respeitáveis e venerando aspecto, pajens e numerosos infantes. A abatida comunidade do Graal tinha todos os motivos para regozijar-se com a chegada de Parsifal.”

[negritos nossos]

Depois de serem recebidos amavelmente e introduzidos no palácio, Parsifal e seu irmão foram ao encontro de Amfortas:

“Embora seu rosto apresentasse evidentes sinais de sofrimento, ele recebeu os dois com muita cordialidade, dizendo: Imerso em dores aguardei vossa volta, na esperança de recuperar a felicidade com vossa ajuda. Quando daqui partistes, ao cabo de vossa última visita, me deixastes num estado que deveria ter despertado vossa solidariedade caso fôsseis efetivamente um homem solícito e compassivo. Se vossa fama e prestígio forem capazes de conferir autoridade a vossas palavras, então empenhai-vos junto aos cavaleiros e damas para que consintam que a morte ponha fim às minhas penas. Se fordes Parsifal, então privai-me simplesmente durante sete noites e oito dias de visão direta do Graal. Disso resultará o fim de minhas penas. Outra coisa não me atrevo a esperar de vós. Isso resultará para vós em prestígio, pois por essa intervenção sereis exaltado como homem providencial. Vosso companheiro é um estranho para mim. Não me agrada vê-lo de pé à minha frente. Por que não o convidais a tomar assento?’

Parsifal respondeu, com voz entrecortada de soluços: ‘Dizei-me, onde está o Graal? Vossa comunidade saberá agora se Deus está propenso a manifestar através de mim Sua bondade.’

De joelhos ele prosternou-se tres vezes diante do Graal, em homenagem à Santíssima Trindade, pedindo ajuda para o homem tão duramente atingido pelo sofrimento. A seguir ergueu-se e perguntou, em tom solene: ‘Tio, o que te aflige?’ Deus, que a pedido de São

Silvestre restituiu a vida a um touro, permitindo que seguisse lépido seu caminho; que determinou a Lázaro que se levantasse, consentiu igualmente que Amfortas se curasse e readquirisse sua plena saúde. Seu rosto readquiriu aquele brilho que os franceses chamam de flori. Comparada a Amfortas a bela estampa de Parsifal se desvanecia. Em matéria de boa aparência, ninguém podia ombrear com o restabelecido Amfortas – nem Absalão, filho de Davi, nem Vergulacht de Ascalun¹²⁵, nem aqueles homens que já nasceram favorecidos pela natureza, nem tampouco Gahmuret quando, na flor da idade, entrou em Kanvoleis cercado de pompa. Fica evidente que Deus é, de fato, todo-poderoso.

Como a mensagem surgida no Graal indicasse que Parsifal seria o novo soberano do Graal, não havia margem para qualquer dúvida, e assim ele foi elevado à dignidade de rei de Munsalvaesche. Se em matéria de fausto e riqueza me for dado avançar uma opinião, devo dizer que nunca se viram lado a lado dois homens mais ricos e poderosos que Parsifal e Feirefiz. Por seu turno, a comunidade do Graal tudo fez para demonstrar solicitude e dedicação ao novo soberano e seu hóspede.

Eu não saberia dizer quantas vezes Condwiramur parou para descansar durante sua esperançosa viagem rumo a Munsalvaesche. A essa altura, já lhe havia sido transmitida a notícia de que todas as suas penas haviam chegado ao fim. O duque Kyot e muitos eminentes fidalgos conduziram-na à Terre de Salvaesche, situada na floresta onde Segramors havia sido descavalgado e onde as gotas de sangue na neve haviam aflorado, na mente de Parsifal, a imagem da esposa amada. Era ali que Parsifal deveria encontrar-se com ela para conduzi-la a Munsalvaesche – uma viagem que ele certamente empreenderia com especial prazer. Um **templário** lhe havia transmitido essa notícia: ‘Um grupo de distintos cavaleiros acaba de conduzir a rainha, com o devido respeito, ao local combinado’.

[negrito nosso]

Parsifal foi ao encontro de sua esposa Condwiramur e encontrou-a vindo pelo caminho para Munsalvaesche. Após saudoso encontro, Parsifal nomeou o seu pequeno filho Kardeiz, ali presente, rei dos reinos que fazia jus, por ser o primogênito e porque Parsifal dali em diante teria de se dedicar somente ao reino de Munsalvaesche, o reino do Graal, por causa de sua nomeação. Após, despachou este filho juntamente com a comitiva da mãe e seu preceptor, de volta ao país natal, onde deveria esperar até se tornar grande o bastante para assumir os reinos herdados.

Já o seu outro filho, Loherangrin, juntamente com seus pais e os templários, regressaram a Munsalvaesche, onde foram recebidos alegremente.

Uma nova recepção do Graal seria feita.

Reunidos todos no salão, entrou a virgem e pura Repanse de Schoye carregando o Graal, para ser exibido alegremente aos presentes. Havia muitos convivas e um grande banquete se seguiu:

“Respeitosamente receberam-se do Graal assados de carne de caça e de animais de criação; cerveja para este, vinho para aquele – tudo consoante o desejo de cada um. Além disso, recebeu-se do Graal vinho de amora, vinho tinto e vinho aromático.”

Novamente percebe-se também aqui uma alusão indireta ao lendário “caldeirão mágico da abundância” da mitologia celta, também conhecido como “caldeirão inesgotável”, símbolo de vida e fecundidade, portador de bem-aventurança e felicidade, já descrito anteriormente (o “Graal nutritivo” e o “Graal reabilitador”).

Continuando, Amfortas disse a Parsifal:

“Acredito que vosso irmão ainda não tenha visto o Graal! Feirefiz confirmou essas palavras, dizendo ao anfitrião que de fato não conseguia vislumbrá-lo. Tal constatação surpreendeu todos os cavaleiros.”

Isso acontecia porque Feirefiz era um pagão e por isso o Graal e o alimento vindo dele, lhe era invisível. Se quisesse vê-lo, teria antes de se deixar “batizar”. Parsifal e Amfortas lhe explicaram tal fato e *“aconselharam-no, por isso, a aceitar o batismo a fim de assegurar a salvação de sua alma”*. Feirefiz também se apaixonou de coração pela jovem pura que carregava o Graal, Repanse de Schoye. Estava disposto a qualquer coisa para ter o amor e a atenção dela.

Parsifal esclareceu o irmão:

“ ‘Caso consintas em seres batizado, terás permissão para desposá-la’. (...)”

Depois,

“Repanse de Schoye deixou a sala. Ao retirar-se, a senhora de seu coração levava consigo o Graal. À vista disso Parsifal despediu-se dos convidados.”

No dia seguinte aconteceu o batismo de Feirefiz, com a presença dos mais eruditos templários, no templo onde o Graal se encontrava, o “Templo do Graal”. Estavam presentes muitos infantes e cavaleiros. Após as palavras de compromisso de abdicação ao paganismo, proferidas pelo sacerdote, Feirefiz foi batizado e em seguida foi realizado o matrimônio com sua amada Repanse,

por quem seu coração ansiava.

O Graal que antes era invisível aos olhos de Feirefiz tornou-se agora visível, e ele teve então sua primeira revelação sobre o Graal, como confirmam as palavras de nosso poeta:

“Antes do batismo o Graal permanecera invisível a seus olhos, mas agora se lhe manifestava claramente. Depois da solenidade do batismo, apareceu no Graal a seguinte mensagem: ‘Se, mercê de Deus, um senhor do Templo for convocado para reinar sobre uma nação estrangeira, será de seu dever impor nesse país o Direito e a Justiça. Deverá ele, contudo, proibir qualquer pergunta sobre seu nome e o de sua estirpe. Mas se a despeito disso a questão for levantada, ele não poderá permanecer por mais tempo no país’.”
[p.490]

Ou seja, as origens e a linhagem do rei do Graal nunca poderiam ser questionados.

Continua a narração:

“Tendo em conta o precedente do amável Amfortas, que em meio a dores terríveis tivera de esperar longamente pela pergunta redentora, os membros da comunidade do Graal passaram a detestar qualquer tipo de perguntas. Evitavam mesmo aquelas que lhes diziam respeito diretamente.”

Depois de alguns dias e festividades, Feirefiz e sua amada partiram com grande comitiva de escolta, juntamente com Cundrie, de volta ao reino de Feirefiz na Índia:

“Tempos depois, já instalada na Índia, ela [Repanse de Schoye] deu à luz um filho chamado João, que passou a ser conhecido como Preste João. Desde então os sucessivos reis da Índia passaram a ostentar esse nome como título dinástico. Feirefiz tratou de propagar na Índia a fé cristã, que até então tivera poucos adeptos. O país que conhecemos como Índia é ali chamado Tribalibot. Feirefiz enviou, através de Cundrie, notícias a Mulsalvaesche informando o irmão sobre a vida que levava e que Secundille havia falecido. Amfortas rejubilou-se com o fato de que a irmã seria doravante a soberana incontestada de muitos e extensos reinos.”

A partir daqui Wolfram faz uma curta finalização de seu livro, falando da missão do filho de Parsifal, Loherangrin, o herdeiro do reino de Munsalvaesche. Vejamos algumas de suas palavras:

“Loherangrin crescera, tornando-se um jovem vigoroso e destemido. Depois de haver sido armado cavaleiro, realizou memoráveis feitos a serviço do Graal. (...)”

Após este parágrafo, Loherangrin partiu de Munsalvaesche para o reino de Brabante, por “*ordem de Deus*”, onde desposou a princesa de lá, pedindo-lhe voto de silêncio com relação à sua procedência.

Loherangrin e a princesa tiveram vários filhos, mas um dia a princesa quebrou o voto de silêncio, perguntando a Loherangrin de que reino ele provinha, o que fez com que ele a abandonasse. Ele, então, “*retornou a Munsalvaesche, onde se pôs novamente a serviço do Graal* (p. 494)”.

Com estas palavras termina o poema “Parsifal” de Wolfram von Eschenbach. Ele ainda escreve um pequeno “excurso”, de uma pagina somente, onde o finaliza dizendo:

“(…) Fiel a esse texto, contei-vos a história da estirpe e dos filhos de Parsifal, cuja biografia desenvolvi até o ponto em que o personagem atingiu o ápice de sua notável carreira. Quem, no fim da vida, pode dizer que se manteve fiel a Deus e conservou sua alma livre de pecado, e quem, ademais, soube, mediante um comportamento digno, conservar o respeito de seus semelhantes, não se terá esforçado em vão. Ao me ver concluir esta Obra, haverá mulheres propensas a conceder-me um acréscimo de prestígio, e se ela houver sido escrita para uma mulher determinada, posso, por certo, esperar dela palavras de estímulo e gratidão.”

*
* *

Wolfram escreveu seu *Parsifal*.

Sua estória também mostra que o grupo que serve ao Graal é um grupo seleta, e que este é convocado pelo próprio Graal à servi-lo, quando ele considera alguém digno de tal distinção. O Graal mágico tem vida própria e possui ligação com o divino.

O poema de Wolfram foi uma estória de mistério e aventuras, para divertir cortes e angariar simpatizantes da poesia e da literatura, mas também foi uma natural busca por fama poética, ou seja, fama profissional.

O poema Parsifal contém elementos tradicionais, medievais e cristãos, e uma boa dose de mistério, fantasia e misticismo, além de heroísmos, conquistas, amores e a manutenção da mística ligação com o Deus cristão Javé, bons ingredientes para divertir

e prender a atenção de ouvintes interessados. O pano de fundo ficava por conta da vida contemporânea do poeta, as suas vontades e a sua imaginação.

O poema Parsifal deveria encantar as pessoas e alegrá-las, por isso havia um “Reino Encantado” batizado de “Munsalvaesche”. Um lugar imaginário onde encantos e milagres aconteciam, e isso por conta de um grande tesouro que viera do céu: a Pedra Milagrosa, pura e luminosa, a Pedra da Fortuna chamada *Graal*.

Esta pedra se mostrava como um “meteorito caído do céu”, ou seja, do “reino divino”¹²⁶. Munsalvaesche a abrigava e a protegia. E se ela veio do céu, nos conceitos dos personagens de Wolfram (e dele próprio), é porque “veio de Deus”. Com o Graal todos os sonhos podiam se realizar, todas as doenças podiam ser curadas, a riqueza e a alegria máxima podiam existir. É o desejo eterno da Humanidade...¹²⁷ É o mesmo sentimento representado pelo querer de um suposto prêmio de loteria, nos dias atuais, onde o desejo pelo dinheiro faz o papel de um Graal que resolveria todos os problemas e anseios, ou ainda o desejo de ter uma varinha mágica na mão para realizar todos os desejos de bem-aventurança. Também é o mesmo que ter uma lâmpada mágica com um gênio amigo dentro. É tudo a mesma coisa.

Atualmente, quando nos referimos ao “suprassumo” de qualquer coisa, ISTO é um sinônimo para *GRAAL*! “Gaal” se tornou uma palavra chave, de “expressão”, para designar como sinônimo de algo ou de alguma coisa de qualquer tipo, que seja sua “culminância” ou “preeminência”.

Também os famosos cavaleiros do Templo de Jerusalém, os templários, foram exaltados na estória de Wolfram, como pudemos notar. Isso mostra a importância e o respeito que se tinha na época, por estes cavaleiros-monges da Igreja, também conhecidos como “cavaleiros santos” e “cavaleiros de Cristo”. Wolfram, em seu Parsifal, fez do cavaleiro da Ordem dos Templários um modelo de cavaleiro guardião do Graal.

O ser humano sempre apreciou e apreciará histórias encantadas e misteriosas. Estão aí as séries de “Indiana Jones”, “Harry Potter” e “Guerra nas Estrelas” para comprová-lo, e que foram sucesso do cinema contemporâneo.

O que mais surpreende um pesquisador sério de História, no entanto, não é isso, mas são as conclusões místicas e surpreendentes de certos pesquisadores, que em suas pesquisas anseiam encontrar somente coisas místicas como eles ou justificativas para suas crenças místicas. Ou seja, agem assim simplesmente para darem suporte às suas próprias crenças místicas ou para incrementá-las.

Pesquisadores místicos dos últimos séculos, tem feito conclusões e interpretações mirabolantes dos poemas medievais e seus autores. Tais pesquisadores, quando encontram escritos místicos querem tomá-los como verdade ou como uma parte de uma verdade oculta, que esconderia coisas “grandiosas” que o autor daquela Obra supostamente conhecia. Com relação ao Graal, foi a mesma coisa. No entanto, os poemas do Graal permanecem como Obra Literária, imaginação e arte, que alegraram e arrancaram suspiros de muitos corações em momentos de descontração e de exibição, nada mais. A sua beleza foi essa!

O poema Parsifal, dentre outras coisas, mostrou em seu âmago que um tolo que vive longe do convívio comum e não analisa com inteligência aquilo que vê, ouve e vivencia, comete erros. Erros que lhe trazem sofrimentos, pois não conhece o mundo. É a “inexperiência da vida”. No entanto, depois do reconhecimento do erro, do experimentar as consequências (e nunca antes disso), e da vontade de não cometê-lo novamente, a porta de uma *nova oportunidade* (a remissão) se abre de novo, e ele pode reparar o que errou outrora, achando “o caminho de volta”. No caso de Perceval, o tolo puro, o caminho de volta levava à Munsalvaesche, o reino encantado do Rei-Pescador, onde estava o “Gaal Milagroso”. Por isso Parsifal diz: “*É de todo imperioso que eu retorne a Munsalvaesche e reveja o Graal*”. Isso foi uma das Mensagens de Wolfram von Eschenbach e o “núcleo principal” de sua história, que gira em torno do personagem Parsifal. Era uma “Mensagem do Graal”. Uma Mensagem que ele passou para os seus ouvintes, seguindo a mesma linha de interpretação de seu antecessor Chrétien de Troyes.

Em outras palavras, da primeira vez, Parsifal *não* teve compaixão pelo rei Amfortas que sofria por causa de sua ferida, durante a reunião de cavaleiros e damas diante do Graal Milagroso, em Munsalvaesche. Por causa disso, o Graal, juntamente com Amfortas e a Comunidade do Graal, desapareceram de sua vista e Parsifal foi embora daquele reino. Na presença do Graal Milagroso, Parsifal poderia ter curado Amfortas de sua ferida, bastando fazer uma pergunta, movido de compaixão pela situação do rei. A consequência da omissão de Parsifal foi que o rei Amfortas não obteve a cura esperada e seu reino voltou à desolação e tristeza, juntamente com seu rei. No entanto, quando Parsifal reconheceu sua falta e seu erro lhe foi mostrado, ele fez de tudo para retornar a Munsalvaesche para reparar a situação. Mas os caminhos até lá estavam agora “ocultos”, esperando por um

profundo arrependimento e sofrimento de Parsifal por sua falta (falta essa chamada de “pecado”), para que o caminho para Munsalvaesche se tornasse visível novamente, gerando-lhe uma nova oportunidade de reencontrá-lo e se redimir.

Além da salvação do reino de Munsalvaesche, “sua própria salvação” dependia disso. Quando tais reconhecimentos acontecem no íntimo de Parsifal, ele reencontra a maga Cundrie, e esta, ciente do que se passava com ele, o escolta pelo caminho “agora visível” até Munsalvaesche. Chegando lá, Parsifal encontra o rei Amfortas e manda vir o Graal à sua presença, e repara seu erro antigo, fazendo a pergunta que deixara de fazer anteriormente ao rei. Assim, por causa de sua compaixão pelo sofrimento do outro, Parsifal e o poder milagroso do Graal restauram a saúde de Amfortas, e com ela a fertilidade e a salvação daquele reino e a alegria da comunidade do Graal.

Numa monarquia, onde o rei é o centro de tudo, a prosperidade do reino depende única e exclusivamente do seu rei. Se o rei está doente, o reino está em desolação e tudo definha, mas se o rei está com saúde, o seu reino se mantém a salvo, feliz e próspero. Essa era uma filosofia sempre presente na mente medieval.

Também vimos que o próprio Graal-Pedra havia determinado, através de uma “inscrição sobrenatural” surgida e lida nele, que quando a cura de Amfortas acontecesse, ele deveria passar a coroa do reino à Parsifal, consagrando-o como o novo rei de Munsalvaesche, como seu substituto. Parsifal seria o novo rei do Graal. E assim aconteceu...

Na visão heróica e sob um olhar místico, tais acontecimentos que são a alma da estória, se resumem nas seguintes palavras: a presença, o arrependimento, a compaixão e a palavra de Parsifal, o herói, fizeram florescer a terra devastada, proporcionaram a cura da ferida, restauraram o reino, e trouxeram a salvação de todos.

E assim, Wolfram homenageia Parsifal como “Herói” e “A Suprema Glória da Cavalaria”.

Certos místicos deveriam parar com seu comportamento de ideias fantásticas, e tentar analisar com mais simplicidade aquilo que leem ou estudam, e não se acharem tão especiais com suas supostas descobertas *inexistentes*...

O mais notável do poema Parsifal é o próprio Parsifal, que se mostra como símbolo da própria História Humana. A saga de Parsifal fala de seu aprendizado, seus desacertos, seus sofrimentos, suas aspirações, a sua procura por algo que o preencha, além de sua própria glória.

Outro fato que chama a atenção, é algo tão antigo quanto a espécie humana: é a ideia de um objeto sagrado, em que se encontra a explicação final de todos os enigmas da vida, ou que contenha toda a sabedoria do mundo, ou uma ligação com o “Criador” do ser humano. No caso do Graal-Pedra de Wolfram, ele viria a se tornar a mítica “pedra filosofal”.

O conceito de “pedra-filosofal” emigrou até para o famoso filme *hollywoodiano* de “Harry Potter”, apreciado pelos jovens (e também por muitos adultos).

Como já dissemos, existiram diversos escritores além de Wolfram e Chrétien, que escreveram sua própria estória de Perceval e o Graal, e outras do ciclo-arturiano pós Chrétien de Troyes. Dentre estes, *muitos* foram autores anônimos. Falar de todos os autores, no entanto, não é o objetivo deste livro, mas sim, falar daqueles mais importantes nesse contexto, responsáveis pelo sucesso da criação de Chrétien, e por terem divulgado e perpetuado seu poema, dando-nos um panorama geral dos desenvolvimentos do Graal e Perceval no decorrer do tempo.

Entretanto, as estórias posteriores fizeram do filho de Lancelote, Galaad, o herói do Santo Graal, roubando a cena de Perceval. Mas mesmo com seu papel diminuído, Perceval se manteve como um importante personagem e ícone.

Após o seu *Parsifal*, Wolfram ainda compôs os poemas épicos *Willehalm* e *Titurel*, e ainda o *Wachter Lieder*, que foi uma seleção de poesias provençais.

- 88 Seara em bom estado de se ceifar.
- 89 Zedoária: planta herbácea e medicinal (tipo Cúrcuma).
- 90 “Atacam-se”.
- 91 A “Salva de prata” é uma alusão à “Salva Sagrada” que teria portado a cabeça decapitada do santo João Batista. Esta, também foi uma relíquia muito cobiçada nas Cruzadas.
- 92 Perceval ou O Romance do Graal p. 223.
- 93 Perceval ou O Romance do Graal p. 225.
- 94 Vide capítulo 11, tópico “Oskar Ernst Bernhardt”.
- 95 O galês é um idioma descendente do povo celta.
- 96 Também conhecido como *Bourbon*, *Beron* ou *Borron*.
- 97 A análise do poema de Chrétien, faz ver que seu poema sobressai mais como uma aventura cortesã, empreendida pelo amor a uma dama ou pela honra de um rei. Ele não explica qual é a natureza da jóia Graal.
- 98 Avalon: do celta *abal* (maçã) ou do galês *avalla* (maçãs), quer dizer “o lugar das maçãs”. Houve duas Avalon. Uma a sudoeste da Bretanha insular (atual Grã-Bretanha) e outra na região de Borgonha (França). A Avalon da Grã-Bretanha é famosa até hoje por produzir sidras. Já a Avalon de Borgonha, fica próxima ao lugar da última batalha de Riotamus, citada no capítulo 5.
- 99 O fato de Avalon da Grã-Bretanha ser citada como uma ilha é creditado ao fato daquelas terras serem cercadas por pântanos, dando uma conotação de ilha, principalmente nos períodos de chuvas.
- 100 Antigamente, muitos Condados e Ducados eram vassalos da Ilê-de-France. Quando a Ilê-de-France absorveu estes territórios, todos juntos se tornaram a França unida, como dissemos. No século XIII, a terra natal de Chrétien de Troyes, a Champanha, já havia sido reunida à coroa da França há tempos.
- 101 Tanto a “Germânia” quanto a “Gália” (França) haviam cultivado anteriormente, os mesmos valores heroicos reencontrados nas canções de gesta. Daí certos gostos comuns entre ambas regiões, o que trazia uma certa afinidade literária.
- 102 O patrono de Guiot de Provença (Provins) foi o rei de Aragão, Afonso II (1157-1196), “o Trovador”, que era sobrinho-neto de Afonso I. Provavelmente foi ele também quem deu a Wolfram von Eschenbach as notícias dos acontecimentos em solo espanhol sobre o mosteiro da relíquia cristã do cálice em San Juan de la Peña e suas personalidades, e que serviram como bases inspiradoras para Eschenbach e sua estória (vide capítulo 8). A Provença dessa época, parece mesmo um lugar de destaque, pois no castelo de Beaucaire, ocorre, em 1169, alegres festas durante o verão, devido à reconciliação do rei Afonso de Aragão com Raimundo, o duque de Narbona, e isso, devido ao desejo de reconciliação do rei inglês Henrique Plantageneta. Tal evento trouxe a Beaucaire uma multidão de Cavaleiros e senhores de Provença.
- 103 Hermann I participou da Cruzada alemã à Terra Santa de 1197-1198.
- 104 Quem desejar maiores detalhes e visualizar toda a beleza e conteúdo deste poema, deverá também adquirir a Obra original completa de Wolfram von Eschenbach, em português, nas melhores livrarias.
- 105 Que significa “Despontar da Alegria”, e era a irmã de Amfortas.
- 106 O mesmo personagem “Gornemant” do poema francês de Chrétien de Troyes.
- 107 A cidade de Nantes situava-se geograficamente na Bretanha francesa (Bretanha continental).
- 108 Sem meios de defesa.
- 109 Reino do Graal, Montanha da Salvação.
- 110 Nota nº 145, Livro IX.
- 111 Vide capítulo 8.
- 112 O conceito da Fênix é um tema da alquimia mística esotérica, que simboliza a morte e o renascimento, e figura de uma lenda egípcia que diz que há uma ave que se consome em chamas a cada 500 anos e depois renasce das próprias cinzas para uma nova vida.
- 113 A partir destas descrições, Wolfram escolherá como símbolo heráldico da comunidade do Graal, a Pomba (uma sozinha ou um grupo delas), que poderá ser impressa ou desenhada em diversos lugares, segundo descrições de Wolfram ao longo do livro, tais como na anca de um cavalo ou num escudo de um membro da comunidade, ou num manto. Tal símbolo e seu simbolismo, podemos encontrar no Novo Testamento da Bíblia, outra fonte de inspiração de Wolfram. Lá, está: “Batizado que foi Jesus, saiu logo da água; e eis que se lhe abriram os céus, e viu o Espírito de Deus descendo como pomba e vindo sobre ele (Mt 3:16)”; “E logo, quando saía da água, viu os céus se abrirem, e o Espírito, qual pomba, a descer sobre ele (Mc 1:10)”; “E o Espírito Santo desceu sobre ele em forma corpórea, como uma pomba; e ouviu-se do céu esta voz: Tu és o meu Filho amado; em ti me comprazo (Lc 3:22)”; “E João deu testemunho, dizendo: Vi o Espírito descer do céu como pomba, e repousar sobre ele (Jo 1:32)”. A Pomba é considerada um símbolo da paz e um símbolo do Espírito Santo na teologia cristã.
- 114 Bisavô de Parsifal.
- 115 Avô de Parsifal.
- 116 Estupidez aqui é outro sinônimo de “tolo puro” e “imaturidade”.
- 117 Munsalvaeche é “A Montanha do Graal”, onde se localiza o Castelo do Graal. A palavra “Munsalvaeche” deriva do francês “Mont Sauvage” e do latim “Mons Silvaticus”, e significa “Montanha Selvagem”.
- 118 Este fato vem como uma explicação de Wolfram para o fato da Lança “sangrar”, mas que é um paralelo com a estória da Lança de Longino. Vide capítulo 8.

- 119 Tal qual Chrétien de Troyes que o chama simplesmente de “Rei-Pescador”.
- 120 Do hebraico *baruch*, que significa “o bendito”. Termo usado para identificar o califa de Bagdá.
- 121 Elite.
- 122 Kardeiz, o outro filho pequeno de Parsifal, e irmão de Loherangrin.
- 123 Com relação à mística do número sete que aparece muitas vezes no livro de Wolfram, sua ocorrência se dá porque antigamente os astrólogos, que eram muito conceituados, tal qual os cientistas de hoje, conheciam somente sete planetas do nosso sistema solar e pensavam que os sete planetas controlavam o Universo, e que o próprio ser humano sofria suas “influências”. Por isso, no Ocidente o “sete” era considerado um numero de sorte. Devido a superstição criada, o sete era muito usado desde então.
- 124 Tolo puro.
- 125 Ascalão.
- 126 Acredita-se atualmente, que a pedra da Caaba de Meca, que é o centro da religião islâmica, é um meteorito caído no local, o que nos faz compará-la com esta pedra do Graal literário, involuntariamente. Ainda mais que na época de Wolfram acontecia um choque de civilizações, da árabe com a europeia, devido às Cruzadas e suas conquistas. Aos cientistas atuais, no entanto, é proibido coletar uma amostra da rocha da Caaba para uma análise em laboratório e verificar sua origem. A pedra da Caaba é uma rocha negra, cultuada pelos muçulmanos como divina e sagrada, que caiu como um meteriorito do “portão do céu”, representando para eles a “interseção entre o Céu e a Terra”.
- 127 Também aqui espelha-se a pedra “da Caaba” de Meca. Tal desejo humano aqui citado, é o mesmo sentimento daqueles que se dirigem à Meca anualmente, para a grande festa de comemoração islâmica que ocorre ao redor da Caaba.

LONGINUS, A LANÇA SANTA, O CÁLICE SANTO

“As histórias criam vida própria depois de produzidas.”

Bart D. Ehrman

Na aventura mística do Graal de Chrétien (trechos contidos nas páginas 87, 106-109 e 111 de *Perceval ou O Romance do Graal*), veem-se três particularidades que achamos interessantes apontar, pois nos remetem às antigas tradições, às Cruzadas e aos templários, falando-nos muito de uma época e seus símbolos, e onde, em torno disso, vemos girar a estória de seu poema. Estas particularidades são: “a problemática de um rei ferido” (enumerado 1), “a decisão particular” de dois personagens (enumerado 2) e “o aspecto religioso cristão” (enumerado 3) que colocamos abaixo. Os negritos são nossos:

1. A PROBLEMÁTICA DE UM REI FERIDO:

1a. “Temo que as cousas desandem, pois aconteceu-me ouvir que calar demasiado nem sempre é melhor que falar demasiado. Assim, quer isso traga astres ou desastres, o hóspede não faz uma só pergunta.”

1b. “Então mais uma vez o Graal passa perante os dois convivas; porém o jovem não pergunta quem é servido com ele. Continua a lembrar do homem probo incitando-o a não falar demasiado. Contudo, cala mais do que deveria.

A cada prato servido, via o Graal passar novamente à sua frente, todo descoberto. Mas não sabe a quem o servem. Não tem o menor desejo de saber. No dia seguinte pela manhã, quando deixar o senhor e toda a sua gente, será tempo de perguntar a um dos valetes da corte.

(...) Finalmente diz o homem probo:

– Amigo, é a hora do deitar. Se permitis, vou retornar a meus aposentos. **Ai de mim, não tenho o menor poder sobre este corpo! É preciso que me carreguem.**

Entram então quatro servidores mui robustos que pegam pelas pontas o edredom onde o senhor está deitado e o levam para seu quarto.”

1c. “– Caro Sire, sabe que **ele é rei, mas em batalha foi ferido e tão tristemente estropiado que perdeu o uso das pernas. Dizem que um golpe de dardo nos quadris fez tal ferimento, e que nunca cessou seu sofrimento.** Sofre ainda hoje, e não pode montar cavalo. Então, quando quer distração, manda que o transportem em uma barca. Deixa-se levar pela água, pescando com anzol, e por isso é chamado Rei-Pescador (...).”

1d. “Ah, infeliz Perceval, conhecestes má ventura ao não perguntar jamais algo que teria feito bem a **esse bom rei ferido! Prontamente ele teria recuperado o uso dos membros, mais a terra.** Tão grande bem teria advindo!”

1e. “(Perceval) Teu silêncio nos foi nefasto. Era mister fazer a pergunta. **O Rei-Pescador de triste vida ficaria curado de sua ferida; possuiria em paz sua terra,** da qual não mais terá sequer um retalho. Sabes o que acontecerá? As mulheres perderão os maridos, as terras serão devastadas, as donzelas sem socorro não poderão mais que ser órfãs e muito cavaleiro morrerá. Todos esses males virão de ti.”

1f. Como também disse o famoso mitólogo Joseph Campbell, “especificamente, a lenda refere-se à recuperação de um país assolado por um Doloroso Golpe dado em seu rei...”.

2. A DECISÃO DE PERCEVAL E DE GALVÃO:

2a. Perceval, no entanto, tomou decisão diferente, e disse que não descansaria nem pouparia esforços enquanto não soubesse “qual homem que se alimenta do Graal, o que é aquela **Lança que Sangra** e por que sangra”. Assim se iniciou **a nova procura de Perceval pelo Graal** e pelo reino do Graal onde ele estivera anteriormente, pois Perceval se encontrava agora num reino distante e com remorsos por sua falta de compaixão de outrora.

2b. O rei e um vassalo acharam melhor adiar a batalha entre Galvão e Guingambresil por um ano, com a condição de que Galvão conquistasse e trouxesse ao rei “a **Lança** cuja ponta chora o bom sangue claro que verte. Pois está escrito que advirá de todo o reino de Nogres ser destruído por essa **Lança**”. Galvão faz então um juramento, onde promete encontrar a **Lança que Sangra**, usando todo o seu

3. O ASPECTO RELIGIOSO-CRISTÃO OCORRIDO COM PERCEVAL:

3a. “(...) Assim passou Perceval os cinco anos, sem uma só lembrança de Deus. Mas, ao cabo de cinco anos, quando ia por um deserto, caminhando como de hábito, guarnecido de todas as armas, encontrou tres cavaleiros escoltando seis damas. Todos estavam cobertos com capuzes, mas iam a pé, descalços e em camisões de crina.

As damas ficaram espantadas de o ver a cavalo e em armas, enquanto elas próprias e os companheiros andavam a pé, fazendo **penitência de seus pecados**.

Um dos tres cavaleiros detém Perceval e diz:

– Mui querido amigo, então não acreditaís em Jesus Cristo, que escreveu a nova lei para dar aos cristãos? Não é bom nem razoável armarse no dia em que Jesus Cristo foi morto! Agis mal!

E aquele que não tinha a menor ideia do dia, da hora nem do tempo, tão vazio estava seu coração, responde:

– Mas em que dia estamos?

– Que dia? Não sabeis? É **Sexta-Feira sagrada**, quando o homem deve chorar seus pecados e adorar a cruz; pois neste mesmo dia foi vendido por trinta dinheiros e crucificado Aquele que era puro de pecado. Ele viu os pecados que travam e sujam o mundo, e por isso se fez homem. É verdade que ele foi Deus e homem, que a Virgem deu à luz um filho concebido pelo Espírito Santo. Deus recebeu nosso sangue e nossa carne. Sua divindade foi recoberta de carne de homem. (...)”

3b. “(...) Quando **o ferro que ninguém enxuga sangrou** diante de teus olhos, teu pecado congelou-te a língua. Tua razão não despertou, e por tua loucura não pudeste saber quem faz uso do **Graal**. O homem que é servido nele é meu irmão; minha irmã e sua foi tua mãe. E fica sabendo que o Rei-Pescador é filho do rei que se alimenta do **Santo Graal**. Entretanto, não creio que encontre nele lampreia nem lúcio nem salmão, mas somente a **hóstia** que lhe trazem nesse **Graal**. Essa **hóstia é tão santa que sustenta e conforta sua vida, e ele próprio é tão santo que nada o faz viver exceto essa hóstia no Santo Graal**. Há doze anos que vive assim, que não sai de seus aposentos onde viste entrar o **Graal**. (...)”

O aspecto religioso cristão do pão-hóstia-Graal de Chrétien e a remissão de pecados cometidos, veio da Bíblia, dos textos bíblicos que falam de Jesus Messias, com a simbologia e analogia encontradas na sua última ceia, e que se tornou a “Eucaristia” da Igreja Católica. Chrétien se inspirou nela:

“Enquanto comiam, Jesus tomou o **pão** e abençoando-o, o partiu e o deu aos discípulos, dizendo: Tomai, comei; isto é o meu corpo. E tomando um cálice, rendeu graças e deu-lho, dizendo: Bebei dele todos: Pois isto é o meu **sangue**, o sangue do pacto, o qual é derramado por muitos **para remissão dos pecados**. Mas digo-vos que desde agora não mais beberei deste **fruto da videira** até aquele dia em que convosco o beba novo, no reino do meu Pai. E tendo cantado um hino, saíram para o Monte das Oliveiras.”

(Mt 26:26-30; Mc 14:22-26; Lc 22:19,20; 1 Co 11:23-25)

O pão sagrado de Jesus foi tomado obviamente de algum lugar, ou seja, de uma bandeja ou prato destinado para isso no local, daí o primeiro sentido do apelido “graal” de Chrétien. A hóstia do poema, no caso, representa o pão. Já outros escritores posteriores, elegeriam o cálice do vinho de Jesus como o Graal. Cada família judaica tinha o costume de conservar com carinho a chamada “taça da bênção”, para as ceias pascais e sabáticas. Portanto, é certo que aqueles que hospedaram Jesus durante a sua última ceia com os discípulos (dentro da estória bíblica), lhe houvessem cedido a sua taça familiar para seu uso com o vinho. Então temos a bandeja para o pão e a taça para o vinho. Na liturgia da Eucaristia das igrejas cristãs, no entanto, a taça-cálice do altar, serve tanto para conter o pão (hóstia) quanto o vinho de Cristo, que representam simbolicamente seu corpo e seu sangue, ou seja, ele próprio.

Já no caso da Lança que Sangra, dos enumerados, sua inspiração e fonte vieram da “descoberta” de uma lança na Cruzada (1096), associada a este outro trecho bíblico:

“Ao chegarem a Jesus, vendo-o já morto, não Lhe quebraram as pernas, mas um dos soldados perfurou-Lhe o lado com uma **lança** e logo saiu **sangue** e água.”

(Jo 19:34,35; Mt 27:54; Mc 15:39, 23:47; Lc 23:47)

A inspiração da Lança que Sangra também veio da *própria* estória católica deste soldado romano citado, que perfurou o flanco de Jesus. Estória essa, escrita pela Igreja, e que envolve a época da crucificação de Jesus e o “reaparecimento” da lança do soldado na Primeira Cruzada (1096):

A tradição Católica conta que de acordo com os relatos dos Evangelhos, em razão de ao pôr-do-sol se iniciar o *Shabat* dos judeus, para que os corpos dos condenados judeus não profanassem este dia santo, suas pernas deveriam ser então quebradas para

apressar a morte do condenado.

Mas os soldados romanos, indo até Jesus, viram que ele já estava morto, então um deles, no lugar de quebrar inutilmente suas pernas, perfurou o corpo dele com uma lança, como forma de certificação do óbito. Ao fazer isso, aconteceu que o líquido saído de Jesus respingou nos olhos deste soldado, curando-o instantaneamente de uma grave doença ocular. Assim, o soldado se converteu à religião de Jesus e abandonou o exército, transformando-se num monge. A partir daí, passou a percorrer a Cesaréia e a Capadócia (atual Turquia).

Mas o soldado acabou sendo preso e torturado por causa de sua nova fé, tendo seus dentes arrancados e sua língua cortada.

Este soldado (centurião), chamado Caio Cássio, foi então consagrado “santo” depois, pela Igreja, porque reconheceu Jesus como o Filho do Deus Javé, mesmo sendo ele um pagão antes. Então ele, “o pagão convertido”, foi apelidado pela Igreja de “*Longinus*”, palavra latina derivada do grego que significa “uma lança”. Assim, *Longinus* ou Longino tornou-se “São Longino”, o soldado santo, também conhecido como Longuinho.

A Igreja Católica sempre teve por hábito *cristianizar* pessoas e culturas locais, para poder trazê-las para seu mundo cristão de influência e poder. Isso ocorria por toda a parte onde a Igreja colocava os pés pela primeira vez ou onde um culto era forte o bastante para colocar em perigo os interesses eclesiásticos. Outro exemplo foi quando a Igreja transformou a Divindade celta “Brígida” (Deusa-Mãe) em “Santa Brígida”, nas regiões conhecidas como País de Gales, Bretanha, Cornualha, Irlanda, Escócia e Ilha de Man, lugares sob o domínio religioso celta na época. Temos ainda o exemplo do culto a Ísis, a Mitra, etc.

A festa que homenageia Longino é comemorada no Leste Europeu em 16 de outubro. No Brasil e na Espanha, a comemoração ocorre no dia 15 de março.

Na arte litúrgica, São Longino tem sua figura representada por um soldado com uma lança apontada para os olhos, ou ainda, com os braços abertos segurando uma lança. Dado o alcance de sua popularidade, foi colocada dentro da Basílica de São Pedro, no Vaticano, uma imagem do Santo, feita pelo artista barroco italiano Gian L. Bernini (1598-1680).

A lança tida oficialmente como a Lança de São Longino, encontra-se hoje guardada e exposta à visitação no museu do Palácio Imperial de Hofburg, em Viena, na Áustria.

Apesar disso, existem outras candidatas à Lança de São Longino: uma no Vaticano, outra na Armênia, outra na Suíça e outra na Cracóvia (Polônia).

Assim como aconteceu com outras relíquias cristãs, também a Lança Sagrada de Longino se “multiplicou”. Desde então, surgiu a lenda de que quem portasse essa Lança, seria invencível. Até a narração poética de Chrétien de Troyes reflete esse poder mágico e místico dado à Lança, como podemos notar no trecho: “*Pois está escrito que advirá de todo o reino de Nogres ser destruído por essa Lança*”.

Poder, poder e poder. O ser humano sempre ambicionou o poder, por isso, a Lança de Longino tornou-se uma das mais poderosas relíquias da História e um dos maiores símbolos do Sacro Império Romano-Germânico. Ela está ligada a episódios milagrosos, a homens poderosos e a campanhas devastadoras. Conta-se que pelo menos 45 imperadores chegaram a carregar esta lança.

Mesmo tendo se multiplicado, a Lança mais famosa permaneceu a Lança da Áustria. Vejamos agora a sua história:

A Lança de Longino austríaca, supostamente vinda da Terra Santa, foi entregue pelo papa Leão III (750-816) ao rei Carlos Magno (747-814) em sua coroação, como presente. Além de rei dos francos, com sua coroação Carlos Magno tornou-se o imperador do Ocidente, do império também conhecido como “Império Carolíngio”¹²⁸.

Após pertencer a Carlos Magno, a Lança de Longino foi transferida por volta do ano 1000, para uma catedral em Viena, na Áustria, onde ficou. No ano de 1424 ela foi para a Alemanha, como parte do tesouro do Sacro Império Romano-Germânico, sendo instalada no Hospital do Espírito Santo na cidade de Nuremberg (Bavária). Lá, ela passou a ser cultuada e homenageada, tornando-se famoso o culto à Lança de Longino. A Santa Lança lembrava as pessoas do poder imperial alemão da época.

Depois, devido aos muitos peregrinos, ela foi transferida para a Igreja de Nossa Senhora, situada em frente ao Mercado de Nuremberg, um lugar mais espaçoso. Isso se transformou na “Era dourada” de Nuremberg, permanecendo assim até a Reforma de Lutero, quando a Lança foi transferida mais uma vez, agora para a capela do castelo-fortaleza de Nuremberg.

Em 1789 veio a Revolução Francesa, e as relíquias do Sacro Império Romano-Germânico foram transferidas em 1800 novamente para Viena, para o Palácio Hofburg. A Lança de Longino fazia parte delas.

Em 1806, o Sacro Império Romano-Germânico foi dissolvido, e cento e vinte e sete anos depois, seria a vez de Adolf Hitler, imbuído pela grandiosidade da lenda da Lança Sagrada, transferir novamente as relíquias e a Lança do Sacro Império Romano-Germânico à “sua casa de outrora”: Nuremberg. Estes tesouros, juntamente com joias da coroa austríaca, foram transportados, na ocasião, num trem blindado. Isso se dava após a anexação da Áustria ao novo império alemão de Hitler, que via assim, ressurgir a antiga Alemanha Imperial Romana da Idade Média (o antigo “Império Glorioso Alemão”). Em Nuremberg, as relíquias e joias foram colocadas num cofre seguro, construído num porão. Tudo fazia parte da mística das ambições de Hitler.

Nessa época de Hitler, começaram a surgir na Alemanha e na Áustria, Movimentos nacionalistas exaltando a raça alemã, as suas origens e assuntos ocultistas, que se propunham a resolver todos os problemas do mundo¹²⁹. Muitos eram Movimentos racistas e antissemitas, como o Movimento de Thule¹³⁰. Por isso, e contra os semitas, Hitler e seus adeptos propagaram que a raça alemã era uma raça descendente da “Atlântida” (longe dos semitas e suas origens), e passaram a conduzir explorações arqueológicas que levassem a provar isso!¹³¹

O próprio Hitler se deparou com a Lança de Hofburg anteriormente, numa visita guiada que fizera ao palácio em 1913, quando morava em Viena. Ao avistar a Lança, Hitler, então com 19 anos, disse que ouviu do guia do palácio as palavras que “mudaram” a sua vida:

“Há uma lenda associada a esta Lança, quem a reclamar e resolver seus segredos, terá o destino do mundo em suas mãos, para o bem ou para o mal”.

Exames científicos feitos na Lança de Longino austríaca em 2003 e 2004, no entanto, atestam que ela foi confeccionada durante a Era Carolíngia da Idade Média, mais precisamente no final do século VIII. Algumas mudanças nela também foram encontradas, feitas posteriormente pelo imperador alemão e rei do Sacro Império Romano-Germânico Henrique IV (1056-1106). Em uma emenda da lâmina, por exemplo, numa faixa de ouro que ele mandara agregar à ela, Henrique IV mandou gravar a inscrição “Lança de Longino”.

Após a queda de Hitler, a Lança de Longino retornou à Viena e está guardada novamente no palácio de Hofburg.

O palácio de Hofburg tem suas origens num castelo-fortaleza medieval do século XIII, e foi diversas vezes ampliado. O Hofburg foi a residência oficial e centro do poder dos Habsburgo, soberanos da Áustria entre 1278 e 1918, que o usaram como sua principal residência de inverno. A custódia da Lança encontra-se no museu do palácio, sob o número de inventário XIII 19. Lá, o visitante vê diante de si, somente a parte superior de metal da lança, de 50,7 cm, pois a haste, originalmente de madeira, se perdeu (ou é a haste homenageada em Roma, na Igreja Santa Cruz de Jerusalém). Atualmente, a Lança de Longino é um dos mais preciosos tesouros da coroa imperial da Áustria.

Vejamos agora a história da outra lança-reliquia que está no Vaticano (Roma), e que é muito interessante:

A História registra que a chamada “Lança de Longino do Vaticano” foi encontrada em Antióquia, por um monge e místico chamado Pedro Bartolomeu, que acompanhava a Primeira Cruzada (1096). Durante o cerco de Antióquia, o monge afirmou ter sido visitado em uma “visão sobrenatural” pelo Santo André, que lhe teria contado que a Lança de Longino se encontrava na igreja de São Pedro de Antióquia. Depois da conquista da cidade e do massacre da população muçulmana, foi feita uma escavação no assoalho da igreja, e o próprio Pedro Bartolomeu *encontrou* a Lança Sagrada. Apesar de se saber que havia sido o próprio monge a colocar a falsa relíquia no local para surpreender e enganar os crentes, o logro melhorou o moral dos cruzados, pois sua descoberta foi considerada como um bom presságio.

Até mesmo o representante papal na Cruzada, Ademar de Monteil, conhecido como “o bispo francês de Le Puy”, sabia do embuste de Pedro Bartolomeu, pois tinha conhecimento de haver uma *outra* Lança de Longino em Constantinopla. No entanto, o bispo francês deixou o exército cruzado acreditar na legitimidade da relíquia, pela melhoria do moral que provocara.

Quatro dias depois do achado, um exército islâmico liderado pelo general Corbaran (Kerbogha), chegou de Mossul (atual Iraque) para sitiar os invasores cristãos e expulsá-los. Os cruzados então, colocaram este novo objeto santo à frente de suas forças militares, e o príncipe de Antióquia, Boemundo de Taranto, marchou ao encontro destes inimigos, a quem derrotou “miraculosamente”. Segundo os cruzados, o milagre aconteceu devido ao surgimento de um “exército de santos”, que vieram para combater junto com eles no campo de batalha, proporcionando-lhes a vitória.

Esta história envolveu a Cruzada, os religiosos e os fiéis, chegando facilmente aos ouvidos dos demais europeus, ansiosos por

notícias de seus familiares e conhecidos que estavam ali na Terra Santa, em guerra contra os “infieis”. E eles ficaram contentes ao ouvir esta história recém chegada de Antioquia, além de outras notícias da Primeira Cruzada. Também a Igreja estava contente.

Após estas ocorrências, a Lança “de Bartolomeu” passou por várias mãos até chegar na Igreja de São Pedro no Vaticano (desde 1492).

Depois, temos a Lança que se encontra na Armênia. Ela está na sede da Igreja cristã armênia. Segundo a lenda armênia, a Lança de Longino teria sido levada para a Armênia nos primórdios da fundação de sua Igreja, pelo apóstolo de Jesus chamado Tadeu, onde permaneceu até hoje.

Outra Lança de Longino está na abadia de São Maurício, fundada no final do século IV na Suíça, e mais uma na Cracóvia, Polônia.

A fama do soldado Longino e sua lança cresceu tanto, que até uma oração lhe foi criada. Esta evoca:

“Glorioso São Longino, a ti suplicamos, cheios de confiança em tua intercessão. Sentimo-nos atraídos a ti por uma especial devoção, e sabemos que nossas súplicas serão ouvidas por Deus Nosso Senhor, se tu, tão amado por ele, nos fizer representar. Sua caridade, reflexo admirável, inclina-te a socorrer toda miséria, a consolar todo sofrimento, suprir toda necessidade em proveito de nossas almas, e assegurar cada vez mais nossa eterna salvação, com a prática de boas obras e imitação de suas virtudes! Amém.”

Na tradição popular do Brasil, São Longino (Longuinho) é invocado principalmente pelas crianças para “encontrar” objetos perdidos. É só repetir:

“São Longuinho, São Longuinho, se eu achar (nome do objeto perdido) dou tres pulinhos e 3 gritinhos: Achei, São Longuinho. Achei, São Longuinho. Achei, São Longuinho.”

A Lança de São Longino, transformou-se em “Lança Sagrada”, e na mão do poeta medieval também manteve esse *status*. Ela também se tornou conhecida como *Lança do Destino, Lança de Maurício e Lança de Cristo*.

Agora, falemos sobre o Cálice da “Santa Ceia” de Cristo, absorvido por alguns como sendo o Graal citado na literatura dos poetas medievais.

A Igreja Católica sabe que o Graal dos poetas não passa de literatura medieval, mesmo que algumas vezes a opinião de certas igrejas ou comunidades isoladas discordasse da opinião da Igreja-Mãe de Roma.

Mas em se tratando de um suposto cálice sobrevivente, apreendido como relíquia de Jesus Cristo, e tida como “possibilidade” de ser o “verdadeiro” cálice usado por Cristo, temos tradicionalmente dois possíveis candidatos principais, e que foram apelidados por alguns de “Santo Graal”. Um está em Gênova na Itália e o outro em Valência na Espanha. Falemos um pouco destas relíquias.

Em Gênova, no Museu do Tesouro da Catedral de São Lourenço, encontra-se um objeto chamado “Sacro Catino” (“Escudela Sagrada”), uma espécie de vasilha hexagonal feita de cristal bizantino verde (parecido com esmeralda verde) que teria sido levado para lá no século XI, por cavaleiros genoveses da Primeira Cruzada.

Estudos sobre o pequeno vaso (vasilha), feitos pela Academia de Ciências da França, revelaram se tratar de uma Obra islâmica manufaturada no século IX ou X.

A história desta relíquia é contada por um arcebispo de Gênova, chamado Jacopo da Varazze (1228-1298), em seu manuscrito chamado *Legenda Aurea*, também conhecido como *Crônica de Gênova*. Nele, Jacopo identifica a relíquia como sendo “o Santo Cálice de Cristo”.

O manuscrito fala sobre a história de Gênova e dos santos católicos, e conta em certo ponto, que durante a Primeira Cruzada, soldados genoveses sob o comando do senhor feudal genovês Guglielmo Embriaco, se apoderaram do pequeno vaso em Cesaréia, durante o saque a uma mesquita, trazendo-a depois para Gênova.

O Sacro Catino foi tido como sendo a vasilha da última ceia de Cristo roubada pelos muçulmanos.

O governo de Gênova determinou que o Sacro Catino não saísse nunca de Gênova, e que fosse para sempre propriedade da catedral da cidade, a Catedral de São Lourenço, onde foi então deixada.

Gênova era famosa por ser a porta de entrada e saída da Europa, tornando-se uma cidade muito cobiçada e rica, e um dos principais portos de ligação com a Terra Santa e as Cruzadas.

No decorrer do tempo, houveram várias tentativas de furto de sua famosa relíquia, mas sem sucesso. No entanto, no século

XIX, quando Napoleão Bonaparte conquistou Gênova, o Sacro Catino foi levado para Paris (1806), onde foi examinado cientificamente, quebrando-se em onze pedaços.

Depois, após muitas negociações políticas, a relíquia retornou à Gênova em “dez” pedaços em 1816. O décimo primeiro pedaço ficou guardado no museu do Louvre. Entre 1908 e 1951 a relíquia sofreu diversas restaurações para recuperá-la.

No palácio São Jorge em Gênova, reconhecido como um dos principais monumentos nacionais italianos, encontra-se hoje, no portal de entrada, uma bela estátua dourada de Guglielmo Embriaco, mostrando-o segurando o Sacro Catino em sua mão esquerda. A estátua homenageia o herói genovês e suas peripécias na Terra Santa. Além de guerreiro e mercador, Guglielmo Embriaco tornou-se um dos maiores personagens históricos medievais de Gênova.

Depois, temos a história do Graal-Cálice da Espanha, que gerou polêmica recentemente:

Em 2008, uma polêmica foi levantada em Valência, onde a cidade espanhola afirmou possuir, em sua igreja datada do século XIII (1238), o verdadeiro Santo Cálice da última ceia de Cristo.

A igreja em questão é a Catedral de Valência, onde tal relíquia é venerada desde o século XV, quando foi doada a esta pelo rei Alfonso V, “o Magnânimo” (1396-1458), que havia trasladado a relíquia de Barcelona.

Uma tradição aragonesa¹³² diz que esta relíquia havia passado por muitas mãos desde o século I da Era Comum até chegar às mãos do rei Alfonso V. No caso, teria passado pelas mãos dos apóstolos de Jesus e chegado à Roma através do apóstolo Pedro, onde era usado por ele. Segundo um relato em Roma, o Santo Cálice passou quase 300 anos na Itália e foi usado pelos primeiros papas da Igreja em formação, até São Sisto II, e depois foi parar na Espanha no final do século III, através de um diácono chamado Lourenço (São Lourenço), que fugia das perseguições romanas aos cristãos, na época do imperador Valeriano. Lourenço levou o Santo Cálice para sua terra natal em Huesca, na Espanha, nos Pirineus orientais.

Até chegar em Huesca, diversos lugares marcaram a rota do Santo Cálice: Yebra, Siresa, Santa Maria de Sasabe (hoje San Adrián), e Bailio, até chegar em 1071 ao monastério de San Juan de la Peña (Huesca) nos Pirineus orientais, onde teria ficado até 1399, quando então passou para as mãos do rei Martín I de Aragão (1356-1410), conhecido como “o Humano”, e que era um colecionador de relíquias. Este, o levou para o palácio real de Aljaferia em Zaragoza. Assim surgiu a lenda *espanhola* do “Santo Graal”.

O Santo Cálice (*Santo Cáliz*), também era referido como “Cálice Lapidado” e “Cálice de Pedra”. Isso, devido a sua base de pedra.

Depois, o Santo Cálice foi levado à Barcelona, onde ficou temporariamente no castelo real da cidade até 1410. Foi então que a rainha viúva de Martín I, Margarita de Prades (1385-1422) doou o Santo Cálice à cidade de Valência. Lá, o Santo Cálice ficou alguns anos abrigado na capela do palácio real, até que o novo rei, Alfonso V, o Magnânimo, doou a relíquia real (e outras relíquias régias) à catedral de Santa Maria de Valência em 1437, onde se conservou guardada até hoje. Uma ala dentro da catedral chamada “Capela do Santo Cálice”, abriga a preciosidade desde 1916. Hoje em dia, um vidro à prova de balas protege a relíquia, que é usada somente na páscoa e em ocasiões especiais.

Há na pedra *da base* do cálice, uma inscrição mística original em carácter árabe cúfico, transcrita hoje como “*li-izahirati*” ou “*lilzáhira*” (“para o que reluz”), mas que foi traduzido antigamente para o latim como “*lapis ex caelis*” ou “*lapis exilii*”. Relembro aqui que a expressão em latim significa “pedra caída do céu” e “pedra do exílio”, respectivamente. A base de pedra do recipiente do Cálice de Valência é a pedra do Graal (“Graal Pedra”, que forma o “Cálice de Pedra” de Valência) que o poeta alemão Wolfram descreve em seu poema “Parsifal”. Em seu poema, a Pedra-Graal aparece com o nome literário “*Lapsit Exillis*”, que acredita-se ser uma variação de nome resultada de um erro de copista ao reproduzir o poema original de Wolfram von Eschenbach.

O Cálice de Valência é na verdade um conjunto de coisas: a parte de cima é o cálice propriamente dito, que se encaixa na estrutura e se parece com uma “tijelinha”. Esta, é de ágata. Depois, temos a “estrutura” de sustentação onde a tigelinha é colocada, composta de adornos de ouro (alças e pé), de pérolas e de pedras preciosas como esmeraldas e rubis, recebidos *posteriormente* (Idade Média). Somente depois temos a “base” deste conjunto, que é a pedra aqui referida e que se trata de uma “base” para o Santo Cálice, dentro da estrutura de ouro que o sustém. Este conjunto tem uma forma toda peculiar, que denota “um só corpo”.

No século XV, através da atividade comercial e financeira, Valência atingiu o seu maior esplendor, possibilitando um importante desenvolvimento urbanístico e cultural da cidade. Este, foi acompanhado de um natural crescimento demográfico que

fez surgir conventos, hospitais e jardins. Foi um período que ficou conhecido como o “Século de Ouro Valenciano”. Toda a fomentação consequente dessa época fez com que a estória do Santo Cálice ficasse muito popular, a ponto de o artista espanhol Juan de Juanes (1523-1579) pintar uma Obra de arte chamada “a Santa Ceia”, em 1560, retratando o Santo Cálice da catedral valenciana junto a Jesus e os discípulos na mesa pascal.

Desde então, o “Santo Graal” de Valência é protegido por uma Ordem de Cavaleiros, que o protegem com a própria vida¹³³.

Em suas viagens à Valência, os últimos papas João Paulo II (1982) e Benedicto XVI (2006), usaram o Santo Cálice ao celebrarem as missas de Eucaristia na catedral. Muitos consideraram tais fatos um apoio da Igreja em favor da autenticidade da relíquia, ainda que *jamais* tenha sido formulado um comentário oficial pela Igreja sobre isso.

Em 2002 foi criado pela gestão turística de San Juan de la Peña e Valência, um “Caminho do Graal”, para unir as cidades espanholas num percurso religioso, histórico e cultural (seguindo o exemplo das peregrinações do famoso Caminho de Santiago de Compostela).

O importante para as cidades envolvidas era trazer popularidade e turistas, que os comerciantes aquecessem suas vendas e que os fiéis peregrinassem pelos lugares por onde o Santo Cálice passou nos últimos séculos, dando ênfase à religião e à fé.

No final de 2008, muitos defensores do Santo Cálice se reuniram em Valência, num congresso internacional, para exigir que a UNESCO¹³⁴ o declarasse “Patrimônio da Humanidade”.

Há ainda a lenda de um *terceiro* Graal “desaparecido”, que nunca foi encontrado, e que seria o verdadeiro Graal usado por Jesus. Tal lenda diz que os templários, quando em sua sede no monte do Templo em Jerusalém, teriam efetuado escavações abaixo dele à procura de tesouros, e assim encontrado várias relíquias, inclusive o Santo Cálice de Jesus. Retornando à Itália depois, os templários teriam levado o Santo Cálice consigo e entregado aos cátaros. Mas após a guerra de reconversão contra os cátaros¹³⁵ iniciada em 1209, o Santo Cálice teria desaparecido. Esta guerra, também conhecida como “Cruzada Albigense”, foi uma iniciativa do papa Inocêncio III (1160-1216).

Diz a lenda, que durante o cerco ao castelo de Montségur nos Pirineus da França (Midi-Pirineus), em 1244, alguns cátaros teriam fugido durante a noite, descendo furtivamente a montanha onde o castelo estava encravado, levando consigo o precioso cálice para escondê-lo em um lugar seguro, onde estaria até hoje, mas que ninguém sabe onde fica. Esta guerra durou 35 anos, tendo o castelo de Montségur como o foco central do catarismo.

Falemos agora, da interessante iconografia do Graal.

Foi de 1123 a 1170, que pela *primeira vez* surgiu uma nova iconografia religiosa regional, em pelo menos oito igrejas dos Pirineus, localizadas dentro de uma área que se estende desde o limite de Aragão e Catalunha a oeste, até o principado de Andorra a leste. Trata-se de afrescos da “Virgem Maria” segurando um “Cálice”, hoje chamado de “Graal”. O mais antigo afresco desta iconografia regional está no interior da igreja de São Clemente em Taüll, e é de 1123.

Pelo fato de Maria, mãe de Jesus, ser conhecida como “Virgem”, aconteceu que na tradição do Graal, o portador do Graal tinha que ser uma virgem (Cundrie). A Virgem Maria se disfarçou assim de “portadora do Graal” nessa nova iconografia destas igrejas. O surgimento de tal iconografia regional coincide com a mesma época em que a relíquia do Santo Graal de Valência esteve por aquelas paragens!

As estórias do Santo Graal fizeram muito sucesso na Idade Média, pelo fato do imaginário da época ter uma verdadeira obsessão pelo culto à objetos sagrados. Na verdade, hoje em dia, somente na Espanha 20 igrejas afirmam possuir o verdadeiro Santo Cálice do Graal!

No entanto, existem outras lendas e estórias de menor importância em outras regiões, sobre candidatos ao Santo Graal. Abaixo temos enumerados mais oito deles:

1 – Em Jerusalém: a fonte mais antiga sobre um cálice que seria da última Ceia de Jesus, vem de um relato escrito no século VII, de um tal de Arculfo, um peregrino anglo-saxão, que teria visto e tocado o cálice, numa capela próxima a Jerusalém, durante uma visita sua à Terra Santa. O cálice seria de prata e estaria guardado dentro de um relicário.

2 – Em Aberystwyth no País de Gales: lá se encontrava uma taça conhecida como “Taça de Nanteos”. Segundo a lenda regional, esta taça de Jesus foi trazida por José de Arimatéia e teria realizado muitos milagres na região. Dizia-se que a relíquia estava com uma família local até os anos de 1950, mas hoje seu paradeiro é desconhecido.

3 – Em Roslin na Escócia: lendas populares afirmam que os últimos templários fugiram para a Escócia com o Cálice de Jesus e o esconderam no subterrâneo da capela templária da cidade de Roslin (Rosslyn) próxima de Edimburgo, ou dentro de uma coluna da capela. Uma escultura dentro da capela retratando Melquesideque (um rei bíblico) segurando um cálice, foi responsável pela lenda. Esta igreja é também um reduto apreciado pela maçonaria escocesa.

4 – Em Glastonbury na Inglaterra: alguns pesquisadores místicos dizem que neste local o Graal está oculto e preservado. Segundo lendas locais, a cidade foi o último refúgio de José de Arimatéia, que o teria levado para lá. A abadia de Glastonbury é uma das candidatas a ser o reino encantado de Avalon, citado nas estórias arturianas tardias, pois em 1191, os abades de lá afirmaram ter encontrado os túmulos do rei Artur e de sua esposa Güinevere.

5 – Novamente em Glastonbury na Inglaterra: o escritor Wellesley Pole achou uma taça de vidro azul num poço da cidade em 1906, que segundo ele teria sido o Graal. Wellesley Pole diz que o lugar do achado lhe havia sido revelado numa “visão mística sobrenatural”.

6 – Em Troyes na França: o suposto “vaso” da última ceia de Jesus Cristo teria sido roubado da igreja de Bucoleon (em Constantinopla) pelos cruzados, na Quarta Cruzada, e levado para Troyes (1204) pelo décimo bispo de Troyes, Garnier de Trainel (este caso é parecido com o da relíquia do “Sangue Precioso” de Bruges, que falaremos adiante). Vemos que aqui se trata da cidade do autor criador de *Perceval ou O Romance do Graal*, e o fato relatado ocorreu na época após a sua morte. Notícias deste vaso eram lembradas em Troyes até 1610, mas ele *teria sumido* durante a Revolução Francesa (1789), quando os nomes de santos nas ruas da França foram abolidos e peças religiosas perseguidas.

7 – Em Antióquia na Turquia: arqueólogos descobriram em 1910, uma magnífica taça de vidro e prata na Antióquia. Vinte e três anos depois (1933), ela foi exibida em Chicago como o “Cálice da Última Ceia”. Encontra-se hoje no Metropolitan Museum de Nova Iorque.

8 – Em Montserrat: o complexo monástico de Montserrat nos Pirineus (fronteira natural entre França e Espanha) é o centro de uma lenda do Graal devido à Obra literária de Wolfram von Eschenbach. A lenda diz que a relíquia do Graal estaria ali escondida e protegida desde a Idade Média por cavaleiros monásticos. O castelo fictício da estória de Wolfram é ali identificado com o monastério de Montserrat. Mas ninguém nunca viu a relíquia por ali. Montserrat chama a atenção com essa lenda, devido ao fato da pronúncia da palavra “Montserrat” ser parecida com a pronúncia alemã da palavra “Monsalvat” da ópera “Parzifal” de Wagner. Há de se ressaltar que este fato relacionado a Wagner e sua Obra, serviram de motivação para conduzir os asseclas nazistas de Hitler, em sua procura pelo Graal, até este mosteiro, devido a ganância do Terceiro Reich por relíquias e seus supostos poderes ocultos. Hitler acreditava que o Graal existia de verdade, assim como a Lança de Viena. Ele queria resgatar o heroísmo de Parzifal e o Graal da Literatura folclórica alemã para sua mística nazista.

Fatos e estórias à parte, não podemos nos esquecer que a busca por relíquias sagradas na Idade Média, foi (e ainda é) responsável por colocar objetos improváveis nos lugares mais convenientes.

Como percebemos nos capítulos anteriores, o Graal como cálice da última ceia de Jesus Cristo, era uma das relíquias almeçadas pela Cristandade e ligada *lendaricamente* aos caçadores de relíquias conhecidos como “templários”, os soldados de Cristo.

A questão das relíquias cristãs é que elas são utilizadas como elemento de influência ideológica dos reis e das autoridades religiosas. No culto de relíquias, se julgava que o próprio Filho de Deus estava agindo. A devoção para com a relíquia é um sinônimo de fé. Inclusive se acredita que até os restos mortais dos mártires são dotados de poderes físicos e espirituais. Mesmo o mais simples objeto impressiona e comove a alma cristã, infundindo profundo respeito e submissão. As relíquias eram uma promessa de salvação. Daí, a obsessão pelo culto a objetos sagrados.

A verdade é que a Igreja fabricava relíquias como fonte de renda. Com as Cruzadas, elas se tornaram a maior fonte de lucro da Igreja, e os templários eram os seus fornecedores locais fixados no coração do cristianismo: Jerusalém na Terra Santa.

Dentre as mais famosas relíquias cristãs, estão o Santo Sudário de Turim¹³⁶, o Sudário de Oviedo¹³⁷, a Escada Santa¹³⁸ e as relíquias expostas na igreja Santa Cruz de Jerusalém em Roma¹³⁹, que são: uma “Parte da Cruz” onde Cristo foi crucificado, um dos “Cravos” que o perfuraram, a “Tabuleta INRI”, um “Espinho da Coroa de Cristo”, o “dedo de São Tomé”, a “Coluna da Flagelação” e a “Haste da Santa Lança de Longino”. Esta última, esteve anteriormente em Antióquia, mas na iminência da invasão moura, “mãos piedosas” a teriam trazido e enterrado em Roma, atrás do altar da Igreja de São Pedro.

Existem também as relíquias do “Santo Sangue” (“Preciosíssimo Sangue”) que exaltam o sangue do Filho de Deus e sua importância para os fiéis. O culto ao “Sangue Precioso” se espalhou e tornou-se muito popular no início da Idade Média, assim como o culto à Lança de Longino, e muitas capelas e catedrais passaram a alegar possuírem um frasco do precioso sangue, tornando-se locais de peregrinação.

Dentre estas, temos a relíquia do “Santo Sangue de Fécamp”¹⁴⁰ na Normandia (França), que remonta como a primeira tradição do Santo Sangue.

Conta a tradição do lugar que o sobrinho de José de Arimatéia chamado Isaac, estava navegando em um barco “confiado ao mar para a graça de Deus”, que encalhou na costa da Normandia. Isaac teria em sua posse uma parte do “Preciosíssimo Sangue de Cristo” coletado na cruz.

Após desembarcar, ele teria plantado uma vara de figueira com raiz, e escondido a seus pés o precioso conteúdo que trouxera com ele num frasco. Mais tarde, no século VI, um santuário foi construído perto do tronco da figueira.

No século VII (662), uma igreja foi construída no local da figueira e mais tarde uma abadia beneditina (1175-1220) com uma igreja dedicada à Santíssima Trindade.

A abadia beneditina virou o lar de 300 freiras e da relíquia da figueira do Santo Sangue, famosa até hoje. Por causa do “Sangue Precioso”, a peregrinação até Fécamp foi célebre durante toda a Idade Média.

Através dos duques da Normandia, a partir do século X, Fécamp tornou-se a capital da região.

Também há a relíquia do “Santo Sangue de Bruges”, em Flandres (hoje Bélgica). Esta outra relíquia do Santo Sangue é um frasco (galheta) que contém supostamente gotas do sangue de Jesus Cristo, também coletadas por José de Arimatéia e guardada na catedral de Bruges em Flandres. A catedral é conhecida como a “Catedral do Santo Sangue” (*Heilig Bloedbasiliek*). Inicialmente, a catedral foi construída como uma capela da residência dos condes de Flandres, entre 1134 e 1157, mas foi depois consagrada ao “Santo Sangue”. Hoje, a catedral é considerada a mais sagrada das igrejas de Bruges, e contém em sua fachada do canto sul da Praça Burg, algumas estátuas de bronze douradas de duques e duquesas de Flandres¹⁴¹, dentre estas, a estátua de Felipe de Alsácia, o patrocinador do poeta Chrétien de Troyes.

O “como” a relíquia do Sangue Precioso de Flandres, foi parar em Flandres, possui duas histórias na *tradição popular*: a primeira, conta que a relíquia foi trazida a Flandres por Teobaldo da Alsácia (1110-1168), conde de Flandres, no final da Segunda Cruzada que ele participou desde 1147, como símbolo de conquista, glória e fé, e dada de presente à cidade.

Teobaldo foi conde de Flandres de 1128 a 1168. Quando ele retornou a Bruges, em 07 de abril de 1150, trouxe consigo esta relíquia da cidade de Jerusalém, como um presente de Balduíno III de Jerusalém. Era um prêmio por seus serviços prestados lá.

Teobaldo já havia participado de uma Cruzada à Terra Santa e esta era a sua segunda Cruzada. Seu sucessor em Flandres foi seu filho Felipe de Alsácia, que governou de 1168 a 1191, e patrocinador de Chrétien de Troyes.

A segunda história conta que a relíquia pode ter vindo da Terra Santa em 1204, trazida pelo exército do conde de Flandres de então, Balduíno IX (1172-1205), após o saque de Constantinopla na Quarta Cruzada. No Grande Palácio Imperial de Constantinopla, na praia de Bucoleon, conhecido como “o Palácio Sagrado”, se sabia da existência de um grupo de relíquias da Paixão de Cristo. Entre estas, havia uma que se acreditava conter gotas do “Santo Sangue”, confinadas em uma espécie de “tubo” de cristal de rocha e ouro.

Na Quarta Cruzada, Constantinopla foi sitiada e conquistada. Mas não era para ter acontecido assim. As tropas europeias que deveriam conquistar o Egito em 1203, resolveram inesperadamente mudar a direção dos navios venezianos que as transportavam, e ir para Constantinopla. Chegando lá, tomaram-na de assalto violentamente, e saquearam o que puderam. Tesouros e relíquias foram roubados das igrejas da cidade, e levados para palácios e igrejas da Europa.

Constantinopla era a capital do Império Romano do Oriente, mas a partir desta conquista, foi dividida entre os cruzados europeus. Balduíno, conde de Flandres, foi então coroado o novo imperador do Oriente (a partir daí, Balduíno I de Constantinopla).

A história eclesiástica conta que Balduíno, em posse da relíquia do “preciosíssimo sangue” do museu imperial de Constantinopla, a enviou à sua pátria de origem, Bruges em Flandres.

O papa Inocêncio III (papa de 1198 à 1216) reagiu à arbitrariedade das tropas, excomungando várias pessoas, mas depois

silenciou diante das fantásticas riquezas que lhe trouxeram.

Durante a primeira metade do século XIII, o nome da capela superior da catedral de Bruges havia mudado para “Capela do Santo Sangue”. No entanto, recentes buscas não encontraram nenhuma prova da presença da relíquia em Bruges, antes de 1250.

Recentemente, foram realizadas análises no tubo de cristal, e sua datação remonta ao século XI. É certo também, que o tubo foi executado numa área próxima de Constantinopla. Este tubo de cristal encontra-se atualmente colocado dentro de um cilindro maior de vidro (relicário), fechado nas extremidades com tampos de ouro decorados com anjos e pedras preciosas, criados por Jan Crabbe em 1617. A relíquia é mais conhecida atualmente como “Ampola do Sangue Precioso”.

O que importa da história desta relíquia, é que havia entre as pessoas cristãs, a esperança dos cruzados acharem algum objeto com o sangue de Jesus Cristo (dentre outras relíquias), e trazerem-no para a Europa devido ao valor que se dava ao dogma da Eucaristia e ao sangue do Filho de Deus.

É certo que a relíquia da Ampola do Sangue Precioso fez desenvolver a vida religiosa de Flandres, a ponto do papa Clemente V (1305-1314) ter publicado uma bula papal em 1310, que concedia indulgências¹⁴² aos peregrinos que visitassem a relíquia na capela sagrada.

Hoje, a Ampola do Sangue Precioso é ainda muito adorada, e uma procissão internacional em sua honra é realizada anualmente, atraindo fiéis de todas as partes. A procissão acontece no dia de Pentecostes (a Ascensão de Cristo) desde o século XIII, e os fiéis saem em procissão pelas ruas de Bruges. Vestidos com motivos históricos, os cidadãos da cidade reproduzem cenas bíblicas e a famosa chegada do conde de Flandres à cidade, com a santa relíquia. É uma manifestação religiosa e também folclórica. A procissão tem seu ponto final na capela da catedral. A catedral ainda hoje consiste de duas capelas, uma inferior e uma superior. A capela inferior é dedicada a São Basílio Magno.

Temos também a relíquia do “Santo Sangue de Neuvy”, de Indre na França, trazida da Terra Santa na Sétima Cruzada¹⁴³, através do cardeal Eudes de Chateauroux quando lá servira como legado papal por seis anos. Esta relíquia possui duas gotas do suposto sangue de Cristo, que o cardeal doou à basílica românica de Saint Sepulchre-Neuvy em 1257. Esta basílica é uma cópia da igreja primitiva do Santo Sepulcro de Jerusalém.

Para prestigiar a relíquia, desde o início os papas concederam à igreja de Neuvy grandes favores, que culminaram com a instituição de uma Confraria do Precioso Sangue em 1621, por Andrew Bishop Frémot, arcebispo de Bourges e irmão de Joana de Chantal (Santa Joana de Chantal).

Além destes lugares aqui citados, gotas do sangue de Cristo também são conservadas em Mantova, Ferrara, Sarzana, Weingarten e Auvergne, cada lugar com sua própria lenda incorporada.

Na Bíblia não é mencionado explicitamente que o sangue de Cristo tenha sido guardado, mas alguns Evangelhos bíblicos e apócrifos sugerem que José de Arimatéia “possa ter” conservado algumas gotas do sangue de Jesus, após retirá-lo da cruz, limpá-lo e envolvê-lo no lençol branco para a sepultação (sudário). “Suposição” somente.

As relíquias eram apresentadas aos fiéis como promessa de salvação. Por isso, o comércio internacional de relíquias era grande e bem-vindo. Tornou-se a maior fonte de renda do comércio na época! Repetindo: a maior fonte de renda!

Existem espalhadas pelas igrejas da Europa, dezenas de outras relíquias, e muitas delas se repetem em diversos lugares, como dissemos, numa espécie de “disputa”, onde cada igreja alega possuir a verdadeira. Algumas delas até possuem o “Prepúcio Sagrado” de Cristo, retirado por ocasião de sua circuncisão. Diversas igrejas reclamaram possuir *prepúcios sagrados verdadeiros*, treze no total, dentre elas as catedrais de Puy-en-Velay, de Santiago de Compostela, de Antuérpia, de Besançon, de Metz, de Hildesheim, de Calcata, e ainda da Abadia de Charroux e da Abadia da diocese de Chartres. Vários milagres foram atribuídos aos prepúcios. A verdade é que estas relíquias tem um aparecimento bem tardio: são do século IX.

Muitos religiosos ainda afirmaram possuir outras preciosidades, como um dente de leite do menino Jesus, fragmentos da coroa de espinhos de Jesus, as lágrimas, o leite e os cabelos (ruivos, louros, morenos) de Maria, a cabeça de João Batista, etc.

O costume de venerar relíquias continuou a contar com o apoio do Vaticano mesmo após o fim da Idade Média. No Concílio de Trento de 1545, o poder dos objetos sagrados foi reafirmado como um dos dogmas da fé católica.

Já o Sudário de Turim que citamos, foi submetido em 2002, a um trabalho de conservação e restauração. Quando o papa Bento XVI anunciou em 2008, que o Santo Sudário seria exposto novamente, ele acrescentou que o evento seria “*uma ocasião propícia para contemplar esse rosto misterioso que fala silenciosamente ao coração dos homens, convidando-os a reconhecer o rosto de*

Deus”.

Anos depois, aconteceria por todo o mês de maio de 2010, na catedral de Turim na Itália, essa exposição do Santo Sudário tão almejada, e que atraiu centenas de milhares de fiéis. A estimativa foi de 2 milhões de visitantes no local! Na catedral, o Santo Sudário ficou protegido por um vidro blindado. Fazia 10 anos que a relíquia não era admirada publicamente.

Neste mesmo ano de 2010, quando Bento XVI visitou a catedral de Turim, ele ainda disse que *“o sudário é um ícone escrito com sangue, o sangue de um homem que foi açoitado, crucificado e ferido na costela direita”*, e ainda, que *“a imagem impressa no sudário é de um homem morto, mas o sangue fala da vida”*.

A Igreja Católica *nunca* se pronunciou sobre a autenticidade do Santo Sudário, por isso Bento XVI se referiu a ele, propositalmente, como um “ícone” ao invés de uma “relíquia”. Também o antecessor de Bento XVI, João Paulo II, se pronunciou sobre o Sudário durante outra exibição anterior (1998), definindo o misterioso pano como *“uma provocação à inteligência”* e um *“espelho do Evangelho”*.

O Santo Sudário foi encontrado no século XIV, perto de Troyes na França, e desde então o tecido deu início a uma batalha entre cientistas e religiosos por sua autenticidade.

Parece que Troyes esteve em todas!

Com o advento da tecnologia científica ao longo do século XX e o respectivo espírito crítico e reflexivo que esta acarreta, a Igreja Católica se distanciou do culto às relíquias em geral. Em comunicados oficiais sobre o prepúcio, por exemplo, o Vaticano expressou a opinião de que *“ele não é mais do que uma lenda de devotos, que no entanto deverá ser respeitada”*.

Retornando a falar de Chrétien de Troyes, as notícias sabidas sobre a “Lança de Longino” até a sua época, o poder das relíquias e a simbologia da Eucaristia cristã, deram asas a sua imaginação e trouxeram-lhe inspiração obviamente, pois ele era um poeta.

Até aqui, temos algumas coisas interessantes para continuarmos a desvendar o Graal e os símbolos de Chrétien, e que foram absorvidos por ele e posteriormente desenvolvidos pelos seus herdeiros literários:

1. O alimento do pai do Rei-Pescador é a hóstia. Ela é o alimento que mantém a vida do mais velho adoecido. A hóstia representa o pão. O pão representa o corpo de Cristo. O receptáculo que contém a hóstia é uma bandeja ou vaso, e é apelidado de “Gaal”. Pelo fato do Gaal conter um alimento simbólico que representa o corpo do Cristo divino na liturgia da Igreja Católica, este vaso é “sagrado”. Se é sagrado, é um Vaso Santo, o “Santo Gaal”.

2. A lança da cerimônia do Gaal é uma “Lança que Sangra”. Chrétien escreve: *“(…) a Lança cuja ponta chora o bom sangue que verte. ‘Pois está escrito que advirá de todo o reino de Nogres ser destruído por essa Lança’ ”*. A Lança que Sangra *“cuja ponta chora o bom sangue que verte”*, é uma alusão à Lança de Longino adaptada para a Obra poética. A Lança adquiriu tal *característica* de “chorar (sangrar) o bom sangue que verte”, pois dela verteu o sangue divino do Filho de Deus. Vimos também, na estória de Longino, que o sangue que respinga de sua lança nos seus olhos, o cura de uma enfermidade ocular, realizando um *milagre*. Portanto, daí entende-se que a Lança de Longino adquiriu poderes sagrados ao entrar em contato com o sangue do corpo sagrado do “Filho Sagrado do Deus Javé”. Assim, a Lança possui poderes mágicos, e estes, por serem divinos, são poderosos, e podem realizar coisas inimagináveis na mão dos homens, como Chrétien descreve: *“Pois está escrito que advirá de todo o reino de Nogres ser destruído por essa Lança”*. Logicamente, esta Lança Sagrada com poderes divinos, seria uma enorme cobiça para qualquer vilão (ou herói) da estória de Chrétien (e até de fora dela como aconteceu com o diabólico Hitler posteriormente).

Já alguns autores posteriores a Chrétien de Troyes irão se referir ao Gaal simplesmente como “taça”. Mas para estes autores posteriores, este vaso ou Gaal, em sua origem, *não* guardaria mais uma hóstia-alimento, mas sim, o próprio sangue de Cristo, que jorrou de seu flanco perfurado pela lança de Longino e foi colhido por José de Arimatéia. Este fato tem a ver com a analogia entre o sangue de Cristo, que é o Sangue Sagrado da Vida Eterna, com o vinho simbólico usado na última ceia de Cristo com seus apóstolos. Foi uma opção literária escolhida e usada pelos poetas posteriores.

Com relação à ferida causada por Longino em Jesus Cristo, a própria Igreja explica que *“do peito de Cristo adormecido na cruz, sai a água viva do batismo e o sangue vivo da Eucaristia. Deste modo, Ele é o cordeiro Pascal imolado”*.

Na liturgia católica, a taça do altar de uma igreja serve para se colocar as hóstias para a comunhão dos fiéis, assim como o vinho da Eucaristia. Não há mais uma separação de “recipientes” como seria de se esperar, ou seja, uma bandeja para o pão e uma taça para o vinho.

A hóstia representa o pão da última ceia de Jesus Cristo, que por sua vez representa o *corpo* de Cristo. Já o vinho representa o *sangue* de Cristo. A Igreja ensina que o sangue de Cristo, seria “derramado” com a morte dele na cruz “em benefício de muitos”, como um sacrifício de sangue, igual aos que se faziam com a morte de animais pelos judeus, antes deles entrarem no Templo de Javé em Jerusalém, conforme os costumes deles ensinados na Bíblia. Por isso Jesus, em sua última ceia com seus apóstolos, faz uma comunhão com eles, onde diz que o pão é o seu corpo e o vinho o seu sangue (que seria derramado). O sacrifício animal transformou-se em sacrifício humano e Jesus ficou conhecido como o “cordeiro de Deus sacrificado” (imolado).

O “Sangue Sagrado do Filho de Deus” tornou-se uma relíquia particularmente preciosa. E isso se confirmou ainda mais através das palavras que Cristo pronunciou na Bíblia durante a famosa ceia, que citamos no início do capítulo: “*Isto é meu sangue...*”, e que se tornou o fundamento da Eucaristia (Mt 26:26-29; Mc 14:22-25; Lc 22: 15-20; 1 Co 11:23-25). Esta ceia representou um marco forte para os cristãos. Um marco de comunhão com o Deus Javé. Uma união com Deus, efetivada depois com a morte de Jesus em sacrifício, e que assim realizou a “salvação dos pecados”. Isso tudo era muito bem absorvido pela Europa medieval que se caracterizava pelo seu teocentrismo e misticismo.

A taça da Eucaristia virou um importante ícone também para os poetas, já que a Igreja católica utiliza uma taça na missa, com o vinho representando o sangue derramado de Cristo e que tem ligação com a taça que Cristo utilizou no ritual da última ceia com seus discípulos.

Na verdade, todo tipo de coisa que Jesus Cristo (ou os santos) possa ter usado ou tocado, é visto pelos fiéis e pela Igreja como “relíquia sagrada”, detentora de bênçãos, de milagres ou de poderes sobrenaturais. E se as relíquias são sagradas, é porque são santas. Por isso, Santa Lança, Santo Espinho, Santo Cálice, etc.

Com relação às relíquias e histórias tratadas *neste* tópico, vemos que a literatura e os poetas se apropriaram delas para uso em suas histórias fictícias, adaptando-as e desenvolvendo-as.

Algo parecido fez também a Igreja, como pudemos ver, no caso de Longino e sua suposta lança como relíquia, onde vimos que uma citação que está na Bíblia, no caso, sobre Longino, se tornou a posterior história “tecida” do soldado Longino e sua conversão ao cristianismo. Ou seja, a citação bíblica do soldado romano tornou-se “uma realidade” na história da Igreja Católica.

Muitos pesquisadores da história medieval tentam tratar a questão do Santo Graal como uma questão cristã. No entanto, a Igreja não se apropriou da história do *Graal dos poetas*. Isso aconteceu porque ela qualificou o Graal dos poetas de *herético*, pois percebia um paganismo latente nas Obras, herdado de antigas tradições pagãs ancestrais, misturado nelas com assuntos cristãos. A Igreja manteve, na verdade, um silêncio obstinado sobre este fato, concluindo que um Santo Graal dos poetas nunca existiu.

Acontece que havia um grande número de histórias escritas do Graal nos primeiros séculos após sua criação além das que estamos tratando nesta Obra, cada uma com pontos de vista heterogêneos e divergentes, identificáveis logo à primeira vista. Por exemplo, temos uma história, onde Merlim aparece como filho do Diabo mas também como filho de uma virgem. Já em outra, ocorre uma missa dominical na capela do Graal, onde um rei escocês a celebra com o corpo de seu filho morto, numa demonstração de característica pagã ao invés de cristã. Também pontos de vista sobre atos da Eucaristia contidos nessas Obras, diferiam da crença ritualística da Igreja.

A Igreja Católica também sempre condenou o ofício sacerdotal feito por mulheres, e nas Obras do Graal aparecem mulheres como “mensageiras” do Graal (Cundrie por exemplo).

Enfim, certas situações das histórias e conflitos ideológicos não eram do agrado da Igreja. Por outro lado, os diversos autores do Graal ignoravam certos pontos de vista da Igreja, ou ainda, ignoravam a própria Igreja. Se alguma coisa era comentada em favor da Igreja Católica, era algo bem rápido e em segundo ou terceiro plano, ou nem isso.

Outro fato que levou a Igreja a não se apropriar do Santo Graal dos poetas, foi porque o Graal podia ser qualquer coisa a bel-prazer dos seus poetas-escritores. O Graal não é uma taça em todas as histórias como estamos descobrindo. Até agora houve o Graal-Vaso-Bandeja com a hóstia de um rei medieval, o Graal-Taça ou o Graal-Cálice usado na última ceia de Jesus, o Graal-Pedra, o Graal-Livro e assim vai.

Sobre a “problemática de um rei ferido”, contida na história de Chrétien e que citei no início deste capítulo, voltaremos a falar mais adiante no capítulo 12.

128 Nas listas reais da Alemanha, Carlos Magno também é chamado de Carlos I do Sacro Império Romano-Germânico e da França.

129 Vide capítulo 14, tópico “Consciência dos Séculos XIX e XX”.

130 O nome “Thule” era um título que vinha de um *mítico* reino nórdico.

131 Hoje, a Ciência já sabe que a Atlântica é um mito e que os alemães, assim como os demais europeus, são, na sua origem, descendentes dos semitas. Foi a revolucionária e nova Ciência do DNA Mitocondrial que corroborou esta descoberta. Pena que na época de Hitler esta Ciência não existia.

132 Tal tradição está ligada a duas coisas: primeira, a um manuscrito da Biblioteca Nacional de Madri, intitulado “vida e martírio do glorioso espanhol São Lourenço”, do século XVII, de autoria de Lorenzo Mateu e Sanz, onde o manuscrito “diz” ser uma tradução de um manuscrito original mais antigo, do século VI. Segunda, vem de uma ata do arquivo da Coroa de Aragão em Barcelona, de 1410, que é um inventário descritivo dos bens pessoais do rei Martín I, e que incluem o Santo Cálice.

133 Há hoje em Valência, além da Real Irmandade, conhecida como os Cavaleiros da Real Irmandade do Santo Cálice de Valência, a Confraria do Santo Cálice. Ambas, junto com o Cabido Metropolitano de Valência, cuidam em manter o culto e a difusão da devoção ao Santo Cálice.

134 Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (em idioma inglês “United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization”)

135 Os cátaros eram maniqueístas e gnósticos. Sua doutrina, chamada de “catarismo” (do grego *katharós*, que significa “puro”, “iluminado”), foi um Movimento cristão considerado pela Igreja Católica como herético, e que se manifestou no sul da França e no norte da Itália no final do século XI até meados do século XIV. Suas ideias tinham paralelos com o gnosticismo do início da era cristã, segundo raízes gregas e latinas. Este Movimento de renovação religiosa, discordava do dogma do “pecado original” e de outras interpretações da Bíblia, além de renegar o papel de Diabo atribuído a Lúcifer, pois, para o Movimento, Lúcifer seria na verdade um “Portador da Luz”.

136 No teste de carbono-14 feito em 1988, descobriu-se que o Santo Sudário, também conhecido como a “mortalha de Cristo”, provém de solo francês (próximo de Troyes) de um período entre 1260 e 1390 (na verdade este teste foi repetido em outros dois laboratórios diferentes, e os tres atestaram a mesma data). No século XIV, o bispo de Troyes chamado Pierre d’Arcy, enviou uma carta ao Papa Clemente VII (1342-1394) dizendo que aquele sudário era uma fraude, pois não era verdadeiro. Clemente VII, ao contrário, se opôs às contradições do bispo. Clemente VII era um diplomata experiente em manobras políticas, e queria fazer valer a crença do Santo Sudário para incentivar a fé católica e ao mesmo tempo gerar recursos para a Igreja. Ele declarou o Santo Sudário como autêntico, uma relíquia sagrada, e ofereceu indulgências a quem peregrinasse para vê-la. Clemente VII soube obter apoios para a sua causa, contrariando outras vozes da Igreja, como a do bispo de Troyes, fazendo-lhe sérias ameaças (1390). Após passar por várias mãos, o Santo Sudário se encontra atualmente na catedral central de Turim, na Itália.

137 Este Sudário é originário de Oviedo, capital de Astúrias na Espanha, mas segundo a tradição, foi o lenço com que o rosto de Jesus foi coberto durante o transporte do seu corpo da cruz ao sepulcro, antes que o corpo fosse envolto pelo “Sudário de Turim”. O teste de carbono-14 datou ser ele do ano 700. O Sudário está guardado numa câmara no porão da catedral de São Salvador de Oviedo, no centro da cidade, desde o século IX. O Sudário possui 53 cm x 83 cm.

138 Na Basílica de São João de Latrão, em Roma, os fiéis devotamente sobem de joelhos os degraus desta escada trazida de Jerusalém. Trata-se da escada do Palácio de Pôncio Pilatos, que segundo a Bíblia, se acredita que Jesus teria subido, quando foi apresentado à turba excitada, depois de sofrer o flagelo. Na escada estão assinalados tres pontos onde se vê a marca do “divino sangue” sobre o mármore branco dos degraus, mas que agora estão revestidos de madeira.

139 Esta igreja foi construída por Helena (Santa Helena), a mãe do imperador Constantino, e as relíquias que a compõem foram trazidas por ela da Terra Santa. Inicialmente, em Jerusalém, celebrava-se o “Dia da Exaltação da Santa Cruz” (a “verdadeira” Cruz que Jesus foi crucificado), no Santuário da Santa Cruz, no bairro cristão. Esta celebração arrebatava e levava multidões à Jerusalém. Devido ao sucesso da festa, repartiu-se por todo o mundo cristão “pedaços-relíquia” da cruz de Cristo, numa tentativa de reproduzir a solenidade de Jerusalém, que atrairia multidões de fiéis, submissão e riquezas a outros lugares. Também os templários possuíam um fragmento-relíquia da cruz de Cristo, abrigado na igreja templária de Vera Cruz em Segóvia (Castela-Leão). O Dia mundial da Santa Cruz é comemorado no dia 14 de setembro.

140 Fécamp (Fescamp) era conhecida como uma pequena cidade do país de Caux da Normandia, e na época romana tinha o nome de *Fiscannum*.

141 Estas estátuas são reproduções de originais que foram destruídos durante a Revolução Francesa. Além de Felipe de Alsácia (último à direita), estão ali retratados a arquiduquesa Isabel de Borgonha, o arquiduque da Áustria, Albert VII, a arquiduquesa Maria de Borgonha, o arquiduque da Áustria, Maximiliano III, a duquesa de Borgonha, Margaret de York, Thierry da Alsácia e sua esposa Sibila de Anjou.

142 Clemência, tolerância, perdão de pecados.

143 Trata-se da Cruzada de São Luís (1254). Em 1248, o próprio rei francês Luís IX (São Luís) mandou construir em Paris uma capela especial, a *Sainte Chapelle* (Santa Capela), para guardar relíquias que ele havia adquirido com o imperador latino Balduíno II. Estas eram: a coroa de espinhos, parte da cruz verdadeira e ampolas do sangue de Jesus. As relíquias foram depositadas numa caixa encostada numa parte do muro da capela, mas durante a Revolução Francesa (1789), o muro foi derrubado caindo em cima da caixa, que foi assim completamente destruída.

JOSÉ DE ARIMATÉIA E MARIA MADALENA INCORPORADOS AO GRAAL

Como dissemos anteriormente, a partir do poeta Gerbert de Montreuil, a Cavalaria foi sendo levada para mais perto do próprio Jesus Cristo, e isso através do bíblico José de Arimatéia.

As Obras literárias estavam sendo cristianizadas...

A figura de José de Arimatéia era forte. Ele se tornou um herói. A Igreja Católica dizia que fora ele quem colheira o sangue precioso de Cristo, quando este jorrou do seu flanco ao ser perfurado pela lança de Longino. Foi também José quem pediu para Pilatos retirar o corpo de Jesus Cristo morto da cruz, e o enterrou com a ajuda de um discípulo chamado Nicodemos. Também José de Arimatéia era um discípulo de Jesus. Foi também na época dos poetas do século XII e XIII, que acontecia a caça às relíquias cristãs na Terra Santa. E como o sangue de Jesus Cristo era uma relíquia das mais santas e importantes sob o ponto de vista teológico (e com ele o cálice que o portava), José de Arimatéia possuía nessa história um destaque especial. Haja vista, no capítulo anterior, as histórias narradas das diversas relíquias do sangue do Filho de Deus.

Posteriormente, também a figura da seguidora de Jesus, Maria Madalena, seria incorporada na trama do Graal, formando uma nova inspiração literária aos escritores europeus. Lendas nesse sentido foram criadas, espalhando-se rapidamente. Lembrando que na mesma época, os valores femininos estavam sendo trazidos novamente à tona pelos trovadores franceses, tornando-se responsáveis por humanizar progressivamente e profundamente a História Ocidental desde então. Do século XI para o século XII, a mulher europeia começou a sair da sombra dos séculos anteriores e ser valorizada, marcando uma época de transição muito importante.

Vejam os um pouco, as lendas que surgiram:

Existe na França, a lenda interessante segundo a qual Maria Madalena teria fugido do império romano que ocupava a Palestina e das perseguições dos judeus, encontrando refúgio com amigos na Gália (futura França) no ano 42 E.C. A lenda conta que o percurso desde a Palestina, teria sido feito num barco *sem* remos, que atravessou o Mediterrâneo milagrosamente até chegar ao porto de Camargue (Provença). O barco não necessitava de remos, pois estava à mercê do Deus Javé. Tal barco levava, além de Maria Madalena, sua prima Marta, Maria Salomé, Maria Jacobé, Lázaro e Sara, uma jovem criada. Essa estória se espalhou pelo sul da França, onde um culto à Maria Madalena cresceu ao longo dos séculos.

O porto de Camargue recebeu depois, o nome de “Santas Marias do Mar” (*Saintes Maries de La Mer*) que perdura até hoje e se transformou depois numa bela cidade mediterrânea. O novo nome se deveu ao fato de a Igreja Católica determinar como *santas* Maria Madalena e Maria Salomé (irmã de Maria, mãe de Jesus Cristo). O centro desta cidade possui uma igreja medieval chamada “Igreja Santa Sara”.

A tal Sara, por ser bem jovem, foi tida como filha de Madalena com Jesus Cristo, criando-se outra lenda. Sara estaria disfarçada de criada, para ficar protegida, pois seria a descendente direta do Filho de Deus.

No entanto, esta lenda se fundiu depois com a lenda de José de Arimatéia, que teria levado o “Sangue Real” no cálice Graal (o *Santo Graal*) da última Ceia, para a Europa (lendas do terceiro século E.C.). Desenvolveu-se então, que Maria Madalena, no caso, teria enviado o tal Sangue Real “pessoalmente”, nas próprias veias de sua suposta filha Sara (seu sangue), que teria passado adiante a realeza e divindade de Jesus, através dos descendentes dela que nasceram na França. Por isso, os reis merovíngios que governaram a França, se diziam descendentes de Madalena, e com isso, do próprio Jesus¹⁴⁴. Houve literaturas posteriores que fundiram as estórias do Sangue Real com as do Santo Graal, e as do Santo Graal com a do Sangue Real.

Tais lendas francesas também propagaram a ideia de que Madalena teria pregado as palavras de Cristo em Marselha, antes de se tornar uma reclusa na caverna Saint Baume, dedicada até então à Deusa da fertilidade local (como Epona e Óstara). Madalena

teria vivido isolada ali por mais de três décadas até a sua morte. Hoje, naquele local, há um monumento cristão em sua homenagem, que retrata Madalena aos pés de Jesus na cruz, e se tornou um famoso lugar de peregrinação cristã.

Estas e outras lendas medievais sobre Madalena mostram-na como uma missionária cristã e santa, portadora de milagres e penitência.

Por causa da dificuldade de peregrinações à Terra Santa, devido à presença muçulmana, ficou encorajada a criação de locais de peregrinação na Europa mesmo. Sabe-se que na abadia de Vezelay (Borgonha, França) foram descobertos restos mortais supostamente atribuídos a Maria Madalena. Tal notícia divulgada em 1050, fez com que em pouco tempo Vezelay se transformasse num local de peregrinação. Tal fato recebeu até um documento papal em 1058, confirmando a descoberta.

A abadia da cidade de Vezelay, que era dedicada até então à Maria, mãe de Jesus, passou a ter Maria Madalena como protetora. Hoje, ostenta o título de “basílica”: a Basílica de Santa Maria Madalena.

O culto a Maria Madalena se fortaleceu no final do século XI e início do século XII. Até textos em honra a Madalena foram compostos por monges.

Madalena representava a beleza e a fertilidade. Era protetora de jardins e vinhedos. O que antes era característica da Deusa da Fertilidade passou para a “Santa Madalena”. Diversas igrejas, capelas e construções arquitetônicas foram erguidas em sua homenagem. Tudo isso coincidiu também com a grande valorização que o feminino sofreu na Europa nessa época. Até os séculos anteriores, a mulher era retratada e tratada como um ser inferior, tanto espiritualmente quanto moralmente.

Em algumas versões destas lendas, dizem que os druidas britânicos convidaram José de Arimatéia a pregar os “novos ensinamentos” em Glastonbury, na Bretanha, em troca de proteção e segurança contra os romanos. Então, José de Arimatéia, Maria Madalena, Maria mãe de Jesus e uma delegação de druidas mudaram-se para a Bretanha. O grupo teria desembarcado próximo de Glastonbury, em Avalon. Conta-se que no local uma grande multidão foi batizada.

Maria Madalena ficou tão famosa, que um escritor dominicano da Itália, chamado Jacobus de Voragine, num compêndio que escreveu sobre a vida dos santos (coletânea de histórias medievais) em 1260, incluiu estas lendas de Maria Madalena e seus “milagres” consequentes. O compêndio se chamou “A Lenda Dourada” (*Legenda Aurea*) e se transformou na época em *best-seller*.

O papel moderno no qual Maria Madalena se popularizou como esposa de Jesus Cristo, caracterizado no famoso livro “O Código da Vinci”, não fez parte do compêndio de Voragine. Voragine retratou Madalena como uma arrependida prostituta que se tornou casta e consagrou sua vida a Deus, transformando-se numa poderosa seguidora de Jesus depois da morte dele. Apesar de ser rica, bela e sensual, convertera-se para Jesus e sua doutrina. Essa história também dizia que Madalena e alguns discípulos de Jesus foram expulsos da Judeia e colocados num barco sem rumo certo, até que milagrosamente este chegou a Marselha na França. No novo lar, Madalena operou milagres e realizou a ressurreição de uma mulher, após vários acontecimentos.

144 A conversão dos francos ao cristianismo se daria triunfalmente através de um rei merovíngio chamado Clóvis, em 496 E.C.

O MATERIAL HISTÓRICO DA SAGA DO GRAAL E OS PERSONAGENS

Na evolução progressiva das histórias e poemas do Graal foram agregados diversos elementos e personagens diretamente ligados ao material histórico disponível de cada época, através de cada escritor da saga graalita arturiana, para trabalhar a sua imaginação. A estes, somaram-se também elementos de suas crenças cristãs. Vimos nos capítulos 8 e 9 diversos exemplos.

Dentro deste panorama, podemos verificar a seguir, outros fatos ocorridos, e quem foram alguns dos personagens inspiradores, interessantes primeiramente para Chrétien de Troyes, e outros, posteriormente interessantes para Wolfram von Eschenbach, o segundo maior poeta dessa saga.

Figura de destaque na região de Flandres e adjacências, era o cunhado de Felipe de Alsácia, Balduíno V (1150-1195), conde de Hainaut¹⁴⁵, uma corte vizinha de Flandres. Balduíno V era descendente de Carlos Magno e sogro do rei Felipe Augusto do reino de França (Ilê-de-France). Ele foi conde de Hainaut de 1171 a 1195 e de Flandres a partir de 1191, após a morte de Felipe de Alsácia.

Balduíno V foi adubado¹⁴⁶ em 1168 durante a Páscoa. No mesmo dia de seu adubamento, um fato assustador ocorreu e circulou por todas as bocas: Balduíno V foi com seu envelhecido pai à grande sala da cidade de Valenciennes (aula maior) que estava em obras, para inspecionar os trabalhos lá feitos, e um desastre inesperado aconteceu: uma viga de madeira caiu sobre pai e filho. O pai quebrou a perna, mas o jovem filho adubado se curou rapidamente.

Tal fato nos remete à criação dos personagens “Rei-Pescador” e seu “pai idoso”, do qual Chrétien poderia tranquilamente se inspirar para o seu poema, anos depois do ocorrido. Pois é certo que a história, e depois, lenda do Graal, refere-se especificamente à recuperação de um país assolado por um “doloroso golpe” dado em seu rei.

Sem evitar os assuntos que incomodaram ou preocuparam os condes de Hainaut no século XII, um clérigo chamado Gisleberto de Mons (1150-1225), que era chanceler de Balduíno V, escreveu em 1196 sobre essa história ocorrida do desastre de Balduíno V e seu velho pai, numa *Crônica* falando a respeito de Hainaut, que evocava os condes de lá desde 1071 até 1195, quando Balduíno V faleceu. Nesta *Crônica* estão as genealogias dos grandes herdeiros e as cláusulas detalhadas de pactos feudais, além de cartas às cidades e tratados de paz.

Já o famoso personagem Perceval, de Chrétien, foi inspirado no conde Arnaldo II de Guines e V de Ardres (Arnulf II; 1162-1220), que era filho do conde Balduíno de Guines (Boudewijn van Gent II, conde de Guines; 1135-1205) e da viscondessa Cristiana de Ardres (Christine de Marck, d’Ardres; 1140-1177).

Desde sua tenra juventude, Arnaldo II era educado e treinado como cavaleiro na corte de Filipe de Alsácia, conde de Flandres, um parente seu, sendo iniciado por este para ocasiões de justas cortêses e torneios desta mesma corte, até que atingisse a habilidade necessária e a idade propícia para ser adubado.

Já era percebido em Arnaldo o melhor entre os jovens nobres de Flandres, e isso foi até citado no livro “A Cavalaria”, do historiador medieval Dominique Barthélemy, que diz que Arnaldo era *“forte nas armas, mas também excelente na corte, sorridente, pródigo e afável”*.

Arnaldo foi adubado cavaleiro no Pentecostes de 1181, por seu pai Balduíno, na presença de Felipe de Alsácia¹⁴⁷. No entanto, isso ocorreu diferente do planejado inicialmente, pois o adubamento de Arnaldo deveria ter sido feito por Felipe que o preparara e não por seu pai.

A partir de então, Arnaldo II, agora um homem feito, participaria de vários torneios, até conhecer e se casar com a bela e sábia Beatriz, a herdeira de Bourbourg (Beatrix de Bourbourg, dame du Pays de Bredenarde; 1175-1214).

No Conto do Graal de Chrétien, Perceval é o jovem Arnaldo adubado. Já “Gornemant”, é identificado como o próprio

“Felipe de Alsácia”, seu protetor e mestre. Gornemant, na Obra do poeta, celebra uma Cavalaria mais altruísta e à coloca como a mais alta Ordem. Isso é uma característica encontrada na própria personalidade de Felipe de Alsácia.

Felipe também é descrito por Chrétien (no prólogo de seu poema do Graal), como um conde que ama a justiça, a lealdade e a santa Igreja, e que ele odeia toda vilania. Foi Felipe de Flandres quem contratou Chrétien de Troyes para lhe escrever o Conto do Graal. É em sua corte que temos o jovem Arnaldo II formado, técnica e moralmente, mas que se mostra também como um jovem festeiro, cuja frequência às igrejas e a lealdade aos padres não constituem prioridades, o que faz portanto que nosso Perceval receba bons conselhos vindos de Gornemant e de sua própria mãe, para seguir sua vida e assim contrabalancear com sua índole aventureira e pouco religiosa.

No livro “A Cavalaria”, entre diversas menções registradas em Crônica da época¹⁴⁸, aparece uma em especial, do epíteto “tolo” para Arnaldo, conforme nos referimos no Capítulo 6, como sendo uma “característica” de Perceval no poema, onde ele se mostra um “tolo puro”.

Já o nome “Perceval”, que Chrétien usou para esta figura histórica, significa “aquele que atravessa o vale”.

Inspirando o outro poeta famoso da saga do Graal, Wolfram von Eschenbach, temos no século XII o rei Afonso I (1073-1134), cognominado “o Batalhador”, que destacou-se sobremaneira na História europeia. Foi o rei que melhor encarnou o ideal da Cruzada da Reconquista na Espanha. Ele era rei de Aragão e Navarra, e depois, de Leão e Castela após se casar com a rainha Urraca.

Afonso I ficou conhecido por vencer vinte e nove batalhas, tornando-se o símbolo da reconquista aragonesa. Ao seu redor reuniram-se diversos cavaleiros, principalmente franceses, que inflamados pelo espírito da Cruzada na Espanha, contra os infiéis, acorriam à Península Ibérica pelo ideal de defesa do mundo cristão, e também pela possibilidade de se ter acesso à terras e riqueza muçulmana, através de saques e pilhagens.

A historiografia tradicional costuma retratar Afonso I como um homem autoritário, áspero e um austero “Cavaleiro de Deus”. As pessoas acreditavam que ele era um líder que cumpria a ordem divina de guiar o seu povo, e principalmente, de combater os infiéis.

À medida em que Afonso I conquistava, promovia o repovoamento da região em questão, como uma garantia de posse sobre a mesma, pois seu principal objetivo ao reconquistar e repovoar, era garantir aos aragoneses a tão sonhada saída em direção ao Mediterrâneo.

Afonso I tornou-se o soberano cristão mais poderoso da Península Ibérica, passando a ser considerado por muitos como “o rei ideal”, aquele que exercia o poder em seu reino com autoridade e competência, possuindo força militar para dominar seus súditos e seus inimigos.

O nome Afonso (Alfonso), em latim *Inforsius* (também Anfortius, Anfors e Anfus Rex), está associado a “Amfortas” do poema de Wolfram von Eschenbach (o equivalente ao “Rei-Pescador *sem nome*” de Chrétien de Troyes).

Próximo ao mosteiro de San Juan de La Peña na Espanha, há uma montanha conhecida hoje como “Montanha San Salvador” (*Monte Salvatores*), mas que no século XII chamava-se *Munsalvaeche* em alemão arcaico, igual ao do poema “Parsifal” de Wolfram. Nos textos literários mais tardios, Munsalvaeche (que provem do francês “*Mont Sauvage*”), se desenvolveria para “*Montsalvat*” (*Mont Salvat; Monselvat*), ou seja, “*Mons Salvationis*”, que significa “Montanha da Salvação”. Hoje em dia, ninguém na cidade de San Juan de La Peña conhece mais a montanha com o nome antigo, a não ser o curador do museu da cidade (pelo menos).

Wolfram trabalhou como poeta para várias outras côrtes, sendo que uma das mais significativas foi a côrte do feudo de Dürne. Seu castelo, o castelo Wildenberg, também conspira de algum modo como ícone de inspiração para o Castelo do Graal Munsalvaeche, presente em sua Obra, pois “Wildenberg” significa “Montanha Selvagem”, assim como *Munsalvaeche* (também *Monsalvaeche*)¹⁴⁹.

Já o mosteiro de San Juan de La Peña possui todas as características descritas no livro de Wolfram como “o castelo do Graal”, comprovando ser este o cenário que inspirou este livro alemão.

Em 1071, o papa Alexandre II (1015-1073) concedeu proteção especial ao mosteiro, que permaneceu sob a autoridade papal e tornou-se um mausoléu real.

No vale abaixo de San Juan de la Peña corre o rio Aragão, e a apenas 200 metros do mosteiro havia um lago que era famoso

por seus peixes. Um lugar inspirador para este “outro” Rei-Pescador. Esta reputação do lago durou até o século XX, quando ele foi seco a partir dos anos de 1970, para dar lugar a um estacionamento.

No final de sua vida, o rei Afonso I foi para o mosteiro de San Juan de La Peña procurar abrigo e cura contra uma ferida adquirida numa batalha, morrendo também ali. Também foi neste mosteiro que o Cálice de Valência (o *Santo Cáliz*) protegido por templários, passou parte de seu tempo antes de ir parar em Valência.

Fato é, também, que o rei Afonso I tinha um primo que era um conde espanhol de nome Rotrou II (1080-1144), também chamado “Rotrou de Perche”, cujo apelido era “Perche de Val”, pois ele era também o senhor do “Val Perche” (Vale do Perche), uma região na parte central da França atual. Daí “Perche-val”, “Perceval”, “Parsifal” em alemão. Um homônimo para o personagem original de seu colega Chrétien de Troyes.

Wolfram também foi cavaleiro do imperador Barbaruiva, tendo trabalhado na corte de Turíngia (região central da Alemanha). Como ele mesmo disse, “*sou cavaleiro por nascimento e educação*”. Hermann I (1155-1217) da Turíngia era considerado “Protetor das Belas Artes” e foi o patrocinador de Wolfram.

Schmidt Patier informa em *suas notas*, que Hermann I foi também patrocinador de um Concurso de Trovadores ocorrido no castelo de Wartburgo, em 1207, e que Wolfram participou ali de um concurso de enigmas que ocorreu durante o evento, onde ele venceu um tal de Clinschor, o que levou Wolfram a fazer de Clinschor um personagem em Parsifal (talvez tenha sido uma sátira entre amigos, ou inimigos...) ¹⁵⁰.

Deve ter sido interessante vivenciar este Concurso de 1207!

- 145 Região de Valônia, capital Mons: atual Bélgica.
- 146 Adubar era uma celebração medieval realizada em assembleia, onde eram entregues ao jovem nobre que deixava a puberdade, através do senhor regional ou responsável, um escudo e um tipo de lança chamada “frâmea”. No século XII, o ato de adubar um novo cavaleiro se fazia calçando-lhe as esporas, cingindo-lhe a espada e dando-lhe um tapa no pescoço. Por último faziam-lhe votos de boas maneiras. Ou seja, era uma cerimônia na qual um jovem era integrado a um grupo social, no caso à Cavalaria.
- 147 Foi neste mesmo ano de 1181 que o poeta Chrétien de Troyes chegou ao Condado de Flandres oferecendo seus préstimos literários ao conde Felipe (ou atendendo a um pedido deste conde), após a morte de seu antigo patrocinador de Champanha, Henrique I.
- 148 Do cronista Lamberto de Ardres (1160-1203).
- 149 Também a ópera “Parzifal” de Richard Wagner, que comentaremos adiante, se passa nas legendárias colinas de Munsalvaeche, na Espanha, onde viveu uma fraternidade de cavaleiros do Santo Graal (templários). Foi Wagner quem traduziu a palavra “*Munsalvaeche*” do poema de Wolfram, como “*Montsalvat*” (*Monte Salvat*; *Monselvat*, ou seja: “Montanha da Salvação”).
- 150 Séculos depois, o nome “Clinschor” viria à tona novamente pelas mãos do compositor Wagner em seu *Parzifal*, com a grafia do nome levemente modificada para “Klingsor”.

A ESCALADA DO GRAAL

11.1 – O GRAAL NOS PRINCIPAIS POEMAS DO CICLO LITERÁRIO MEDIEVAL E SUA ESSÊNCIA

O Graal, nos principais poemas do ciclo literário medieval, pode ser visto assim:

- 1) Em Chrétien de Troyes, o Graal é o convencionalismo litúrgico, onde ele é a bandeja ou vaso para a guarda da hóstia sagrada.
- 2) Em Robert de Boron, o Graal é o cálice da Santa Ceia e o vaso no qual José de Arimatéia recolheu o sangue do Filho de Deus, Jesus, na cruz.
- 3) Em Wolfram von Eschenbach, o Graal é uma pedra miraculosa com uma inscrição mística.

Podemos observar também, que o sucesso posterior do Graal e do poema de Chrétien de Troyes, se deveu aos seguintes fatores:

- 1) Porque, como já disse, o poema do maior poeta da Europa ficou inacabado. Isso era “inadmissível” para as cortes admiradoras e para seus colegas escritores que até ali o admiravam e que estavam atentos a todos os seus lançamentos.
- 2) Porque *justamente* neste poema inacabado, estava colocado um jeito *novo* de chamar uma *bandeja (vaso) misteriosa*, aquela que portava o único alimento *milagroso* do pai do Rei-Pescador (a hóstia). Bandeja esta que Chrétien chamou de “Graal”. Tal termo deu um certo charme ao poema, além de um certo “ar de mistério”, mas principalmente porque foi ao redor deste “Graal” que se desenvolvia toda a estória mística arturiana de Chrétien, até sua interrupção devido à morte súbita do poeta.
- 3) O fato das relíquias serem vistas na vida real medieval como “detentoras de poderes sobrenaturais, bençãos e milagres”, e isso ser transportado para a estória do Graal e da Lança que Sangra.
- 4) A demanda pela poesia e arte nas cortes europeias.
- 5) A simpatia pelas estórias arturianas em voga.
- 6) O natural desenvolvimento da Literatura.

O poema do Graal mais famoso tornou-se, no entanto, aquele escrito por Wolfram von Eschenbach. Nele, percebem-se fatos bem marcantes que ocorriam na História europeia e que foram absorvidos pelo poeta:

- 1) Analisando mais de perto o poema Parsifal, pode-se perceber um paralelo entre o Reino do Graal e o Santo Império Germânico de Frederico II, contemporâneo de Wolfram.
- 2) Cabe ao rei do Graal, como “messias imperial” (espelho de Frederico II), ser o grande mediador entre a ordem cósmica e a ordem terrena.
- 3) Há dois temas centrais que se destacam nas “entrelinhas”, seguindo as observações anteriores: a “busca do Graal” e a “restauração do reino”. Ambas mostram a derrocada tradicional do Império Romano como “reino decaído” (terra devastada), onde o chefe de Estado era também o sumo pontífice, e a penetração do cristianismo que instituiu o papado e estabeleceu a “ordem cósmica e espiritual” na Terra. Isso, com um governo à parte dos imperadores até a época histórica de Wolfram, onde então, aspirava-se a “restauração” do antigo reino através da “nova busca ao Graal”. Seria como uma volta efetiva à tradição romana, para que o reino do Graal, de oculto, se tornasse visível novamente como realidade temporal, e onde o chefe de Estado é também o chefe da Igreja (da religião), reunindo em Parsifal o poder temporal e a autoridade espiritual (ideologia do gibelinismo¹⁵¹).
- 4) A partir do século XIX, o poema de Wolfram von Eschenbach virou parte do folclore alemão, e enraizou-se como parte

da cultura germânica. Não entra no conjunto deste folclore o rei Artur, pois sendo ele inglês, permaneceu de lado ou apartado da cultura da Alemanha.

Vamos agora avançar no tempo, e a partir de Wolfram von Eschenbach, ver o que os séculos seguintes reservaram para Artur e a Saga do Graal:

11.2 – THOMAS MALORY

A “Queda do Templo” (Ordem dos Templários) iniciou-se exatamente cem anos depois da morte de Chrétien de Troyes, inicialmente devido a tomada de São João de Acre, em 1291. Tal queda começou aí, e foi evoluindo até acontecer o trágico fim dos templários. Após a perda da Terra Santa em 1291, as histórias e as lendas formadas do Graal desapareceram da cena pública, para retornarem somente no século XV! Fato este interessante, porque houve um “esfriamento” do assunto.

No século XV, será um escritor inglês de Newbold Revel, Warwickshire, que se destacará na saga do Graal. Seu nome é Sir Thomas Malory¹⁵² (1408-1471).

O nome “Thomas Malory” tornou-se famoso após a publicação de seu livro “A Morte de Artur”. Esta Obra representou a transição do romance medieval para o romance moderno. *A Morte de Artur* se tornaria um dos mais célebres livros sobre as histórias arturianas. Foi concluído em 1470, mas só foi publicado em 1485, quando o romancista já havia falecido.

A Morte de Artur, além de motivos e interpretações do próprio Malory, é uma reelaboração de diversos fragmentos de textos franceses do século XIII e ingleses sobre a vida do rei Artur, que Malory tinha à disposição. A Morte de Artur foi escrita em tom musical e com uma narração objetiva.

Malory era da nobreza e se embrenhou na política, sendo eleito duas vezes para o Parlamento. No entanto, na década de 50 do século XV, ele sofreu denúncias políticas e outras por furto, estupro, violência e tentativa de assassinato. Preso, cumpriu pena em Londres.

No que tange seu anseio artístico, ele teve de escrever parte de sua Obra arturiana na prisão.

Nos anos 60 (1460), o político Malory recebeu o perdão do rei Henrique VI pelos seus crimes, mas não por muito tempo, pois em seguida, o perdão real foi revogado.

Malory faleceu em 1471 com 63 anos. A publicação de seu *A Morte de Artur*, só se daria em 1485 pelo diplomata William Caxton (1415-1492), que também era agente comercial, tradutor e tipógrafo. Aliás, ele foi o primeiro impressor inglês¹⁵³. Caxton tinha sua oficina montada na Abadia de Westminster.

Foi Caxton, na verdade, quem escolheu o nome para o livro manuscrito de Thomas Malory, pois o título original escolhido pelo autor era “O Livro completo sobre o Rei Artur e seus Cavaleiros da Távola Redonda”. O nome “A Morte de Artur”, Caxton tirou do título da “última parte” do livro de Thomas Malory.

Originalmente a Obra de Malory era composta de oito histórias (contos), sendo:

- 1ª) O nascimento e a infância de Artur
- 2ª) A guerra de Artur contra os romanos
- 3ª) O livro de Lancelote
- 4ª) O livro de Gareth (irmão de Galvão)
- 5ª) Tristão e Isolda
- 6ª) A busca do Santo Graal
- 7ª) O relacionamento entre Lancelote e Güiniver
- 8ª) O rompimento entre os cavaleiros da Távola Redonda e a morte de Artur

Caxton, no entanto, dividiu a Obra original de Malory em 21 livros, com diversos capítulos cada um! Sua intenção foi tornar a Obra de Malory mais legível. Também incluiu nesta, um prefácio seu.

Na história sobre a busca do Graal, Malory se refere ao Graal *principalmente* como um “Sagrado Recipiente”. Ele também

escreve que este Sagrado Recipiente apareceu em Camelot, a capital do reino de Artur¹⁵⁴, coberto com um brocado branco. Em outras partes de sua Obra, ele cita “Holy Grail (Santo Graal)” e ainda insere “Sangreal”.

A estória conta que o recipiente apareceu em uma “visão sobrenatural” de Lancelote e em uma citação quando ele é achado por Galaad. Fora isso, Malory não dá nenhum outro detalhe descritivo sobre o Graal.

Os cavaleiros que vão em busca do Graal são: Perceval, Bors, Lancelote e seu filho Galaad. Galaad é descrito como um jovem cavaleiro de estirpe real e parente de José de Arimatéia, e Perceval é o cavaleiro mais puro e também aquele que é *tentado* por Lúcifer, pois este quer arrastá-lo para os seus domínios.

A verdade, é que todo este assunto produziu mais lendas, e o cálice usado por Jesus Cristo na sua última ceia transformou-se na maior relíquia mitológica cobiçada da Cristandade! Tornou-se uma relíquia “misteriosa”, e *Santo Graal* tornou-se uma expressão medieval consagrada para designar *normalmente* este cálice. Um cálice possuidor de poderes sobrenaturais e milagrosos. Por causa disso, ele ficou presente nas lendas arturianas, tornando-se o objetivo da procura (busca) dos Cavaleiros da Távola Redonda, após seu sumiço, pois aqui, ele era o único objeto com capacidade de devolver a paz ao reino devastado de Artur, devido à crença em seu poder e magia. O Santo Graal (Sangreal) também tinha a capacidade de curar feridas. Ele devia ser encontrado a todo custo e colocado novamente no centro da Távola Redonda, seu lugar de honra.

Também estão presentes na Obra de Malory, Jesus Cristo e a Lança de Longino.

O filme *Excalibur* de John Boorman, se inspirou na Obra de Malory, e muitos escritores modernos se utilizaram dela como fonte. É o caso de Alfred Tennyson, que em sua época (século XIX) verá surgir novas edições impressas do antigo livro de Malory, e que inspirarão seu próprio dom poético ao máximo.

Vale lembrar que entre os séculos XV e XIX, surgiram várias edições da mesma Obra de Malory. Abaixo, temos uma relação das edições:

- 1) Edição Caxton – 1485
- 2) Wynkyn de Worde – 1498 e 1529
- 3) Willian Copland – 1559
- 4) Thomas East – 1585
- 5) Thomas Stansby – 1634
- 6) Edição Stansby – 1816
- 7) Robert Southey – 1817
- 8) Thomas Wright – 1856
- 9) Edward Strachey – 1868

Vale mencionar aqui, uma interessante descoberta tardia. Tal qual a suposta descoberta do túmulo de Artur e sua rainha em Glastonbury, décadas antes de Malory, houve na cidade de Winchester, na Inglaterra, outra fantástica descoberta: uma enorme mesa circular de 10 metros de diâmetro, de carvalho, que “acreditou-se” ser a “Távola Redonda” do rei Artur e seus cavaleiros, do século VI. No entanto, os historiadores já sabem pela datação do radiocarbono, que o ano de sua fabricação é 1336. Descobriu-se também, que tal mesa fora mandada construir pelo rei inglês Eduardo III (1312-1377), que havia fundado uma Ordem Cavaleiresca chamada “Ordem da Jarreteira”, que sobrevive até hoje¹⁵⁵.

Mesmo assim, os turistas contemporâneos se deleitam com essa peça rara ali exposta em Winchester.

Além das fabricadas relíquias religiosas, existiram também as fabricadas relíquias literárias...

11.3 – ALFRED TENNYSON

O conceito mais popular sobre o “Santo Graal” ou simplesmente “Graal”, na Literatura e depois consequentemente nas lendas surgidas daí, se identificou, com o passar do tempo, com o “cálice” usado por Jesus Cristo em sua última ceia (e que se tornou um dos maiores atos litúrgicos da Igreja), e que também se dizia que José de Arimatéia usara para coletar o seu sangue após a crucificação. Sangue este, tido como precioso, já que provinha do “Filho do Deus Javé”, portanto, algo *santo* para os fiéis e

objeto portador de milagres.

As ideias guias de outra época, incorporam as crenças e esperanças dos dias passados, adquirindo a cada geração novas influências e novos elementos sempre em desenvolvimento. Foi assim que, ressurgindo do passado qual uma fênix, o assunto “Santo Graal” e as histórias arturianas, apareceram novamente no século XIX, principalmente através de dois homens, que, pesquisando e reescrevendo, trouxeram à tona este assunto: Alfred Tennyson e Richard Wagner. Alfred Tennyson com seu “Santo Graal” publicado em 1859 e Richard Wagner com sua ópera “Parzifal” em 1882 e “O Rei Artur” em 1895. Tais Obras foram responsáveis pela perpetuação do assunto Graal e as histórias do rei Artur e seus cavaleiros, daí em diante. Na arte, temos também a atenção do artista Dante Gabriel Rossetti (1828-1882), dentre outros, que juntos, deram nova vida ao rei Artur.

Estes autores, assim como seus antecessores medievais, preservaram em suas Obras o clima de magia, encantamento, os objetos mágicos e a procura que o herói deveria empreender para alcançar a glória e a vitória.

O romantismo do século XIX, com o seu interesse na Idade Média, restaurou o interesse pelos contos e poemas arturianos, que seguiu em frente desde então até os dias de hoje, incluindo o cinema e o teatro...

Vejamos quem foram Tennyson e Wagner:

Alfred Tennyson (1809-1892) era um poeta inglês e também um barão. Natural de Somersby, condado de Lincolnshire, Inglaterra, Lorde Tennyson era filho de George Clayton Tennyson (1778-1831), um pároco e vigário descendente do Rei Eduardo III de Inglaterra. Sua mãe se chamava Elizabeth Fytche (1781-1865).

Tennyson e dois de seus irmãos mais velhos (Charles e Frederick) já escreviam poesias na adolescência. Uma coleção de poemas dos três chegou a ser publicada localmente, quando Tennyson tinha apenas 17 anos.

Tennyson viria a se tornar um dos maiores poetas românticos ingleses do século XIX! Estudou em Cambridge a partir de 1828, e lá aderiu aos *Cambridge Apostles* (Apóstolos de Cambridge), uma sociedade secreta, também conhecida como a *Cambridge Conversazione Society*.

Esta sociedade secreta era constituída pela elite intelectual da Universidade, e foi fundada em 1820 pelo estudante George Tomlinson. A sociedade teve o nome de “os Apóstolos”, devido aos seus fundadores terem sido em número de doze. Era constituída de membros graduados e não graduados, e também de membros que ostentaram postos na Universidade. Tradicionalmente, a sociedade teve seus membros do King’s College e do Trinity College.

Em 1829, Tennyson ganhou de Cambridge a “medalha de ouro do Reitor”, prêmio concedido por uma Obra poética sua, tornando-se uma grande honra para um jovem de vinte anos.

Mas Tennyson não parou por aí. Ele publicou diversas coletâneas de poemas que se tornariam muito populares e chamariam a atenção de escritores famosos de seu tempo. Também fez Obras voltadas ao teatro, mas suas peças não tiveram a repercussão que ele ansiava.

No entanto, em 1832 faleceu seu pai e ele se viu obrigado a deixar a Universidade antes de concluí-la. Voltou para a paróquia do pai em Lincolnshire, onde ajudou no sustento de sua mãe e irmãos, que foram autorizados a se manter na paróquia por alguns anos até mudarem-se para Essex e depois para Londres.

Tennyson dedicou-se a partir daí a escrever poesias baseadas em lendas medievais e temas mitológicos clássicos. Utilizou uma vasta gama de temas incluindo situações domésticas e até contemplação da natureza.

Em 1850, foi nomeado “Poeta Laureado”¹⁵⁶, e neste mesmo ano se casou com Emy Sellwood.

A Rainha Vitória era uma admiradora das Obras de Tennyson e em 1884 concedeu-lhe o título de “Barão Tennyson” de Aldworth (Condado de Sussex) e de Freshwater (Ilha de Wight). Em seguida tomou lugar na Câmara dos Lordes do Parlamento do Reino Unido, tornando-se o primeiro escritor inglês a ter tal honraria.

Uma de suas Obras mais famosas viria a ser “Os Idílios do Rei”¹⁵⁷ (*Idylls of the King*), de 1885. Esta Obra era um conjunto de 12 poemas narrativos inspirados nas aventuras do rei Artur e seus cavaleiros da Távola Redonda, de Thomas Malory, passados por constantes revisões de 1842 até 1885.

Seus relatos mostram o amor e a traição da rainha Guínever para com Artur, e a ascensão e queda do rei e seu reino. Mas em todos os seus poemas a figura do rei Artur se mostrou sempre central, relacionando todas as histórias. Tennyson dedicou também poemas individuais ao Santo Graal (Holy Grail), a Lancelot, a Merlim e a outros.

Esta sua Obra “Idílios”, ele dedicou em 1862 ao príncipe Alberto, consorte da rainha Vitória, conhecido como *Alberto de*

Saxe-Coburgo-Gota (1819-1861, Saxônia).

Os Idílios do Rei estão escritos em verso branco¹⁵⁸ (exceto o último verso do último poema, que é alexandrino¹⁵⁹). Estes poemas projetaram temas modernos em cenários medievais dos romances arturianos!

No brilhantismo de seu *O Santo Graal*, Tennyson mostra a destruição da Távola Redonda (que detinha o Graal), e como muitos de seus cavaleiros buscavam um “atalho” para o Céu. Os cavaleiros possuíam a maior lealdade para com Artur, seu rei, que lhes concede o perdão religioso. O rei Artur é enfatizado como se fosse o próprio Jesus Cristo. Ele possui uma fé firme e tenta manter esta mesma fé em todos os que estão ao seu redor. Seus compatriotas vivem de modo hierárquico, sendo o seu rei o centro da hierarquia.

Abaixo temos uma relação das Obras de Lorde Tennyson:

1 – The Dying Swan – 1830

2 – The Kraken – 1830

3 – Mariana – 1830

4 – Lady Clara Vere de Vere – 1832

5 – The Lady of Shalott – 1832, 1842

6 – Lotos-Eaters – 1833

7 – Ulysses – 1833

8 – The Two Voices – 1834

9 – Locksley Hall – 1842

10 – Tithonus – 1842

11 – Vision of Sin – 1842

12 – The Princess – 1847

13 – Tears, Idle Tears

14 – In Memoriam A.H.H. – 1849

15 – Ring Out, Wild Bells – 1850

16 – The Eagle – 1851

17 – Ode on the Death of the Duke of Wellington – 1852

18 – The Charge of the Light Brigade – 1854

19 – Maud – 1855/1856

20 – **Os Idílios do Rei – 1859:** O Casamento de Garaint, Geraint e Enid, Merlim e Vivien, Lancelot e Elaine, Guinevere

21 – Enoch Arden – 1862/1864

22 – Lucretius – 1868

23 – Flower in the crannied wall – 1869

24 – **Os Idílios do Rei – 1869:** A Vinda de Artur, O Santo Graal, Pelleas e Ettarre, A Morte de Artur

25 – **Os Idílios do Rei – 1871:** O Último Combate

26 – The Window – ciclo de canções com Arthur Sullivan – 1871

27 – **Os Idílios do Rei – 1872:** Gareth e Lynette

28 – Harold – 1876 (que provocou um renascimento do interesse em Haroldo II de Inglaterra)

29 – **Os Idílios do Rei – 1885:** Balin e Balan

30 – Locksley Hall Sixty Years After – 1886

31 – Crossing the Bar – 1889

32 – The Foresters – peça de teatro com música incidental por Arthur Sullivan – 1891

Lord Tennyson também revelou a preocupação sobre a contradição entre a fé religiosa e o progresso científico, fato comum entre os escritores da época.

No final da sua vida, ele revelaria que “as suas crenças religiosas também eram pouco convencionais, inclinando-se para o agnosticismo e pandeísmo”. Tanto, que escreveu: “Existe mais fé na dúvida honesta, acreditem-me, que em metade das religiões”.

Em *Maud*, de 1885, ele afirmou que “as Igrejas mataram o seu Cristo”, e em *Locksley Hall Sixty Years After*, que “o amor cristão entre as Igrejas parece irmão gêmeo do ódio pagão”. Na sua peça de teatro *Becket*, ele indica que “somos criaturas meio-inseguras, e podemos, mesmo quando não o sabemos, misturar as nossas malícias e ódios privados com a defesa do Paraíso¹⁶⁰”. Tennyson, ainda registrou em seu diário (pagina 127): “Acredito numa espécie de panteísmo”.

A biografia do filho de Tennyson diz que ele não era cristão, referindo que nos seus últimos anos de vida elogiava Giordano Bruno e Spinoza. Sobre Giordano Bruno, Tennyson escreveu que “a sua concepção sobre Deus é, sobre certas perspectivas, idêntica à minha”.

Os poemas de Lorde Tennyson, que ficaram mais famosos, foram “*Ode à Morte do Duque de Wellington*” (Ode on the Death of the Duke of Wellington), de fundo patriótico, “A Carga da Brigada Ligeira” (The Charge of the Light Brigade), inspirado em um incidente da guerra da Crimeia, e “Maud”, poema narrativo, composto de poemas líricos independentes, sobre um amor espiritual em uma época de crescente materialismo.

Muitos de seus poemas foram escritos como sonhos poéticos, em forma dramática.

Lorde Tennyson continuou a escrever quase até a sua morte em 06 de outubro de 1892, com 83 anos. Foi sepultado na Abadia de Westminster.

11.4 – RICHARD WAGNER

Agora chegamos ao famoso Wagner.

O *poema* “Parsifal” de Wolfram von Eschenbach, inspirou a *ópera* “Parzifal” (1882) do compositor alemão Wilhelm Richard Wagner (1813-1883), mais conhecido por Wagner, e que tornou-se sucesso nacional na Alemanha!

Chrétien de Troyes decerto, jamais imaginaria que seu poema fosse gerar tanta História!

Wagner era compositor, maestro e poeta, e foi um dos maiores compositores de música erudita que já existiram. Considerado um expoente do romantismo, foi responsável por inúmeras inovações para a música, tanto para composição quanto para orquestração. Ele criou um novo estilo para as óperas, cuja influência na época e depois, foi forte e grandiosa.

Já que era poeta, Wagner escreveu o libreto de todas as suas óperas. Mas Wagner também era um grande místico.

Sua ópera mais famosa foi mesmo Parzifal. E foi sua *última* ópera composta. Ela foi iniciada em agosto de 1877 e terminada em 13 de janeiro de 1882, quando morava em Bayreuth, Bavária. Ela estreiou no Bayreuth Festspielhaus em 30 de julho de 1882 e continha tres Atos¹⁶¹.

Mas nessa mesma época Wagner desenvolve um problema no coração, e sofre um ataque cardíaco. Em seguida outros problemas vem à tona: ele estava sempre endividado, tinha o vício do jogo e um apetite insaciável pelas coisas luxuosas, como móveis requintados e roupas finas. Também dava festas suntuosas com amigos, sendo um verdadeiro esbanjador.

Mas Wagner sempre viveu assim, e continuou pedindo dinheiro emprestado e fugindo de credores, até que conheceu Ludovico II (Ludwig, 1845-1886), rei da Bavária. Ludovico II era pouco interessado nas questões políticas, destacando-se como incentivador das artes e da música. Foi ele quem salvou Wagner dos apuros financeiros, quando se tornou seu patrono¹⁶², encorajando-o a escrever a ópera *Parzifal* baseada no épico de Wolfram von Eschenbach.

E assim foi. Cada apresentação privada deste trabalho pronto de Wagner, passou então a ser comissionada por Ludovico II.

Os personagens mais famosos da ópera Parzifal, englobam Gurnemanz, Amfortas, Titurel, Klingsor, Kundri (Cundrie), cavaleiros, escudeiros e donzelas. Parzifal é o principal personagem e logicamente o grande e principal tenor da ópera.

A estória que transcorre na ópera Parzifal, se passa nas legendárias colinas do *Montsalvat*, na Espanha, onde vive uma fraternidade de cavaleiros do Santo Graal.

A estória mostra que o mago Klingsor teria construído um jardim mágico povoado por mulheres, que através de seus perfumes e jeitos, seduziriam os cavaleiros, fazendo com que eles quebrassem seus votos de castidade.

Klingsor também havia ferido Amfortas, o rei do Graal, com a mesma Lança que perfurou o flanco de Jesus Cristo.

Agora ferido, Amfortas sente a ferida arder todas as vezes que ele olha em direção ao Graal. Sua redenção só poderia ser realizada por uma pessoa pura, ingênua. Esta, é Parzifal, que em sua primeira aparição na ópera, surge ferindo um dos cisnes que

purificavam a água do banho de Amfortas. A todas as perguntas que os cavaleiros fazem para Parzifal, ele responde dizendo que “não sabe de nada”, nem ao menos sabe seu próprio nome.

Depois, Parzifal atravessa o jardim mágico de Klingsor e é seduzido pela amazona Kundri, que ora é uma fiel serva do Graal, ora é uma escrava de Klingsor. Parzifal tenta beijá-la, e ao fazê-lo, sente os estigmas das feridas que afligem o rei Amfortas. Quando Klingsor se dá conta de Parzifal, atira a Lança de Longino contra ele, mas a Lança dá a volta em seu corpo sem atingi-lo e todo o castelo mágico é destruído.

Tempos depois, os cavaleiros se convencem de que Parzifal era o “inocente casto¹⁶³” que traria a salvação ao rei. Parzifal cura então aquela ferida de Amfortas e herda o trono, assumindo a condição de “Novo Rei do Graal”.

Transcreveremos agora *um resumo* da primeira e da segunda parte do “Primeiro Ato” da ópera *Parzifal*, de Richard Wagner, para o Leitor ter uma noção melhor do universo do compositor e compará-lo com as estórias medievais que a antecederam. Demais Atos com suas partes, o Leitor interessado poderá ler e ouvir no *site*: www.luiz.delucca.nom.br.

Primeira parte:

“Um longo prelúdio orquestral antecede o levantar da cortina, após o qual vislumbramos, no palco, o seguinte quadro:

Numa floresta – localizada nas montanhas do norte da Espanha Gótica – nas cercanias do Castelo do Graal – **Montsalvat** (o Castelo do Graal)’, Gurnemanz, um **Cavaleiro do Graal**, e dois escudeiros estão dormindo.

Gurnemanz, após acordar e despertar os jovens, faz, com eles, as orações matinais, após o que ordena-lhes que se dirijam ao lago próximo, a fim de preparar o banho medicinal do rei **Amfortas**, que, há anos, é acometido da moléstia de uma chaga que jamais se fecha. Chegam alguns cavaleiros e escudeiros do Graal, cuja conversa com Gurnemanz é interrompida pela chegada abrupta de **Kundri**, uma mulher muito estranha, cuja fisionomia afogueada desperta assombro. Ela entrega a Gurnemanz um frasco com um bálsamo, destinado a aliviar a dor de Amfortas. Ao ser interrogada por Gurnemanz acerca da origem do estranho frasco, ela diz que o traz da Arábia.

Amfortas chega, carregado numa liteira, acompanhado de sua escolta. Comenta, rememorando, uma promessa divina que tivera de um futuro milagre, pelo qual seria curado de sua enfermidade, e cujo responsável seria um certo ‘**tolo inocente**’, ‘**sábio por força da compaixão**’; mas, a seguir, demonstra pouca esperança com relação a tal possibilidade, e expressa um profundo desejo de morrer, ao que Gurnemanz replica, apresentando o novo bálsamo, trazido por Kundri, que responde com rispidez ao agradecimento de Amfortas.

Este é, por fim, conduzido ao banho curativo. Ficam em cena Gurnemanz e alguns escudeiros, os quais observam Kundri com desconfiança, interpelam-na, recebendo respostas evasivas, criticam-na com veemência, e são, enfim, repreendidos por Gurnemanz, que fá-los lembrar o quanto esta mulher é útil e prestativa aos **Cavaleiros do Graal**, ‘afinal, quem a não ser ela pode sempre trazer notícias de nossos confrades que combatiam em regiões longínquas?’

Os escudeiros, no entanto, insistem em sua aversão pela estranha criatura.

A conversa desenvolve-se ao ponto de ser mencionado **Klingsor**, um ‘mago das trevas’, que quisera, outrora – narra Gurnemanz –, tornar-se um dos Cavaleiros, mas seu intento fora negado pela Irmandade, que o considerara moralmente incapaz da investidura.

Inconformado com a recusa, Klingsor castrara a si próprio, achando que ‘tornando-se casto’ poderia ser admitido. Mais uma vez – continua narrando Gurnemanz – fora recusado, pois para os Cavaleiros de nada adiantava alguém tornar-se um eunuco, pois o que valia era, sim, a personalidade pura.

Continuando a história, Gurnemanz diz que Klingsor, despeitado, descobrira, por fim, que seu ato de automutilação poderia lhe proporcionar poderes de magia, e ele, com efeito, os desenvolvera, no intento de vingar-se da **Irmandade dos Cavaleiros Templários** (do Graal), coisa que começara a fazer, erigindo, magicamente, um castelo e um jardim encantados, acercando-se das ‘donzelas flores’, que eram, segundo Gurnemanz, mulheres ‘de beleza infernal’, as quais seduziam e atraíam os **Templários** menos fortes, fazendo deles seus amantes efetivos, pelo que tornavam-se cativos no castelo mágico de Klingsor.

Acontece, entretanto, que o próprio **rei do Graal, Amfortas**, fora uma das vítimas do mago, pois, numa investida contra o castelo – uma vez que seu pai, Titurel, estava demasiado velho, e lhe passara a investidura de Rei –, Amfortas para lá se dirigira, munido da **Sagrada Lança**; no entanto, ‘uma certa mulher muito bela’ seduzira o rei, dando a chance que Klingsor esperava para roubar a ‘**Santa Lança do Graal**’, ferindo, com a própria, a virilha de Amfortas, que estava, agora, condenado àquela chaga dolorosa e sempre aberta, e à agonia moral de ter-se deixado seduzir, tornando-se o responsável pela perda da **Lança**.

A narrativa de Gurnemanz chega, finalmente, ao episódio em que Amfortas, num momento de fervorosa e profunda oração, vê surgir ante seu olhar a inscrição, em letras luminosas:

‘**Sábio por compaixão, o inocente tolo**. Espera por ele, pois a ele Eu escolhi’.

Neste exato momento, porém, a tranquila reunião é interrompida por gritos aflitos e dolorosos de Cavaleiros e Escudeiros, que anunciam que alguém feriu mortalmente um cisne selvagem.

Como nessa floresta os animais são sagrados e é proibido molestá-los, estão todos furiosos com o mau feito, cujo responsável é logo identificado, e trazido à presença de Gurnemanz. Todos querem puni-lo, mas Gurnemanz trata de interrogar o estranho, perguntando se fora mesmo ele que matara o cisne.

O rapaz confirma com displicência, ao que Gurnemanz replica com uma longa, professoral e comovente repreensão, a qual desperta o remorso do estranho, que quebra e lança longe o arco, com o qual praticara o delito.

Gurnemanz, então, começa a indagá-lo acerca do lugar de onde vinha, ‘quem era seu pai’ e ‘quem lhe indicara o caminho’, pelo qual viera dar nos Domínios do Graal.

A todas as perguntas, o estranho só sabe responder ‘não sei’ (‘Das weiß ich nicht’).

Ao ser indagado sobre seu nome, responde que ‘já teve muitos, mas não se lembra de nenhum’.

Gurnemanz, então, admirado com o tamanho da **estupidez do rapaz**, pede-lhe que diga qualquer coisa que saiba: ‘afinal, ao menos uma coisa deves conhecer’.

O estranho diz que tem mãe, e que o nome dela é Herzeleide (que quer dizer ‘Coração Entristecido’).

Gurnemanz pergunta-lhe de quem ganhara o arco, com o qual ferira o cisne; o estranho diz ter ele mesmo o feito.

Observando o aspecto do rapaz, que ‘parece nobre e bem nascido’, Gurnemanz demonstra estranheza no fato de sua mãe não lhe ter proporcionado condições de aprender a usar ‘melhores armas’.

Nisto, irrompe Kundri, que mantivera um longo silêncio, para explicar, em tom agitado e desvairado, que a mãe do rapaz, ‘a estúpida’, o criara longe das armas, temendo que ele tivesse a mesma sorte do pai – Gahmuret – que morrera em combate.

O jovem confirma, e conta que, certa feita, vira uns cavaleiros, montados em belos cavalos; dissera-lhes que desejava ser um deles; prosseguindo a narrativa, diz o jovem que ‘eles riram e cavalgaram para longe’.

Desde então ele se afastou de casa e anda à solta, sendo constantemente ameaçado por inimigos ocasionais, mas sempre os vencendo com seu arco.

Kundri interpõe-se de novo e diz que, ‘sim, muitos sentiram a força daquele jovem.’ Este pergunta a ela ‘quem eram aqueles que o haviam temido’, ao que ela responde:

‘Os maus.’

Surpreso, o estranho pergunta:

‘Então, quem é bom?’.

À resposta de Gurnemanz, segundo a qual ‘sua mãe era boa; ela que, na certa estaria sofrendo com sua ausência’, Kundri esclarece, mais uma vez com brusquidão:

‘Suas dores acabaram: ela está morta’.

O estranho, indignado, pergunta com furor:

‘Quem disse isto?’.

‘Eu’, responde Kundri, ‘passei por lá, e a vi morrer’.

O rapaz avança e a agride com violência, sendo impedido e repreendido por Gurnemanz.

Kundri, então, embora tenha sido agredida por ele, leva-lhe água à frente, para aliviá-lo do quase desmaio que acaba de ter.

Gurnemanz elogia esse ato de desprendimento e bondade, mas Kundri replica dizendo que ‘nunca pratica o bem’. Tudo o que ela quer é ‘repouso’. E, justamente neste momento, ela começa a ser envolta por um sono irresistível, do qual tenta escapar, mas acaba cedendo, ao reconhecer que trata-se de um esforço inútil.

Nisto, Gurnemanz observa que o Rei já está voltando do banho, e diz ao estranho que pretende conduzi-lo ‘ao Graal’. **Estupidamente, o rapaz pergunta ‘quem é o Graal’**;

Gurnemanz responde enigmaticamente, mas afirma que ‘se ele foi pelo Graal escolhido, do Graal receberá conhecimento imperecível’;

Caminham, pois, acompanhando o cortejo, e o estranho comenta que ‘está andando devagar, mas parece que já percorreu longa distância’, ao que Gurnemanz acrescenta:

‘Tu vês, meu filho, que por aqui o Espaço se torna o Tempo’ (isto é: ‘Aqui espaço e tempo são a mesma coisa’).

Quando chegam finalmente, no limiar da **Grande Sala do Graal**, Gurnemanz diz:

‘Agora fica bem atento, e deixa-me ver, caso sejas um tolo e um puro, que conhecimento será dado a ti’. Deduzimos, portanto, que Gurnemanz supunha que aquele estranho poderia ser o ‘**Inocente Tolo**’, prometido por Deus a Amfortas, como seu Salvador.”

Segunda parte:

“Gurnemanz e o estranho acabam de adentrar à Grande Sala do Castelo do Graal (‘Montsalvat’).

Prepara-se a grande cerimônia do Ofício do Graal (uma espécie de missa mística).

O **Santo Graal** é trazido, guardado num escrínio. Amfortas é conduzido ao recinto, carregado numa liteira, derreado, enfraquecido e doente.

Enquanto vão entrando solenemente, os cavaleiros (homens feitos) e os escudeiros (jovens, adolescentes e meninos) entoam cânticos de louvor ao Cristo. ‘Conforme, certa vez, sob o tormento do martírio, Ele verteu, por nós, o Seu sangue, que seja hoje vertido o meu, com alegria, pelo heroico Salvador’.

Todos ocupam seus lugares. Ouve-se a voz interna do ex-rei Titurel, pai de Amfortas, que vive, semimorto, na tumba, ‘pela graça do Senhor’.

Titurel, que não é visto pelo espectador, fala, em voz profunda, a seu filho, o rei Amfortas:

‘Amfortas, meu filho, estás pronto para conduzir o Ofício? Poderei ainda ver o **Graal** e continuar vivo? Ou devo morrer sem o amparo do Senhor?’

Amfortas, extremamente amargurado, replica, tentando desobrigar-se do encargo; pede ao pai que se incumba do ofício, que viva e deixe-o morrer.

Titurel responde que, embora viva na sepultura, pela graça de Deus, não tem mais forças para comandar a solenidade, e que a ele,

Amfortas, cabe fazê-lo, para expiar a culpa em que incidira.

Titurel ordena que **o Graal** seja descoberto.

Amfortas, sobressaltado, exclama:

‘Não! Deixai-o velado!’

Diz que ninguém é capaz de avaliar seu sofrimento, ao ter que cumprir o Ofício.

Ocorre, então, uma das passagens mais dramáticas desta Obra, e de toda a Obra de Wagner, conhecida como ‘O Lamento de Amfortas’.

Ele manifesta sua terrível provação, num canto de suprema dor:

‘Dolorosa herança que me recai; eu, o único pecador entre todos aqui, investido da guarda do Altíssimo Santuário! Eu, incumbido de invocar Sua bênção pelos puros!’.

Nesta longa ‘ária’, o guardião decaído expõe com veemência a sua desdita, e, não obstante, cumpre o seu dever. Ao final de seu lamento, Amfortas exclama, em tom de desespero: ‘Piedade! Piedade! Ó, Tu, que és toda a Piedade, Ah! tem piedade!’.

Os escudeiros repetem a citação sobre ‘**aquele que é tolo, porém puro**’:

‘**Sábio por compaixão, o inocente tolo**: espera por ele, que é o Meu escolhido’;

E os cavaleiros reforçam, imediatamente, a exortação dos jovens:

‘Assim te foi prometido; espera confiante: comanda o Ofício de hoje!’.

Titurel, ouvido de sua tumba, repete a ordem para que **o Graal** seja descoberto, ao que é, finalmente, obedecido pelos escudeiros, que depõem a relíquia diante de Amfortas, que se ergue com dificuldade. Um raio luminoso incide sobre **o Graal** e, enquanto os rapazes entoam um canto litúrgico referente à **Santa Ceia** (‘Tomai Meu corpo, tomai Meu sangue, para que guardeis Minha memória!’), Amfortas, momentaneamente transfigurado, eleva-o e expõe-no a todos os lados, e consagra o pão e o vinho, enquanto todos se mantêm de joelhos.

A seguir, Amfortas repõe **o Graal**, que os escudeiros tornam a guardar, enquanto outros escudeiros distribuem o pão e o vinho pelos participantes da cerimônia.

Enquanto os componentes da Irmandade sentam-se para a **Ceia**, Gurnemanz, que deixara um lugar vago a seu lado, acena ao estranho, convidando-o a ocupá-lo. O rapaz, porém, nada faz, mantendo-se de pé, como e onde estivera o tempo todo.

Segue-se um hino místico, iniciado pelos escudeiros, prosseguido pelos cavaleiros e concluído por todos.

Termina a Cerimônia.

Amfortas recai em seu estado costumeiro de fraqueza e dor; é recolocado na liteira, na qual os escudeiros o reconduzem para fora do recinto.

Todos se retiram, gradualmente, ficando, por fim, apenas Gurnemanz e o estranho.

As portas foram fechadas. Gurnemanz, mau humorado, aproxima-se do estranho, agarra-o pelo braço, e lhe fala rispidamente:

‘Que estás fazendo aí ainda? Sabes o que acabaste de ver? **Então és mesmo um tolo, e nada mais!** Vai-te! Segue teu rumo!’.

Abrindo uma das portas, Gurnemanz empurra para fora o jovem estranho.

Enquanto fecham-se as cortinas do palco, ouve-se uma misteriosa voz feminina, como vinda do alto:

‘Sábio por compaixão, o inocente tolo’. Podemos, portanto, presumir de antemão que Gurnemanz acabara de enganar-se.”

[negritos nossos]

A estória de Parzifal, na ópera de Wagner, segue sempre adaptada do poema de Wolfram von Eschenbach, através dos demais Atos. No entanto, há uma diferença crucial entre a estória dos dois compositores: o Graal-Pedra de Wolfram muda em Wagner para um Graal-Cálice: o Cálice da Santa Ceia de Jesus Cristo. Já nos negritos que colocamos, percebem-se os vários elementos importados das estórias anteriores do Graal, além dos nomes dos próprios personagens já conhecidos. No final, Parzifal curará a ferida de Amfortas e herdará o trono e a condição de novo Rei do Graal. Vejamos os interessantes trechos abaixo, do resumo do Segundo Ato (Parte 2) e do resumo do Terceiro Ato (Parte 2), respectivamente:

“(…) **“Parzifal! Não te vás!”** (pela primeira vez, é proferido seu nome, que ele mesmo desconhece, ou não recorda).

“Parzifal?” – exclama ele, interrogativo e surpreso – “foi assim que minha mãe me chamou certa vez, em sonhos.”

Kundri (pois era ela que o chamava) continua:

“Fica, Parzifal! Aqui encontrarás prazer e felicidade!”

Ela despede as “donzelas-flores”, que saem, relutantes, emitindo curtos risos femininos e frenéticos.

Ao ver-se a sós com Kundri, Parzifal (como passaremos, a partir de agora, a chamar o “estranho”) começa a inquirir a mulher:

“Nomeaste-me, a mim, que sou sem nome?”

Ela responde:

“Chamei-te ‘Fal-Parsi’¹⁶⁴, tolo inocente; chamei-te ‘Parzifal’, inocente tolo”. (…)”

[negrito nosso]

E:

“(…) Amfortas, mais uma vez lamentoso e desesperançado, entoia um amargo e belo monólogo, no qual reafirma seu profundo desejo de morrer. Para ele, a morte seria “a mais amena expiação do pecado”. Dirige-se ao finado pai, culpando-se de sua morte, e, numa espécie de oração angustiada, suplica ao defunto que interceda junto a Deus para restabelecer o vigor dos Irmãos (os Cavaleiros), e a ele, Amfortas, conceda a morte.

“Meu pai!” – ele reza – “Clama a Ele: ‘Salvador, dá paz a meu filho!’ ”.

Porém, tão logo Amfortas conclui sua súplica, os Cavaleiros insistem:

“Desvela o Graal! Comanda o Ofício! É teu pai que te exorta: Tu deves! Tu deves!”.

Amfortas reage com violência:

“Não! Nunca mais! Achais que, justamente quando a morte me envolve, quererei tornar à vida? Loucos! Quereis me obrigar a viver?”

E, num acesso de loucura, rompe, abruptamente, as vestes, expondo a chaga, e pede, em desespero, que o matem.

“Matai de uma só vez o pecador e seu tormento, e o Graal, por si, voltará a reluzir ante vós!”.

O furioso delírio de Amfortas apavora a todos, mas, neste exato momento, sem que ninguém perceba, entra Parzifal, acompanhado de Gurnemanz e Kundri. Ele se aproxima, brandindo a Lança, com a qual toca a chaga de Amfortas, proferindo:

“Uma única arma convém: só é capaz de fechar a chaga a mesma Lança que a abriu.”

Ilumina-se a face de Amfortas, em êxtase. Enfim, seu tormento acabara. A emoção o faz oscilar, ao que Gurnemanz o sustenta.

Parzifal prossegue:

“Sê salvo, livre de pecado e expiação! Tuas funções transferem-se agora a mim.” – Parzifal torna-se o Rei.

“Abençoado seja o teu sofrimento, que ao tolo amedrontado concedeu a suprema força da compaixão e o poder do conhecimento puro! Trago-vos de volta a Santa Lança! Oh! júbilo do mais alto milagre! Daquela que pôde fechar-te a chaga, vejo verter o Sacro Sangue, em ansiosa busca pela conhecida fonte, de onde flui ao receptáculo do Graal. Ele não deve mais ficar recluso: Desvelai o Graal, descerrai o escrínio!”.

Parzifal sobe os degraus do altar, retira o Graal do escrínio, finalmente aberto pelos escudeiros, e põe-se de joelhos ante ele, a contemplá-lo, em muda oração. Gradualmente, o Graal vai irradiando uma luz suave, e a sombra que domina o ambiente vai cedendo lugar à luz que desce do alto. Os jovens cantam: “Milagre da Suprema Redenção! Redenção ao Redentor!”

A Grande Sala é tomada por um intenso esplendor luminoso, o Graal abrasa-se. Da cúpula desce uma pomba branca, que paira acima da frente de Parzifal. (...)”

Impressionante que a ópera Parzifal inspirou o rei Ludovico II a construir um soberbo castelo sobre um penhasco dos Alpes bávaros, o *Neuschwanstein* (Montanha do Cisne), consagrado à lenda do Graal, tal qual na ópera de Wagner!

Mais tarde o castelo foi apelidado de “Castelo do Rei de Conto de Fadas” e “Castelo do Santo Graal”. Sua decoração nos remete a temas medievais e ao Graal.

Ludovico II, inspirado no poema, pretendeu que o castelo simbolizasse o repositório do Santo Graal. A imponente Sala do Trono foi designada de “Salão do Santo Graal”, dedicada ao mistério da “salvação do mundo”. Assemelha-se a uma catedral bizantina e possui um formidável teto abobadado azul celeste, salpicado de estrelas.

O castelo possui também uma gruta esculpida, oratório, conservatório musical, salão de apresentações, sala de estudos, etc. Muitos dos seus recintos também expõem tapeçarias e enormes pinturas murais sobre um fundo dourado, relativas à lenda do Graal. São vistos, por exemplo, um quadro de Parzifal deixando a casa materna em busca da vida de cavaleiro, e outro onde Parzifal está enfrentando um cavaleiro do rei Artur. Também há uma pintura sobre Lohengrin ¹⁶⁵, filho de Parzifal, e outra sobre a luta entre “São Jorge e o Dragão” ¹⁶⁶.

Hoje, esse local se acha incorporado ao roteiro turístico de Bayreuth, onde ricos turistas admiradores de Wagner pagam uma pequena fortuna só para passar uma noite na cama da câmara do rei.

O grande compositor Richard Wagner fez muito sucesso, mas tinha uma personalidade muito odiada por seus antagonistas. O nazismo vindouro aclamaria muito o compositor. Em “Os Nazistas e o Ocultismo” (pp.40-41) o escritor Paul Roland escreve sobre o compositor:

“(…) Richard Wagner foi um antissemita instintivo, sem base intelectual para suas crenças. – seu antissemitismo irrompeu de inveja profissional. Ele desprezava os contemporâneos Mendelssohn e Meyerbeer porque pensava que a música deles era frívola, mas não era arguto ou sensível o suficiente para criticá-los por isso. Em vez disso, atacava-os com base em sua religião, como se a superficialidade de suas músicas fosse indicativo da raça deles.

Wagner acreditava que podia estabelecer uma identidade cultural nacional, criando a grande arte alemã que seria expressão do espírito nacional e de seus ideais. Pensava que só poderia fazer isso se purgasse a arte alemã de ‘impurezas’ – pelo que queria dizer o elemento judeu. Em um esforço para conseguir isso adotou a retórica da direita e a suspeita ‘do intruso’, arraigada em seus compatriotas, apontando um dedo acusador para os judeus, a quem denunciava como a corporificação das forças abstratas da modernidade e a desintegração social, que exemplificaram tudo o que ele considerava estranho à alma alemã.

Seus intermináveis ensaios divagantes sobre raça, política e arte influenciaram profunda e duradouramente Hitler, assim como a sua música, induzindo um comentador a comparar seu pernicioso ensaio ‘Judaísmo na música’ ao fósforo aceso que um incendiário jogaria em uma sala encharcada de petróleo. Wagner tornou socialmente aceitável para alemães educados ser antissemita, e isso por si só o amaldiçoa nas mentes de muitos que não podem ouvir sua música sem se lembrar de associações mais sinistras.”

Por isso, até Adolf Hitler (1889-1945) possuía sincera admiração por Wagner. Quanto a isso, Hitler mesmo comentou:

11.5 – OSKAR ERNST BERNHARDT

Já se passaram mais de 800 anos, desde que Chrétien de Troyes escrevera sua estória incompleta e inventara o Graal e Perceval. Quantos escritores então surgiram, dando livre imaginação à estória oriunda da França. Outros, no entanto, reescreveram a estória de Chrétien de tal modo que quase não se reconhece mais a original do poeta de Troyes. Mas assim é a Literatura e as composições. Um escritor por profissão, sabe realmente realizar proezas com a imaginação, a fantasia e a palavra escrita. É um artista!

Como vimos, Alfred Tennyson e Wagner foram o estopim para uma nova geração de escritores do Graal dos séculos XX e XXI. É assim que chegamos a mais um escritor nesta série sequencial. Seu nome é Oskar Ernst Bernhardt (1875-1941), nascido na Saxônia, Alemanha, e pouco conhecido.

Bernhardt passou sua juventude em Bischofswerda (Saxônia), sua cidade natal, e depois de muitos insucessos profissionais e viagens pelo Oriente, fixou residência em Vomperberg, Tirol, na Áustria, juntamente com sua esposa Maria Freyer Bernhardt (1887-1957) e os três filhos dela, em 1928. Ali, ele prosseguiu na sua carreira de escritor, e como maçom, fundou um Movimento na propriedade da família, chamado “Loja Branca”¹⁶⁷ e “Loja de Abd-ru-shin”, mas que a partir de 1929 foi rebatizado de “Movimento do Graal”, para assim estabelecer uma separação da maçonaria tradicional, preferindo trilhar um caminho próprio. O local de sua residência ficava no flanco de uma montanha, que Bernhardt batizou de “Montanha da Salvação”, onde começou a se formar uma comunidade de adeptos chamada de “Comunidade do Graal”.

Nas mãos deste escritor, a lenda do Graal transformou-se em profecia e religião.

Sua doutrina levou o Graal para o “outro mundo”, mais conhecido como “Além”, e elevou o Graal definitivamente para o plano celeste do Deus cristão Javé.

Sim, Bernhardt transformou o Graal dos poetas em doutrina e religião, e eu, como ex-membro de sua seita messiânica, transmitirei aqui toda a vivência detalhada de suas aspirações ao Graal e Perceval, contidas em suas Obras escritas, e que tem ligação direta com a primitiva Obra de Chrétien de Troyes e principalmente com a herança posterior proveniente dos outros poetas¹⁶⁸.

Bernhardt foi tão longe como nenhum outro já o fora antes com o tema “Graal”, a ponto dele se proclamar o próprio Messias do Graal e Filho de Deus. Tanto, que alguns jornais austríacos de sua época o chamaram de “Messias do Tirol” e “Profeta de Vomperberg”. Eu o chamo de “Messias do Graal do Céu”.

Bernhard se proclamava o messias divino “Parsival” e o rei do Graal ressurgido, e acreditava ser o mediador entre a ordem cósmica e a ordem terrena, tal qual no poema de ficção de Wolfram von Eschenbach, *Parsifal*.

Em seus escritos, o Messias do Graal do Céu, Bernhardt, se mostra trazendo a salvação para a Humanidade e fazendo uma ligação do Deus Javé com a Humanidade através do Graal, onde ele mesmo, Bernhardt, é o intermediário que realiza tal proeza. E esta proeza só poderia se realizar, segundo ele, pela aceitação de “seus escritos” pela Humanidade. Escritos esses, que foram divulgados mais tarde como sendo “a Palavra Sagrada de Deus”, pois até então, segundo Bernhardt, a Humanidade estava separada e abandonada por Deus, devido aos seus “pecados”. E isso, desde a morte de seu antigo “irmão”, que não é outro, senão Jesus Cristo, que segundo ele, havia sido assassinado pela Humanidade há dois mil anos.

Assim, Deus surgiria agora encarnado em sua figura como a última oportunidade da Humanidade se redimir, afirmando que a redenção só se daria pela aceitação e cumprimento de *sua* “palavra sagrada”.

Bernhardt é um típico caso de “Complexo de Messias”, ou como explicam os especialistas em psicologia, “um estado psicológico no qual o indivíduo acredita que ele (ou ela) está destinado a se tornar o salvador de algum campo de atuação específico, grupo, evento, período de tempo ou até mesmo do mundo inteiro”. Os afligidos pelo Complexo de Messias louvam sua própria glória ou alegam absoluta confiança em seus próprios destinos e capacidades e nos efeitos que terão sobre um grupo de pessoas ou aspecto da vida. Em alguns casos, o Complexo de Messias pode estar associado à esquizofrenia, onde a pessoa ouve vozes, tem alucinações e acredita que é Deus, ou espíritos, anjos, deuses ou outros que falam com ele, o que, na visão da pessoa,

confirmaria sua messianidade. Nos casos mais graves, pessoas com Complexo de Messias podem se ver literalmente como Messias espirituais-religiosos com poderes transcendentais e destinados a salvar o mundo.

Os conceitos e saberes de Bernhardt, em sua doutrina, mostram resquícios dos poetas do Graal, mas principalmente da composição de Richard Wagner e muito da Bíblia, além da crença na reencarnação e nos “espíritos da natureza” conhecidos como fadas, gnomos, elfos, sereias, etc. Esta é a base da doutrina de Bernhardt. Ele reinterpreta tais conceitos e saberes à luz de sua própria época, e que culminaram com desenvolvimentos místicos próprios. Foi através de muitas conjecturas, ora psicológicas, ora esotéricas, somadas a fantasias e ideias fantásticas próprias, que o Graal do século XX se transformou em doutrina religiosa, com seu próprio messias Rei do Graal ressurgido. O Graal, no entanto, será agora um Cálice Divino e não uma pedra, e também “simbolicamente” o próprio livro principal de Oskar Bernhardt: “Na Luz da Verdade, Mensagem do Graal”.

Na época anterior à Segunda Guerra Mundial, o folclore germânico e suas lendas estavam em alta, juntamente com todo tipo de assunto místico e ocultista, principalmente tudo aquilo relacionado ao assunto Graal, Perceval e os outros personagens, devido ao romantismo crescente do século XIX e as Obras de Alfred Tennyson e Richard Wagner, que fizeram ressurgir os poemas e contos arturianos da Idade Média. Fato esse, visto até em óperas e músicas como já mostramos. Bernhardt mesmo, no verão de 1935, assistiu em Viena à ópera Lohengrin (com a famosa Charlotte Lehmann, 1888-1976) tão ligada a este universo da lenda do Graal.

A doutrina do Graal se iniciava no ano 1923, quando Bernhardt começou a escrever diversos textos e dissertações sobre questões da vida, leis “divinas”, comportamento humano, Graal, cristianismo, Trevas e Paraíso. Seus textos doutrinários iniciais, eram chamados de “Folhas do Graal” (*Gralsblätter*), e foram publicados pela sua própria editora de mesmo nome: Editora Gralsblätter. Mais tarde, estes textos se transformariam em livro. Um livro que ele chamou de “Na Luz da Verdade, Mensagem do Graal” (*Im Lichte der Wahrheit – Gralsbotschaft*).

Inicialmente esta Obra havia sido publicada em um volume somente, conhecido como edição pequena de 1926 e depois edição de 1931 ampliada. Atualmente seu livro está dividido em tres volumes. É composto por 168 dissertações, e algumas delas possuem os seguintes títulos: O ser humano terreno diante de seu Deus; O Livro da Vida; O reino de Mil Anos; O grande cometa; O anticristo; É aconselhável o ensino do ocultismo?; Espiritismo; A oração; O Pai-Nosso; Adoração a Deus; O mistério Lúcifer; As regiões das trevas e a condenação; As regiões da Luz e o Paraíso; Eu sou o Senhor, teu Deus!; A imaculada concepção e o nascimento do Filho de Deus; A morte do Filho de Deus na cruz e a Ceia; Instinto dos animais; A missão da feminilidade humana; O mistério do sangue; Natal.

Bernhardt adotou um pseudônimo de escritor, assinando seus livros com o nome “Abd-ru-shin” ou “Abdruschin”, nome que ele interpreta significar “Filho da Luz” e “Servo da Luz”. Bernhardt adotou como pseudônimo este nome estrangeiro, porque ele acreditava que ele próprio era chamado assim na sua “vida passada”, ou seja, na sua “encarnação” anterior.

Bernhardt se declarou Filho do Deus cristão e irmão divino de Jesus Cristo, declaração essa que se espelha nas citações *tardias* da Bíblia, onde aparecem os *termos* “Immanuel” e “Filho do Homem” como sendo um tipo de “juiz cósmico” vindouro.

Para Bernhardt, a designação bíblica “Immanuel” não é um termo¹⁶⁹, mas uma “outra pessoa” que a Bíblia anuncia, ou seja, seria um “outro Filho de Deus” também apelidado de “Filho do Homem”. Filho este, que para Bernhardt estaria destinado a trazer o Julgamento Final à Humanidade *no século XX*, “segundo a vontade de Deus” e segundo *sua própria* interpretação da Bíblia.

Bernhardt angariou um número razoável de seguidores ao seu Movimento e doutrina. Selecionou pessoas, colocando-as em ofícios determinados e hierarquizou seu Movimento. Tal hierarquia seguia a seguinte ordem: em primeiro vinha o próprio Bernhardt como “Filho de Deus e Rei do Graal”, depois o alto posto de “cavaleiros” (como na maçonaria)¹⁷⁰, em seguida os “apóstolos”, depois os “discípulos”, depois os “convocados” e por último os “membros da cruz de prata”, que seriam os membros comuns efetivados, mas sem uma distinção específica, além de praticantes dos ensinamentos do Messias do Graal do Céu. Mas também havia aqueles que ainda não eram membros efetivos, mas somente “simpatizantes” das ideias de Bernhardt, e que eram chamados de “noviços” (iniciantes).

A religião de Bernhardt, obviamente gira em torno daquilo que ele projetou de sua própria pessoa. Mais especificamente, ele escreveu ser várias personalidades em uma só (4 em 1), personalidades estas, que variavam de nome conforme o “plano” (espécie de mundo paralelo ou dimensão) em que a personalidade se encontrava em dado momento de sua vida ou da época em que

Bernhardt, como Filho de Deus, se encontrava incorporado numa personalidade equivalente. Essa ideia sua, segue a seguinte ordem cronológica partindo do Deus bíblico Javé, seu suposto Pai celestial, chegando até a Humanidade no plano terrestre:

1 – O Imanuel divino, o mesmo “Filho do Homem” e “Espírito Santo”, como Juiz divino e irmão gêmeo de Jesus Cristo.

2 – O Parsival¹⁷¹ divino, o guardião supremo do Graal Celeste, localizado no Burgo do Graal no ápice da Criação divina, onde ele seria “o Rei dos Reis”.

3 – O Abdruschin celeste, de um plano celeste “intermediário”, e encarnado na Terra séculos antes de Cristo como príncipe árabe de mesmo nome, responsável por dar os 10 Mandamentos de Javé a Moisés, agindo assim como o intermediário entre Deus e Moisés.

4 – O Oskar Ernst Bernhardt terrestre, escritor e místico que escreveu uma “Mensagem Divina” (divinamente inspirada) no século XX, para a salvação da Humanidade, chamada “Na Luz da Verdade, Mensagem do Graal”. Foi sua última reencarnação na Terra como Homem-Deus Uno com o Pai.

Mais adiante apontaremos vários trechos escritos por Bernhardt-Abdruschin, onde ele tenta legitimar tais confissões e “patentes”, acima descritas.

O “livro sagrado” de Bernhardt, Na Luz da Verdade, Mensagem do Graal, é atualmente dividido em 3 volumes desde 1949¹⁷². No volume 2 existe um capítulo que trata somente da questão “Graal”. É a dissertação número 34, sob o título “O Santo Graal”. É fácil observar nesta dissertação, todo o místico criado pelo autor, juntamente com toda uma gama de ideias próprias, onde a imaginação não tem limites, principalmente se comparada com os poetas do Graal místico medieval, pois Bernhardt preenche novas expectativas, atraindo seu grupo de seguidores graalistas. É uma nova demanda do Graal. É o Graal moderno religioso, que fala e explica a suposta história de um “Graal Divino”, como um “verdadeiro Graal existencial” nas “alturas celestiais” do Deus cristão, o criador de todas as coisas.

Bernhardt-Abdruschin, então, assume para si a responsabilidade de explicar esse Graal distinto que só Deus conhece, à Humanidade, e ao explicá-lo, acredita estar conduzindo a Humanidade para a “salvação” no Juízo Final, se ela seguir as diretrizes que ele aponta em seu livro. É o maior trabalho intelectual doutrinário já escrito sobre o Graal. No entanto, diferente dos escritores poetas anteriores, ele não é nada poético, mas tão-somente doutrinador.

Na literatura de Bernhardt, o Graal não é mais o vaso da hóstia eucarística, ou o cálice de Cristo, ou uma pedra, mas sim o “Cálice Divino mantenedor da vida e do Universo¹⁷³”, que se encontra no *Céu de Deus* (mundo divino) e nunca alcançável pela Humanidade. Tal Graal nunca esteve na Terra, nem possui ligação alguma com o cálice da última ceia de Jesus ou do colhimento de seu sangue. No entanto, o Deus Javé enviou do Reino do Graal Celeste uma Mensagem de salvação para a Humanidade, através de seu Filho Parsival, encarnado em Oskar Bernhardt. Por isso o livro deste escritor se chama “Mensagem do Graal”, ou seja, do “Reino do Graal Celeste”. E por isso Oskar Bernhardt escreve e explica o conteúdo de seu livro tratando os seus Leitores por “seres humanos” em vez de simplesmente “leitor” ou “pessoa igual”, pois ele, se considerando o Deus encarnado (“Uno com o Pai”), tenta manter uma distância *hierárquica* entre Deus e “suas criaturas”.

O fato de Bernhardt ter escrito um livro para explicar o Graal e sua doutrina, nos faz lembrar daquele autor anônimo inspirado na Obra de Robert de Boron, que falamos no capítulo 7, que associou o Graal a um “livro” que ele disse ter sido escrito por Jesus Cristo e que se chamou “Le Grand Graal”. Segundo aquele autor, o livro possuía muitas verdades de fé e contava que o Graal-Livro tinha o poder de “iluminar” quem o lia, desde que o seu Leitor estivesse nas “graças” de Deus. De certo modo, para os adeptos atuais da doutrina do Graal de Bernhardt, o livro “Na Luz da Verdade, Mensagem do Graal”, também representa simbolicamente o “Graal Vivo”, sendo o “livro dos livros”, ou seja, o “Graal-Livro”.

Observemos agora, o que Bernhardt escreve sobre o Graal nesta sua dissertação “O Santo Graal”, juntamente com minhas observações de quando em quando, pois é esta dissertação que expõe a principal ideia de Bernhardt sobre o Graal tratado até aqui. Vejamos:

“Inúmeras são as interpretações das composições poéticas que existem sobre o Santo Graal. Os mais sinceros eruditos e pesquisadores se ocuparam com esse mistério. Muito disso tem elevado valor ético, porém tudo traz em si o grande erro de mostrar uma construção que parte do plano terrestre para cima, ao passo que falta o principal, o facho de luz de cima para baixo, único capaz de vivificar e iluminar. Tudo quanto se esforça de baixo para cima tem que se deter no limiar da matéria, mesmo que lhe haja sido outorgado o que de mais elevado possa obter. Na maioria dos casos, porém, mesmo com as mais favoráveis condições preliminares, mal pode ser feita a metade

Neste primeiro trecho acima, podemos observar que Bernhardt não conhecia Chrétien de Troyes e sua Obra. Não há nenhuma construção espiritual ou de interpretação a ser feita até o Graal como ele indica, pois já sabemos que Chrétien criou o Graal como uma bandeja-vaso com uma hóstia dentro, *aqui na Terra*, taça esta que pertencia ao Rei-Pescador, e se encontrava num castelo medieval. Este fato o Leitor já pôde constatar ao ler as partes da Obra original de Chrétien e verificado que nela não há nenhum conteúdo de “descoberta divina” ou “Palavra de Deus”, sendo somente um poema cavaleiresco patrocinado por um conde para sua corte. Nós já sabemos que todas as histórias sobre o Graal derivam da história original francesa incompleta de Chrétien de Troyes, *mas Bernhardt não*, pois se ele o soubesse, jamais teria se enganado a ponto de não citar a Obra criadora de Chrétien com suas citações simples, deixadas incompletas devido a sua morte. A composição de Chrétien, porém, não deixa dúvidas quanto ao seu sentido e conteúdo.

Bernhardt dá nesta sua dissertação, importância em demasia ao termo “Graal”, propositadamente, para assim colocar o Graal no “Céu”, distante da Humanidade, tornando-o “o Graal Santo de Deus”, portanto, divino, e assim, explicável somente por ele mesmo, que se considera o *Filho de Deus* e seu mensageiro na Terra. Desse modo, o Graal e Perceval tornam-se uma “promessa divina”. É daí que surgirá a “condenação espiritual” do ser humano defendida por Bernhardt em sua Obra. Bernhardt prossegue mantendo esta linha de pensamento, como veremos a seguir. Ele também aproveita a ocasião e condena os poetas e pesquisadores do Graal, para assim oferecer o “seu Graal” como o verdadeiro, o certo e único:

“Esse sentimento intuitivo da inacessibilidade se manifesta, por fim, nos pesquisadores. O resultado disso é que procuram conceber o Graal como sendo uma designação puramente simbólica de um conceito, a fim de lhe dar assim aquela altitude, cuja necessidade para tal designação sentem intuitivamente com acerto. Com isso, porém, na realidade, vão para trás, não para frente. Para baixo, ao invés de para cima. Desviam-se do caminho certo já contido em parte nas composições poéticas.

Somente estas deixam pressentir a verdade. Mas apenas pressentir, porque as elevadas inspirações e as imagens visionárias dos poetas na transmissão foram demasiado materializadas pela ativa participação do raciocínio. Deram à retransmissão daquilo que foi recebido espiritualmente uma imagem do ambiente terrenal contemporâneo, a fim de tornar o sentido de suas Obras poéticas mais compreensível às criaturas humanas, o que apesar disso não conseguiram, porque eles próprios não puderam se aproximar do núcleo propriamente dito da verdade.

Assim foi dada de antemão uma base incerta para as ulteriores pesquisas e buscas; colocada com isso uma restrita limitação a cada êxito. Não é, portanto, de pasmar, que por fim somente se podia pensar em mero simbolismo, transferindo a libertação pelo Graal para o íntimo de cada ser humano.

As interpretações existentes não são destituídas de grande valor ético, mas não podem ter nenhuma pretensão de constituírem um esclarecimento das Obras poéticas, e muito menos se aproximarem da verdade do Santo Graal.”

Quanta confusão. Mas a confusão é proposital na Obra de Bernhardt, pois deve confundir propositalmente o seu leitor devido a crença cega exigida, como acontece com qualquer religião.

Sobre as Obras poéticas, já vimos que são “ficções literárias”, e que a única Obra original é a francesa, e esta, nunca foi uma *promessa divina*, mas sim, uma promessa humana mística. Chrétien de Troyes foi o “criador do Graal” que antes não existia sob nenhum aspecto, e nunca fora mencionado. Os poemas sobre o Graal foram motivo de lazer e de apreciação na descontração das pessoas e das cortes, e não algo a ser seguido como história factual ou como uma crença ou religião ou algo semelhante a isso.

Mas como Bernhardt estava criando uma doutrina nova, baseada também nos poemas medievais do Graal, precisava agir assim em suas conclusões, para fundamentá-la.

Por isso, Bernhardt primeiramente santifica os poetas ao dizer: “...as **elevadas** inspirações...”, mas logo em seguida ele os condena dizendo: “...**foram demais materializadas** pela ativa participação do raciocínio” e “eles próprios **não puderam** se aproximar do núcleo propriamente dito da verdade”. Bernhardt dá com uma mão e tira com a outra. Isso serve para desviar a atenção de seus leitores, deixando-os sem certeza, para assim atingir os seus objetivos doutrinários. O poder de reflexão e análise do ser humano, e que provém do raciocínio de cada um, Bernhardt condena sumariamente, para desse modo tirar o chão e a razão do leitor.

Outra coisa: Bernhardt diz no trecho anterior, que “*deram à retransmissão daquilo que foi recebido espiritualmente, uma imagem do ambiente terrenal contemporâneo, a fim de tornar o sentido de suas Obras poéticas mais compreensível às criaturas humanas, o que apesar disso não conseguiram, porque eles próprios não puderam se aproximar do núcleo propriamente dito da verdade. Assim foi dada de antemão uma base incerta para as ulteriores pesquisas e buscas; colocada com isso uma restrita limitação a cada*

êxito”. Ele diz isso como uma necessidade sua, ou seja, de colocar o sentido e a visão dos poetas antigos, no campo da “incompreensão”, pois a “compreensão” somente Bernhardt “agora” trazia, fechando-se um ciclo que para ele se iniciara com os poetas do Graal do passado.

Bernhardt continua seus escritos levando a sério o Graal inspirado dos poetas como uma “verdade divina oculta”, como se de fato existisse um Graal no céu, mas cuja interpretação, pelos poetas anteriores, segundo ele, foi errada até hoje, tornando-se verdadeira somente “agora” pelo modo como Bernhardt, o Filho de Deus encarnado, a interpreta na sua religião graalita visionária:

“Também não se entende por Santo Graal o cálice de que o Filho de Deus se serviu no fim de sua missão terrena, quando da última ceia junto com os discípulos, e no qual foi recolhido seu sangue na cruz. Esse cálice é uma recordação sagrada da sublime obra salvadora do Filho de Deus, mas não é o Santo Graal, para cujo louvor os poetas das lendas foram agraciados. Essas Obras poéticas foram erradamente interpretadas pela Humanidade.

Deviam ser promessas provenientes de elevadíssimas alturas, cujas realizações as criaturas humanas têm de esperar! Tivessem sido interpretadas como tais, então certamente, já há muito, outro caminho teria sido também encontrado, que poderia conduzir as pesquisas ainda um pouco mais adiante do que até agora. Mas assim teve que se apresentar finalmente um ponto morto em todas as interpretações, porque jamais se poderia alcançar uma solução total, sem lacunas, uma vez que o ponto de partida de cada investigação se encontrava de antemão em base errada, devido à concepção errônea de até então.

Jamais conseguirá um espírito humano, mesmo que tenha alcançado a sua maior perfeição e imortalidade, ver-se na presença do Santo Graal! Por tal motivo, também jamais pode descer de lá à matéria, à Terra, uma notícia satisfatória sobre isso, a não ser através de um mensageiro que tenha sido mandado de lá. Para o espírito humano, portanto, o Santo Graal terá de permanecer sempre e eternamente um mistério.”

Sobre estas linhas de Bernhardt já nos referimos nos trechos dos escritores pós Chrétien e sobre os templários, mostrando-nos algo distinto e factual. No entanto, para uma religião, estas linhas de Bernhardt servem. Quem leu nos capítulos anteriores as partes apontadas sobre o Graal e Perceval, teve nas mãos a investigação original e certa à disposição. O caminho que conduz as pesquisas adiante, pode ser encontrado nos capítulos anteriores. Lacunas não existem. É fácil de se fazer uma crítica textual abrangente, em todos os pontos.

Os poetas do Graal não introduziram falhas e erros nas lendas do Graal, como Bernhardt ainda expressará adiante, mas simplesmente “criaram” poemas do Graal para divertir e homenagear as cortes, e que *depois* viraram lendas. A lenda do Graal veio depois dos poemas do Graal e não o contrário! Os poemas e as ambições na “caça às relíquias cristãs” durante as cruzadas, geraram lendas, ou seja, mitos, e também o contrário, geraram mitos que depois originaram lendas.

Daqui pra frente, na dissertação O Santo Graal, Bernhardt chamará a atenção de seus leitores falando de seu conceito de perfeição, de imortalidade e condenando mais ainda o “raciocínio”. E ele apontará a necessidade de um mensageiro *vir do Céu* para explicar o “mistério Graal”. Este mensageiro, logicamente, é ele mesmo como nós já dissemos: Bernhardt-Parsival, o “enviado especial”, a “grande promessa”, o Messias do Graal. Bernhardt em Perceval se torna então o Filho do Homem, aquele que trará a explicação única e verdadeira do Graal e assim do Universo e da Vida, juntamente com o Juízo Final para a Humanidade.

Bernhardt também revelará a localização exata do Graal celeste aos seus leitores. Ele acredita piamente, que aquilo que ele está escrevendo é verdade, e que assim deve ser compreendido pelos seus adeptos. Bernhardt prossegue doutrinando:

“O ser humano que continue naquilo que possa compreender espiritualmente e procure antes de mais nada realizar tudo aquilo que estiver em suas forças, até à mais nobre florescência. Lamentavelmente, porém, em seus anseios sempre estende de bom grado a mão para muito além, sem que desenvolva sua real capacidade, com o que comete assim uma negligência, que não o deixa alcançar nem sequer aquilo do que seria capaz, enquanto que o desejado de qualquer forma jamais poderá alcançar. Priva-se com isso do que há de mais belo e mais elevado na sua verdadeira existência, ocasionando apenas uma completa falha no cumprimento de sua finalidade de existir.

Parsival é uma grande promessa. As falhas e erros que foram introduzidos pelos poetas das lendas, devido a seu pensar demasiadamente terreno, alteram a verdadeira essência dessa figura. Parsival é uno com o Filho do Homem, cuja vinda o próprio Filho de Deus anunciou¹⁷⁴.

Enviado de Deus, terá ele que passar pelas mais difíceis penúrias terrenas com uma venda diante dos olhos espirituais, externamente como ser humano entre seres humanos. Após determinado tempo, libertado então dessa venda, reconhecerá então o ponto donde partirá e, conseqüentemente, a si próprio, vendo diante de si nitidamente também sua missão. Essa missão igualmente trará uma libertação, ligada a um rigoroso Juízo, à Humanidade que busca sinceramente.

Para tanto, não pode ser suposta uma pessoa qualquer, muito menos ainda se deve reconhecer nisso a possível vivência de muitos ou mesmo de todos os seres humanos, mas será um bem determinado enviado especial.

Nas leis inamovíveis de toda a Vontade Divina não é possível de maneira diversa do que cada coisa, após o percurso de desenvolvimento

em sua mais alta perfeição, retorne novamente ao ponto de partida de seu ser original, nunca, porém, além deste. Assim também o espírito humano. Como semente espiritual, tem ele sua origem no espírito-enteal, para onde poderá regressar, como espírito consciente em forma entéal¹⁷⁵, após o seu percurso através da matéria, tendo alcançado a mais alta perfeição e adquirido pureza viva.

Nenhum espírito-enteal, por mais elevado, puro e radiante que seja, consegue ultrapassar o limite do Divino. O limite e a impossibilidade de ultrapassá-lo reside aqui também, como nas esferas ou planos da Criação material, simplesmente na natureza da coisa, na diferenciação da espécie.

Como supremo e mais elevado está o próprio Deus em Sua inentealidade¹⁷⁶ Divina. A seguir, como o mais próximo, um pouco mais abaixo, vem o Divino-enteal. Ambos são eternos. A este se segue, então, cada vez mais para baixo, a obra da Criação em planos ou esferas descendentes cada vez mais densa, até finalmente à matéria grosseira visível aos seres humanos.

A matéria fina da Criação material é o que os seres humanos chamam de Além. Portanto, aquilo que se acha além de sua capacidade de visão terreno-material grosseira. Ambas, contudo, fazem parte da obra da Criação, não sendo eternas em sua forma, mas sujeitas a alterações que visam a renovação e a reanimação.

No ponto de saída mais alto do eterno espírito-enteal se encontra o Supremo Templo do Graal, espiritualmente visível e palpável, porque ainda é da mesma espécie espírito-enteal. Esse Supremo Templo do Graal contém um recinto amplo que, por sua vez, se acha no limite mais extremo em direção ao Divino, sendo, portanto, mais etéreo ainda do que tudo o mais do espírito-enteal. Nesse recinto se encontra, como penhor da bondade eterna de Deus-Pai e como símbolo do Seu mais puro Amor Divino, e igualmente como ponto de partida da força Divina: *o Santo Graal!*

É uma taça onde algo como sangue rubro borbulha e ondula ininterruptamente, sem jamais transbordar. Irradiada pela mais clara Luz, é concedido somente aos mais puros de todos os espírito-enteais poderem olhar para essa Luz. E *estes* são os guardiões do Santo Graal! Quando se diz nas Obras poéticas que os mais puros dos seres humanos são destinados a se tornarem guardiões do Graal, esse é um ponto que então o poeta agraciado transportou demasiadamente para o plano terreno, porque não conseguiu se expressar de outra maneira.”

Com a frase “(...) não conseguiu se expressar de outra maneira”, temos de desabafar: se trata aqui da mais pura desvalorização de nossos poetas anteriores do Graal. Uma total desconsideração e rebaixamento endereçado aos poetas já citados. No entanto, para Bernhardt é algo bem-vindo como fundamentação de uma nova religião, que do mesmo modo que outras religiões, precisa fundamentar a base de sua crença em ideias próprias, dando-lhes conotações de “verdade” (“verdade absoluta”), ou seja, de “palavra divina” oriunda do Deus.

Continuemos com Bernhardt:

“Nenhum espírito humano pode entrar nesse recinto sagrado. Mesmo em sua maior perfeição de entealidade espiritual, depois de seu regresso do percurso através da matéria, ainda não está suficientemente eterizado para poder transpor o umbral, isto é, o limite. Mesmo no seu aperfeiçoamento máximo, ainda é demasiadamente denso para tanto.

Uma eterização maior para ele equivaleria a uma completa decomposição ou combustão, uma vez que sua espécie, já de origem, não se presta para se tornar ainda mais radiante e luminosa, isto é, ainda mais etérea. Não suportaria.

Os guardiões do Graal são eternos, espíritos primordiais, que nunca foram seres humanos, os ápices de todo o espírito-enteal. Necessitam, contudo, da força Divino-inenteal, dependem dela, como tudo o mais depende do Divino-inenteal, a origem de toda a força, Deus-Pai.

De tempos em tempos, então, no dia da Pomba Sagrada¹⁷⁷, aparece a Pomba sobre o cálice, como sinal renovado do imutável Amor Divino do Pai. É a hora da união, que traz a renovação da força. Os guardiões do Graal recebem-na com humilde devoção, estando aptos depois a retransmitir essa força milagrosa recebida.

Disso depende a existência da Criação inteira!

É o momento em que no Templo do Santo Graal o Amor do Criador se derrama radiantemente para um novo existir, para novo impulso criador que, descendo, se distribui pelo Universo inteiro em forma de pulsações. Um estremecer transpassa nisso todas as esferas, um tremor sagrado de alegria pressentida, de imensa felicidade. Apenas os espíritos das criaturas humanas terrenas permanecem ainda de lado, sem sentirem intuitivamente o que está acontecendo justamente para eles, quão imensa dádiva bruscamente recebem, porque sua autorestrição no raciocínio não permite mais a compreensão de tal grandeza.

É o momento de aprovisionamento de vida para a Criação inteira!

É a contínua e indispensável repetição de uma confirmação do pacto que o Criador mantém em relação a Sua obra. Se um dia tal afluxo fosse interrompido, suspenso, tudo quanto existe teria de secar aos poucos, envelhecer e se decompor. Adviria então o fim de todos os dias e só restaria o próprio Deus, conforme era no começo! Porque unicamente Ele é a Vida.

Esse fenômeno está transmitido na lenda. É até mencionado no envelhecimento dos cavaleiros do Graal, durante o tempo em que Amfortas¹⁷⁸ não desvela mais o Graal, até a hora em que Parsival aparece como Rei do Graal, e como tudo tem de envelhecer e perecer, se o dia da Pomba Sagrada, isto é, o ‘desvelar’ do Graal não voltar.”

O “aprovisionamento de vida”, nas linhas anteriores, mostra uma clara associação ao Graal provedor dos poetas, que é o “Graal mágico” que fornece abundância, alimento, bebida e vida, e que restabeleceu de sua doença o Rei-Pescador ferido. Acrescente-se ainda, a conotação da “terra devastada”, que se mostra no trecho: “...tudo quanto existe teria de secar aos poucos,

envelhecer e se decompor”.

Continuemos:

“O ser humano devia afastar-se da ideia de considerar o Santo Graal apenas como algo inconcebível, pois existe realmente![1] No entanto, é negado ao espírito humano, por sua condição, poder contemplá-lo sequer uma vez. Mas as bênçãos que dele fluem e que podem ser retransmitidas pelos guardiões do Graal e que também são retransmitidas, essas os espíritos humanos podem receber e usufruir, se se abrirem para elas. Nesse sentido algumas interpretações não podem ser tidas em conta de totalmente erradas, contanto que não tentem incluir em suas explicações o próprio Santo Graal. São certas e, no entanto, também não o são.[2]”
[números nossos]

Aqui em [1] e [2], Bernhardt legitima o Graal como “verdade absoluta”, como algo vivo, real, e não inventado pelo poeta, dando-lhe respaldo religioso para sua doutrina. É a pura transformação de *Graal invenção e ficção literária* para *Graal Verdade Absoluta, Verdade de Deus*.

Bernhardt coloca todos os personagens envolvidos (como Perceval, Amfortas, etc.) no mundo celeste, como espíritos, afirmando que nunca tal estória aconteceu no âmbito terrestre.

Prossigamos:

“O aparecimento da Pomba no dia determinado da Pomba Sagrada indica a periódica missão do Espírito Santo, pois a Pomba se acha em íntima relação com ele. Mas é algo que o espírito humano só é capaz de compreender por imagens, porque conforme a natureza da coisa, mesmo tendo o mais alto desenvolvimento, na realidade só pode pensar, saber e sentir intuitivamente até lá de onde ele próprio veio, isto é, até aquela espécie que é *una* com a sua mais pura condição de origem. É o eterno espírito-enteal. Esse limite ele jamais poderá ultrapassar, nem mesmo em pensamentos. Algo diferente também nunca poderá compreender. Isso é tão evidente, lógico e simples, que cada pessoa pode acompanhar esse pensamento. O que para além disso existir será e deverá ser, por essa razão, sempre um mistério para a Humanidade!”

Não devemos deixar passar aqui, a grande contradição percebida da explicação de Bernhardt, pois o que ele diz neste ponto, tira qualquer verdade e objetivo do fato e da necessidade de os poetas terem “captado” a notícia sobre o Graal, e escrito seus poemas medievais de acordo com sua explicação nesta dissertação (conforme Bernhardt interpretou). Ou seja, se o Graal fosse verdade divina, como Bernhardt aponta, não haveria razão alguma então (nem a capacidade para tal), de os poetas ou “os seres humanos” conseguirem saber ou pressentir qualquer coisa sobre o Graal *antes* da vinda do mensageiro aqui apontado, chamado Parsival-Bernhardt (ele mesmo).

Continuemos:

“Cada ser humano vive por isso numa ilusão errônea ao imaginar ter Deus em si, ou ele próprio ser Divino, ou poder tornar-se Divino. Tem em si *espíritual*, mas *não* Divinal. E há nisso uma diferença intransponível. Ele é uma criatura, e não uma parte do Criador, conforme tantos procuram se persuadir. O ser humano é e continua uma *obra*, jamais podendo se tornar mestre. Por conseguinte, também é errôneo quando se declara que o espírito humano promana do próprio Deus-Pai e a Ele regressa. A origem do ser humano é o *espírito-enteal*, não o Divino-inenteal. Apenas poderá, portanto, no caso de atingir a perfeição, voltar ao espírito-enteal. Corretamente falando, o espírito humano se origina do *Reino de Deus* e por isso também, quando tiver se tornado perfeito, poderá voltar para o *Reino* de Deus, não porém a Ele próprio. Seguirão ainda mais tarde dissertações detalhadas sobre os planos isolados da Criação, que em suas espécies essenciais são totalmente diferentes. No ápice supremo de cada um desses planos da Criação se encontra um Templo do Graal, como indispensável ponto de transição e transmissão de força. Esse é sempre uma cópia, formada na espécie essencial do respectivo plano da Criação, do verdadeiro e Supremo Templo do Graal, que se encontra no ápice de toda a Criação, e que é o ponto de partida de toda a Criação, devido as irradiações de Parsival. Amfortas foi o sacerdote e o rei na *mais* baixa dessas cópias do Supremo Templo do Graal, que se encontra no ponto mais alto do plano de todos os espíritos humanos que se desenvolveram de germes espirituais, portanto, mais próximo da Humanidade terrena.”

Aqui acaba a dissertação *O Santo Graal*, de Bernhardt.

Vamos continuar, e seguir agora citando um trecho de outra dissertação dele, no volume 3, chamada “Os Planos Espírito-Primordiais I”, onde a lenda de Perceval continua a ser explicada com a exaltação da condição divina:

“Tomemos, pois, a lenda a respeito de Parsival! Partindo *desta pequena Terra*, em pensamento, procura o ser humano pesquisar e encontrar algo a respeito de Parsival, para descobrir a origem, o surgimento dessa lenda. Certamente os poetas da Terra imaginaram pessoas terrenas, que lhes deram um impulso externo para a *forma* do poema; contudo, em seu trabalho de aprofundamento espiritual, colheram inconscientemente algo de fontes que eles próprios não conheciam.

Todavia, como finalmente procuraram melhorá-las com o raciocínio, para assim torná-las *terrenamente* belas e facilmente compreensíveis, o pouco que eles puderam receber dos planos desconhecidos¹⁷⁹ foi também comprimido, diminuído e deformado na matéria grosseira. Não vale a pena entrar nisso de modo especial, mais pormenorizadamente. Dou apenas o *fato real*, e cada pessoa pode tomar para si aquilo que o seu espírito consegue.” [3]

Também aqui em [3], Bernhardt segue legitimando o seu Graal como “verdade verdadeira”, usando o seu argumento “fato real”.

Em seu outro livro chamado “Respostas a Perguntas”, na pergunta nº 42 que o compõe, chamada “Tornar-se sábio através de compaixão”¹⁸⁰, Bernhardt se reporta com sua mística doutrinação, às Obras dos escritores do Graal mais antigos, como “inspiração original”. Percebe-se também neste livro, novamente, a sua acusação contra o “raciocínio” (cérebro) que “causa divergências”. É o efeito “lavagem cerebral”, e que Bernhardt se utilizou para confundir seus leitores e tirar-lhes sua razão lógica sobre o tema, transportando o direito de interpretação certa e única somente para Bernhardt.

Vejamos isso que ele diz em “Respostas a Perguntas”:

“(…) Apesar das divergências da inspiração original, devido à participação do cérebro humano do poeta na retransmissão, também está dito claramente na lenda ou profecia que o Parsival prometido teria de, lutando, *vivenciar pessoalmente* todos os erros terrenos, para sofrer com isso como muitos outros. Somente assim torna-se por fim realmente *sabedor* a respeito do que está errado e onde deve intervir, auxiliando e modificando, no começo de sua verdadeira missão! (...)”

Em outra dissertação de N.L.V., de nome “Os Planos Espírito-Primordiais II”, também encontramos:

“Parsival! Quão conhecida é esta palavra, como tal, entre os seres humanos terrenos, dos quais, todavia, ninguém possui ao menos ideia quanto a sua realidade.

Um poema, uma lenda! Com isso acertam, se se referirem *àquilo* que hoje sabem a respeito dessa palavra, pois na realidade outra coisa não é senão uma lenda, que se tornou poema, e que ainda se conservou como fragmento de um saber anterior.

Conforme eu já disse a tal respeito, trata-se apenas de pequenos fragmentos vindos de planos espirituais até a matéria grosseira desta Terra, há longos tempos.

Os poetas das *hoje* conhecidas lendas do Graal não são, de maneira nenhuma, os primeiros que se ocuparam com isso e que, no aprofundamento de seus trabalhos, mais uma vez puderam pressentir alguns vislumbres de Luz. (...)”

Pudemos acompanhar neste trecho alguns enganos do escritor Bernhardt com relação aos poemas medievais do Graal. Não é admissível que Bernhardt não inclua em suas conclusões e observações, o criador do Graal, Chrétien de Troyes, já que Bernhardt acredita que Graal e Perceval são verdades religiosas, em vez de invenções de uma ficção poética. No entanto, já vimos que tais conclusões e observações do próprio Bernhardt são incompatíveis com a verdade original.

Bernhardt também escreve nessas linhas que Parsival “outra coisa não é senão uma lenda, que se tornou poema”. Mas como o Leitor pôde acompanhar até aqui, verificamos que aconteceu justamente o *contrário*: Parsival e o Graal são um *poema* que se tornou lenda e agora Verdade e religião através de Bernhardt! Uma estória que para Bernhardt se tornou “História”, ou seja, “realidade”.

Outra coisa: se Bernhardt acreditava que “os poetas das *hoje* conhecidas lendas do Graal não são, de maneira nenhuma, os primeiros que se ocuparam com isso...”, então ele, como pesquisador dos poetas ou como “Filho de Deus”, devia apontar ou enumerar quem foram estes “primeiros que se ocuparam com isso” antes de seu criador Chrétien de Troyes. A única coisa parecida, que existiu antes do Graal de Chrétien de Troyes, foi o caldeirão mágico dos celtas.

O Graal moderno religioso quis legitimar Oskar Bernhardt (Abdruschin) como “Filho do Deus Único”, “irmão de Jesus”, “Parsival dos poetas”, “Filho do Homem”, a “Vontade legítima de Deus encarnada” e o “Imanuel” da Bíblia que retorna reencarnado no século XX como “Juiz do Apocalipse”. Este Bernhardt-Abdruschin, teria no céu, o nome de “Parsival” no Supremo Templo do Graal, e junto a Deus o nome de “Imanuel”. Ele se elege divulgador da Verdade divina por meio de sua própria “Palavra Divina”, escrita na Terra como “Mensagem do Graal”.

Vamos prosseguir com a visão de Bernhardt, sobre o aqui exposto, em outros escritos seus, e sobre a sua auto-consagração de Bernhardt-Abdruschin em Parsival-Filho do Homem-Imanuel, o Filho de Deus e Espírito Santo, como uma única “unidade” com o Pai-Celeste:

“Eu, Imanuel, venho e seguro o que é de meu Pai! Eu examino o espírito e julgo o pecado, castigo a alma e flagelo o corpo! Eu estou no Pai e simultaneamente sou também Sua sagrada e julgadora espada na Terra! O Pai está dentro de mim e, contudo, permanece nas distâncias do eterno infinito! Eu estou e permaneço eternamente no Pai, e atuo a partir Dele, o Sacrossanto, Sempiterno, Único, pois o

Pai e eu somos Um só!”

(*O Que a Humanidade Perdeu*, dissert. “Natal! – 1934”)

“...sou a Vontade de Deus encarnada em ser humano.”

(*O.Q.H.P.*, dissert. “23 de agosto de 1929”, p. 21)

“Eu venho do Pai, o Criador e Proprietário desta Terra com tudo o que nela se encontra, como Seu Filho e Seu Enviado, para exigir de vós prestação de contas de Sua propriedade...”

(*O.Q.H.P.*, dissert. “Solenidade da Estrela Radiante”)

“...reconhecereis que é unicamente a Palavra da Mensagem do Graal que poderá salvar-vos e ajudar-vos nas vossas aflições!”

(*O.Q.H.P.*, dissert. “30 de Maio de 1935”)

“A fim de indicar o início desse ciclo dos acontecimentos, que terá de se fechar com essa transformação universal, ele deu à Humanidade a Palavra Divina da Verdade novamente com o seu nome de outrora: Abdruschin! É destinada àqueles que, reconhecendo em tempo certo, ainda sobreviverão ao Juízo.”

(*O.Q.H.P.*, p. 57)

“Parsival é uma grande promessa. As falhas e erros que foram introduzidos pelos poetas das lendas, devido a seu pensar demasiadamente terreno, alteram a verdadeira essência dessa figura. Parsival é uno com o Filho do Homem, cuja vinda o próprio Filho de Deus anunciou.”

(*N.L.V.*, vol. 2, dissert. “O Santo Graal”)

“(…) Parsival era e é o primeiro em toda a Criação, e só com ele a Criação toda pôde originar-se. Ele é uma parte do espírito de Deus, Imanuel, ancorada no espírito-primordial, para criar o espírito-primordial.

Da irradiação de sua Luz originaram-se primeiro os primordialmente criados¹⁸¹, e com eles também o Templo e tudo o que se formou. Não podia, por conseguinte, ser prometido a ninguém, pois ele próprio foi o primeiro, e tudo o mais só pôde surgir *depois* dele. Exceto ele, ninguém jamais foi Rei do Santo Graal! (...)”

(*N.L.V.*, vol. 3, dissert. “Os Planos Espírito-Primordiais I”)

“(…) Quando Cristo, outrora, falou de sua vinda [do Filho do Homem], então sua vinda dizia respeito ao Juízo! Para o Juízo, porém, não seria necessário que ele [o Filho do Homem] encarnasse nesse corpo terreno. Vindo pelas nuvens, estando acima desta Terra, poderia ter cumprido sua missão! O sofrimento terreno, o ódio humano ter-lhe-iam sido poupados.”

[colchetes nossos]

(*O.Q.H.P.*, dissert. “Natal! – 1933”, p. 103)

Bernhardt escreveu que “exceto ele, ninguém, jamais foi Rei do Santo Graal!”. Podemos verificar nos poemas medievais do Graal, que isso não corresponde aos seus conteúdos. Esta concepção nasceu somente com Bernhardt. Acontece, que Bernhardt como Parsival, só podia considerar ser o “único” Rei do Graal Celeste, pois somente ele era o “Filho de Deus”.

A concepção religiosa de Bernhardt-Parsival é de arregalar os olhos. Mas ele estava falando sério!

Também em outra dissertação sua chamada “Os Planos Espírito-Primordiais II”, temos diversas passagens sobre o Perceval deste escritor:

“(…) Parsival! Impossível separá-lo de Imanuel, pois Imanuel está nele e atua através de Parsival. Pode-se dizer também que Parsival é um dos invólucros de Imanuel formado pela Rainha primordial Elisabeth¹⁸², através do qual Imanuel atua no ápice da Criação, que só pôde surgir através dele e que do contrário não existiria, nem poderia existir, pois Imanuel em Parsival é a origem e o ponto de partida da Criação.

Ele é a Vontade criadora de Deus, e Deus está com ele e nele. (...)”

“(…) Parsival é o Rei dos Reis, o Filho da Luz, também chamado o Príncipe da Luz! (...)”

“(…) Portanto *existe* Parsival! Ei-lo! O *primeiro* na Criação. Traz em si, decorrente de Deus um núcleo inenteal, acha-se ligado com Imanuel e assim permanece também por toda a eternidade, pois aquele age por ele e rege assim a Criação. De forma que vem a ser o Rei dos Reis, o Filho da Luz, também chamado o Príncipe da Luz! (...)”

“(…) A *primeira* coisa a compreender *basicamente* é:

Considerar Parsival como Filho da Luz que *do alto* desce à Criação, e não como algo de baixo chegando até o alto, como o começo e o fim da Criação, o Alfa e o Ômega de todo o tecer fora do divino, e devido a isso sendo o rei do Santo Graal, rei da Criação! (...)”

Para ampliarmos o nosso entendimento destes interessantes textos de Bernhardt, e visualizando parte das origens dos mesmos, para assim entendermos melhor a fonte deles, basta abriremos a Bíblia:

“Ouvi, todos os povos; presta atenção, ó Terra, e tudo o que nela há; e seja testemunha contra vós o Senhor Deus, o Senhor desde o seu

santo templo.

Porque eis que o Senhor está a sair do seu lugar, e descerá, e andará sobre as alturas da Terra. Os montes debaixo dele se derreterão, e os vales se fenderão, como a cera diante do fogo, como as águas que se precipitam por um declive.”

(Miquéias 1:2-4)

“Porque naqueles dias haverá tribulações tais, como não as houve desde o princípio do mundo que Deus criou até agora, nem haverá jamais.”

(Marcos 13:19; Mateus 24:21)

“Mas naqueles dias, após a referida tribulação, o Sol escurecerá, a Lua não dará a sua claridade, as estrelas cairão do firmamento e os poderes dos céus serão abalados. Então verá o Filho do Homem vir nas nuvens, com grande poder e glória.”

(Marcos 13:24-26; Mateus 24:29,30)

“Olhei, e eis uma nuvem branca, e sentado sobre a nuvem um semelhante ao Filho do Homem, tendo na cabeça uma coroa de ouro, e na mão uma foice afiada. Outro anjo saiu do santuário, gritando em grande voz para aquele que se achava sentado sobre a nuvem: Toma a tua foice e ceifa, pois chegou a hora de ceifar, visto que a seara da Terra já secou. E aquele que estava sentado sobre a nuvem passou a sua foice sobre a Terra, e a Terra foi ceifada.”

(Apocalipse 14:14-16)

“Eu sou o Alfa e o Ômega, diz o Senhor Deus, aquele que é, e que era, e que há de vir, o Todo-Poderoso.”

(Apocalipse 1:8)

“Disse-me ainda: ‘Está cumprido: Eu sou o Alfa e o Ômega, o princípio e o fim. A quem tiver sede, de graça lhe darei a beber da fonte da água da vida.

Aquele que vencer herdará estas coisas; e eu serei seu Deus, e ele será meu filho.”

(Apocalipse 21:6,7)

“Assim diz o Senhor, Rei de Israel, seu Redentor, o Senhor dos Exércitos: Eu sou o primeiro, e eu sou o último, e fora de mim não há Deus. “

(Isaías 44:6)

“Eis que cedo venho e está comigo a minha recompensa, para retribuir a cada um segundo a sua obra.

Eu sou o Alfa e o Ômega, o primeiro e o derradeiro, o princípio e o fim.”

(Apocalipse 22:12,13)

“(…) ele as governará com cetro de ferro e ele mesmo pisa o lagar¹⁸³ do vinho do furor da ira de Deus onipotente. No seu vestido e na sua coxa, traz escrito: Rei dos reis, e Senhor dos senhores.”

(Apocalipse 19:15,16)

“Trabalhai não pela comida que perece, mas pela que dura até à vida eterna, a qual o Filho do Homem vos dará. Porque nele imprimiu Deus Pai o seu selo.”

(João 6:27)

“Pois por isso o mesmo Senhor vos dará este sinal: Uma virgem conceberá e dará à luz um filho e o seu nome será Emanuel. Ele comerá manteiga e mel, até que saiba rejeitar o mal e escolher o bem.”

(Isaías 7:14,15)

Novamente no livro “Respostas a Perguntas”, começamos a ouvir Bernhardt falar das penúrias do Juízo Final da Humanidade e da atuação do Filho do Homem Parsival-Bernhardt no século XX. Temos neste seu livro a pergunta nº 41, de um leitor seu, seguida de uma resposta sua interessante:

“PERGUNTA: Será que o Filho do Homem já se encontra na Terra ou ainda deverá nascer? Por que Abdruschin fica calado obstinadamente sobre esse ponto?

Será que ele desejaria dar uma explicação do caminho certo para todos aqueles que tem assimilado a sua Palavra com convicção?¹⁸⁴

RESPOSTA: O futuro próximo dará a resposta por si mesmo. Só haverá *um único* mestre universal. O Filho do Homem também não precisa nascer, pois já se encontra entre os homens, o que aliás muitos profetas religiosos intuitivamente já o sentiram.

Entre todos os falsos profetas e guias, restará o Filho do Homem, nesses tempos penosos, *tempos esses que estão muito mais próximos* do que esses mesmos homens, fantasiosos e pessimistas, imaginam... (...)”

[grifos e negritos nossos]

Fato interessante desta resposta de Bernhardt, é o apontamento dele sobre a realização de suas afirmações no “futuro

próximo”, no caso, do reconhecimento da Humanidade para com sua pessoa (o Filho do Homem-Parsival) e os “tempos penosos” que virão. Bernhardt chama de “tempos difíceis” o seu *previsto* “Juízo Final”.

No entanto, duas coisas ficaram certas e claras na vida real: Oskar Bernhardt não se tornou o “único mestre universal” como disse que estava *destinado*, como *ele* queria. E a época de penúria veio, na forma de “Segunda Guerra Mundial”, devastando principalmente a Alemanha e a Europa, o que deixou tristes marcas em todos os países.

Com relação aos falsos profetas, sabemos que não existem “falsos profetas”, mas somente “os profetas dos outros”. Cada um destes profetas dos outros, se destaca sempre como símbolo principal de um determinado Movimento religioso, ou de um grupo inserido em doutrinas. E isso, em todos os tempos. O que estes profetas são ou representam para seu Movimento, é aquilo que eles demonstram sempre, começando pela sua “liderança”.

Outras menções de Bernhardt, contidas em outras dissertações e livros seus, sobre estas épocas difíceis e apocalípticas, podem ser vistas abaixo, juntamente com nossos sublinhados e negritos, pois são interessantes e transportam o Leitor para a época *previsível* do Juízo Final de Bernhardt, ou seja, da chegada evidente de uma grande guerra, no caso, a Segunda Guerra Mundial que veio realmente. Perceval (Parsival), agora “encarnado” em Bernhardt, afirma:

“Prestai atenção à hora, está mais próxima do que *todos* pensam.”

(N.L.V., vol. 1, dissert. “O Mestre do Universo”)

“...ficará a Humanidade agora no Juízo sem direitos...”.

(N.L.V., vol.1, dissert. “O Reino de Mil Anos”)

“O que agora acontece é apenas o fim do Juízo, isto é, o Juízo Final!”

(O.Q.H.P., dissert. “Natal! – 1933”)

“Deve surgir agora o novo Reino aqui na Terra! O Reino de Deus, como fora prometido aos seres humanos pela Luz!”

(Exortações, p. 38)

“Quando agora desmoronarem repentinamente todos os esteios entre os povos, quando se desvanecerem a crença no poder do dinheiro e a confiança no saber do raciocínio, e quando, sobretudo, se apagar o último vislumbre duma aparente existência de dignidade humana, então... então vosso tempo terá chegado, portadores da sagrada Cruz¹⁸⁵! Anunciareis, tereis de anunciar a Verdade, que vos foi proporcionada, pois os seres humanos esperarão de vós, rogarão por ela e a exigirão até, se porventura quiserdes hesitar!”

(Exortações, p. 48)

“A irradiação do Amor dá hoje, a muitos seres humanos ainda, uma possibilidade de poderem se salvar no meio do Juízo.”

(Exortações, p. 144)

Em 21 de julho de 1929, Oskar Bernhardt havia anunciado ao seu círculo de seguidores, que o “Sagrado Juízo Divino” se iniciava nesse dia¹⁸⁶. Já numa outra referência ao Juízo Divino presente num texto da época dele, mas de outro autor e adepto seu, aparece citado uma outra data: 29 de dezembro de 1929, como atesta o seu trecho abaixo. De qualquer forma, é sempre no ano de 1929:

“Depois de transmitir, com palavras humanas, a maior parte das manifestações da Luz, só então, de conformidade com a Vontade de Deus-Pai, [Oskar Bernhardt] manifestou Sua origem Divina; isso se verificou em 29 de dezembro de 1929. Com esse fato, iniciou-se o Sagrado Juízo, na Terra.”

[colchetes nossos]

(Depoimentos e Outros Trabalhos Ligados
a Mensagem do Graal e Abdruschin,
vol. 1, Capítulo 2: Biografia)

Já as palavras de Bernhardt tiradas de seu livro “Exortações”¹⁸⁷, que mencionamos acima, fazem parte de um grupo de alocuções suas, escritas de 1934 a 1937, portanto, se ele, como “Filho de Deus”, disse nessa ocasião de suas alocuções que a Humanidade se encontrava no “meio” do Juízo Final (Exortações, p.144), e o Final do Juízo havia-se iniciado em 1929, podemos calcular *mais ou menos* quando seria seu fim (o fim do Juízo Final):

Se supusermos que o meio do Juízo foi em 1937, que foi o “último ano” das alocuções deste livro de Bernhardt, e subtrairmos de 1929, teremos 8 anos decorridos. São 8 anos decorridos até o “meio” do fim do Juízo que ele anuncia. Se pegarmos estes 8 anos decorridos e somarmos ao ano da “metade” já decorrida, ou seja, à 1937, teremos 1937 mais 8, e o

resultado será o ano de 1945, que é o ano aproximado do “fim” do Juízo Final de Bernhardt.

Mas se levarmos em conta, como outra probabilidade, “o primeiro ano” das aloções de Bernhardt (1934) ao invés do último (1937), então teremos uma data de acontecimento menor que 1945, ou seja, o acontecimento seria anterior a 1945. Portanto é certo dizer que a época que precedeu a Segunda Guerra Mundial e a própria Segunda Guerra Mundial consequente (1939-1945), foi a época da “Grande Tribulação” esperada por Bernhardt e seus mais próximos. Tribulação ¹⁸⁸ essa, que eles já estavam vivenciando, mas que após consumir-se, e segundo suas ideias, ocorreriam muitas mudanças no mundo, o que proporcionaria a Bernhardt “construir na Terra” o seu Reino de Deus¹⁸⁹ (o Reino do Graal Celeste), sendo ele próprio o único “mestre universal”.

Os membros da colônia do Graal chamavam Parsival-Bernhardt preferencialmente de “Senhor”, e todos acreditavam que deveriam estar atentos às vicissitudes que iriam passar neste Juízo Final iniciado, pois pesados golpes do destino viriam, e somente a palavra de Bernhardt era a salvação de todos, como ele mesmo prometia: “...reconhecereis que é unicamente a Palavra da Mensagem do Graal que poderá salvar-vos e ajudar-vos nas vossas aflições!” (O.Q.H.P., dissertação “30 de Maio de 1935”). E: “Eu advirto, advirto mais uma vez. Cada escolhido não apenas tem o dever de assimilar a *Mensagem do Graal*, mas sim, de vivê-la incondicional e integralmente!” (O.Q.H.P., dissert. “Devoção – 1932”, p. 88).

Mas quando a pior hora chegasse, então ele, Oskar Bernhardt, lideraria a reconstrução do mundo, juntamente com todos os seus seguidores, os escolhidos. Esperava-se que estes escolhidos seriam em número de 144.000, conforme estava escrito no Apocalipse bíblico de João (João 7:4, 14:1 e 14:3).

Como se sabe, grandes dificuldades e penúrias geram crenças apocalípticas nos seres humanos. Esta época de 1929 é uma ocasião bem propícia, pois foi quando aconteceu a grande crise econômica americana, também conhecida como “Crise de 1929”, por vezes chamada de “A Grande Depressão”, e que se refletiu por inúmeros países.

A Europa havia se enfraquecido demais por conta da Primeira Guerra Mundial, o que fez com que o centro das finanças mundiais se mudasse de lá para os Estados Unidos (Nova Iorque). Na época, a dívida nacional dos países ricos da Europa aumentou exorbitantemente causando astronômicos índices de inflação. Foi um caos!

Também na década de 1920, aconteceu que países que recebiam grandes fluxos de imigrantes pararam de acolhê-los.

Mas os Estados Unidos haviam se desenvolvido muito durante a década de 1920, antes de chegar a Grande Depressão Mundial. O escritor Galbraith conta em seu livro que “1928 foi o último ano no qual os americanos foram bem-sucedidos, desinibidos e inteiramente felizes”.

A crise que veio em 1929 persistiria ao longo da década de 1930, terminando apenas com a Segunda Guerra Mundial. A Grande Depressão é considerada o pior e o mais longo período de recessão econômica do século XX e a maior crise de todos os tempos! Foi mesmo o Armagedon! Como os especialistas econômicos e políticos dizem, “1929 foi a crise que mudou o mundo”.

Este período de recessão econômica fez com que o desemprego se tornasse uma doença global. A recessão causou quedas drásticas do produto interno bruto em diversos países, na produção industrial, nos preços das ações, e em praticamente todo o medidor de atividade econômica em quase todo o mundo!

O início da Grande Depressão começou a partir de julho de 1929¹⁹⁰, com a queda da produção industrial americana (por diversos fatores cumulativos dos anos anteriores), trazendo uma recessão econômica cumulativa que se estendeu até 24 de outubro do mesmo ano, quando a Bolsa de Valores de Nova Iorque “quebrou”, desencadeando a “Quinta-Feira Negra”. Desse modo, milhares de acionistas perderam, literalmente, enormes somas em dinheiro da noite para o dia. Muitos perderam tudo o que tinham.

Esse fato de Nova Iorque piorou enormemente os efeitos da recessão existente, causando grande inflação e queda nas vendas de produtos, que por sua vez obrigaram o fechamento de inúmeras empresas comerciais e industriais, elevando drasticamente as taxas de desemprego. E o colapso continuou nos dias seguintes.

No caso da Alemanha, terra natal de Oskar Ernst Bernhardt, a Grande Depressão foi um dos fatores primários que ajudaram a ascensão do regime de extrema-direita dos nazistas, comandado por Adolf Hitler. A Alemanha estava sendo muito afetada com problemas de recessão, aumento da dívida externa, desemprego¹⁹¹, etc. O país germânico já carregava o agravante da humilhação da Primeira Guerra Mundial, onde perdera suas colônias para os países vitoriosos, teve sua marinha de guerra destruída e grande parte de sua marinha mercante confiscada, e ainda, por meio do Tratado de Versalhes (1919) teve boa parte de seu território retalhado e transferido para a França, Bélgica, Tchecoslováquia, Polônia e Dinamarca, juntamente com o pagamento de imensas

indenizações aos vitoriosos, como ressarcimento.

Hitler odiava as potências ocidentais pela rendição humilhante da Alemanha em 1918, o que o tornou obcecado por restaurar a “*ordem natural das coisas*”.

Apesar disso tudo, não fosse pela Depressão Mundial de 1929, o partido nazista teria permanecido em segundo plano na política. No entanto, a Alemanha nazista trouxe o apocalipse mundial, e um novo estilo de vida começou, um estilo marcado pelo controle das igrejas, pelo medo da prisão, do espancamento e da humilhação pública.

A partir de 1929, a situação econômica e política no mundo entrou mais ainda em desmoronamento: Gandhi lançou uma campanha de desobediência civil na Índia britânica, o primeiro ministro do Japão, Hamaguchi, foi assassinado, o Japão invadiu a Manchúria, os curdos se rebelaram na Pérsia e na Turquia, os etíopes se revoltaram contra seu imperador, árabes e judeus entraram em combate na Palestina, greves assolaram diversos países da América Latina com marchas e protestos pelas ruas, Bolívia e Paraguai entraram em guerra, assim como Peru e Colômbia, australianos tentaram separar o oeste da Austrália, líderes radicais eram presos na Polônia, um golpe fascista era dado na Finlândia, em grandes cidades europeias formavam-se grandes favelas e multidões de prisioneiros políticos eram ocultados na Rússia. Em muitos círculos, o capitalismo estava sendo condenado como “desgraça econômica e moral”. Era a oportunidade que faltava para a maior ascensão do comunismo...

Com tanta balbúrdia e problemas no mundo, decorrentes de uma devastadora guerra anterior (Primeira Guerra Mundial) e uma depressão econômica mundial, a confiança das pessoas na ideia de “progresso humano” foi parar na lata de lixo, principalmente na Europa. O mundo estava na soleira da Segunda Guerra Mundial!

Tais fatos levaram muitas pessoas e grupos no mundo, a pensarem que havia chegado o “Final dos Tempos”. Uma destas pessoas foi Oskar Ernst Bernhardt. Por isso, ele elegeu naturalmente o começo do Juízo Final também como sendo em julho de 1929.

Com a ascensão do nazismo, Hitler mandou fechar todas as Lojas maçônicas e semelhantes da Alemanha, e fez muitos maçons seguirem para campos de concentração, juntamente com suas famílias. Não gostava de suas ideias e objetivos, e os via como inimigos da “Nova Alemanha”. Quem pôde, fugiu do país.

A Gestapo aproveitou as listas de membros das Lojas Maçônicas alemãs e saqueou suas bibliotecas e coleções de objetos maçônicos. Grande parte destes objetos, foram depois expostos em uma “Exposição Anti-Maçônica” inaugurada em 1937 por Joseph Goebbels em Munique¹⁹².

A perseguição aos maçons foi depois transportada para a Áustria, quando o país foi capturado pelos nazistas. Os mestres das várias Lojas de Viena foram imediatamente confinados em campos de concentração. O mesmo procedimento foi repetido quando Hitler se apoderou da Tchecoslováquia, da Polônia, da Holanda e da Bélgica.

A Espanha também seguiria o exemplo de Hitler, e em 1940 condenaria todos os maçons em seu reino a dez anos de prisão. Quando a França caiu, também o governo de Vichy fechou as duas grandes Lojas Maçônicas francesas. Elas foram dissolvidas e suas propriedades apreendidas e vendidas em leilão.

Hitler atacava maçons, marxistas e as igrejas cristãs, pelo seu ensino da igualdade de todos os seres humanos. Hitler também lançava a ideia de que a maçonaria mantinha ligações “ilícitas” com o judaísmo internacional.

Hitler divulgava que os maçons formavam uma espécie de nobreza sacerdotal que havia desenvolvido uma doutrina esotérica transmitida através de símbolos e iniciações, e que sua organização hierárquica era perigosa.

Ele, na verdade, queria que seu partido se transformasse numa Ordem, numa Ordem Mundial. E que fosse uma Ordem hierárquica de um sacerdócio secular, maior que os maçons e a Igreja. Para executar suas ambições, não haveria espaço para todos, mas somente para a nova Ordem mística de Hitler. Por isso, ele achava que era melhor se livrar da “concorrência”¹⁹³.

O escritor Bernhardt e seus poucos seguidores iniciais, acreditavam que havia chegado o tempo em que os últimos acontecimentos do Apocalipse bíblico de João se realizariam. Daí suas previsões e anunciações. Em seus reconhecimentos naturais, de quem estava vivendo naquele mundo de mudanças e familiarizado com as notícias mundiais, nada mais normal as manifestações e revelações de Bernhardt.

Ele também escreveu:

“Olhemos a nossa volta: quem hoje segue seu caminho zombando das anunciações e previsões de acontecimentos terríveis, que aumentam por toda a parte, não querendo ver que muito daquilo já está se realizando e que se avolumam de semana para semana as catástrofes naturais¹⁹⁴, esse é ignorante, ou por algum medo nada quer reconhecer ainda!”

“E aquele que ainda não quer reconhecer como sendo um sinistro golpe do destino a imensa calamidade econômica que aumenta irresistivelmente em todos os países desta Terra, e a confusão e o desamparo daí decorrentes, só porque ele talvez ainda disponha do suficiente para comer e beber, tal ser humano não merece mais ser chamado de ser humano, pois deve estar corrompido por dentro, embotado perante o sofrimento alheio.”

(N.L.V., vol. 3, dissert. “A Ferramenta Torcida”)

“E quando a Terra, até agora firme, tremer, quando montanhas tombarem, surgindo novas, quando regiões inteiras forem destruídas... nada acontece sem a firme condução da Vontade Divina! Que isto lhes seja um consolo!”

(O.Q.H.P., dissert. “Uma Grande Dor
Passa por Todos os Países, p. 19)

Após esta rápida digressão messiânica da época do autor Oskar Bernhardt, mas necessária para compreendermos ele e sua época e inspirações, prossigamos com as explicações dele sobre Parsival e sua missão. No capítulo *Os Planos Espírito-Primordiais III* (N.L.V., vol. 3), vemos:

“Para a obra de limpeza da Criação [Juízo Final], outorgada por Deus-Pai, e que se tornou necessária por causa da queda dos espíritos humanos na matéria, o querer de Parsival, como uma parte sua, tomou forma para peregrinar através de todas as partes do Universo, a fim de colher experiências e conhecer todas as fraquezas e feridas dos espíritos humanos.

Parsival permaneceu sempre no Templo, ao passo que **o seu querer vivo, como uma parte sua**, tornou-se forma [Abdruschin-Immanuel] e peregrinou pelas partes do Universo, aprendendo.”

[colchetes e negritos nossos]

“(…) Da mesma forma que a *Vontade* criadora, Immanuel, é *pessoal*, assim também o *Amor*, na atuação, se tornou *pessoal* em Jesus.

Ambos, como partes do Pai, são um só com Ele, e o Pai está neles. Desde a eternidade até toda a eternidade.

Jesus é o Amor de Deus; Immanuel é a Vontade de Deus! Por isso a Criação vibra em seu nome. Tudo quanto nela acontece, tudo quanto nela se realiza se acha inscrito nesse nome, o qual mantém a Criação, do menor ao maior fenômeno! Nada existe que não se origine desse nome e que não tenha de cumprir-se nele.(…)”

“(…) Em Abdruschin esteve, em determinada época, *Parsival* na Terra, enquanto que então, na hora da realização, Immanuel, como tal, toma posse do invólucro terreno de Parsival, após penosas purificações desse invólucro. (...)”

Também em *Faça-se a Luz!* (N.L.V., vol. 3) está:

“(…) A fim de tornar a endireitar auxiliadoramente tudo quanto a Humanidade deformou erroneamente, Parsival foi ligado com a matéria grosseira em Abdruschin. Abdruschin foi, portanto, Parsival... (...)”

Na dissertação *O Filho do Homem* (N.L.V., vol. 2), lê-se:

“(…) A missão do Filho do Homem aqui na Terra é a continuação e a conclusão da missão do Filho de Deus [Jesus], porque a missão do Filho de Deus só podia ser transitória. Ela é, portanto, com a continuação e a conclusão, concomitantemente, uma *consolidação* da mesma. (...)”

[colchetes nossos]

Vejamos agora outras observações sobre Perceval-Parsival, nas Obras de Bernhardt, mas fora do contexto apocalíptico, e que são equivocadas.

No livro *Respostas a Perguntas*, na pergunta nº 67 sobre “o puro portal”, que é uma pergunta de um leitor de Bernhardt, pergunta-se sobre o conceito de “o tolo puro” usado nos poemas do Graal e Perceval. Vejamos a explicação de Bernhardt ao seu leitor:

“RESPOSTA: Nas minhas dissertações sobre planos espírito-primordiais também já falei a respeito.

Em todo ser humano que pensa *profundamente*, a figura apresentando ‘o tolo puro’ deve produzir uma incerteza. Essa incerteza se manifesta, porque a expressão bem como a apresentação inteira da figura constituem um erro, que eu fundamento em minhas dissertações.

Essa resposta levaria longe demais, por isso contento-me em indicar que **Parsival é ‘Das reine Tor’, o portal puro, mas não ‘Der reine Tor’, o tolo puro** [aqui consta uma *nota de tradução que diz*: trata-se aqui da palavra ‘Tor’. Conforme os pronomes utilizados, ‘Der’ ou ‘Das’, muda o significado. ‘Der reine Tor’ significa o *tol*o puro. ‘Das reine Tor’ significa o *portal* puro]. Nisso reside tudo, e o saber disso também lhe dará, com um outro conceito, o sossego. Parsival é na realidade o intermediário para a Criação; portanto, também para os seres humanos, e é o **Portal da Verdade e da Vida** para todas as Criações em ordem descendente.”

[negritos e colchetes nossos]

No volume 3 de N.L.V., no capítulo “Os Planos Espírito-Primordiais III”, também está escrito sobre a aparência de

Perceval e sua “missão divina”, e também sobre o *tolo puro* que Bernhardt transformou em *portal puro*:

“(…) O corpo está envolto por um invólucro irradiante, que se parece com uma couraça de escamas flexíveis; sobre a cabeça, estendidas protetoramente, as asas da Pomba... assim podeis imaginá-lo, poderoso, senhoril, invencível, inatingível, força de Deus personificada, fulgor de Deus que tomou forma: Parsival, o Filho da Luz, no espiritual primordial, no ápice da Criação! *O portal puro* que se abriu do Divino para a Criação, que conduz de Deus para o ser humano!
O nome Parsival tem, entre outros sentidos, o seguinte significado: *de Deus para o ser humano!* Ele é, portanto, o portal ou a ponte de Deus para o ser humano. Ele não é o *tolo puro*, mas sim o *portal puro da vida* para a Criação!”
[negritos e sublinhado nosso]

Também aqui em “*tolo puro*” (grifo acima), há um asterisco neste outro livro, com *nota de tradução* que diz: “*Trata-se aqui da palavra ‘Tor’. Conforme os pronomes utilizados. ‘Der’ ou ‘Das’, muda o significado. ‘Der reine Tor’ significa o tolo puro. ‘Das reine Tor’ significa o portal puro*” (mesma explicação que do seu outro livro “Respostas a Perguntas”).

Podemos observar nestes trechos, de ambos os livros de Bernhardt, as mudanças de sentido deste doutrinador. Na estória *original* que é francesa, Perceval é chamado de TOLO PURO e de tolo ingênuo. E o mais importante: no francês, não há o problema destes pronomes alemães, *das* e *der* de mudarem o significado de uma palavra. No original, *que é francês*, é simplesmente o “Tolo Puro”, ou seja, *Bête Pur*. Indicamos aqui novamente, que o escritor Bernhardt colheu suas informações do poeta alemão Richard Wagner, daí o seu “engano forçado”. Isso se deve obviamente, à sua própria origem alemã e fonte disponível. Nada de tão condenável nisso, a não ser pela *discreta* ofensa, talvez imperdoável, ao poeta francês original, nosso conhecido Chrétien de Troyes e seus continuadores franceses.

Mas também, ao poeta Wolfram von Eschenbach, Bernhardt deve desculpas. Eschenbach se refere claramente e sem enganos, no idioma de sua origem, o alemão, do mesmo modo que seu *colega* francês: “o tolo Parsifal”. Tal passagem do poema de Eschenbach se confirma, principalmente, quando Parsifal declara ao seu anfitrião:

“– Sou filho de um homem que, no desempenho do ideal cavaleiresco, perdeu a vida numa justa. Senhor, lembrai-vos dele bondosamente em vossas orações. Meu pai se chamava Gahmuret e, de origem, era angevino. Não sou Lahelin, senhor, embora também eu tenha pilhado um morto num tempo em que era ainda um pobre **tolo**. Sim, sou responsável por isso e confesso tal pecado”.

No poema de Eschenbach, vê-se ainda referências como: “E prosseguiu, em sua simplicidade” (p. 101); “Os cavaleiros começaram a irritar-se pelo fato de seu amo estar perdendo tempo com esse jovem tolo puro” (p. 101); e: “nosso herói tolo puro” também “simplório” (p. 125).

Também na ópera de Wagner aparece (em alemão) tal fato, sem “supostos” problemas de tradução de pronomes alemães, no “episódio em que Amfortas, num momento de fervorosa e profunda oração, vê surgir ante seu olhar a inscrição, em letras luminosas: ‘Sábio por compaixão, o inocente tolo. Espera por ele, pois a ele Eu escolhi’ ”, que mostra uma comunicação direta de Deus através de uma visão sobrenatural, e ainda, depois, quando “Gurnemanz diz: ‘Agora fica bem atento, e deixa-me ver, caso sejas um tolo e um puro, que conhecimento será dado a ti’. Deduzimos, portanto, que Gurnemanz supunha que aquele estranho poderia ser o ‘Inocente Tolo’, prometido por Deus a Amfortas, como seu Salvador”, e “enquanto fecham-se as cortinas do palco, ouve-se uma misteriosa voz feminina, como vinda do alto: ‘Sábio por compaixão, o inocente tolo’ ”¹⁹⁵.

Obviamente que este assunto não se resume apenas nisso. Oskar Bernhardt também precisava fundamentar e exaltar a sua posição de “Parsival Divino” e sua religião emergente. No caso, precisava mostrar que era o “Filho de Deus Parsival”, e nesse contexto, um “Tolo Puro” não se coadunaria com sua posição (sua pessoa), mas “o Portal Puro da vida para a Criação”, como ele afirma, sim! Foi uma exaltação audaciosa, “elevada” e grandiosa! Uma inteligente ideia condenar os pronomes alemães, sem dúvida.

Perceval *foi criado* por Chrétien de Troyes como sendo um “cavaleiro errante”, cuja principal característica é a sua *inocência* e imaturidade com as coisas da vida. Inocência esta, que se transformou no arquétipo de Perceval! O arquétipo do tolo. Chrétien contrastou tal tolice ou inocência diretamente com o inverso: “a sabedoria”. Sabedoria que o jovem Perceval *carecia* no início de suas descobertas do mundo exterior, quando ele deixou sua mãe atrás de si desfalecida, juntamente com sua infância, e rumou em direção ao ideal da Cavalaria e para aventuras que se mostraram a ele dali pra frente...

Continuando, temos as menções de outro livro das doutrinas graalistas (literatura correlata), chamado “A Vida de Abdruschin”, escrito por um adepto anônimo de Bernhardt em Vomperberg, que qualifica Bernhardt-Abdruschin-Parsival como Filho de Deus e o protetor do Graal divino. Neste livro é relatada a estória de um príncipe árabe chamado “Abdruschin” que já

“...abre-se o portal do Burgo. Acompanhado de inúmeros seres agraciados ingressa o Rei Parsival em Sua sala, o Rei Parsival! Abdruschin! Seu Senhor e Soberano! [p. 176]”
“Pausadamente respondeu-lhe Ismael:
– Tu és filho de Deus Todo-Poderoso!
Abdruschin silenciou por longo tempo. Depois, fitando Ismael, disse-lhe simplesmente:
– É verdade, eu o sou!¹⁹⁷ [p. 191]”
“– Meu filho Abdruschin! Tu, que me nasceste da Luz! Em ti jaz Parsival, o Santo Guarda do Graal, que surgiu de Imanuel, o filho extragênito de Deus! [p. 219]”
“...[Ismael] vê o Senhor do Mundo: Abdruschin! Que encerra em si o Espírito de Deus e restituirá a paz à Terra. [p. 239]”
“Com os braços cruzados, longamente permaneceu o vidente diante do túmulo de Abdruschin o soberano dos árabes, a encarnação da Palavra de Deus! [p. 254]”

Bernhardt também escreve que todas as doutrinas antigas “*conduziam originariamente em linha reta para a Verdade que encontrais na Mensagem. Já naquele tempo tudo convergia em direção à época do Juízo Final. Os portadores de cada uma das doutrinas eram preparadores do caminho para a própria Palavra da Verdade*”. E: “*Vemos hoje também as doutrinas de todos aqueles sábios, como Krischna, Zoroaster, Lao-Tse, Buddha e Maomé, apresentadas numa forma completamente estranha e, dessa maneira, também de conteúdo diverso daquele dado outrora pelos próprios anunciadores*”.

Há ainda mais tres livros da literatura graalita correlata, que quero citar e que colocam os importantes ícones destas doutrinas antigas (que Bernhardt cita acima), como “discípulos” e “servos” de Perceval e do Graal. As citações seguem a seguinte ordem: a primeira fala de Buda (do livro “Buddha”), a segunda fala de Krischna (do livro “Ecos de Eras Longínquas”, primeiro capítulo, edição esgotada) e a terceira fala de Maria Madalena (do livro “Os Apóstolos de Jesus”, primeiro capítulo). Estas Obras graalitas anônimas são descritas no início de cada livro como “recebidas por inspiração especial”.

“Recebido por inspiração especial” quer dizer algo escrito provindo de um autor que se considera portador de dons de vidência ou mediunidade. Fato é que em seu círculo íntimo na “Montanha da Salvação”, Bernhardt-Parsival estava rodeado de pessoas que se consideravam videntes, clividentes e médiuns.

Vejamos primeiramente o trecho que fala de Buda (Gáutama):

“(...) Ali estava, pois, Gáutama com as costas amparadas na pedra, de mãos postas, olhando pela fenda da cortina, contemplativo, em oração.
Imperceptíveis, suavemente, vultos luminosos surgiram atrás dele. Não os viu. Em vez disso, enxergou raios luminosos que vinham de cima, como uma chuva de ouro. Nos primeiros momentos, eram apenas tres raios, que pareciam vir a seu encontro, depois outros, muitos outros, cada vez mais numerosos.
Em seguida, sons harmoniosos se fizeram ouvir, sons terníssimos, delicados, suaves, e depois tonitruantes, tão cheios de júbilo, que faziam palpar agitado seu coração, como se fosse estalar dentro do peito. Ondas coloridas começaram a fluir, de cima para baixo, prenunciando extraordinária revelação.
O quadro que ele já havia contemplado de outra vez, se mostrava de novo, porém não mais como quadro. O pórtico foi vivificado de toda a sorte de vibrações. Ardente, luminosa, a **taça** estava sobre o altar. Enteis se aproximavam.
A alma de Gáutama sentia conexão com tudo aquilo. Num ímpeto teve o desejo de se achar no meio dos outros. De leve, sem que ele mesmo tivesse consciência disso, sua alma se viu suspensa e, num transbordamento de sentimentos, gaguejava palavras, nomes seus conhecidos, de que Gáutama nada sabia, no corpo terreno.
Em cima, pareceu que uma cortina de ouro era afastada para um lado. Ressoaram acordes magníficos, solenes, cheios de unção e, por detrás da cortina, surgiu Alguém que tomou a **taça** nas mãos. Sua vestidura era branca, prateados os cachos da cabeleira, os olhos como que irradiando fogo.
‘Parsival, rei meu e meu Senhor!’ exultou, assim, a alma de Gáutama.
‘Inconsciente eu te servia. Tu, sim, Tu és o centro de convergência de todos os círculos e de todos os acontecimentos. Tu és a sagrada Vontade de Deus, a sagrada Vontade do Teu eterno Pai!’
A grande e augusta revelação foi ainda a última graça que lhe concedeu seu Deus. Exultando, a sua alma pôde recebê-la, liberta, enfim, de toda ansiedade, convicta da eterna, imperecível Verdade. (...)”
[negritos nossos]

Depois temos o trecho que fala de uma vivência de Krischna em “Ecos de Eras Longínquas”:

“(...) E nessa ocasião apareceu novamente diante de sua vista ofuscada [de Krischna] a sublime mulher com a coroa de estrelas.
‘Elisabeth!’ soavam doces sons de sinos em seu espírito. Ele não sabia se isso fora transmitido por anjos de cima. Esse era o nome dela?
‘Vê meu filho!’ assim dizia a voz. O céu abria-se, e numa abundante afluência a Luz carregava luminoso cavaleiro para baixo. Ele portava uma coroa. O rosto, emoldurado por cabelos encaracolados com branca irradiação, era de um belo jovem. Na mão ele segurava

uma espada com o cabo em forma de cruz. No seu cinto estava gravada a palavra Parsival.

Krischna ajoelhou-se, com a cabeça inclinada e com as mãos cruzadas sobre o peito.

‘Este é a quem tu serves!’ disse Elisabeth.

Nesse instante Krischna percebeu uma Chama Branca irradiando da cabeça dele, que resplandecia alto, e trazia uma ligação de irradiações que ele não pôde seguir.

Chamas Brancas saíam de **Parsival**, de um branco ofuscante, fluindo de cima para dentro dele.

‘Onde estou?’ murmurava Krischna.

‘**No Santo Graal!**’ foi a resposta.

‘Teu espírito sagrado iluminou-se; eu te conheço, Senhor, agora sei que tu vens de Deus.’

E **Parsival** colocou a luminosa ponta da sua espada sobre a cabeça de Krischna.

Envolto na chamejante Luz da espada, Krischna tomou o caminho de regresso através das esferas.

‘Agora eu sei a quem sirvo por toda a eternidade. Esse é **Parsival**, que subjugará Lúcifer.’ Assim falou Krischna, já sabendo de antemão aquilo que um dia teria de se cumprir.

Essas sagradas vivências, que constituíam a verdadeira vida de Krischna, tomavam a menor parte do tempo da sua existência. Ela estava repleta de trabalho, inquietação e perigo, preenchida pelas lutas constantes. (...)”

Por último, no capítulo “Maria Madalena” do livro “Os Apóstolos de Jesus”, vemos a estória da seguidora de Jesus nazareno, chamada Maria Madalena (Maria de Magdala), onde é relatada a ocorrência de um episódio com ela, logo após o sepultamento de Jesus, e que nos chama a atenção para o mito do Graal. Neste episódio, pode-se ler que Maria Madalena está sofrendo muito com a morte de Jesus, e inconsolada, procurou ficar só até se acalmar, e então, um anjo do céu veio até ela e lhe disse as seguintes palavras para consolá-la:

“Cobriu-se o **Santo Graal** até o terceiro dia. Então reverás o Senhor no círculo dos seus. Tu, porém, vem e ora pela manhã neste local!”

Este trecho reproduz, de um modo distinto, a passagem bíblica de Mateus 28, Marcos 16, Lucas 24 e João 20, com o acréscimo do “Graal”. É como uma ligação entre Jesus Cristo e o fato ocorrido de sua crucificação, com o “Santo Graal Celeste” nas proximidades de Deus-Pai. Ou seja, o Santo Graal Celeste estaria “ciente” do que aconteceu a Jesus Cristo na Terra e ficou numa espécie de “luto celeste”, por isso “cobriu-se o Santo Graal até o terceiro dia...”. E após isso, espera-se no texto, que Jesus apareça novamente aos discípulos, confirmando a sua ressurreição dos mortos.

Depois, há uma narração interessante, onde a alma de Maria Madalena peregrina qual sonho, até um lugar supostamente especial no céu. Tão especial quanto a própria Maria Madalena, que é colocada num *alto pedestal* para ter acesso à “tamanha dádiva”.

As doutrinas do Graal e seu suposto Salvador, ensinam aos seus seguidores que o ser humano deve se esforçar em se aperfeiçoar espiritualmente, por meio dos ensinamentos que as doutrinas professam, assimilando os ensinamentos até atingir uma suposta “perfeição” aqui na Terra, para então, depois, se o adepto “merecer”, “escapar” da gravidade terrestre com a sua morte, e “flutuar” até um lugar no céu que as doutrinas identificam como o “Paraíso dos seres humanos que se desenvolveram”. Obviamente, o tal Paraíso ficaria num lugar mais próximo ao Deus-Criador do que a Terra, e portanto, num lugar perfeito, sem pecados e sem maldade.

Acompanhemos Maria Madalena nessa escalada celeste e descubramos a importância com que o Graal divino se apresenta a ela em sua “visão”, até ela chegar ao Salão do Templo Celeste do Graal. E ainda, a sua própria vivência com o Jesus morto e ressuscitado e com Imanuel-Parsival. O trecho é o seguinte:

“A força do Espírito Santo elevou Maria Madalena a alturas luminosas. Parecia-lhe que acordara numa luminosa planície de nuvens, para uma nova vida. Em fulgurante correnteza de Luz, comparável à mais pura água em clareza e força, borbulhavam vivos germes de Luz descendo para a matéria, que ela no voo ascendente havia deixado muito longe atrás de si, enquanto ainda continuava a se esforçar para cima, adiantando-se, sem parar na beira da correnteza viva, degrau por degrau cada vez mais alto. (...)”

“(...) Ela viu um enorme salão. Imensuravelmente amplo era esse salão; colunas luminosas sustentavam os arcos de enormes cúpulas. Maravilhosamente fluía Luz transparente, em largas correntezas, do lugar mais alto, o qual ela apenas lentamente conseguia divisar de longe, e do qual ela se aproximava constantemente. Degraus levavam para cima até uma mesa branca. Atrás dela estava erigido um trono luminoso, de ouro. De modo estranho e surpreso, contudo alegre como se chegasse na pátria, sentia-se ela em seu espírito.

‘Eu sou, desde a eternidade, o início e o fim!’

Assim sussurrava, soava e bramia na flutuante Luz em sua volta.

O que era isso? Era a voz do Filho divino que ela escutara bem-aventuradamente tantas vezes? Era a voz de outro, de um personagem elevado, de um príncipe, que soava parecido ao seu espírito. Onde tinha sido isso? (...)”

“ ‘Eu sou a vontade de Deus!’, soou de cima. ‘Eu espalho as minhas sementes na matéria. A ti, chama de espírito, dei a força para a ascensão. Utiliza-a para que anuncies a grandeza da magnificência de Deus!’ (...)”

“ ‘Para o cumprimento de tua missão, espírito humano, peregrina e vivência o que te é destinado desde os primórdios. Vê o circular da força viva e a esfera divina.’

Círculos de radiações formavam uma taça, pela qual descia a força. Figuras luminosas, iguais a anjos, guardavam-na, circundando a coluna da força, através da qual subia e descia o divinal.

Aí estava a Pomba Sagrada! Ela descia, pairando no círculo dos anciãos eternos. Aí estava também a Luz do Filho de Deus, Jesus, subindo cada vez mais alto, mais distante, unindo-se por fim no mar de claridade que se estendia, alargando-se e aprofundando-se.

Sem início, sem fim, circulava a Luz, mais luminosa, mais poderosa do que um sol.

‘Eu e o Pai somos uno!’, soou a voz de Jesus acima do espírito humano.

Depois ecoou, igual a um trovão, uma poderosa voz no Universo:

‘Vê Minha vontade, a qual enviarei como Juiz sobre os justos e os injustos. Ele se chama Imanuel!’

Envolto em chamas brancas saiu ele da fonte de Luz, ofuscante como um raio, afiado como uma espada, poderoso como um anjo de ira, e sobre sua cabeça as asas da Pomba Sagrada.

Ele desceu através do Santo Graal. O cantar da Luz soava nos jardins de Deus como um hino de júbilo. Diante dele estendia-se Luz rósea. Do seu lado direito saiu uma rosa; aos pés dele florescia a flor do lírio, e ele mesmo parecia um rei.

Os cavaleiros e mulheres, os espíritos bem-aventurados proferiam jubilosamente uma palavra. Era o nome: ‘PARSIVAL’.

Véus rosados e luminosos fluíam sobre o Supremo Templo radiante.

Descendo, o agraciado espírito humano iniciou sua volta à matéria, cheio de gratidão. Como um sonho ficou a recordação.

Isso aconteceu à mulher terrena Madalena.”

Podemos observar nestas linhas, que o Graal e Perceval são focados como o mais divino e grandioso que há no céu concebível do autor. No caso da narrativa sobre Maria Madalena, tenta-se demonstrar que o personagem Maria Madalena, por meio de sua visão das “alturas luminosas”, traz uma espécie de esperança e conforto para a Humanidade devido à morte de Jesus Cristo.

Nesse lugar no céu, figuras luminosas qual anjos, guardam a taça do Graal, e os espíritos bem-aventurados ainda podem ficar próximos daquele que consideram o mais grandioso que o seu Deus criou: “Parsival, o rei do Graal”.

Os diversos livros publicados pelas doutrinas do Graal, fundamentadas em Oskar Bernhardt, apontam e fundamentam “mediunicamente” o conhecimento de Parsival ao longo da História da Humanidade e nas diversas civilizações antigas. E Parsival é o herói de todas estas Obras! Tais títulos tinham como objetivo criar, através de romances, a saga mitológica pós-fabricada do Graal e do suposto “Filho do Homem” Oskar Bernhardt, o Parsival do século XX, como parte da “História da Humanidade” e assim produzir uma filiação com o passado longínquo. No caso do envolvimento literário do Graal e Parsival com civilizações do passado, a doutrina do Graal não é única. É o mesmo que aconteceu com a história da maçonaria, que procurou filiação no passado remoto, como forma de legitimar sua existência¹⁹⁸. Portanto, foi uma ideia tirada da maçonaria. Como o próprio Bernhardt era herdeiro espiritual da maçonaria, então nada mais natural haver semelhanças em ambas as doutrinas e aspirações.

Isto é a prova de que as doutrinas religiosas estão em constante desenvolvimento, tanto quanto as Obras literárias mundiais, acompanhando sempre a evolução da consciência humana que toma formas mais exigentes a cada geração e se modernizam, devido aos novos tempos que chegam e às tecnologias que avançam. Se as doutrinas não acompanharem o desenvolvimento de sua época e de seu povo, modernizando-se, ficam deliberadamente condenadas à extinção mais cedo ou mais tarde.

Meu amigo Lauro P. Appel, um profundo conhecedor da doutrina do Graal, também já externou em palavras a epopeia escrita da crença graalita de Oskar Bernhardt ao longo da História humana:

“O fenômeno religioso que se formou em torno da Mensagem do Graal e de seu autor talvez seja mesmo único no mundo, pois a falta de um contexto incontroverso que servisse como pano de fundo para dar vivacidade e sustentação à figura mítica do Filho do Homem (que nada mais é do que a incorporação cavaleiresca e religiosa do ‘super-homem’ idealizado por Nietzsche) não representou na verdade *qualquer* empecilho. Pois simplesmente *toda* a história religiosa do mundo foi *arbitrariamente reescrita*, a fim de corroborar e dar sustentação à saga *auto-criada* do Filho do Homem, incorporado, é claro, em Oskar Bernhardt.

Assim, Buda, Lao-Tse, Maomé, Krischna, Moisés, bem como *todas* as demais personalidades famosas do passado serviam agora, de um momento para o outro, para dar testemunho e validação à saga do Graal, anunciando tonitruantemente a encarnação de Oskar Bernhardt [Parsival], o ‘Filho do Homem’, o ‘Juiz do Mundo’.”

[colchetes nossos]

E o que dizer do significado e origem do nome literário “Perceval”? Decerto não é o mesmo significado teológico que Bernhardt lhe deu:

“O nome Parsival tem, entre outros sentidos, o seguinte significado: de Deus para o ser humano!”

[negritos nossos]

O nome Perceval provém da soma de duas palavras do francês antigo: “*percer*” (atravessar, varar, penetrar) e “*val*” (vale). “*Percer val*” é, portanto, “aquele que atravessa o vale”. Chrétien criou o nome próprio “Perceval”, de acordo com aquilo que condizia com sua visão e inspiração na estória que escrevera. E para ele, Arnaldo II preenchia esses requisistos.

O nome “Perceval” também pode ter origem no idioma árabe. Neste idioma existem duas possibilidades: *faris-al-fal*, que significa “Cavaleiro de bom agouro”, ou *Parsi* que significa “puro, inocente, imaculado”, somado a *Fal* que é tolo, néscio, estúpido. Ambas possibilidades são muito sugestivas para as características do personagem de Chrétien. Lembremos que devido às Cruzadas, a cultura árabe era muito presente nas mentes europeias.

Wolfram von Eschenbach também escreve sobre o significado do nome Perceval (Parsifal): “*aquele que passou pelo meio*”, numa mesma alusão de significado que o de Chrétien. Esse significado possui conotação psicológica no cenário construído pelo autor em seu poema. Wolfram explica tal fato pela boca da jovem Sigune, prima de Parzifal:

“Tal fato se deu porque tua mãe foi tão fiel que o grande amor lhe abriu **um sulco** no coração, já que teu pai a havia deixado só e prostrada na dor. Eu não te conto isso para demonstrar conhecimento. Tua mãe é irmã da minha, e por isso posso revelar-te sem rodeios a verdade sobre tua origem. (...) [p. 110]¹⁹⁹”
[negrito nosso]

Nossa opinião particular, é que o nome *Perceval* é um amalgamento de todas essas possibilidades, pois todas elas eram sugestivas o bastante e também faziam parte do material inspiracional do poeta...

Falando um pouco mais sobre a doutrina de Oskar Bernhardt e suas similaridades com a lenda do Graal e os poemas do Graal, havia na casa de hóspedes da propriedade dele, na montanha do Graal, um texto seu, fixado numa das paredes, dizendo: “Vós vos encontrais na Montanha da Salvação. O Olho do Senhor repousa sobre vós! (...)”. “Montanha da Savação” aqui e em outros textos dele, é outra similaridade com o poema de Wolfram von Eschenbach, onde aparece a Montanha do Graal “Munsalvaeche” (Montsalvat, “Montanha da Salvação”).

Entre os adeptos do Graal, este lugar na Áustria é popularmente referido como “a Montanha”. Já a própria propriedade de Bernhardt e sua família foi registrada na comarca de Schwaz/Tirol com o nome “Elevação do Graal” (*Gralshöhe*). Já sua casa na propriedade, era referida como “Casa do Graal” (*Gralshaus*).

No templo da propriedade do Graal em Vomperberg, também chamado de Templo do Graal, eram realizadas devoções dominicais e tres festas anuais. À direita do primeiro degrau do seu altar interno, estava fixado um púlpito de oratória onde Parsival-Bernhardt redigia as ocasiões religiosas vestido com hábito branco e uma capa violeta decorada com uma flor de lótus nas costas.

Diversos símbolos eram utilizados neste Templo do Graal: no altar havia um cálice vermelho simbolizando o Graal Celeste e uma espada curva conhecida como “a espada de Parsival”, que até 1936 era mantida dentro da bainha, mas que após esta data foi mantida sacada da bainha, como sinal do Juízo divino em andamento. Em seus escritos Bernhardt explicou sobre a simbologia desta espada do altar:

“Eu, Imanuel, venho e seguro o que é de meu Pai! Eu examino o espírito e julgo o pecado, castigo a alma e flagelo o corpo! Eu estou no Pai e simultaneamente **sou também Sua sagrada e julgadora espada na Terra!** O Pai está dentro de mim e, contudo, permanece nas distâncias do eterno infinito! Eu estou e permaneço eternamente no Pai, e atuo a partir Dele, o Sacrossanto, Sempiterno, Único, pois o Pai e eu somos Um só!”
[negrito nosso]

(O.Q.H.P., *dissert. “Natal! – 1934”*)

Também havia no altar do Templo do Graal o “Olho de Deus”, uma variante do místico “Olho de Hórus”²⁰⁰, bordado sobre um grande pano verde fixado numa cortina branca no fundo do altar, e ainda, a cruz isósceles símbolo da doutrina graalita, atrás do altar.

Essa cruz isósceles tornou-se uma espécie de insígnia para cada membro do Graal portar (sendo de prata, de ouro, ou de ouro com pedra preciosa). Elas são em forma de broche para os homens e usadas do lado esquerdo do peito (próximo ao coração), e para as mulheres como pingente para colar.

Também há o símbolo místico do “ouróboro”, que é uma cobra ou serpente “mordendo a própria cauda”, que significa “infinito” e “conscientização”.

Outro símbolo graalita usado pela seita de Bernhardt é a mesma cruz isósceles já citada, mas com uma rosa vermelha no seu centro, simbolizando o “amor de Deus”. Tradicionalmente, porém, o símbolo da cruz com uma rosa ao centro, simboliza a unificação da natureza com a Ordem Divina, usado principalmente pelos rosacruz (no Oriente usa-se a flor do lótus no lugar da rosa). Os símbolos maçônicos e rosacruz que Bernhardt já conhecia, ele aproveitou para a sua seita, mas com pequenas modificações próprias nos desenhos, para diferenciá-los dos símbolos da maçonaria e dos rosacruz tradicionais²⁰¹.

Bernhardt utilizava tais símbolos como identificação e também usava-os estampados nas capas de seus livros pessoais e da literatura correlata. Fato esse também herdado pelos seus continuadores herdeiros.

Com o passar dos anos, Bernhardt enfrentou diversos processos judiciais e a Imprensa do Tirol. Um destes processos era sobre uma dissertação que ele havia publicado, primeiramente sob o título “Natal – 1932” e que foi alterada no seu conteúdo posteriormente, devido ao processo, recebendo outro nome: “A Estrela de Belém”. Tal ocorrido se deveu ao fato de que, pouco depois de sua primeira publicação, um ex-adepto de Bernhardt levou uma cópia dela a um abade de um mosteiro próximo (Fiecht), que, scandalizado com o teor da mesma, fez uma queixa formal em Viena junto às autoridades, o que fez com que o tribunal de Innsbruck, no Tirol, assumisse o caso e processasse Oskar Bernhardt. A dissertação de Bernhardt rebaixava de forma obscena a mãe de Deus, *segundo* o abade. Esta dissertação dizia que Jesus havia sido fruto de uma relação da Virgem Maria com um capitão romano, e que somente tempos depois o carpinteiro José havia tomado Maria como sua esposa para protegê-la da vergonha da sociedade de então, pois José a amava.

Em 12 de março de 1938, às 5 horas da manhã, aconteceu a ocupação da Áustria pelas forças nazistas que a anexaram à Alemanha. No mesmo dia de tarde, Bernhardt foi preso pelo pessoal da SS por “motivos políticos”, sendo levado para o presídio policial na capital do Tirol, Innsbruck. A acusação era de “*colocar em perigo, pelo seu comportamento, a existência e a segurança do povo e do Estado*”.

Bernhardt foi colocado na mesma cela que o governador do Tirol e outros indivíduos. O seu advogado, Dr. Polaczek, tentou libertá-lo da prisão mas não conseguiu. Em seguida instalou-se uma desmedida confusão entre os habitantes da Colônia do Graal. Esta, acabou confiscada pelos nazistas e transformada em escola de treinamento do partido nazista, sendo os seus habitantes expulsos de lá.

Tais notícias se espalharam rapidamente em todo o Tirol. A venda dos livros de Bernhardt ficou proibida no país, assim como visitas de adeptos na prisão. A grande maioria do povo austríaco, no entanto, acolheu com entusiasmo as tropas nazistas. Não houve nenhuma resistência, nem um só tiro disparado. Aclamações nas ruas eram vistas, juntamente com acenos alegres e tremulações de bandeiras nazistas.

Em menos de um mês após a ocupação, a reunificação da Áustria foi legalizada mediante um plebiscito em 10 de abril, com uma maioria de 99,71% dos votos. Pareciam tornar-se realidade as ambições de unificação de Hitler para formar uma “Grande Alemanha”, pois Hitler queria fundar a “Nova Ordem Mundial”²⁰².

Na prisão, Bernhardt passou por incessantes interrogatórios e só foi solto seis meses depois de sua prisão, em 19 de setembro de 1938. Sua soltura foi possível devido ao empenho de Hellmuth Müller, um discípulo seu. Bernhardt continuou, no entanto, impedido de defender em público seus ensinamentos e doutrina. Em 1939, iniciou-se a Segunda Guerra Mundial, e durante a guerra, Bernhardt dissolveu toda e qualquer organização do *Movimento do Graal*, atendendo as exigências das autoridades. Foi o fim do Movimento do Graal em todos os lugares. Foi a derrocada de Parsival-Bernhardt-Abdruschin, assim como de seu Movimento.

Seus adeptos, inconformados com a sorte de seu messias, divulgavam entre si que tal desgraça ocorrera “...uma vez que Abdruschin, na qualidade de propagador da verdade, era, naturalmente, temido”.

Oskar Bernhardt veio a falecer com 66 anos de idade, em 6 de dezembro de 1941, em seu último reduto na cidade de Kipsdorf, Erzgebirge (Saxônia, Alemanha). Segundo a crença de seus adeptos graalistas, após a sua morte, ele ressuscitou espiritualmente dos mortos, subindo aos céus para o Templo Celeste do Graal, seu antigo lar. Oskar Bernhardt morreu devido a complicações em seu estado de saúde (“padecimentos físicos e morais”).

Em 1945, após a Grande Guerra, a antiga propriedade de Oskar Bernhardt foi devolvida pelas autoridades militares, americanas e francesas, para a sua esposa e herdeira legal Maria Freyer Bernhardt. Os Aliados também outorgaram liberdade de crença e de culto no país. Era uma situação nova e inesperada para Maria Bernhardt.

Ela então se empenhou dali em diante, em tentar reconstruir e reativar o que fora desmantelado pelos exércitos nazistas, americanos e franceses, que haviam ocupado a Montanha da Salvação até então. O mais rápido possível, ela teve de “ajeitar” suas coisas e reconstruir sua vida, após o fracasso de seu marido em edificar o Reino de Deus na Terra.

Para Oskar Bernhardt, o fim previsto devia ter chegado rapidamente, e com ele, os novos tempos. Mas não aconteceu assim como *ele previra* e o Movimento do Graal tinha agora de ser reorganizado para sobreviver, e junto com ele, a própria Maria Bernhardt. Ela retornou com sua família e alguns antigos moradores para Vomperberg em setembro de 1945.

Alguém precisava assumir o comando. Após o caos, novas orientações se faziam necessárias. O fato de que Oskar Bernhardt tinha dissolvido toda e qualquer organização do Movimento do Graal, já não importava mais, pois ele havia morrido e sua vontade não estava mais presente. Com novas perspectivas e motivações, Maria Bernhardt tornou-se a “herdeira e líder universal do Graal”, com os direitos autorais e editoriais de todos os livros do marido. Novamente, antigos membros da Colônia do Graal, dispersos com a Segunda Guerra Mundial, se reagruparam na Montanha do Graal à espera de novos tempos para a sua fé.

Em 29 de dezembro de 1945, Maria Bernhardt abriu a primeira solenidade do Graal depois de todos aqueles anos impedidos. Para tal ocasião, ela disse aos adeptos reunidos no Templo do Graal: “Eu me encontro agora diante de vós para, em nome de Imanuel, concluir a Sua obra juntamente com Irmgard²⁰³”.

Em fevereiro de 1947, Maria Bernhardt recebeu sua almejada cidadania austríaca.

Depois que Bernhardt-Parsival saiu de cena, um novo modelo de orientação precisou ser imaginado para garantir a sobrevivência do Movimento graalita a longo prazo. Novas lideranças precisavam ser eleitas para cuidar da supervisão espiritual e da disciplina dos subordinados. Surgiu assim o “Movimento Internacional do Graal”. Novos discípulos e apóstolos foram consagrados, e no que tange ao conteúdo divino da “palavra sagrada”, necessitava-se que apenas “ensinamentos corretos” fossem passados adiante. Maria Bernhardt fez isso, no contexto dessa nova situação e editou uma nova edição póstuma da “Mensagem do Graal” do marido, em 1949. O novo livro foi dividido em três volumes, e, diferente do anterior, apresentava *mudanças de conteúdo* e supressões, adaptados à época e às novas circunstâncias dos acontecimentos. O novo livro também veio com mudanças na ordem numerada do sumário e na quantidade de dissertações.

Maria Bernhardt e os seus mais próximos reinterpretaram os livros de Oskar Bernhardt à luz de suas próprias situações, preocupações, necessidades, crenças, práticas e valores.

A edição anterior do livro Na Luz da Verdade, Mensagem do Graal, de 1931, foi eliminada e removida de circulação. Foi assim que surgiu o “novo” Movimento do Graal, agora “Movimento Internacional do Graal” (*Grals-Verwaltung*).

No final, a nova forma da Mensagem do Graal de Maria Bernhardt, tinha a mesma autoridade da antiga Mensagem do marido. Mas a Mensagem de Maria Bernhardt não era a mesma Mensagem de Oskar Bernhardt, pois ele tinha vivido em outro contexto²⁰⁴.

Maria Bernhardt também investiu na tradução das Obras *renovadas* do marido, para outros idiomas. Surgiram novos adeptos²⁰⁵ na Suíça, Alemanha, Países Baixos, Canadá, Estados Unidos, Nigéria, Zaire e Brasil.

Em 1952, um novo templo de devoções foi construído em Vomperberg, com capacidade para 1500 pessoas.

Maria Bernhardt veio a falecer em 19 de dezembro de 1957. Após o seu ministério, a direção do Movimento do Graal de Vomperberg passou para o seu filho Alexander (1911-1968) e depois dele para a sua irmã Irmgard (07/09/1908-1990) e mais recentemente para os herdeiros desta.

Com o passar do tempo, uma guerra religiosa se formou (desde o falecimento de Maria Bernhardt), como já é hábito nas diversas crenças humanas pelo mundo, o que fez surgir grupos graalistas dissidentes em vários países. Como *exemplos*, temos a “Ordem do Graal na Terra” no Brasil²⁰⁶ e a Fundação da Mensagem do Graal²⁰⁷ (*Stiftung Gralsbotschaft*) em Stuttgart, Alemanha, ligada à congregação “Livreria do Graal” no Brasil. Há também um novo grupo graalita de atuação forte a partir do Brasil, mas sem nome específico a não ser “Equipe dos Sites”, que atua principalmente através da *web*, esforçando-se em divulgar a Obra original de Oskar Bernhardt de 1931, sem as *adultrações* sofridas²⁰⁸. Recentemente, também grupos graalistas do continente africano tem se esforçado em buscar sua própria autonomia.

Todo aquele que é adepto da doutrina do Graal, pode facilmente encontrar no *Perceval* de Chrétien e *principalmente* no *Parsifal* de Wolfram, as raízes da crença graalita na forma original e primitiva, sem enigmas. “O como disso” ou “o porque daquilo”, são fáceis de visualizar, basta comparar e pesquisar. Muitos pontos da doutrina do Graal de Parsival-Bernhardt,

poderiam ser ligados a pontos equivalentes da Obra *Parsifal* de Wolfram von Eschenbach principalmente. Isso, sem contar também com a Bíblia Católica, tão presente em suas ideias, messianismo e personagens.

O cristianismo, assim como outras antigas religiões, começaram primeiramente como cultos locais, antes de se espalharem. Alguns sobreviveram enquanto outros se extinguíram. Aqueles que sobreviveram, somente o conseguiram porque foram sendo moldados pela evolução, transformando-se em sistemas mais sofisticados conforme avançavam no tempo. Assim foi também com a religião do Graal, que apesar de insignificante, vem se moldando num sistema mais sofisticado, que tenta suprir lacunas, superar a Bíblia e a lenda do Graal, tentando se manter como “verdade divina” absoluta e mestra, aprimorando-se conforme avança no tempo. Nisso, não é em nada diferente das outras religiões e doutrinas que seguem seu próprio caminho nas diversas culturas mundiais.

11.6 – ROSELIS VON SASS

Chegamos agora à escritora austríaca Roselis von Sass (1906-1997), adepta e contemporânea de Oskar Ernst Bernhardt. Ela foi fundadora de uma Ordem filosófica no Brasil, em 1958, de nome “Ordem do Graal na Terra”, que até hoje segue divulgando a filosofia graalita de Bernhardt tratada no tópico anterior.

O Graal seguiu na Ordem do Graal na Terra, inicialmente, o mesmo rumo do “Graal-religião-profecia” herdado de Maria Freyer Bernhardt, a viúva de Oskar Bernhardt. Antes porém, de chegar a este ponto, o Graal no Brasil já existia, e seguia as diretrizes de Oskar Bernhardt da Áustria. Roselis von Sass era inicialmente ligada ao Movimento do Graal no Brasil, antes da Segunda Guerra Mundial. Mas depois que Maria Bernhardt inaugurou o Novo Movimento do Graal herdado do marido, houve dissidentes como Roselis von Sass, que resolveu seguir um caminho próprio dentro da filosofia graalita. Caminho esse que veremos agora.

“Roselis von Sass” também tornou-se escritora, e escreveu alguns livros místicos que enfatizaram o Graal, Perceval (Parsival) e seu mentor Bernhardt-Abdruschin.

Roselis von Sass é seu nome de escritora, mas seu nome de nascimento era Rosa Elisabeth Fischer, e que depois, quando casada, tornou-se Rosa Elisabeth von Sass.

Nascida em Grundlsee, na Áustria, Rosa Elisabeth realizou seus estudos também na Áustria, até que seu pai Karl Fischer a trouxe para o Brasil em 1926, após se divorciar da mãe. No Brasil fixaram residência em São Paulo, capital.

A partir de então, Rosa Elisabeth estudou por conta própria ocultismo, astrologia, magia branca, rosa-cruz, espiritismo e a edição alemã de 1926 (de capa violeta) do livro “Na Luz da Verdade, Mensagem do Graal” de Oskar Bernhardt (Abdruschin).

Um dia, Rosa Elisabeth teve uma “visão sobrenatural”, onde viu um rei guarani, descendente dos toltecas, se apresentar diante dela, dizendo que dali em diante ele zelaria por ela e pela *missão espiritual* que ela devia cumprir no Brasil, a partir daquele dia, acompanhada de um grupo de “auxiliadores invisíveis”. A tal “missão” dizia que ela devia trabalhar com afinco pela divulgação da Obra Na Luz da Verdade, Mensagem do Graal, no Brasil.

Aqui no Brasil, Rosa Elisabeth conheceu e se casou com um engenheiro chamado Robert Rudolf Harry Baron von Sass.

Rosa Elisabeth passou a manter contato à distância com Oskar Bernhardt na Áustria, e este a consagrou oportunamente a “seu serviço espiritual no Brasil”. Desde 1934, já existia uma edição portuguesa do livro central da doutrina graalita de Bernhardt (N.L.V.).

Mas em 1938 ocorreu a dissolução do Movimento do Graal na Europa, pelos nazistas, logo que estes anexaram a Áustria à Alemanha, e em seguida o falecimento de Abdruschin (1941).

Após a Segunda Guerra Mundial, Maria Freyer Bernhardt desenvolveu um novo Movimento do Graal em Vomperberg (Áustria). Já no Brasil, a discípula e mais tarde “apóstola” Rosa Elisabeth, juntamente com seu marido e outro adepto do Graal chamado Walter Karl August Brauning, ativaram o que chamaram de “Movimento do Graal no Brasil”.

Em 1947, logo após Rosa Elisabeth receber uma procuração de Maria Bernhardt, através de Walter Brauning que retornara de uma viagem à Montanha da Salvação (Vomperberg), os tres amigos fundaram “O Santo Graal Congregação Brasileira”. Rosa Elisabeth se tornaria posteriormente a diretora da entidade, com sede na cidade de Embu das Artes, São Paulo.

Em 1948 foi inaugurado um templo do Graal na sede do Embu, para atender aos membros afiliados em suas necessidades espirituais.

Maria Bernhardt faleceu em 1957, e O Santo Graal Congregação Brasileira se separou juridicamente da entidade da Áustria. Em 26 de junho de 1958, O Santo Graal Congregação Brasileira foi transformado em “Ordem do Graal na Terra”²⁰⁹, entidade filosófico-religioso-espiritualista, baseada única e exclusivamente na Obra de Bernhardt (Abdruschin), *Na Luz da Verdade, Mensagem do Graal* edição em tres volumes e literatura correlata.

Esta Ordem filosófica também se firmou como Editora de seus livros e Rosa Elisabeth mandou publicar num informativo, que “*os objetivos da Ordem do Graal na Terra são estritamente espirituais. Não há funções filantrópicas ou de assistência social. Uma pessoa com sólida base espiritual, ligada novamente ao seu Criador, esforçar-se-á, por si própria, sem a ajuda alheia, para conseguir melhores condições de vida terrena. E isto é muito mais duradouro do que qualquer ajuda caridosa*”.

Rosa Elisabeth começou a afirmar para os seus adeptos e seguidores, que tinha o “dom de ver” o que havia acontecido na Terra durante os longos milênios passados. Ela acreditava que sua missão seria escrever livros sobre aquelas épocas para assim tornarem-se uma propaganda eficiente na divulgação das Obras filosóficas do escritor Oskar Bernhardt, chamado por ela de “meu Senhor”. Ela escreveu que os escritos de Bernhardt eram a “Palavra Viva”, e que “a liberdade espiritual, o ser humano somente poderia alcançar através da Mensagem do Graal de Abdruschin”.

Rosa Elisabeth passou a ser considerada “vidente” pelos seus seguidores, e seu primeiro livro é publicado em 1969. Chamou-se “O Livro do Juízo Final”. A partir daí, ela passou a assinar suas Obras com o nome literário “Roselis von Sass”.

Após alguns livros escritos, ela declarou ser a encarnação viva de algumas das personagens de suas Obras livrescas, como a primeira imperatriz do Brasil “Maria Leopoldina Habsburgo” e a lendária “rainha de Sabá Belkis” (Biltis), aquela que encantou o rei judeu Salomão (vide Bíblia 1 Reis 10:1-13 e 2 Crônicas 9:1-12).

O Graal apocalíptico continuava em frenética ascensão. No seu primeiro livro (O Livro do Juízo Final), Roselis von Sass anunciava uma nova data de um suposto Juízo Final (o “Fim dos Tempos”), prevendo o seu começo e fim já no capítulo I. Ali ela escreve que quando expirou o prazo de “desenvolvimento espiritual do ser humano”, o relógio do Universo deu um sinal, que fez começar ao mesmo tempo o Juízo Final. E que “quando isso aconteceu, contava-se na Terra o ano de ‘1929’ ”. E também, que “por volta do ano 2000 as tempestades do destino ter-se-ão acalmado, e um novo sol brilhará sobre a Terra purificada”. E Roselis especificou a duração desse suposto Juízo: “De 1929 até 2000!”.

No mesmo livro, no capítulo XXIV, chamado “O Grande Cometa, a Estrela do Juízo”, Roselis continua: “De acordo com todas as previsões chegará com o ano 2000 o fim do Juízo”.

Em abril de 1956, Roselis von Sass também havia afirmado num livreto chamado “Proteção da Luz sobre a Ancoragem da Palavra no Brasil”, que dentro da História da Humanidade “o que não se modificou foi a palavra sagrada e o ponto final do Juízo”, e que “todo o Brasil foi escolhido pela Luz para ser um ponto firme de ancoragem da Verdade; em todo o país, pois, têm de se formar pontos, dos quais possa ser divulgada a Mensagem do Graal”. E ainda, que “a maior parte dos seres humanos terrenos já está julgada e condenada. Condenada à morte espiritual!”, e que “somente poucos, serão os salvos”.

A apóstola vidente de Bernhardt, Roselis von Sass, também escreveu que “servir ao Graal é servir a Deus!”, e que “quem deseja servir verdadeiramente deve apoiar e estimular tudo o que procede da organização do Graal, indistintamente; quer se trate de edificação espiritual, da divulgação da Palavra, ou daqueles assuntos e misteres destinados a incrementar uma organização terrena. O verdadeiro servidor encontra-se sempre de prontidão. Com essa atitude demonstra sua fidelidade à Luz”, e “não vos esqueçais, em nenhum momento, a partir de agora, que sois subordinados ao Juízo Divino, que vos forçará a entrar no caminho certo, e, se não puderdes fazê-lo, sereis expelidos como fruto podre (...)”. “O ser humano persegue sonhos de felicidade que nunca poderão se realizar, ao invés de se livrar, com todas as suas energias, de todo o errado. Hoje ninguém tem direito à felicidade! Esse direito há muito se perdeu”.

Roselis também escreve, que um cometa gigantesco aparecerá no céu trazendo as últimas consequências do Juízo Final, juntamente com a dizimação da Humanidade condenada.

O Graal de Chrétien de Troyes se tornou algo assustador e também um círculo de fanatismos.

Após 27 anos de uso, o primeiro templo graalita no Embu foi demolido, por necessidade de mais espaço interno, sendo inaugurado um novo templo bem maior em 18 de abril de 1975, no mesmo local do anterior. Foi dado a este templo o nome de

“Templo da Verdade”, também conhecido como “Templo do Graal na Terra”.

Assim como Oskar Bernhardt, que indicou o início do Juízo Final em 1929, por causa do início da crise mundial da Grande Depressão e seus efeitos, Roselis von Sass também o fez, no entanto, ela teve de estender a data do *final* deste Juízo Divino para o ano 2000, uma época mais longe no tempo, ou seja, 31 anos à frente da primeira edição do seu livro “O Livro do Juízo Final”, que trazia esta profecia com as datas.

Sabemos que o ano 2000 já era na época da escritora (décadas de 1960 e 1970), um ano mundialmente apocalíptico em muitos círculos místicos, pois seria a virada de um milênio, e isso, por si só, criava uma superstição generalizada nas pessoas, portanto, não é de se espantar os anseios e a escolha do ano 2000. Mas no ano 2000, Roselis von Sass já havia falecido fazia 3 anos, e o Juízo Divino não veio...

Até a 11ª edição do Livro do Juízo Final, constava em seu conteúdo as datas destas previsões de Roselis von Sass, assim como aqui estão reproduzidas, mas já na edição seguinte, a 12ª de 2003, as datas foram *removidas*, não constam mais, logicamente porque já passamos da data prevista por esta vidente-escritora e nada aconteceu daquilo que ela previra, o que colocou em risco a sua reputação de vidente e a sua entidade do Graal. Algo tinha de ser feito para que a doutrina do Graal continuasse sobrevivendo.

Resumindo: Roselis von Sass acreditava que Oskar Bernhardt tinha ressuscitado espiritualmente dos mortos. Depois da publicação da *nova* Mensagem do Graal em tres volumes, ela, assim como outros graalistas apocalípticos, acreditavam que o fim estava próximo e que muito ainda tinha de ser feito para a salvação dos poucos seres humanos *merecedores* do novo Reino. O Reino de Deus não havia chegado ainda, mas estava quase chegando. As expectativas de Oskar Bernhardt (que deveriam ter se cumprido no tempo dele) logo se realizariam, e as promessas de Deus estavam para cumprir-se. Mas o momento da “libertação do mundo” não ocorreu...

Sim, os dons de vidência de Roselis von Sass haviam apontado a *nova* data do fim do Juízo Final. Mas logo veio a sua morte em 1997, e depois, suas previsões para o ano 2000 não aconteceram. Então, as datas apocalípticas tiveram de ser removidas de seus livros, pela nova direção herdeira da seita, para não comprometer a Ordem filosófica e sua reputação.

Deixando um pouco de lado este universo apocalíptico e devocional da escritora, apresentaremos algumas passagens mais interessantes de alguns livros de sua autoria, que giram em torno de nosso Perceval e do Graal. A primeira passagem que colocamos se encontra no livro “Atlântida. Princípio e Fim da Grande Tragédia”. Roselis escreve neste livro, sobre a suposta estória do fictício povo “atlante”, que teria habitado uma ilha chamada Atlântida²¹⁰ antes de tal ilha desaparecer do mapa, e de um êxodo supostamente responsável por colonizar a Europa ariana. A passagem que queremos mostrar aqui, está num trecho que fala sobre a estória daquele povo, sobre Perceval e sobre o Graal, onde vemos:

“(...) Eles veneravam, desde tempos primordiais, o onipotente Criador que havia criado o Universo. O Onipotente, que vivia em distâncias inimagináveis, havia naturalmente nomeado um substituto que governava o mundo em Seu nome, mas que ao mesmo tempo era senhor e rei de todos os espíritos no mundo. Esse sublime e sagrado Espírito chamava-se Parsival. Seu signo era também a cruz²¹¹. Parsival, porém, guardava também, por ordem do Onipotente, o cálice que continha o mistério da vida. Esse cálice era chamado ‘Heliand’⁽²¹²⁾. Os antepassados haviam recebido a notícia sobre Parsival e o cálice Heliand através da filha de um rei, que falecera muito jovem. Ela chamava-se Kundri. Segundo suas declarações, fora enviada à Terra por um ser superior, a fim de trazer ao puro povo da Atlântida a notícia do rei Parsival e do sagrado cálice. Kundri cumprira fielmente sua missão, deixando a seguir a Terra. Desde então os habitantes da Atlântida sabiam que no supremo céu vivia um rei que era o senhor de todos eles. Suas vidas dependiam dele, pois em suas mãos encontrava-se também o cálice que continha o mistério da vida... Esse saber enchia-os de grande alegria e também de orgulho... Mas também sentiam intuitivamente que em todos os momentos teriam de se mostrar dignos de sua condição humana. Seres humanos indignos, o rei Parsival não reconheceria como seus súditos... (...)”

E mais adiante:

“– Heliand é a designação que outrora foi dada pelos senhores de Asgard... Contudo, os espíritos dos mundos superiores têm um outro nome para o cálice da vida.

‘Um outro nome!’ pensavam os druidas, que também se haviam levantado. Gurnemanz fechou os olhos durante alguns segundos, juntando as mãos como que em prece. Com uma tensão quase trêmula, os outros esperavam que ele continuasse a falar.

– Lá o cálice é denominado ‘Santo Graal!’... O nome Graal perpassou-os como um raio... nunca tinham ouvido esse nome, e no entanto não lhes era estranho.

– Nossos espíritos o conhecem! Respondeu Gurnemanz às perguntas silenciosas. Desde o tempo em que prestamos o juramento de fidelidade ao nosso senhor e rei, Parsival... Isso já faz muito tempo... foi antes de sermos enviados como preceptores a outros espíritos em longínquas partes do mundo...

O juramento de fidelidade! Cada um deles repetia no íntimo o juramento de fidelidade que lhes preenchia todo o ser...”

E por fim:

“Quando Gurnemanz ergueu os braços, levantando o cálice da mesa, todos pronunciaram ao mesmo tempo, como se combinado previamente, o novo nome: ‘O Santo Graal!’ Gurnemanz repetiu esse nome sagrado e retirou o cálice da mesa, recolocando-o no armário. Depois, todos deixaram o salão real.”

Também em outro livro chamado “A Grande Pirâmide revela seu Segredo” (1972), Roselis von Sass escreve:

“Uma vez por ano, na época do ponto culminante espiritual, os iniciados reuniam-se em Ereth. Todos se empenhavam para estar lá nessa época.

Como ponto culminante espiritual²¹³ designavam os dias nos quais nova força, proveniente do ‘coração do Criador’, perfluiu todos os mundos e todas as criaturas... O Santo Graal, eles denominavam de o ‘coração do Criador’. Sabiam que a subsistência da Criação dependia da renovação anual de forças.”

No livro “O Livro do Juízo Final”, também encontramos citações do Graal e de Perceval que servem para fundamentar sua doutrina e a missão divina do escritor Oskar Bernhardt. Vamos observar alguns trechos da narração da autora, onde um “rei vidente” de Ur, na antiga Caldeia (Mesopotâmia), teve uma “visão de um acontecimento celeste”. Ela escreve o seguinte:

“O Poderoso, a quem o rei-sacerdote e vidente de Ur teve permissão de ver, era ‘Parsival, o rei do Graal!’ Parsival, o rei do Graal, o Espírito Santo, desceu das alturas mais excelsas para neutralizar Lúcifer, o antagonista da Luz. E isso no próprio reino dele...”

(Cap. VIII)

E logo adiante:

“Parsival veio envolto pela força da Luz de Deus-Pai para o mundo de Lúcifer, e, na luta que se seguiu, a lança sagrada de Parsival atingiu seu adversário de tal forma, que a sua capacidade de ação ficou paralisada... Com essa luta, Lúcifer foi neutralizado...”

(Cap. VIII)

Em seguida, outras passagens ainda seguem mencionando o Graal místico e Parsival:

“Amor é o fogo místico mencionado nos escritos de antigos sábios. A origem do amor, do fogo místico, encontra-se no coração da Criação, no sagrado e vivo fogo do amor divino, no Santo Graal.”

(Cap. XVII)

“Zeus e seus companheiros tornaram-se vencedores, na luta final contra as forças das trevas, porque Parsival, o rei do Graal, na força da vontade de Deus enfrentou Lúcifer no seu próprio domínio. Nessa luta, que houve realmente, Parsival arrancou do antagonista de Deus a lança sagrada, o poder divino, e o manietou com a força da onipotente vontade de Deus...”

(Cap. XX)

Outras citações interessantes, onde Roselis von Sass corrobora a religião graalita herdada de Bernhardt, estão em seu raro livro chamado “Palavras de Alerta” de 1990. Serão o auge da consagração do Graal em “Graal Celeste”, o Graal de Deus, também chamado de “Santo Graal”. Relembro aqui, que em tal seita, Parsival e os bíblicos Filho do Homem e Imanuel são o mesmo indivíduo. Vejamos:

“Cada um que assimila a Mensagem do Graal, *assim* como o Senhor a deu, *segue* no mais verdadeiro sentido da palavra ao Filho do Homem, Imanuel, e com isso simultaneamente ao Amor de Deus e à Pureza. Ele *segue*, portanto, primeiramente a Sagrada Palavra na Terra, e mais tarde a sua irradiação de Luz, até alturas bem-aventuradas, onde um novo campo de atividade o aguarda.

Servir ao Graal é servir a Deus! Isto quer dizer que aquele que foi chamado entrou no serviço de Deus.”

“O Espírito Santo! Imanuel, o Filho do Homem! Ele veio para julgar e redimir.”

“Essa taça, denominada Santo Graal, é o receptáculo em que as forças irradiantes, provenientes da Vontade e do Amor de Deus-Pai, se concentram, forças essas que formam, vivificam e conservam a vida.”

“Poder-se-ia chamar o Santo Graal de coração do Universo, que impulsiona a corrente de sangue da força viva até os mundos mais longínquos...”

“A palavra Graal significa, em linguagem humana, sangue do coração de Deus. Com relação a expressão sangue, naturalmente entende-se força de vida proveniente do Amor e da Vontade de Deus, que se derrama na taça do Graal.”

“O Santo Graal! É o elixir da vida eterna, ansiosamente procurado pelos sábios de todos os tempos, sem ser encontrado.”

“O Santo Graal é o cálice que contém a força da vida. Pode-se dizer que esse cálice é o coração do Universo.”

“A Mensagem do Graal contém todas as diretrizes e leis espirituais que o ser humano necessita para se salvar da derradeira queda que o leva à noite das trevas! Quem não aceita os ensinamentos da Mensagem, fecha para si o portal salvador para a liberdade e a ressurreição espiritual...”

“Assim como em Parsival está ancorada uma parte da Vontade de Deus – Imanuel –, atuando nele, também uma parte de Parsival

encontra-se ancorada em Abdruschin, atuando de acordo com sua espécie. Pode-se dizer que Parsival e Abdruschin personificam a Vontade de Deus na Criação, ou que Imanuel, o Filho do Homem, atua em Parsival e Abdruschin, simultaneamente.”

“Parsival originou-se no ponto mais alto do Supremo Templo do Graal, através da Rainha primordial, Elisabeth. Nele acha-se ancorada uma parte do sagrado Espírito Divino de Imanuel, que reina sobre todos os mundos, sustentando-os.”

“Nunca, porém, um portador da Cruz²¹⁴ obterá ligação com Abdruschin, se não se esforçar por compreender e viver a Palavra que ele trouxe à Humanidade. Se um ser humano vive de acordo com a Vontade de Deus, então sempre estará ligado a Abdruschin, e assim também a Parsival e Imanuel, o Filho do Homem.”

Acrescentamos, que o próprio *site* da Ordem do Graal na Terra, dá ao internauta uma significação própria sobre o que é o Graal. Lá está escrito:

“O Graal é a fonte de energia transcendental, é o ponto de onde se irradia a força que provém do Criador e que mantém em movimento e dá vida a tudo o que foi criado.

Em outras épocas alguns poetas puderam captar, em suas inspirações, imagens muito apagadas a respeito do Graal. No entanto, as interpretações dadas às suas poesias turvaram ainda mais o seu significado. (...)”

O Leitor já abrangeu nos capítulos anteriores um panorama minucioso sobre *a abordagem* acima, referindo-se aos poetas. Ao invés de nosso Leitor ler “interpretações dadas às suas poesias” como explica o trecho acima do *site*, ele pode ler diretamente no poema original aqui mostrado nos capítulos 6 e 7 e descartar qualquer interpretação de terceiros. Também pudemos ver como as poesias e histórias foram desenvolvidas a partir da original francesa. Nosso Leitor pode tirar suas próprias conclusões então.

Quem se interessar mais sobre o assunto, deve mergulhar na Obra original de Chrétien de Troyes e também na de Wolfram von Eschenbach, apontadas na Bibliografia. O fato é, que ao contrário do que está escrito no *site* desta Ordem mística do Graal, que diz: “Em outras épocas alguns poetas puderam captar, em suas inspirações, imagens muito apagadas a respeito do Graal”, tal explicação não se coaduna com a criação verdadeira do Graal escrita pelo autor Chrétien de Troyes, que inventou a palavra “Graal” simplesmente para identificar, de um modo especial (glamourizar), uma bandeja-vaso que continha uma hóstia que servia de alimento regenerador para um rei envelhecido e doente. Chrétien sabia muito bem o que estava escrevendo. Além do que, o poema sobre o Graal dele, não é História ou verdade, mas sim um poema-ficção para entreter e homenagear as cortes europeias.

No entanto, o misticismo de cada época cria o seu próprio Graal. As ideias se desenvolvem, o mito evolui, o ser humano inventa e dá forma a seus anseios e imaginação. Novas demandas surgem. Assim sempre foi com o ser humano. E aqui não é diferente. O Graal literário atingiu seu nível máximo e tornou-se uma filosofia de vida, uma religião mística “do homem para o homem”, e como tal, uma religião da “verdade-verdadeira”. Transformou-se na religião fanática do Graal do Céu. Todos os seus personagens “ascenderam” ao céu da divindade cristã Javé e Perceval transformou-se. De um simples “tolo puro” surgiu o “homem-Deus”, “filho do Deus-Criador de todas as coisas”...

O atual presidente da Ordem do Graal na Terra no Brasil é um médico chamado Harald Schuler, também conhecido como “Apóstolo do Senhor Abdruschin”. Diferente de Roselis von Sass, ele prega que “o Mundo não vai acabar” e que “estamos vivendo o desenrolar progressivo do Juízo Final, onde a Humanidade passará *somente* por profundas transformações necessárias, juntamente com o planeta Terra”. Schuler, no entanto, não cita datas²¹⁵.

É imprescindível lembrar aqui o esclarecimento de Joseph Campbell em “O Poder do Mito”, quando ele fala dos escritores pós Chrétien de Troyes, que tomaram a ficção do Graal e a converteram numa realidade factual:

“Interpretar um poema como crônica da realidade é – para dizer o mínimo – perder o essencial. Para dizer um pouco mais, manifestar insensatez. Todavia, é preciso acrescentar que os homens que compilaram tais livros não eram ingênuos, mas sabiam exatamente o que estavam fazendo – conforme revela o seu método de trabalho em todas as ocasiões.”

Finalizando este tópico, cabe aqui algo importante. Em se tratando de um assunto que se tornou uma religião apoiada na ficção iniciada por Chrétien de Troyes, somada a ensinamentos bíblicos e outros, o Graal de Oskar Bernhardt e de seus líderes herdeiros deve ser equiparado à observação profunda do famoso pensador Leon Tolstói, quando ele fala sobre o poder das crenças arraigadas e entrelaçadas nas pessoas:

“Sei que a maioria dos homens, inclusive os que se sentem à vontade com problemas de alta complexidade, raramente aceita a mais simples e óbvia verdade se ela os obrigar a admitir a falsidade de conclusões que tiveram o prazer de explicar aos colegas, que orgulhosamente ensinaram a outros e que teceram, fio por fio, na trama de sua vida.”

Ou nas palavras do romancista e reformador social norte-americano Upton Beall Sinclair:

“É difícil fazer um homem entender alguma coisa quando seu emprego depende de não entendê-la.”

11.7 – A HERANÇA LITERÁRIA ARTURIANA ABSORVIDA PELAS PESSOAS

Observando-se a Literatura mundial arturiana do Graal, vê-se que o grande “herói” das estórias do Graal, “Perceval”, transformou-se em outros nomes variantes e linguísticos no decorrer do tempo, de acordo com os diversos idiomas e usos. São grafias diferentes, mas com o mesmo significado. Alguns exemplos: Percevax, Parcifal, Pársifal, Parzifal, Parzival, Parseval, Parsefal, Parceval, Percival, Parsival, Persival, Persefal, Percefal, Perseval, Percivale, Percyvelle, Peredur, Perlesvaux, Perlesvaus, Perlevaus, Perlesavus. Há ainda os nomes hipocorísticos criados: Perci, Percy e Piercy.

Mas o sucesso da Literatura medieval foi ainda mais longe em se tratando de nomes: Perceval como nome próprio, transformou-se até em sobrenome! Antes do século XV, as pessoas eram conhecidas apenas pelo primeiro nome, com um modificador. Mas então, isso mudou, criando-se os sobrenomes.

Como a popularidade e a tradição épica dos cavaleiros da Távola Redonda ganhou muito sucesso, ela influenciou a etimologia das origens de diversos sobrenomes. O sucesso da Literatura arturiana, propagado pelos trovadores e menestrelis provençais por todas as cortes da Europa, e também nas praças dos povoados e das cidades, foi fantástico, e fez com que tal fato se disseminasse pelos diversos países europeus.

Na Itália por exemplo, Perceval se transformou no sobrenome *Percevalle* e *Persivalli*. O mesmo ocorreu com o personagem Lancelot, de outros poemas arturianos, que se transformou no sobrenome *Lancellotto*, *Lancelotti*, *Lanciallotto*, *Lanzelotte*, etc. Na França, berço do sucesso arturiano, a escala de preferência dessa antropologia antroponímica arturiana, seguiu a seguinte ordem de maiores escolhas: 1-Tristão, 2-Lancelot, 3-Artur, 4-Galvão, 5-Perceval.

Obras artísticas exaltando a tradição arturiana também surgiram, como por exemplo, na igreja de Otranto no sul da Itália (Apúlia), que tem em seu pavimento um mosaico do século XI, onde está retratado o nome de Artur: *Arthurus rex*.

11.8 – A ÚLTIMA GERAÇÃO DE ESCRITORES

A composição de mais Obras arturianas com ou sem o Graal, continuaram a surgir.

Obras dos séculos XX e XXI reescreveram novas Sagas de Artur e do Graal. Dentre estas, temos a consagrada Obra “O Santo Graal e a Linhagem Sagrada”, de Michael Baigent, Richard Leigh e Henry Lincoln, lançado na Inglaterra em 1982.

A estória do livro se passa no fim do século XIX e fala de uma descoberta realizada por um padre, nas fundações de uma igreja do sul da França. O padre descobriu documentos que continham um conjunto de informações impressionantes (“revelações”) sobre a figura de Jesus e sobre a formação do cristianismo. Tais informações deram ao padre grande poder sobre seus superiores eclesiásticos e ainda acesso livre a círculos da nobreza europeia.

A estória segue envolvendo ainda outros documentos guardados na Biblioteca Nacional de Paris, que falam de Ordens religiosas, sociedades secretas, grandes heresias medievais, Cruzadas, evangelhos, a origem da dinastia merovíngia, a origem de uma “linhagem sagrada” e lendas do Santo Graal. Mas tais fatos descobertos eram sempre suprimidos e ocultados pela Igreja a qualquer preço, pois se assim não o fosse, conduziriam as pessoas a um segredo trancado “a sete chaves”. Para descobrir do que se trata tal segredo, desenrolam-se diversas coincidências que servem de provas, e estas, levam a uma sequência de eventos e descobertas, trazendo novas conclusões.

Mas tal segredo somente é revelado no final do livro. Até lá, tudo se desenrolará num clima de mistério e descobertas, como por exemplo: nos evangelhos bíblicos, existem referências apontando Jesus como um rabino. Se Jesus era um rabino, isso queria dizer que ele tinha uma esposa e filhos, pois esse era o costume e exigência entre os rabinos. Então, se assim foi, suspeita-se que a candidata a ser a esposa de Jesus, somente poderia ser Maria Madalena, a quem Jesus salvara de um apedrejamento.

No evangelho de Marcos, Jesus aparece como sendo “descendente direto” do rei Davi. Uma antiga expressão medieval

francesa “San Greal” (referindo-se ao “Cálice Sagrado”), é interpretado nesta estória como uma “corruptela” para “sangue de rei” (“Sang Real”). Então supõe-se que “Sangue Real” é uma referência à linhagem dos descendentes de Jesus Messias. Uma série de suposições leva a crer que a crucificação de Jesus foi uma farsa. O que aconteceu realmente, seria que Jesus, sendo o herdeiro de Davi, portanto o herdeiro de Israel, fugiu para a França com Madalena e seus filhos. A partir daí, sua descendência teria continuado viva nos merovíngios dos primeiros séculos da Idade Média (aqui ressurgem as lendas que já citamos).

No entanto, nada sobre um túmulo perdido do próprio Jesus Cristo que veio à França é dito. Não coube na estória, provavelmente porque ficou mantida a crença do inconsciente coletivo, de que Jesus, sendo Filho de Deus, ressuscitou dos mortos em carne e osso, e voltou para seu lar celestial junto ao seu Pai Celestial, portanto, *não existiria* nenhum túmulo escondido guardando seus ossos.

A Igreja de Roma naquela época merovíngia, temendo perder o poder sobre os fiéis, teria perseguido os descendentes de Jesus Cristo em vez de protegê-los. Porém, desde 1099 os descendentes teriam contado com a proteção dos templários e de uma sociedade secreta chamada “Priorado de Sião”, sobrevivendo até o final do século XIX, época em que se passa a presente estória.

Tal teoria trouxe muito sucesso a este livro, percebendo-se que as pessoas apreciam muito, estórias de complôs e intrigas esotéricas.

As ideias contidas na Obra *O Santo Graal e a Linhagem Sagrada*, acabaram assimiladas à mitologia do Graal, e inspiraram outros escritores que viriam a seguir, com outras Obras. É o caso de Dan Brown, autor de “O Código Da Vinci”, que se transformou em um grande *best seller* mundial (2003).

Falemos um pouco da estória deste *best seller*:

O Código Da Vinci mostra que um assassinato ocorrido dentro do museu mais famoso do mundo, o Louvre na França, traz à tona uma conspiração que revelará um segredo há muito ocultado e protegido desde o tempo de Jesus, pela sociedade secreta Priorado de Sião. O assassinado é Jacques Saunière, o curador do museu e um dos líderes dessa fraternidade.

Momentos antes de morrer, no entanto, a vítima conseguiu deixar uma mensagem misteriosa em forma de “charada” na cena do crime, que apenas a sua neta Sophie Neveu, uma criptógrafa, juntamente com um famoso simbologista de Harvard chamado Robert Langdon, poderão desvendar. Mas as coisas ficam feias para eles e ambos acabam se transformando em suspeitos, o que os leva a seguirem juntos por Paris e Londres, visitando catedrais e castelos em busca de pistas que os levem a decifrar o quebra-cabeças que envolveu a morte do curador. É desse modo que os dois esbarrarão em um “segredo milenar” envolvendo a Igreja Católica.

De uma coisa chega-se à outra e os dois detetives prosseguem procurando pistas ocultas em diversos documentos e nas Obras de arte de Leonardo da Vinci, até chegarem ao significado do Santo Graal²¹⁶ descoberto. Tais pistas estavam engenhosamente disfarçadas pelo pintor Leonardo da Vinci, em suas pinturas, como por exemplo, um personagem com “traços femininos” sentado à direita de Jesus na Obra da “Santa Ceia”, que não seria o apóstolo João, mas supostamente Maria Madalena. Essa estória revelará na trama, que Leonardo da Vinci havia sido um grão-mestre do Priorado de Sião.

Mas no encalço deles seguem as autoridades e o assassino psicopata do curador.

Além dos segredos que envolvem o Priorado de Sião, Robert e Sophie descobrem uma antiga verdade polêmica sobre a vida de Jesus Cristo, inadmissível para os cristãos: o casamento de Jesus com Maria Madalena. Um casamento que deixou descendentes. E como a teologia cristã acredita que Jesus era descendente direto de Davi e Salomão, seus descendentes seriam portanto “descendentes reais”.

Mas também a descendência de Maria Madalena seria principesca. Tal fato teria originado a lenda medieval do “Santo Graal”, que na verdade seria “o Santo Sangue Sagrado” preservado na descendência do Filho de Deus. Tal segredo, guardado durante muitas gerações pelos membros do Priorado de Sião, originou-se da antiga Ordem dos Templários, segundo a estória.

Os templários são aqui focados como uma organização criada com o simples objetivo de proteger a descendência do Filho do Deus Javé na Terra. Em outras palavras, acredita-se que a Ordem dos Templários de Jerusalém teria sido fundada com a “divina missão” de proteger o “Santo Graal”, que é a linhagem de Jesus, seu “Sangue Real”. “Santo Graal” seria então uma metáfora para “Sangue Real” (Sang Real).

Tais teorias inspirativas surgiram pelo fato de existirem, nos registros históricos dos templários, brechas e incertezas que são propícias a gerarem mistérios e conspirações, com suas naturais especulações. Também fatos como o respeito e o poder adquiridos

pelos templários, e também o *porque* de seu estabelecimento no lugar mais sagrado da Cristandade, o Monte do Templo. Todo esse contexto levou a especulações em mentes místicas, do tipo: “Que tal poder só poderia vir de algum segredo deles, e que tal segredo teria de ser ligado obrigatoriamente a algo divino e poderoso que provinha de seu círculo”, coisas assim...

A mente mística não se contenta com uma simples verdade, mas quer sempre mistificar e especular enigmaticamente, e isso é bem aproveitado nesta estória.

A trama do Código da Vinci ainda envolve a “Opus Dei”, uma organização católica conservadora dentro da própria Igreja, que tenta se apossar do “Grande Segredo” e dos documentos do Priorado de Sião, pois o fato de haver uma descendência de Jesus Cristo, colocaria em risco a existência da “Toda-Poderosa Igreja Católica”. De fato, tal pensamento obriga a Opus Dei a eliminar as provas, as pistas e os envolvidos nessa descoberta sobre o Messias Jesus. Essa tarefa é, por isso, confiada a um psicopata assassino defensor e adepto da Opus Dei, juntamente com o desejo de matar o descendente vivo do Messias.

Em certo ponto do livro, se descobre que o descendente real de Jesus Cristo é a própria neta do curador que morreu no museu, a criptógrafa Sophie Neveu.

Após esta descoberta, Sophie se viu cercada pela proteção dos membros do Priorado de Sião, inclusive por sua ainda viva “avó”, que a recebe e que se propõe a continuar a zelar por sua segurança e identidade real.

O último reduto do túmulo escondido de Maria Madalena, a “ancestral divina” de Sophie, também é revelado no final da Obra.

Dan Brown mostra hipoteticamente, que há dois milênios a Igreja Católica escondia da Humanidade que o descendente do Filho de Deus, Jesus, estava vivo, mas oculto pelo Priorado de Sião, devido a ameaças da própria Igreja.

O assunto mais polêmico no entanto, é o fato de a Igreja ficar em perigo de sucumbir se fosse descoberto que seu Messias Jesus havia tomado Madalena como esposa e deixado descendência, pois esse descendente seria o verdadeiro herdeiro da Igreja como um todo, destronando o Santo Papa. Por isso, a Igreja havia tentado matar todos os membros da dinastia dos guardiões do descendente de Jesus Cristo (os cavaleiros templários) ao longo da História, de modo que os papas conseguiram manter o trono com a sucessão apostólica de Pedro desde então, sem medo de serem usurpados por um “antipapa” de uma sucessão hereditária de Maria Madalena.

Outra coisa vista como escândalo na estória de Dan Brown é que a descendente “humana” de Jesus Cristo, Sophie Neveu, nada tem de “divino”, mas apenas humano. O que faz surgir disso o questionamento da “divindade” de Jesus.

A trama de Dan Brown envolvendo o Graal, mistura verdades históricas com fraudes e erros históricos. Apesar disso, as “teorias” apresentadas no livro provocaram ataques, trazendo inclusive muitas manifestações de fiéis católicos em várias partes do mundo na época, e ainda indignação de diversos segmentos religiosos, sendo considerado um “pecado” contra os dogmas cristãos. Seu romance chocou o mundo Ocidental, por isso mesmo fez muito sucesso, transformando-se até em filme (2006).

Os escritores de “O Santo Graal e a Linhagem Sagrada” e “O Código Da Vinci” basearam parte de suas afirmações nos Evangelhos Canônicos e em livros apócrifos do Novo Testamento, além de escritos gnósticos.

Segundo a Igreja Católica, o suposto “Filho de Deus Jesus”, não veio do céu até a Terra para se casar com uma humana e muito menos ter filhos com ela, mas teria permanecido celibato. Portanto, para os preceitos católicos, Maria Madalena não poderia ter sido esposa de Jesus Cristo.

A citada sociedade secreta Priorado de Sião, é uma sociedade secreta verdadeira, e que já teve como membros, homens ilustres como Sir Isaac Newton, Botticelli, Victor Hugo e o próprio Leonardo da Vinci, entre outros.

Com sua Obra de ficção, Dan Brown foi consagrado mestre do suspense inteligente, tornando-se um fenômeno global na Literatura e no Cinema.

E por último, há ainda outro escritor arturiano famoso, que temos de citar: Bernard Cornwell.

O britânico Bernard Cornwell é um dos mais importantes escritores da atualidade. Seus livros contam sagas arturianas cativantes, e estão entre as Obras mais vendidas. Já publicou mais de 40 livros, com traduções para mais de 16 idiomas.

A predileção de Cornwell é pela História inglesa, que transparece claramente em suas estórias. Seus romances retratam diversos conflitos já ocorridos em território inglês.

Em sua trilogia “As Crônicas de Artur”, ele mostra uma versão muito pessoal da lenda de Artur, o “senhor da guerra”, onde uma base histórica lhe é dada. Artur, no caso, é mostrado como um “real” Artur da Grã-Bretanha, que viveu no século VI, filho

bastardo de um rei chamado Uther. Tres livros compõem as crônicas: “O Rei do Inverno” (1995), “O Inimigo de Deus” (1996) e “Excalibur” (1997).

Cornwell situa a estória da sua trilogia usando relatos históricos da época em que os celtas britânicos sofreram a invasão dos anglos e saxões.

Na guerra que se trava então, aparece um guerreiro que se tornará um grande tenente para Artur ao ajudá-lo a expulsar os invasores.

Percebe-se nas estórias, uma mistura de ficção histórica e mitologia arturiana, onde a vida da época é bem retratada.

Também aparecem disputas entre a religião druida e a chegada do cristianismo, onde um feiticeiro chamado Merlim procurará restaurar os antigos Deuses da Grã-Bretanha, muito prejudicados pelo avanço cristão.

Depois desta trilogia, Bernard Cornwell lançou outra trilogia de sucesso: “A Busca do Graal”. Mais uma vez o Graal como protagonista! Esta nova trilogia-ficção é composta pelos seguintes volumes: “O Arqueiro” (2000), “O Andarilho” (2002) e “O Herege” (2003).

Esta trilogia situa “A Busca do Graal” durante o período de conflito conhecido como *Guerra dos Cem Anos*, ocorrida entre a Inglaterra e a França. A estória fala de um jovem arqueiro de nome Thomas de Hookton, filho de um padre, que vê seu vilarejo ser atacado por um tal de Arlequim e seus guerreiros, onde é roubada uma importante relíquia: a Lança de São Jorge.

Thomas escapa do ataque, mas se vê enlaçado numa busca desesperada por respostas sobre o passado e sobre a sua família paterna.

Em seguida ele vai em busca de vingança pelo assassinato do pai e pela recuperação da relíquia roubada. Ele atravessa o Canal da Mancha e se junta às milícias de arqueiros ingleses que estão em combate contra os franceses. A partir daí, muitas aventuras se seguem em campos de batalha e contra o temido Arlequim.

Em missão do rei inglês, Thomas se verá na trilha do lendário “Santo Graal” e verificará que não está sozinho na procura do objeto sagrado.

Muitas lutas acontecerão na estória, até que Thomas retorna à sua aldeia natal à procura de outras pistas que lhe esclareçam qual direção tomar, e ele descobre que o legado de seu pai está ligado ao Graal. Tal legado o levará à terra de seus ancestrais no interior da França, pois tais ancestrais teriam sido “guardiões do Graal”.

As aventuras do herói Thomas de Hookton levam o Leitor a uma viagem pelo século XIV, em meio a guerras, reis, monges, mercenários e lindas mulheres.

151 Gibelinismo provem de “gibelinos”, que são aqueles “partidários do imperador”, oposto aos “partidários do papa” chamados de *guelfos* na Itália, durante a Idade Média.

152 Seu sobrenome também é conhecido como Maillorie ou Maleore, palavra derivada do francês arcaico que significa “azarado” (*maleuré*).

153 Sua primeira impressão na Inglaterra foi “The Dictes and Notable Wise Sayins of Philosophers”, em 1477.

154 Camelot ou Camalote é na estória arturiana de Malory, uma capital gloriosa imaginária, com um castelo lendário, sede da corte do Rei Artur (antes era “Nantes”). A grafia do nome “Camelot” nos faz lembrar do nome de uma cidade da época dos romanos chamada “Camulodunum” (capital da província romana da Britânia, região sul da Grã-Bretanha). O nome *Camulodunum* tem herança celta na origem e refere-se a divindade da guerra dos celtas chamada “Câmalo”. Alguns pesquisadores da saga arturiana, no entanto, atribuem às ruínas do castelo Cadbury na Grã-Bretanha à inspiração da famosa Camelot.

155 Vide o Capítulo 13

156 É o poeta apontado oficialmente pelo governo para compor poemas para eventos do Estado e outros governamentais.

157 Idílios são pequenas composições poéticas de caráter campestre ou pastoril. Tais poemas se caracterizam pelo amor poético suave e o galanteio.

158 Versos brancos são versos que possuem métrica, mas não utilizam rimas.

159 Verso alexandrino é o verso composto por doze sílabas poéticas. Dodecassílabo com tônica na sexta e na décima segunda sílaba, formando dois hemistíquios.

160 Thomas Keightley nos explica a origem do termo “paraíso”: *“Paraíso é uma palavra de origem persa, adotada pelos gregos, da qual nos apropriamos. Um paraíso era um lugar com árvores: um parque, um jardim ou, um solo de prazeres, como podemos chamá-lo”*. Quando o mundo Ocidental se apropriou da palavra “paraíso”, lhe deu uma conotação divina também, criando no Céu dos Deuses um “Paraíso dos Deuses”, e depois, um “Paraíso de Deus”. O mundo persa, assim como o mundo árabe, sempre se caracterizaram como regiões desérticas onde a água e as árvores (florestas e bosques) eram elementos raros e por isso inimaginavelmente cobiçados e ambicionados como as maiores riquezas que se podia usufruir. Por isso, para esses povos, paraíso era “tudo de bom”.

161 Alguns anos antes, em 26 de junho de 1870, havia sido estreitada outra ópera de sucesso de Wagner, chamada “As Valquírias”, no Teatro Nacional de Munique. Estavam presentes na estreia, os famosos Liszt, Brahms, Saint-Saëns e Joseph Joachim. A parte mais popularizada desta ópera foi a passagem musical da “Cavalcada das Valquírias”, que abriu a primeira cena do Terceiro Ato. O país de Wagner estava em clima de guerra e o público adorou as donzelas guerreiras de Wagner. Em sua empolgação, o público, ao ouvir as seguintes palavras do personagem Wotan, reagiu com muitos aplausos e ovações bramantes: *“Quando poderes audaciosos se enfrentam, eu geralmente escolho a guerra* (Denn wo kühn Kräfte sich regen, da rat’ ich offen zum Krieg)”. Desde então, a composição *Cavalcada das Valquírias* é escolhida como música para acompanhar cenas de guerra e combates nas mais diversas Obras artísticas, inclusive no cinema, pois foi assim que Wagner a apresentou e se inspirou para compô-la.

162 O rei Ludovico II, conhecido também como Luís II da Bavária, acabou sua vida enlouquecido, e foi deposto em 1886, terminando seus dias confinado no castelo de Berger (Bavária), próximo ao Lago Starnberger no qual morreu afogado. Seu irmão Otto não assumiu o governo, pois manifestava problemas mentais, o que fez com que o poder ficasse sob a regência do tio Luitpold.

163 Tolo puro, tolo inocente.

164 Nota do autor do site: “Parsifal” é um nome de origem árabe, cujo significado composto é exatamente este: “Parsi”: puro, inocente, imaculado; “Fal”: tolo, néscio, estúpido.

165 Também Loherangrin.

166 O mito dos dragões, tão conhecido nas culturas mundiais, parece fascinar o imaginário humano. Os dragões podem simbolizar qualquer coisa. No Ocidente é famosa a visão de um dragão sendo submetido por São Jorge com uma lança. O dragão no caso, é um símbolo que representa a imagem negativa e ruim que se construiu sobre o inimigo dos primeiros cristãos na época do início do cristianismo. São Jorge é um mito herdado do hábito das culturas helenísticas de mostrarem figuras de cavaleiros armados submetendo o inimigo, como um símbolo natural de vitória. O culto a São Jorge foi difundido através dos templários.

167 Loja: do italiano *“Loggia”* que traduzido é “Loja Maçônica”.

168 O Autor Vito Marino foi membro de uma facção do Movimento do Graal de Bernhardt, criada no Brasil, chamada Ordem do Graal na Terra. Vito Marino foi adepto-simpatizante (noviço) desta Organização, de 1989 a 1991, e membro efetivo de 1991 a 2008, tendo atuado em diversas áreas dentro da Organização. Foram 19 anos de vivências e dedicação para com a filosofia graalita de Oskar Ernst Bernhardt.

169 “Immanuel” não é um “nome” mas sim, um termo bíblico não traduzido do idioma hebreu. Immanuel era uma frase da Bíblia hebraica mais antiga, que se transformou em “nome próprio” na Bíblia cristã “posterior”. Immanuel vem de “imm-nu-El”, que traduzido significa “Deus está conosco”, e servia para se referir à presença de Jesus Cristo na Judeia há dois mil anos. Na Bíblia hebraica (Antigo Testamento) a frase “Immanuel” era usada quando um profeta dos israelitas anunciava algo de maior importância às pessoas do povo. Vide, por exemplo, Isaías 7 e 8; Ageu 1:13 e Zacarias 8:23.

170 Bernhardt ensinava que o “cavaleiro” de sua seita era a reencarnação viva dos anciãos citados na Bíblia. Anciãos estes, que Bernhardt chama também de “primordialmente criados” (antes da encarnação terrena), e que também são os “guardiões celestes do Graal”.

171 Conforme a tradução da Editora brasileira do original alemão, “Parsival” com “v” se torna uma nova grafia para Perceval, Parsifal ou Parzifal.

172 Sendo que o volume 1 (256 pp.) foi publicado no final de 1949 e os volumes 2 (480 pp.) e 3 (512 pp.) em 1950.

173 Também “Vaso Divino”.

174 Vide Bíblia, João 6:26,27; João 16:12,13,14,15 e João 14:26.

175 Enteil: palavra inventada por Bernhardt para definir “na forma de ente não material”. Bernhardt usa esta palavra também para definir simplesmente “ente”, ou ainda o que é “do mundo dos entes”. Já o plural “enteais” é definido como sendo os supostos seres invisíveis da natureza conhecidos como fadas, gnomos, faunos, ondinas (sereias), etc.

176 Inenteal: outra palavra inventada por Bernhardt para explicar um “não-ente”, algo que ele define como estando “além do ente”, do etéreo, no caso, o Deus Javé (seu

“Pai Celestial”), que Bernhardt preferencialmente chama de “o Criador”.

177 Pentecostes.

178 O nome “Amfortas” só apareceu no poema Parsifal de Wolfram von Eschenbach, não no original de Chrétien de Troyes. Esta é mais uma das evidências do total desconhecimento de Bernhardt sobre o poema original francês e seu conteúdo.

179 “Planos desconhecidos” quer dizer esferas ou mundos espirituais para além da Terra, rumo ao céu e às proximidades de Deus.

180 Frase também utilizada por Richard Wagner, várias vezes, em sua ópera “Parzifal” (presente já no Ato 1).

181 Anciãos bíblicos.

182 Na doutrina de Bernhardt, Elisabeth é a “Mãe do Céu” responsável pelo nascimento espiritual de Parsival (seu filho) na Obra divina do Universo invisível e visível (o “Reino de Deus”). É mais ou menos uma versão equivalente à crença na “Virgem Maria” com relação à Jesus Cristo, seu santo Filho divino.

183 Espécie de tanque onde se espremem certos frutos, especialmente as uvas.

184 Esta pergunta foi por demais modificada nas edições posteriores deste livro. Originalmente (inicialmente), a pergunta era outra. Ei-la abaixo:

“**Pergunta:** Krishnamurti é apresentado com grande esforço como Mestre do Universo. É ele o Filho do Homem? Ou este ainda está por nascer? Por que Abdruschin silencia persistentemente justamente sobre *este* assunto, que agora está sendo promovido em todos os países com recursos abundantes, em longos artigos em jornais, em palestras e até nos cinemas. Para onde quer que se olhe isso se impõe de alguma forma. Não quer Abdruschin dar, a todas aquelas pessoas que assimilaram a sua palavra com convicção, também a este respeito uma indicação do caminho certo? O seu silêncio deve ser considerado consentimento? O que ele diz sobre os esforços tão perceptíveis dos teósofos a favor de Krishnamurti?” Já, a “Resposta” a esta “Pergunta”, no livro de Bernhardt, obviamente, foi modificada também, e absorveu somente uma parte da resposta antiga.

185 Assim são chamados em geral os membros da seita graalita de Bernhardt.

186 Em outros textos de Bernhardt (como a dissertação 17, “Natal!”, do livro “Ressonâncias da Mensagem do Graal I”), ele explica que quando ele se refere ao “Juízo Divino atual”, ele quer dizer o “Juízo Final”, ou seja, “O Final do Juízo Divino” que se iniciou para a Humanidade quando seu irmão Jesus Cristo foi crucificado há 2000 anos.

187 Originalmente, os textos do livro “Exortações” compunham o livro “Na Luz da Verdade, Mensagem do Graal” de um volume apenas (até 1949).

188 Aflição; sofrimento.

189 O conceito de um “Reino de Deus” também aqui na Terra é um conceito antigo dos primeiros cristãos, herdado dos antigos judeus. Os primeiros cristãos acreditavam que o Reino de Deus seria implantado aqui na Terra na época de Jesus Cristo, mas como isso não aconteceu, essa crença passou para depois, para o apóstolo Paulo e sua geração, que acreditava que Jesus Cristo ressuscitaria dos mortos (Segunda Vinda) e viria implantar o almejado Reino de Deus na Terra, ainda na sua época. No entanto, para os cristãos primitivos, também não foi dessa vez. Tempos depois, as gerações seguintes de cristãos se deram conta de que o Reino de Deus nunca seria implantado na Terra. Foi a partir daí que os cristãos inventaram a crença em céu e inferno (uma crença não encontrada nos ensinamentos de Jesus e Paulo), tornando-se depois, um ensinamento básico cristão. E junto com ele, a noção apocalíptica de ressurreição do corpo foi transformada na doutrina da imortalidade da alma. Essa crença se tornou a crença no “mundo sem-fim”. No entanto, em momentos de crise e penúria, sempre surgiram novos messias tentando resgatar a ideia de construir um Reino de Deus na Terra.

190 Mesma data que Bernhardt anuncia o “Sagrado Juízo Divino”, o Juízo Final.

191 Em 1933, o desemprego na Alemanha atingiu aproximadamente seis milhões de indivíduos (índice de 30%).

192 Mais tarde, em 1945, as Lojas Maçônicas seriam queimadas e todos os seus arquivos confiscados e queimados.

193 Hitler e seus comparsas acabaram fundando sua aspirada Ordem mística, e esta, distorcia a Ciência Acadêmica a seu favor, para assim poderem doutrinar os alemães e trazer a sua salvação nos moldes de suas crenças. Hitler passou a ser visto como o “Salvador da Alemanha”.

194 As catástrofes naturais mais marcantes da época foram: a grande erupção do vulcão Krakatoa e seu tsumani na Indonésia em 1883 (36 mil mortos); a inundação da China em 1887 (1 milhão de mortos); a grande erupção do vulcão Mt. Pelee em Martinica (40 mil mortos); o grande terremoto e enchentes em Messina na Itália (100 mil mortos); o grande terremoto em Gansu na China em 1920 (200 mil mortos); o grande terremoto de Kanto no Japão em 1923 (143 mil mortos); a grande tempestade de areia (A Grande Tempestade Negra de *Dust Bowl*), com sua grande seca e destruição no meio oeste dos Estados Unidos na década de 1930 durante a Grande Depressão e que durou quase 10 anos; e o rigoroso inverno de 1939 a 1940 na Europa, considerado o inverno mais frio do século.

195 Vide o tópico anterior sobre Richard Wagner.

196 Tal livro conta a estória da suposta encarnação anterior de Oskar Bernhardt, na época do faraó Ramsés e Moisés. O livro tenta legitimar o fato de que Bernhardt-Abdruschin proporcionou forças espirituais a Moisés, para que este conseguisse libertar seu povo do jugo egípcio. E que, sem a encarnação de Abdruschin naquele tempo, tal fato não teria se realizado. E mais adiante, o autor escreve que após a libertação dos hebreus, Abdruschin deu a Moisés os 10 Mandamentos no monte Horeb, no Sinai, conforme *ordem* de seu Pai, pois, Abdruschin era o “Filho de Deus” encarnado para ajudar Moisés (conforme interpretação bíblica de Êxodo 3:7-10 e 20:1-17).

197 Esta frase é também usada por Jesus Cristo na Bíblia, em João 4:26 e 13:13, e Mateus 16:15-17.

198 Vide capítulo “A Herança dos Templários”.

199 Tal trecho, equivalente no poema de Chrétien de Troyes, encontra-se na pagina 71 e 111, respectivamente, de seu romance “Perceval ou o Conto do Graal”.

200 O Olho de Hórus egípcio, introduzido na Europa há séculos, desenvolveu-se para o místico símbolo conhecido como o “Olho de Deus” dos ocidentais. Este símbolo é muito usado na maçonaria e em outros grupos esotéricos.

201 Segundo lendas, um alemão chamado Christian Rosenkreuz (1378-1484), foi o fundador da Fraternidade Rosacruz (Ordem Rosa-cruz, Irmandade da Rosa Cruz). Na época, este alemão empreendeu longas viagens ao Oriente, onde foi iniciado nas ciências ocultas e em pesquisas alquímicas. No entanto, não se sabe se Christian

Rosenkreuz existiu realmente ou se ele deve ser encarado simplesmente como uma personificação simbólica de uma ideia, como se cogita (simples propaganda ocultista). A Fraternidade Rosacruz somente veio a aparecer em público no século XVII. A partir daí, a Fraternidade Rosacruz tentou submeter a maçonaria ao seu poder, mas sem sucesso. Diversos autores atribuem a fundação das Lojas maçônicas à iniciativa dos rosacruzes. Fazem parte das sabedorias dos rosacruzes, a transmissão de conhecimentos e idéias através de aspectos numéricos e concepções geométricas, semelhantes à filosofia Pitagórica. Tradicionalmente, os rosacruzes se dizem herdeiros de tradições antigas que remontam à alquimia medieval, ao gnosticismo, ao ocultismo, ao hermetismo do antigo Egito, à cabala e ao neoplatonismo. A filosofia rosacruz propaga a fraternidade universal entre todos os seres humanos (assim como a maçonaria), a necessidade de reforma da sociedade humana a nível religioso e sócio-cultural, e sobre a forma de atingir esse objetivo através de uma sociedade secreta (eles mesmos) que promoveria essa mudança no mundo. Sua sabedoria passou a ser divulgada em forma de textos e livros. A maioria dos personagens relacionados com o lançamento dos “Manifestos Rosacruzes”, se originaram do meio luterano alemão. O próprio Lutero foi um dos primeiros a utilizar uma “rosa-cruz” como símbolo de sua teologia (o “selo de Lutero” ou “rosa de Lutero”). Abaixo de muitas das rosas de Lutero está a frase: “O coração do cristão permanece em rosas, quando ele permanece sob a cruz”. No final do século XIX e início do século XX, surgiram muitas organizações com o nome “rosacruz” (ramificações distintas), como co-herdeiras do tesouro espiritual da rosacruz do século XVII. Temos por exemplo a Ordem Rosacruz do Templo e do Graal, fundada pelo cabalista francês Josephin Péladan (1850-1915).

202 Hitler era considerado o “Messias Alemão”. As maneiras messiânicas atribuídas a ele foram reconhecidas por todos aqueles envolvidos na Segunda Guerra Mundial. Hitler era chamado principalmente de “O Messias do Mal”. Um racista inglês chamado Houston Stewart Chamberlain (1855-1927), influenciou enormemente a ideologia nazista, através de publicações de vis teorias que se tornaram o “evangelho do Movimento Nazista”. Chamberlain veio a dizer o seguinte sobre Hitler: “Hitler é um despertador de almas, o veículo de poderes messiânicos. Aqui está o novo líder enviado por Deus ao povo alemão em sua hora de mais necessidade” (Os Nazistas e o Ocultismo, p. 75). Hitler, com seu messianismo e doutrina, discursava fanaticamente para grandes platéias que construiria um “Reino de Mil Anos” de glória para o povo alemão.

203 Sua filha mais velha.

204 Atualmente, a desculpa dada pelas organizações graalistas para tais atitudes do passado, referentes ao livro “Na Luz da Verdade, Mensagem do Graal”, é que “foi retirado apenas aquilo que servia para aquela época”. Uma resposta conveniente, mas que analisada mostra as esperanças e crenças divergentes que Oskar Bernhardt possuía quando esperava o final do Juízo Divino e o Reino de Deus na Terra, com suas “tribulações” devidas, para a sua época e não para mais tarde após a sua morte. Mas para que sua seita sobrevivesse nas mãos dos herdeiros e da geração seguinte, foi necessário dar um formato novo aos seus escritos, para atender aos novos tempos e colocar o Fim do Juízo Divino e a vinda do Reino de Deus mais longe no tempo futuro.

205 A maioria dos atuais adeptos da Mensagem do Graal de Bernhardt no mundo, esperam pela chegada de um “grande cometa” que daria início ao fim do Juízo Final, purificando o planeta Terra “das Trevas”. Já alguns dos adeptos mais antigos acreditavam que o fim do Juízo Final já havia acontecido, e eles estariam desde então, somente à espera da chegada deste “grande cometa”, a “estrela do Juízo”. Mas outras novas ideias estão surgindo recentemente no meio de grupos graalistas, por causa das adulterações sofridas na “palavra sagrada” após a morte de Bernhardt, como por exemplo, a ideia de que Bernhardt retornará após a purificação da Terra, que se dará somente com a vinda deste grande cometa, para depois ele implantar pessoalmente o “Reino dos Mil Anos”, como prometido. Segundo tais ideias novas, os adeptos estariam próximos desse período de purificação, que se daria nos próximos 20 anos *após* a passagem de 2012. Até adeptos dizendo serem o messias Bernhardt encarnado de novo, já surgiram. Textos recheados com mais fantasia ainda tem sido divulgados desde alguns anos. Na época de Bernhardt, supunha-se que o número de adeptos graalistas oscilava entre 800 a 2000 pessoas. O *site* www.livriadiograal.com.br divulga que o número de graalistas no mundo hoje, é de 35 mil pessoas.

206 Fundada em 1958.

207 Fundada em 1950.

208 Este novo grupo graalista, é coordenado no Brasil por Rubens de Oliveira Santos, um ex-membro da Ordem do Graal na Terra. Os *sites* de atuação de sua equipe são www.br.abdrushin.name, www.abdrushin-grail-message.net e www.conhecimento-espiritual.net.br, e ainda por meio de rede social: www.facebook.com/NaLuzdaVerdade.

209 O Santo Graal Congregação Brasileira, hoje “Ordem do Graal na Terra”, situa-se na rua Sete de Setembro, número 29.200, Chácara Bartira, Embu das Artes (antiga Estrada Pinheiro, km 29, Morro Grande).

210 Lembrando aqui, que os livros de Roselis von Sass são referidos em seu “catálogo sistemático” como “conhecimento controvertido e suposto”, pois possuem origem mística e mediúnica ao invés de científica. No entanto, por tratar-se de uma “doutrina”, aquilo que a vidente Roselis escrevia, era absorvido pelos seus adeptos como verdade verdadeira, uma verdade que provinha das “alturas celestes dos bons espíritos”. Sobre o mito “Atlântida”, porém, sabe-se que é um dos temas que mais causam fascínio e deslumbramento em místicos de todo o mundo. Até Adolf Hitler acreditava na existência de uma antiga Atlântida, como vimos, a ponto de ver nos atlantes os ancestrais da raça ariana. Tais conceitos eram também conservados numa sociedade esotérica da qual Hitler fazia parte, chamada “Sociedade de Thule”. O grande pesquisador e escritor americano Stephen Spignesi, esclarece categoricamente o mito da Atlântida, quando relembra que “Atlântida é um mito criado por Platão como parte de um diálogo de Sócrates para ilustrar o que acontecia quando uma sociedade entrava em decadência (Atlântida), em comparação com uma sociedade que exercitava a justiça, o respeito e a dignidade (Atenas) [...]”. “Mas a história contada por Platão não se baseava na realidade. Era uma alegoria. Platão estava tentando transmitir uma lição moral a seus discípulos, ao contar a história de Atenas e Atlântida. Até seu discípulo Aristóteles confirmou que a estória era uma fábula escrita para ressaltar um ponto de vista”. Atlântida equivalia a uma metáfora sobre a “soberba”: “Quanto maior a altura, maior a queda”. Foi a partir dos últimos séculos, que “mitologias bem desenvolvidas e incredulamente detalhadas foram criadas para incluir o mito da Atlântida na trama histórica da Humanidade”, ressalta Spignesi. Até a Idade Média, todo mundo sabia que o mito da Atlântida era brincadeira de Platão, mas a partir das Grandes Navegações e suas descobertas de outros continentes, a lembrança do filósofo fez com que a imaginação humana reinasse solta, e assim chegou até nossos dias.

211 Trata-se aqui da mesma cruz isósceles já citada.

212 Com nota de rodapé da Editora: “Graal”.

213 Pentecostes.

214 O membro efetivo das Entidades do Graal.

215 O número de adeptos efetivos da Ordem do Graal na Terra gira em torno de 500 indivíduos (dados de 2007).

A EXPLICAÇÃO SEXUAL DO GRAAL

Um trabalho muito profundo e abrangente sobre os antigos mistérios do Graal, foi escrito pela estudiosa e folclorista Jessie L. Weston (1850-1928), em sua Obra “Os Segredos do Santo Graal” em 1913. Especialista em mitologia céltica e germânica, seus trabalhos enfocaram as literaturas arturianas medievais. Os Segredos do Santo Graal é um trabalho científico sério, de mais de trinta anos de estudo firme, que mostra a evolução da crença religiosa desde *o mistério pagão* até *a cerimônia cristã*, e que nos faz ver o folclore incluso e além dele, mostrando-nos, no âmago do Graal, um mundo de religião comparativa em seu sentido mais amplo, até a fronteira entre *o paganismo e o cristianismo*.

Esta estudiosa se tornou muito conhecida pelos estudantes de Literatura Medieval europeia. Este capítulo com suas poucas linhas, não faz juz ao rico trabalho de Weston, no entanto, será o bastante para elucidarmos alguns pontos complementares dentro daquilo que estamos desmistificando ao longo de minha Obra.

Dizer que o cálice do Graal representa a vagina feminina, e a Lança que Sangra o pênis masculino, pode parecer louco ou esquisito, mas ao se adentrar nos estudos que fizeram surgir tais conclusões, a coisa já não se mostra mais tão esquisita. Tais conclusões tem a ver com crenças antigas do “Culto da Fertilidade”, que propunha a celebração da “restauração da vida”, chamado também de “Culto da Natureza”. As conclusões giram em torno do seguinte fato: o que inspirou Chrétien de Troyes a imaginar a estória do Graal e da Lança que Sangra, do modo (formato) como ele a criou? Obviamente que os acadêmicos querem com isso entrar dentro da cabeça e do coração do poeta, pretendendo descobrir que influências tradicionais ou antepassadas levaram o poeta a imaginar aquela estória e escrevê-la como escreveu.

Para outros poetas pós Chrétien de Troyes, podemos manter a tese de que a lenda do Graal é principalmente uma lenda cristã e eclesiástica, devido a associação do cálice com o objeto *pessoal* de Jesus Cristo e a mística da Eucaristia. Mas no caso da Obra original francesa de Chrétien de Troyes, descobriu-se ser ela uma agregação de elementos muito diferentes e até contraditórios, inspirados não só na liturgia cristã mas também nos conhecimentos ancestrais e tradições antigas que sofreram “mutação”. Conhecimentos esses, vindos principalmente da cultura celta.

Poderíamos dizer que o querer entrar na cabeça do poeta falecido e querer tirar dela o seu conteúdo, é algo bem ousado e arrogante, mas na verdade é simplesmente o querer analisar academicamente ou objetivamente o objeto em estudo, descobrindo a sua essência e origem.

Weston explica em sua Obra, o folclore, os cultos da fertilidade e a celebração da vida, praticados por povos pagãos ancestrais dos franceses e europeus em geral, nomeando alguns pontos de semelhanças na origem, juntamente com uma interligação mútua.

Do trabalho de Weston, podemos colher resumidamente as observações enumeradas abaixo:

1 – Uma conexão próxima entre a vitalidade de um rei e a prosperidade de seu reino, ou seja, as forças do governante estando enfraquecidas ou destruídas, por ferimento, doença, velhice ou morte, está diretamente ligado a simbologia de equivalência da “terra devastada”.

2 – A posição de nossos antepassados para com o processo de acontecimentos da Natureza, ordenada de nascimento, crescimento e decadência, e comemorados em rituais solenes com júbilos e lamentações. Era a observação do progresso das estações do ano, onde havia o nascimento da vegetação, frutificação, morte e renovação.

3 – Entre determinados povos, como celtas e gregos antigos, o papel do Deus era unificado com o do rei, o que colocava nos “ombros” do rei a responsabilidade de prover o povo e a terra, com fertilidade, vida e abundância, que podiam vir do fazer chover ou ter o sol próspero necessário, por exemplo. Ou seja, a existência do povo e da terra dependiam do rei diretamente. O rei não era um homem qualquer, era o representante do Deus, a reencarnação divina, e como tal, a fertilidade de sua terra e a prosperidade de seu povo estavam ligadas à sua própria virilidade e vida. Por isso, o povo é o “reflexo” de seu rei.

4 – O herói tem por objetivo a restauração da terra. E heróis com essa incumbência existem nas mitologias de diversas culturas de outras Eras e lugares.

5 – A influência do “sentido da vida” e a faculdade de dar a vida.

6 – Se a vida e a abundância ficam prejudicadas ou comprometidas, o povo deve tomar medidas para trazer o rejuvenescimento, que vem através da morte do rei velho e a substituição por um sucessor jovem e vigoroso.

7 – A existência de uma conexão simbólica entre a Lança (ou Espada) e o Vaso (ou Taça, ou Prato), antes da instituição do cristianismo ou nascimento da tradição celta. Numa antiguidade longínqua e mundial, a Lança e o Vaso eram símbolos sexuais realmente, sendo que a Lança ou Haste representava o masculino e o Vaso ou Taça, o feminino, a energia reprodutiva e símbolo da Vida (tais símbolos também são encontrados em justaposição). Havia por isso, rituais muito antigos com danças cerimoniais comemorando o processo da vida e a vitalidade reprodutiva (com os Símbolos da Fertilidade, que são os símbolos da energia da vida humana). Por isso, há a Lança sendo levada em procissão carregada por um jovem e o Graal carregado por uma donzela, num ritual onde o sexo daquele que porta o objeto, corresponde ao símbolo levado.

8 – Tais simbologias conseguiram chegar até os ciganos atuais, em formato dos quatro naipes das cartas do Tarô, onde temos sua associação, comparando-se com as cartas ordinárias: taça, cálice ou goblet (copas); lança, cetro ou sceptre (ouros); espada (espadas); pratos, círculos ou pentágonos variados (paus).

9 – Folclores pagãos do continente europeu possuíam rituais onde uma dança dramática mostrava simbolicamente o seu líder sendo morto e revivido, como reflexo simbólico da morte e renascimento do ano (o fim do inverno e o início da primavera; Festivals da Primavera).

10 – O peixe também é um símbolo da vida antiquíssimo, e o título de “Pescador” era associado às divindades ligadas à origem e preservação da vida. A importância da figura do peixe nesse sentido, também emigrou para o cristianismo a partir da igreja primitiva, herdado dos judeus, que por sua vez o herdaram dos sírios. Na cultura cristã havia a refeição de peixe sacramental (existem numerosas ilustrações nas catacumbas romanas), refeição esta composta de peixe, pão e vinho.

11 – A conclusão maior sobre Perceval é que sua estória possui uma multidão de temas de contos populares, distintos do próprio Graal.

12 – Já a conclusão maior sobre o Graal, é que sua estória tem origem primária no Ritual da Vegetação, um Culto da Vida antigo, ou seja, é o registro *distorcido* de um ritual antigo, que tem como objetivo final a iniciação no segredo das fontes da vida física e espiritual²¹⁷.

13 – A todas estas observações que compõem o universo da inspiração do poeta Chrétien de Troyes, há ainda a união com a influência do seu período contemporâneo.

14 – As Cruzadas e o conseqüente comércio de relíquias que se desenvolveu na época, principalmente o das relíquias da Paixão de Cristo, ocasionaram a identificação dos símbolos sexuais da Lança e da Taça, com a Arma da crucificação de Cristo e a Taça da sua última ceia (e daí com os símbolos da Eucaristia).

15 – O próximo passo no desenvolvimento literário, foi a conversão do poema de Chrétien de Troyes em um romance cristão por meio de poetas posteriores.

Falando especificamente da bandeja (vaso, taça) e da Lança do poema medieval arturiano de Chrétien de Troyes (e emigrado para os seus sucessores), descobriu-se que eles são “símbolos” sexuais originalmente usados primeiramente como “emblemas” da Fertilidade, e utilizados em rituais como forma de promover ou restaurar a atividade de energias reprodutivas da Natureza.

Weston resume parte de suas interessantíssimas descobertas dizendo:

“O processo gradual de nossa investigação, levou-nos à conclusão de que os elementos constituindo a existência da lenda do Graal – a colocação da história, a natureza da tarefa que aguarda o herói, os símbolos e seu significado – um e todos, ao encontrar sua contraparte no registro pré-histórico, apresentam paralelos notáveis à prática e crença existentes em países tão amplamente separados como as Ilhas Britânicas, Rússia e África Central.”

217 Este ritual sobrevive ainda hoje e pode ser rastreado em todo o mundo em cerimônias populares.

UMA ORDEM HONORÍFICA DE CAVALEIROS

Seguindo a tendência secular da formação de Ordens de Cavalaria, o rei Eduardo III (1312-1377) da Inglaterra, fundou a Ordem da Jarreteira (*Order of the Garter*), a mais antiga Ordem de Cavalaria britânica, também conhecida como “Ordem dos Cavaleiros de São Jorge”. Este rei já citamos anteriormente como aquele que mandara confeccionar uma “Távola Redonda” em 1336, ancestral do poeta e barão inglês Alfred Tennyson (século XIX).

Antes de ser rei da Inglaterra, Eduardo III era conde de Chester (1312), conde de Ponthieu e de Montreuil (1325), e depois duque da Aquitânia (1327). Ele era filho de Eduardo II de Inglaterra e da princesa Isabel de França.

Eduardo III fundou a Ordem em 23 de abril de 1344, como uma comunidade, uma companhia e uma escola de cavaleiros. A Ordem militar foi fundada por 26 cavaleiros, contando o soberano, tal qual uma “Távola Redonda” realmente, e abrangia o espírito medieval de então, baseada nos nobres ideais da corte do rei Artur e da demanda do Santo Graal.

A Ordem da Jarreteira é chamada também de “Ordem da Liga”. O nome “Jarreteira” vem do francês *jarretière*, e é um antigo nome usado para uma liga (fita, cinto) com que as damas prendiam as meias na perna. O nome desta Ordem distinta se traduz como uma “estreita liga entre homens”, ou seja, um enlace de honra entre pessoas através de um sério acordo entre nobres e amigos na execução de seus ideais cavalheirescos. A própria *jarreteira* se tornou o emblema e a insígnia da Ordem.

Pelos estatutos originais da Ordem, exigia-se que cada membro já fosse um cavaleiro (hoje chamado “cavaleiro celibatário”). Dos seus 26 cavaleiros iniciais, aquele que ainda não era cavaleiro foi nomeado como tal, no mesmo ano da fundação.

Supõe-se que a Ordem da Jarreteira tenha sido criada para destacar os esforços do reino inglês e dos aliados, na conquista da Terra Santa nas Cruzadas, numa época considerada de ouro para os cavaleiros.

Os 26 cavaleiros que a fundaram foram: Eduardo III da Inglaterra, Eduardo, Príncipe de Gales, Henrique de Grosmont (Conde de Lancaster), Thomas de Beauchamp, João III de Grailly, Ralph de Stafford (2º Barão Stafford), Guilherme de Montagu (2º Conde de Salisbury), Rogério Mortimer (2º Conde de March), João de Lisle (2º Barão Lisle), Bartholomew de Burghersh, John de Beauchamp, João de Mohun (2º Barão Mohun), Hugo de Courtenay (2º Conde de Devon), Thomas Holland, John de Grei, Richard Fitz-Simon, Miles Stapleton, Thomas Wale, Hugh Wrottesley, Nele Loring, John Chandos, James Audley, Otho Holand, Henry Earn, Sanchet D’Abrichecourt e Walter Paveley.

Em 1344 um grande torneio foi disputado em Windsor e superou em esplendor todos os outros realizados neste período pelos monarcas europeus. Para o evento, foram convidados proeminentes cavaleiros de toda a Europa. Acredita-se que foi durante o torneio que o rei se inspirou na fundação da Ordem.

O torneio e a fundação da Ordem foram considerados o apogeu da “Era da Cavalaria”.

Desde a fundação da Ordem da Jarreteira até o ano de 1786, o soberano foi também seu grão-mestre. Os membros efetivos pertenceram à mais alta aristocracia britânica, e somente o monarca grão-mestre pode conceder a adesão. As nomeações são vitalícias e intransmissíveis (não são hereditárias). Também mulheres compõem o corpo efetivo de 26 membros da Ordem. Este, inclui as personalidades principais que são o grão-mestre (o soberano inglês) e o príncipe de Gales (sempre incluso), e depois as outras personalidades limitadas em 24 membros, que são conhecidos como “Cavaleiros” ou “Damas Companheiros”. Mas há ainda outras personalidades secundárias na Ordem, chamadas de “Cavaleiros e Damas Reais” e “Cavaleiros e Damas Estrangeiros” (de outros países).

Os membros da Ordem são nomeados sempre num 23 de abril, dia de São Jorge. Este dia está associado a uma rosa vermelha, embora a cor de São Jorge seja azul, e é tradição vestir algo azul para a cerimônia de nomeação.

Para as ocasiões cerimoniais da Ordem, os seus membros masculinos e femininos usam elaboradas vestimentas e apetrechos (acessórios). Dentre estas, estão: um manto de veludo azul-escuro; um chapéu de veludo preto com pluma e penas; a jarreteira

(cinto) de veludo azul-escuro com o “lema” da Ordem em letras de ouro, que é usada em torno da panturrilha esquerda pelos homens e no braço esquerdo pelas mulheres; um brasão heráldico onde se vê a Cruz de São Jorge²¹⁸ circulada pela jarreteira e costurado sobre o ombro esquerdo do manto (com exceção do manto do soberano que usa a estrela da Ordem); a insígnia da estrela que é uma representação colorida esmaltada do escudo heráldico da Cruz de São Jorge, rodeado pelo desenho da jarreteira e cercados por um emblema de prata de oito pontas (com um aglomerado de raios, com os quatro pontos cardeais e seus intermediários), que é usada presa ao peito esquerdo; um emblema de ouro que mostra São Jorge a cavalo matando um dragão, usado suspenso por uma pequena liga de ouro numa faixa no quadril direito; e um colar de ouro trabalhado, de 933 gramas, com o São Jorge matando o dragão, como pingente. Um destes dias cerimoniais é o “Dia da Jarreteira” (13 de junho).

De acordo com a história da Ordem da Jarreteira, o rei Artur no século VI, colocou a imagem de São Jorge em suas bandeiras.

O lema da Ordem da Jarreteira é escrito em francês antigo: “*Honni soit qui mal y pense*”, e significa “envergonhe-se quem nisto vê malícia” ou “maldito seja quem pense mal disto”.

Alguns eruditos medievais apontam uma ligação entre a Ordem da Jarreteira e o poema inglês “Sir Galvão e o Cavaleiro Verde” (*Sir Gawain and the Green Knight*)²¹⁹. No poema é citado um cinto muito semelhante ao da Ordem em suas conotações, e aparece em seu texto também, uma versão aproximada do lema da Ordem da Jarreteira, que o autor anônimo traduz do francês antigo como: “Maldito seja um coração covarde e avarento”.

Quando da morte de um membro da Ordem, o emblema e a estrela devem ser devolvidos pessoalmente ao soberano, pelo parente do sexo masculino mais próximo do antigo membro. Já as outras insígnias devem ser devolvidas para a Chancelaria Central das Ordens de Cavalaria²²⁰.

A maioria das honrarias britânicas abrange todo o atual Reino-Unido, no entanto, a Ordem da Jarreteira pertence somente à Inglaterra e Gales. O atual soberano da Ordem é a monarca Rainha Elizabeth II.

A sede da Ordem é a capela de São Jorge no Castelo de Windsor, onde também são realizados os seus serviços.

No século XVIII, os serviços da Ordem da Jarreteira se tornaram raros e foram descontinuados em 1805, mas revividos depois pelo rei Jorge VI em 1948, tornando-se um evento anual. Anualmente no mês de junho, na segunda-feira da semana do *Royal Ascot*²²¹, os membros da Ordem, vestindo suas vestes cerimoniais e insígnias, reúnem-se na ala do *Upper Ward* (ala alta) do Castelo de Windsor e saem em procissão a pé pelo castelo até a Capela de São Jorge, liderados pelos Cavaleiros Militares de Windsor. Após o serviço na capela, eles retornam à *Upper Ward* de carruagem.

Interessante é, que durante o século seguinte à sua fundação, o conceito desta Ordem passou a ser seguido por outros monarcas europeus ao fundarem suas próprias e prestigiadas Ordens de Cavalaria.

- 218** A Cruz de São Jorge é um símbolo constituído por uma cruz “isósceles” pintada de vermelho, em um campo branco (fundo). Este símbolo está presente em emblemas, brasões e bandeiras de países, cidades e instituições que adotaram o São Jorge como santo patrono (na bandeira inglesa inclusive).
- 219** Este poema existe em apenas um manuscrito e está preservado no Museu Britânico. O autor é anónimo, mas é referido como o “poeta-Pearl” ou o “poeta-Gawain”. O poema é composto de mais de 2500 versos, organizados em estrofes de tamanho variado.
- 220** É um pequeno escritório dentro da Casa Real do soberano do Reino-Unido, responsável pela administração das Ordens de Cavalaria de seu domínio e de alguns aspectos de honras em geral.
- 221** O *Royal Ascot* é o nome pelo qual é conhecido um encontro de turfe, que acontece numa famosa pista de corrida de cavalos inglesa, chamada *Ascot Racecourse*, localizada na cidade de Ascot, próxima ao Castelo de Windsor e pertencente à Coroa da Inglaterra.

MAIS REFLEXÕES SOBRE O GRAAL

“O Tempo revela a Verdade.”
Sêneca

14.1 – CONSCIÊNCIA DOS SÉCULOS XIX E XX

Mas como o Graal tornou-se doutrina e religião? E por quê? Como o Graal atendeu a uma demanda messiânica e apocalíptica emergente? O que estava acontecendo na época de seu florescimento?

A religião e a Ciência só deixaram de andar juntas a partir do século XIX. Tal fato trouxe grandes mudanças para a Humanidade.

No século XIX, a Europa passou a viver um momento histórico em que a religião estava sendo desacreditada rapidamente pelos avanços da Tecnologia e da Ciência, testemunhando o nascimento de uma série de escolas místicas de ocultismo, novos grupos espiritualistas, centros espíritas, novas Ordens, novos Movimentos e pensamento alternativo. Em virtude do fracasso crescente do cristianismo, tais associações ganhavam um número grande de adeptos, principalmente na Alemanha²²². O assunto era discutido em todas as camadas sociais. Só na Inglaterra, por volta de 1800, havia centenas destas organizações.

A Cavalaria e o misticismo entraram na moda, trazidos à tona por historiadores da época, a partir da França. Os europeus cristãos perderam a fé na “ordem divina” que sustentava seu sistema tradicional de valores. O cristianismo não conseguia mais fornecer explicações satisfatórias para questões fundamentais da Vida e sobre os processos do mundo natural, por exemplo, os fatos descobertos por Darwin²²³. Os místicos, então, quiseram compensar isso, reafirmando o divino em processo de extinção e oferecendo caminhos de ligação com a Ciência, tentando purgar as religiões institucionalizadas de erros seculares, mas ao mesmo tempo incentivando a pesquisa científica, o pensamento independente e a crítica da fé. Isso, naturalmente, deu resultado numa sociedade em mudanças.

O “ceticismo arrogante” da Ciência e o materialismo foram atacados, e assim os ocultistas puderam florescer. Na verdade dogmas velhos foram substituídos por dogmas novos. Em outras palavras, os mesmos dogmas foram disfarçados em novas formas. Pode-se dizer também, que dogmas e conceitos foram “modernizados” ou “mais enobrecidos” ou “humanizados”, ou ainda, “mais adaptados às expectativas contemporâneas”.

Como cada vez mais os ocidentais eram conquistados pela ideia de renunciar às repressões impostas pelas suas religiões, pelos seus governos, pela sua educação e por outras tradições, isso fez místicos e doutrinadores ocidentais buscarem no Oriente conhecimentos espirituais diversos que pudessem criar novas doutrinas, para adequação destas expectativas. As tradições e crenças espirituais da Índia, Pérsia e China atraíram os ocidentais por causa de suas diferenças, mística e liberdade. Isso ajudou a criação de novos grupos místicos de todo tipo no Ocidente, nos séculos XIX e XX. Tais grupos ocidentais e mentores conciliaram os saberes das várias correntes doutrinárias do Oriente e desenvolveram uma base doutrinária para si próprios.

Muitos doutrinadores almejavam, inclusive, doutrinas novas mais liberais, sem terem de abrir mão do mundo material. Para tais correntes místicas, ter posses e bens não era mais “pecado”, e sim, uma “dádiva dos céus”. Isso foi bem-vindo para um mundo ocidental essencialmente capitalizado.

Vejamos outro enfoque sobre esta revolução de consciência ocorrida nos séculos XIX e XX, e que as novas tecnologias trouxeram após a revolução industrial, como a imprensa, a mídia auditiva e a mídia visual, nas palavras de Riane Eisler:

“Mas houve, principalmente no Ocidente, um outro motivo para essa explosão ideológica. À medida que as ideologias religiosas enfraqueciam na esteira da crescente industrialização, surgiu uma fome, quase uma avidez desesperada por novas formas de perceber,

ordenar e valorar a realidade – Em outras palavras – uma fome de novas ideologias.

As vozes de filósofos e cientistas, que alguns chamam de clero secular, se fizeram ouvir por todo o mundo ocidental. No século XIX eles estiveram em toda parte reinterpretando, reordenando e reavaliando a realidade segundo os evangelhos modernos de Kant e Hegel, Copérnico e Galileu, Darwin e Lavoisier, Mil e Rousseau, Marx e Engels, para citar apenas alguns poucos dentre os primeiros profetas da Palavra secular.”

Em 1854, ocorreu na Alemanha, na cidade de Göttingen (Baixa Saxônia), um congresso de cientistas conhecido como “a discussão materialista”. Foi uma briga de sábios que girou em torno de questões primordiais como a formação do Cosmo e a origem do ser humano. Sem chegarem a nenhuma conclusão, os cientistas se dividiram em duas facções: os materialistas e os espiritualistas. Os primeiros insistiam na tese de que no início era a matéria, já os espiritualistas retrucavam que no início era o espírito...

À medida que as ideologias religiosas se enfraqueciam (séculos XIX e XX), também ideologias humanas modernas emergiam: o abolicionismo, o pacifismo, o anarquismo, o anticolonialismo, o feminismo e o ambientalismo.

Sem contar inclusive, com o revolucionário Movimento literário e artístico surgido em 20 de fevereiro de 1909, conhecido como “Futurismo”, fundado pelo poeta italiano Filippo Tommaso Marinetti. Os adeptos de seu Movimento rejeitavam o moralismo e o passado, e suas obras baseavam-se justamente na velocidade e desenvolvimentos tecnológicos do final do século XIX. Marinetti pretendia substituir a arte do passado por outra, moldada pelo mundo da velocidade e da máquina. Seu discurso modernista se apresentava como uma ruptura com o “velho”, opondo-se às receitas “passadistas” e “acadêmicas”. O Futurismo desenvolveu-se em todas as artes e influenciou vários artistas que depois fundaram outros Movimentos modernistas.

No primeiro manifesto futurista publicado no jornal francês *Le Figaro* de 1909, o *slogan* do Movimento era: “liberdade para as palavras”.

Infelizmente, os primeiros futuristas europeus exaltavam também a guerra e a violência...

Soma-se a isso tudo o crescente aumento populacional dos países devido a industrialização.

Quantas mudanças! Quanta coisa nova “bombardeou” o mundo! Era uma nova época que nascia, assim como tantas outras em outros tempos.

Mas chama a atenção, a época que antecedeu tais mudanças, ou seja, a época anterior a 1914 e à Primeira Guerra Mundial, como lembra o historiador Eric Hobsbawm:

“A paz era o quadro normal e esperado das vidas europeias. Desde 1815, não houvera nenhuma guerra envolvendo as potências europeias”.

Os últimos quinze anos dessa época de prosperidade da sociedade ocidental (1899-1914), antes da Primeira Guerra Mundial, culminou com sua “*belle époque*”. Ou seja, por cem anos, antes da Primeira Guerra Mundial, a sociedade da Europa estivera em paz em seu solo. Por isso, nessa época, a produção de novos messias foi “zero”. Cem anos de paz e prosperidade, e de repente tudo mudou a partir do início da Primeira Guerra Mundial com tudo o que a envolveu.

As coisas fervilharam e mudaram. Depois houve a crise mundial de 1929 (“A Grande Depressão”), seguida de mais uma guerra, a pior de todas: a Segunda Guerra Mundial. Por isso o advento de novos messias foi inevitável após 1914 (inclui-se aí Lenin, Stalin, Hitler, etc.). Um novo ciclo se iniciava e alguns messias e suas doutrinas floresceram.

Mas após a Segunda Guerra Mundial, ocorreu na Alemanha o controle progressivo da inflação, realizado por Hjalmar Schadt, estabilizando as condições de vida das pessoas. Com isso, a onda de ocultismo decresceu rapidamente até a década de 1980.

14.2 – A HISTÓRIA DESMISTIFICA O GRAAL

Dentro da História acadêmica, o assunto Graal não apresenta segredos, mas sim, respostas. Está detalhadamente traçada a sua História: a origem, as lendas, os desenvolvimentos, as estórias, as conclusões. O que nós fizemos foi reunir tudo aqui, oferecendo ao Leitor um panorama completo do assunto.

O historiador Michael Haag é um destes historiadores que explica conclusivamente a trajetória do Graal sem máscaras, desde

que foi criada. Em seu recente livro sobre a História dos Templários, ele explica, em poucas linhas, o que a História resume sobre o tema Graal já enraizado na História da Humanidade. Aquilo que o Leitor pôde acompanhar até aqui sobre Graal, poderá ainda receber uma boa dose de clareza, vindo de mais esta fonte. Acompanhemos:

“A BUSCA DO GRAAL

O Graal foi inventado no final do século XII por Chrétien de Troyes: jamais fora mencionado antes. É curioso que nada houvesse no Graal de Chrétien que fosse explicitamente religioso; ele nunca escreveu sobre uma taça ou um cálice na Santa Ceia. Por essa razão ele não o descreve como uma taça ou cálice, mas como bandeja, que é o significado original e usual da palavra *graal* no francês antigo. Mas há algo de mágico na primeira aparição do Graal nas páginas da história de Chrétien, no início de um festim oferecido por um milionário, e é mais maravilhoso ainda que Chrétien não tenha terminado sua história. Ele aparece assim na história:

‘Então entraram dois pajens trazendo nas mãos candelabros de puro ouro com detalhes esmaltados. Os jovens que portavam os candelabros eram extremamente belos. A criada que acompanhava os dois jovens trazia nas mãos uma bandeja; ela era bela, nobre e estava ricamente trajada. Quando entrou no salão com a bandeja, o espaço iluminou-se e as velas perderam o fulgor, assim como as estrelas e a lua quando o sol nasce (Arthurian Romances, Penguin, 1991).’

O que mais impressiona nessa aparição do Graal é que Percival, o herói do romance, sabe exatamente do que se trata, mas não diz nada até a história ser interrompida (com a morte de Chrétien). Seria uma alegoria? Esse aspecto é algo que se discute há mais de oitocentos anos. E, se for, seria uma alegoria religiosa? Também não há nada de definitivo a esse respeito. Mas essa imagem fantasiosa logo inspiraria outros escritores a terminar a história – entre eles Wolfram von Eschenbach, que em *Parsifal*, a sua adaptação alemã do século XIII, introduz os cavaleiros templários na literatura como os guardiões do Graal.

Chrétien de Troyes escreveu quando a sociedade medieval ocidental, tão fiel às tradições, se abria para um mundo mais amplo, o mundo além do Mediterrâneo, o mundo oriental, onde novas ideias e crenças eram descobertas e redescobertas, no mínimo por conta das Cruzadas. Escrever sobre o Graal era escrever sobre uma busca cultural e espiritual, embora seja estranho que o gênero, independentemente de suas nuances religiosas, fosse o preferido dos escritores seculares, jamais da Igreja. E assim, livre de doutrinas e cânones, o Graal tem sido infinitamente reinventado até hoje.”

14.3 – A ANÁLISE PSICOLÓGICA DO GRAAL

“O Graal representa o receptáculo das realizações das mais altas potencialidades da consciência humana.”

Joseph Campbell

A maior parte das versões do Graal retrataram a região devastada e estéril do Rei-Pescador, que precisava ser restaurada. O estudioso de mitologia e religião comparativa, Joseph Campbell, nos dá uma análise profunda sobre a lenda do Graal, que pode e deve ser vivenciada pelas pessoas (em qualquer tempo ou lugar), que procuram por situações que possam facilitar o encontro com um lugar próspero e fértil. Este é o sonho humano desde sempre!

Campbell explana em “O Poder do Mito”:

“O tema da história do Graal diz que a terra está devastada, e só quando o Graal for reencontrado poderá haver a cura da terra. E o que caracteriza a terra devastada? É a terra em que todos vivem uma vida inautêntica, fazendo o que os outros fazem, fazendo o que são mandados fazer, desprovidos de coragem para uma vida própria. Esquecem-se que são seres únicos, cada indivíduo sendo uma pessoa diferente das demais. A beleza de uma terra rica está exatamente na convivência dos diferentes, não na mistura deles. Se temos um lugar ou uma Era em que todos se alienam e fazem a mesma coisa, temos a terra devastada: ‘Em minha vida nunca fiz o que queria, sempre fiz o que me mandaram fazer’. O Graal se torna aquilo que é logrado e conscientizado por pessoas que viveram suas próprias vidas. O Graal representa o receptáculo das mais altas potencialidades da consciência humana”.

Na Obra de Chrétien de Troyes e em posteriores Obras do tema Graal, percebe-se na interpretação religiosa, que tais Obras místicas tornaram-se finalmente a glorificação do sacramento eucarístico da Igreja.

Já uma interpretação esotérica direta ou indireta, vê a perda do Graal como o obscurecimento do centro espiritual do indivíduo. No entanto, tal interpretação mostra que uma “iniciação” deve ser instituída, pois somente ela teria o poder de fazer com que o Graal fosse encontrado ou reencontrado. O ser humano se liberta da fatalidade antiga e prostra-se diante do “mistério da redenção”. “A carne tem de se submeter à alma”. Em outras palavras, a busca do Graal tornou-se um símbolo de purificação e de renúncia para se chegar à “perfeição pessoal” e à salvação.

Espelha-se nisso também, o aspecto da religião graalita moderna de Oskar Bernhardt, apartada da Igreja Católica e do âmbito terrestre. Vejamos sua essência:

No século XX o Graal se transformou em doutrina. Nesta doutrina, Parsival (Perceval), o herói que restaura e salva, mora no céu. Ele é “o cavaleiro puro” e o único que pode ver, face a face, um Santo Cálice da Vida, chamado “Graal”, que está num

Templo Celeste chamado “Supremo Templo do Graal”, onde Parsival é rei e Filho de Deus. O próprio Parsival, com a publicação de seu livro no plano terrestre, através do “mortal” Oskar Bernhardt, deu aos seres humanos a oportunidade de restaurar a Terra e se salvarem no Juízo Final. Ao espírito dos seres humanos “purificados” e “salvos” com a aplicação dos ensinamentos do livro de Parsival, é dada a oportunidade de irem ao encontro, após sua morte, de um lugar próspero e fértil. Um lugar extraterrestre, situado no mundo invisível, conhecido como “Paraíso Celeste”, para que ali os espíritos humanos vivam mais próximos de Deus e protegidos, sem doenças, nem sofrimentos, mas também sem “pecados”, pois “pecados” não haverão mais, mas tão-somente bem-aventurança e “radiantes atividades”...

Isso se traduz também no almejado desejo esotérico pelo “Elixir da Vida”, ou seja, de uma bebida mágica, que ao ser ingerida, traga a almejada “vida eterna” e a cura das doenças para sempre, um tipo de “remédio sem igual”, o que reflete psicologicamente o temor dos seres humanos pela morte, que é certa a todos os seres vivos.

Os seres humanos, sempre almejam a imortalidade, que também se reflete no desejo da “ressurreição dos mortos” ou renascimento. Agora, quando o aspecto do Graal é mostrado em forma de uma pedra, também chamada de “Pedra Filosofal”, esta, além de trazer a imortalidade, está baseada na visão de que tal pedra milagrosa seria um objeto de aspiração de sabedoria, ou seja doadora de conhecimento, o conhecimento final sobre tudo. No sentido espiritual, também se traduz como “a experiência da iluminação”. É o desejo manifesto do querer humano de saber as respostas dos enigmas que envolvem o Universo e sua própria vida. O Graal representa então “o conhecimento”. E o conhecimento maior é visto como “conhecimento divino”, que transcende o conhecimento humano. Portanto, a busca pelo Graal é vista como *a busca por conhecimento*.

Também destes preceitos a doutrina do Graal do século XX se apropriou e colocou como centro de sua religião, por meio de seu livro do conhecimento que é a sua “Mensagem do Graal, na Luz da Verdade”, tida como a “Verdade de Deus impressa”, e que ensinaria todas as coisas que os seres humanos precisariam para seguirem e viverem na Terra e “além dela”.

Perceval, assim como nós, saiu numa aventura em busca do conhecimento que *não* possuía, tanto que era retratado como “tolo puro”. Se permanecermos na vida como *tolos puros*, a vida decerto nos jogará fora, não sobreviveremos. A própria sobrevivência exige conhecimento, sabedoria. Conhecimento faz parte da lei natural da sobrevivência. Perceval soube no final adquirir sabedoria e sobreviver, a ponto de se tornar cavaleiro e depois rei. Pelos seus esforços ele conseguiu o que ansiava. Agora, já não era mais um tolo puro ou ingênuo.

Na História do conhecimento humano, primeiramente podemos constatar que o conhecimento transformava-se em crença ou religião, e esta, detinha então, o conhecimento da comunidade por meio de seus sacerdotes e reis.

Incluso nisso, está o fato de que a imagem de Deus também mudava com o decorrer do tempo, adaptando-se à filosofia de vida de cada época e à maneira de se interpretar os fenômenos naturais.

Agora, estamos no século XXI, e já desde algum tempo é a Ciência que detém o conhecimento, após sua separação da religião. A religião no mundo está sendo colocada no âmbito da superstição e do folclore, e assim deverá ficar.

14.4 – O MAIS SANTO DE TUDO E A ORIGEM ESPIRITUAL DAS ESTÓRIAS

O fato do Graal como cálice do sangue divino e a Lança de Longino serem santos, é porque estão ligados a Jesus, o Filho do Deus Javé, direta ou indiretamente. Este foi outro aspecto das estórias. Jesus morreu na cruz e ressuscitou aos Céus, mas na Terra ficaram relíquias suas ou relíquias ligadas à ele, ao alcance dos seres humanos. Destas, as mais preciosas e dignas de atenção, são as que contêm ou continham o sangue. A simbologia do sangue nas culturas humanas já sabemos.

Tal como os milagres pessoais do Filho de Deus, seu sangue do Filho de Deus também é portador de milagres, pois é parte de Deus. Assim acreditam os fiéis e assim a religião divulga. Portanto as relíquias são inspiração para as pessoas da crença cristã, e assim, para os escritores cristãos que criam estórias ao redor desta crença e consagram estas relíquias como o mais santo de tudo, o que originou estas estórias desde a Idade Média. Conclui-se que “santo”, além de ser um conceito humano, é aquilo que o ser humano quer chamar arbitrariamente como tal, fruto de seu sentimento mais profundo de “querer acreditar”.

Temos assim a maior exaltação de todas: o *reino* que possui em seu seio a maior das relíquias. E ainda, a glória que terá o rei deste reino. Será um “reino santo” com um rei santo. É o reino da relíquia santa, no caso, a Santa-Bandeja-Vaso, chamado de

Graal, que possui a hóstia da Santa Igreja de Cristo ou o Santo Vaso-Cálice da última ceia de Jesus, que coletou o Santo Sangue dele na Cruz. Tudo é santificado assim, pelos seres humanos! Este é o cerne que inspirou as Obras medievais do Graal. Esta é a mística da inspiração! Chrétien de Troyes, no entanto, somente se utilizou da crença cristã ADAPTADA da Eucaristia, que é a liturgia mais importante da Igreja e que representa a união de Jesus-Deus com os seres humanos, mediante a ingestão simbólica do seu corpo (o pão; a hóstia) e do seu sangue (o vinho). No caso, a hóstia é o alimento milagreiro do pai do Rei-Pescador, servida à ele numa bandeja (vaso), o Graal.

A mística desenvolve na fantasia dos poetas, a aventura, a magia, o mistério e o suspense, e junto, a exaltação ao divino. Um trecho do poema de Gerbert de Montreil mostra bem isso, onde o rei Artur diz a Perceval, antes que ele se sentasse no Assento Perigoso:

“...Fui obrigado a prometer, por minha coroa e minha vida, que essa cadeira seria colocada ali onde a vedes, mas que ninguém sentaria nela se não estivesse acima de todos os cavaleiros do mundo, e designado por Deus para ser Rei do Santo Graal e guardião da Lança que Sangra, sob pena do mais duro castigo. (...)”.

Perceval, o herói de Chrétien de Troyes, é o cavaleiro que consegue tal proeza *por meio* dos autores “continuadores”, tornando-se “Cavaleiro e Rei do Graal²²⁴”.

222 Deslocar mesas, sondar oráculos e fazer experiências hipnóticas era uma espécie de passatempo social.

223 Com isso, também a maçonaria ganhou força, principalmente após 1799, quando uma lei britânica foi aprovada, a lei chamada “Lei Contra as Sociedades Ilícitas”. Tal lei surgiu das preocupações com relação a Revolução Francesa e seus efeitos, e excluía a Ordem da Maçonaria *especificamente*.

224 Também “Santo Graal”.

OS CAMINHOS DO GRAAL

“A pessoa que ‘fecha’ a mente para determinados assuntos raramente progride. Intolerância significa recusa em adquirir novos conhecimentos. As formas mais danosas de intolerância são aquelas ligadas a religião, raça e diferenças de opinião política.”

Napoleon Hill

Nos últimos tópicos, expusemos um resumo dos trabalhos de *alguns* poetas e escritores sobre o tema “Graal” e o ciclo arturiano no geral, e falamos um pouco da história pessoal de alguns de seus autores. O principal com relação ao Graal, é verificarmos que cada Obra anterior desenvolveu o seu próprio Graal. Até aqui, todas as Obras citadas são atraentes, e o principal, é que nelas se pode captar simultaneamente toda uma filiação literária até Chrétien de Troyes e o eco de antigas tradições.

Muitas foram também as interpretações sobre as estórias medievais que falavam de Artur, de Perceval e do Graal. Quase todas, no entanto, são interpretações vindas de olhares místicos. O pesquisador sério da História ou da Literatura, contudo, sabe encontrar a verdade por trás das interpretações ou o fato que inspirou um antigo escritor, sem delongas, bastando pesquisar um pouco, pois as evidências e provas são palpáveis e incontesteis.

Em torno do Graal *não* se criou um complexo conjunto de estórias relacionadas com Artur e os cavaleiros da Távola Redonda, pois o Graal ainda *não* existia em nenhum aspecto! O que aconteceu realmente, é que foram criadas novas estórias arturianas com muitas novidades! Dentre estas, a estória que nos interessa aqui, é aquela que evoluiu tornando-se “a Saga do Graal”. Nesta nova estória, foi criado um novo elemento (além de novos personagens). No caso, o elemento novo foi a bandeja-vaso mágica, apelidada de “Graal”. Este Graal chegou como um apelido glamoroso para designar a bandeja com a hóstia milagreira do Rei-Pescador. A palavra Graal foi um *apelido formal*, como um fator de *charme e importância* a mais para esta Obra poética palaciana. Isso se deveu ao poeta e escritor Chrétien de Troyes do século XII. É ele o CRIADOR TODO-PODEROSO DO GRAAL, como dissemos.

Troyes, na Champanha, foi o berço do poeta. Gantes, em Flandres, foi o berço do Graal. Lugares deslumbrantes...

A estória sobre o Graal é uma ficção literária *em todos os sentidos! Para todos os tempos!* Não é realidade, tampouco mistério.

Alguns dizem que “*a procura do Graal representava a tentativa por parte do cavaleiro de alcançar a perfeição*”. Tal afirmação mística tem por objetivo transplantar para o indivíduo que está fora da estória, uma crença mística para “todos os tempos”. Uma crença que tem por objetivo atrair outros místicos, aqui e ali, com o intuito de construir elementos que dariam suporte (base) para mais afirmações místicas e esotéricas, fundamentadoras de conceitos e saberes dos mais variados.

Em contraste com a afirmação mística acima, a verdade na estória de Chrétien é que Perceval foi procurar o reino do Rei-pescador, onde se encontrava o Graal, após já ter estado lá uma vez, para fazer uma nova tentativa de acerto de seus modos, em prol de acabar com os sofrimentos deste rei e assim poder ser considerado um homem virtuoso e digno aos olhos do Deus e de sua religião, e dos seus semelhantes, devolvendo a paz e a prosperidade àquele reino e à si próprio. É simples! O: “ser considerado um homem virtuoso e digno aos olhos do Deus e dos seus semelhantes...”, é uma simples busca espiritual de realização, mas que os místicos e seitas do Graal enfatizam colocando-a num “alto pedestal”, e chamando-a de “alcançar a perfeição”. Perfeição essa, fora da realidade humana, incompatível com a natureza humana, uma ficção utópica e fruto de fé cega.

A literatura trovadoresca que absorveu a Cavalaria do plano histórico medieval, possuiu tres fases: o período heróico (onde a guerra prevalecia como em “La chanson de Roland” e “El cantar de mio Cid”); a literatura cortês (onde havia a galanteria, as inspirações amáveis e os modos urbanos, como no ciclo arturiano e do Graal); e o período da decadência (fundamentado no artifício e no falso, como em “Don Quixote de la Mancha”).

A estória do Graal de Chrétien e as posteriores “filhas” desta, transformaram-se em lendas e mitos com o passar do tempo. No século XX, as lendas do Graal ganharam interpretações que soariam inacreditáveis para os contemporâneos de Chrétien de

Troyes. O próprio Chrétien ficaria abismado. Mas essas lendas deram origem a uma ampla literatura a seu respeito.

Apesar de todos os “exemplares” de Graal, a verdade é que muitas pessoas ainda continuam numa busca “palpável” dele, por acreditarem ser ele o cálice que Jesus usou (daí seu valor inestimável), e no qual foi recolhido seu sangue durante a crucificação, e que esse sangue, santificou o recipiente, dotando-o de poderes miraculosos. No entanto, tais pessoas ambiciosas ou místicas não o encontram fisicamente, como aconteceu com outras relíquias, o que reforça o mito de que o Santo Graal simboliza mais uma busca espiritual do que o fruto de alguma descoberta arqueológica.

O Santo Graal se converteu no mais mítico dos objetos cobiçados, tornando-se imortalizado no imaginário de todo o mundo ocidental.

Tudo indica que a Saga do Graal ainda está longe de acabar... Do mesmo modo, o mito de Artur continuará a ser reinventado.

Vimos também nesta Obra, que o “Gaal”, de invenção e mito, se tornou Verdade para alguns.

As doutrinas do Graal, do qual fiz parte, condenam as descobertas da Ciência quando estas vão em oposição ao seu saber religioso. Não enxergam, que quando a Ciência descobre algo e apresenta as provas palpáveis, incontestes e visíveis, está divulgando a Verdade que antes não se sabia, e que é a Verdade do Mundo, em oposição às crenças religiosas totalmente diferentes. Mas a crença é cega e lhes dá a resposta que querem, e com isso eles se satisfazem, mesmo que se comprove ser mentira. A mentira, para quem está envolto na crença cega, passa a ser Verdade, e o pior, *Verdade Absoluta*. Enganam a si mesmos com olhares de sabedores, sem notar o ridículo a que se expõem. Ninguém pode dizer o que é, e o que não é, com certeza, a não ser a Ciência quando descobre os fatos e apresenta as provas irrefutáveis e corroboradas. No entanto, a religião é uma questão de fé. E fé não exige reflexão profunda e livre, mas sim, aceitação.

A partir do século XIX, diversos pesquisadores do assunto “Gaal”, leigos ou não, começaram a ver e a interpretar as Obras poéticas e romances do Graal, não como Obras de ficção, mas como relatos históricos de acontecimentos verídicos de épocas passadas. Grande erro... Já outros, se contentaram em construir uma filiação fictícia com este passado das Obras, como se se tratasse de realidade, para tentar fundamentar sua filosofia e/ou história.

Finalizando, é imprescindível lembrar aqui o esclarecimento de Carl Sagan em “O Mundo Assombrado pelos Demônios”:

“Preocupa-me que (...) a pseudociência e a superstição pareçam a cada ano mais tentadoras, o canto da sereia se torne cada vez mais sonoro e atraente. Onde ouvi isso antes? Sempre que nossos preconceitos étnicos ou nacionais são estimulados, em épocas de escassez, em desafios ao orgulho nacional, quando nos afligimos com a diminuição de nosso lugar e nosso propósito no cosmo, ou quando o fanatismo fervilha ao nosso redor – os hábitos do pensamento familiar de eras passadas tentam assumir o controle. A chama da vela derrete. Sua luz tremula. A escuridão se acumula. Os demônios começam a se agitar.”

Com a leitura sequencial deste livro, o Leitor pode ver e analisar com seus olhos reflectivos e analisadores, os caminhos que tal tema percorreu na História humana, e desmistificar assim, o que antes permanecia como enigma. Vimos também, como a fantasia se torna verdade e como a verdade se torna fantasia.

Através desta presente Obra, toda a trama deste assunto pode ser então compreendida, e isso, em todos os campos que ela atingiu e se desenvolveu. Seja em poemas, em estórias, em lendas, em doutrinas, em religiões ou seitas, e até mesmo em filmes de cinema.

Qualquer simpatizante do assunto Graal poderá encontrar aqui nesta Obra, as fundações e desenvolvimentos que o criaram. O cerne da questão é transparente e livremente apontado, assim como sua História.

Vito Marino

O CINEMA E O GRAAL

LISTA PARCIAL DE FILMES BASEADOS NA LENDA DO REI ARTUR E DO GRAAL

- 1949:** UM YANQUE NA CORTE DO REI ARTUR – dirigido por Tay Garnett, com Bing Crosby.
- 1953:** OS CAVALEIROS DA TÁVOLA REDONDA – dirigido por Richard Thorpe e estrelado por Robert Taylor (Lancelot), Ava Gardner (Guinevere), Mel Ferrer (Rei Arthur) e Anne Crawford (Morgana).
- 1954:** THE BLACK KNIGHT – dirigido por Tay Garnett e estrelado por Alan Ladd e Patricia Medina.
- 1954:** PRÍNCIPE VALENTE – dirigido por Henry Hathaway e estrelado por James Mason, Janet Leigh e Robert Wagner (como o Príncipe Valente).
- 1963:** LANCELOT AND GUINEVERE – dirigido por Cornel Wilde.
- 1963:** A ESPADA ERA A LEI – longa-metragem de animação da Walt Disney.
- 1967:** CAMELOT – comédia musical dirigida por Joshua Logan e estrelado por Richard Harris (Rei Arthur), Vanessa Redgrave (Guinevere) e Franco Nero (Lancelot).
- 1973:** GAWAIN AND THE GREEN KNIGHT (Galvão e o Cavaleiro Verde) – produção britânica.
- 1974:** LANCELOT DU LAC (Lancelot do Lago) – dirigido por Robert Bresson.
- 1975:** MONTY PYTHON, EM BUSCA DO CÁLICE SAGRADO – dirigido por Terry Gilliam e Terry Jones.
- 1978:** PERCEVAL LE GALLOIS – dirigido por Eric Rohmer.
- 1981:** EXCALIBUR – dirigido por John Boorman, com Nigel Terry (Rei Arthur) e Helen Mirren (Morgana).
- 1984:** SWORD OF THE VALIANT: THE LEGEND OF SIR GAWAIN AND THE GREEN KNIGHT (a Lenda de Galvão e o Cavaleiro Verde) – produção britânica.
- 1989:** INDIANA JONES E A ÚLTIMA CRUZADA – dirigido por Steven Spielberg, com Harrison Ford e Sean Connery.
- 1990:** LES CHEVALIERS DE LA TABLE RONDE – produção francesa.
- 1992:** GINEVRA – produção alemã.
- 1994:** GUINEVERE – filme para a televisão, com Sheryl Lee (Guinevere), Sean Patrick Flanery (Rei Arthur) e Noah Wyle (Lancelot).
- 1995:** LANCELOT (First Knight) – dirigido por Jerry Zucker e estrelado por Sean Connery (Rei Arthur), Richard Gere (Lancelot) e Julia Ormond (Guinevere).
- 1996:** CORAÇÃO DE DRAGÃO – dirigido por Rob Cohen e estrelado por Dennis Quaid e Julie Christie.
- 1997:** O PRÍNCIPE VALENTE – dirigido por Anthony Hickox e com Edward Fox como o Rei Arthur.
- 1998:** QUEST FOR CAMELOT – filme de animação da Warner Bros.
- 1998:** MERLIM – filme para a televisão, com Sam Neill, Helena Bonham Carter, Miranda Richardson, John Gielgud e Martin Short.
- 2001:** AS BRUMAS DE AVALON – dirigido por Uli Edel e estrelado por Anjelica Huston (Vivianne), Julianna Margulies (Morgana), Joan Allen (Morgause) e Samantha Mathis (Gwenwyfar).
- 2002:** APRENDIZ DE FEITICEIRO – produção sul-africana, com Robert Davi (Merlim) e Kelly LeBrock (Morgana).
- 2004:** REI ARTHUR – dirigido por Antoine Fuqua e estrelado Clive Owen (Rei Arthur) e Ioan Gruffudd (Lancelot).
- 2006:** O APRENDIZ DE MERLIM, A BUSCA PELO SANTO GRAAL – dirigido por David Wu e estrelado por Sam Neill (Merlim) e Miranda Richardson.
- 2006:** O CÓDIGO DA VINCI – produzido por Brian Grazer e John Calley, com Tom Hanks.

BIBLIOGRAFIA

FONTES IMPRESSAS:

ABDRUSCHIN. *Na Luz da Verdade, Mensagem do Graal*. Im Lichte Der Wahrheit, Edição Portuguesa; único volume; edição completa com 762 pp., Verlag “Der Ruf” G. M. B. H. Muenchen. Distribuidor A. Machado Leite, São Paulo – SP. Impressão: “Empresa da Revista dos Tribunais”. Edição de 1934.

ABD-RU-SHIN. *À Luz da Verdade*. Vomperberg, Tirol: Alexander Bernhardt, produção em português: Union Druckerei GmbH Stuttgart. Printed in Germany, 1963.

ABD-RU-SHIN. *Na Luz da Verdade*, vol. I, 1ª edição (1999) e vol. II, 1ª edição (2005). Editora Stiftung Gralsbotschaft, Stuttgart. Printed in Germany.

ABDRUSCHIN. *Na Luz da Verdade, Mensagem do Graal*, vol. 1, 1ª e 8ª edições (19? e 2002); vol. 2, 1ª e 5ª edições (19? e 1995); e vol. 3, 1ª e 5ª edições (19? e 1993). Embu, SP: Editado pela Ordem do Graal na Terra.

ABDRUSCHIN. *Exortações, Alocuções dos anos de 1934 a 1937 (1ª ed. alemã: 1949)*. Embu, SP: Editado pela Ordem do Gral na Terra. Sem o ano da edição em português.

ABDRUSCHIN. *O que a Humanidade perdeu*. Embu, SP: Editado pela Ordem do Graal na Terra. Sem o ano de edição.

ABDRUSCHIN. *Respostas a Perguntas de 1924 a 1937 (1ª ed. alemã: 1953)*. Embu, SP: Editado pela Ordem do Graal na Terra, 1ª e 3ª edições, 19(?) e 1993 (revisada e ampliada).

ABDRUSCHIN. *Os Dez Mandamentos de Deus e o Pai Nosso (1ª ed. alemã: 1955)*. Embu, SP: Editado pela Ordem do Graal na Terra, 4ª edição, 1993.

ANÔNIMO. *A Vida de Abdruschin*, coleção “O Mundo do Graal”. Embu, SP: Editado pela Ordem do Graal na Terra. Sem o ano de edição.

ANÔNIMO. *Buddha*, coleção “O Mundo do Graal”, 5ª edição, pp. 329-30. Embu, SP: Editado pela Ordem do Graal na Terra, 2002.

ANÔNIMO. *Os Apóstolos de Jesus*, coleção “O Mundo do Graal”, pp. 42-3, 55-58. Embu, SP: Editado pela Ordem do Graal na Terra, 2002.

ANÔNIMO. *Ecos de Eras Longínquas*, coleção “O Mundo do Graal”, pp. 64-5, edição esgotada. Embu, SP: Editado pela Ordem do Graal na Terra. Sem o ano de edição.

BAIGENT, Michael; LINCOLN, Henry; LEIGH, Richard. *O Santo Graal e a Linhagem Sagrada*. Rio de Janeiro, RJ: Editora Nova Fronteira, 12ª Edição, 1993.

BARTHÉLEMY, Dominique. *A Cavalaria: da Germânia antiga à França do século XII*. Campinas, SP: Editora da Unicamp,

2010.

BLAINEY, Geoffrey. *Uma Breve História do Século XX*. São Paulo, SP: Editora Funadamento Educacional, 2011.

BRASILEIRA, Imprensa Bíblica. *A Bíblia Sagrada*, 2ª edição. Rio de Janeiro: Imprensa Bíblica Brasileira, 1974.

BROWN, Dan. *O Código da Vinci*. RJ: Rio de Janeiro, Editora Sextante, 1ª edição, 2004.

CAMPBELL, Joseph. *As Máscaras de Deus: mitologia ocidental (1964)*. São Paulo, SP: Editora Palas Athena, 2004.

CERINOTTI, Angela. *(Atlante Della Leggenda) Il Graal: re Artù, i Cavalieri, Parsifal...* Colognola ai Colli VR: Ed. Giunti Editore, pp. 84-85, 1ª edição, 1998.

CHEVITARESE, André L.; CORNELLI, Gabriele. *Judaísmo, Cristianismo e Helenismo: ensaios acerca das interações culturais no Mediterrâneo Antigo*, 1ª edição. São Paulo, SP: Annablume Editora, Fapesp, junho de 2007.

CONWELL, Bernard. Trilogia *As Crônicas de Artur* (O Rei do Inverno – 2001, O Inimigo de Deus – 2002, Excalibur – 2011). Rio de Janeiro, RJ: Editora Record.

CONWELL, Bernard. Trilogia *A Busca do Graal* (O Arqueiro – 2003, O Andarilho – 2003, O Herege – 2004). Rio de Janeiro, RJ: Editora Record.

COPPENS, Philip. *Servants of the Grail*. Introdução, Editora National Book Network, 2009.

DE BORON, Robert. *Merlin and the Grail: Joseph of Arimathea, Merlin, Perceval*. (trad. Nigel Bryant, D. S. Brewer, Cambridge, 2001). Editora BOYDELL & BREWER-USA, 2007.

DELAFORCE, Patrick. *O Arquivo de Hitler*. São Paulo, SP: Panda Books, Editora Original Ltda., 2010.

DEL ROIO, José Luiz. *Cabral e os Descobrimentos*, (p. 20). São Paulo, SP: Ícone Editora Ltda., 1998.

DEMURGER, Alain. *Os Templários: uma cavalaria cristã na Idade Média*. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil Ltda., 2007.

DOUCET, Friedrich W. *O Livro de Ouro das Ciências Ocultas: Magia, Alquimia, Ocultismo*. Editora Ediouro Publicações S. A., 2001.

DREHER, Martin N.. *A Igreja no Mundo Medieval (Coleção História da Igreja, vol. 2)*. São Leopoldo, RS: Editora Sinodal, 6ª edição, 2007.

EHRMAN, Bart D.. *Quem Jesus foi? Quem Jesus não foi?: mais revelações inéditas sobre as contradições da Bíblia*. RJ: Rio de Janeiro, Editora Ediouro, p. 286, 2010.

EHRMAN, Bart D.. *Pedro, Paulo e Maria Madalena*, pp. 277-280. Rio de Janeiro, RJ: Editora Record, 2008.

EISLER, Riane. *O Cálice e a Espada: Nosso passado, nosso futuro*. São Paulo, SP: Palas Athena Editora, 2008.

ESCHENBACH, Wolfram von. *Parsifal (do manuscrito medieval do século XIII)*, 3ª edição. Atestado por Karl Lachmann. Tradução de A. R. Schmidt Patier. São Paulo, SP: Editora Antroposófica Ltda., 2006.

FERREIRA, Aurélio B. de Holanda, e J. E. M. M. Editores Ltda.. *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*. Editora Nova Fronteira S. A., 2ª edição. Rio de Janeiro, RJ: 1997.

GALBRAITH, John Kenneth. 1929, *A Grande Crise*. São Paulo, SP: Larousse do Brasil, 2010.

GARDINER, Philip; OSBORN, Gary. *O Graal da Serpente, 1ª edição*. São Paulo, SP: Editora Pensamento-Cultrix Ltda., 2008.

GOFF, Jacques Le. *Heróis e Maravilhas da Idade Média*. Rio de Janeiro, RJ: Editora Vozes, 2009.

GOMES, Laurentino. *1822: Como um homem sábio, uma princesa triste e um escocês louco por dinheiro ajudaram D. Pedro a criar o Brasil, um país que tinha tudo para dar errado*. Rio de Janeiro, RJ: Editora Nova Fronteira Participações S.A., pp. 237-246, 2010.

GONÇALVES, Marcos Augusto. *1922 a semana que não terminou*. São Paulo, SP: Ed. Companhia das Letras, pp.19-20, 2012.

HAAG, Michael. *Os Templários, História e Mito*. São Paulo, SP: Editora Prumo Ltda., 2009 (www.michaelhaag.com).

KINNEY, Jay. *O Mito Maçônico*. Rio de Janeiro, RJ: Editora Redord, 2010.

KIRKIPATRICK, Sidney D.. *As Relíquias Sagradas de Hitler*. Rio de Janeiro, RJ: Editora Sextante, p. 152, 1ª edição, 2011.

MACNULTY, W. Kirk. *A MAÇONARIA, Símbolos, Segredos, Significado*. São Paulo, SP: Livraria Martins Fontes Editora Ltda., 2007. Impresso em Cingapura.

MIORANZA, Ciro. *FILIUS QUONDAM, a Origem e o Significado dos Sobrenomes Italianos*. São Paulo, SP: Editora Larousse, 1ª edição, 2010.

MORRISSON, Cécile. *Cruzadas*. Porto Alegre, RS: L & PM Editores, 2009.

MÜLLER, Hellmuth. *Acontecimentos dos Últimos Anos da Vida Terrena de Abdruschin e o seu Falecimento*. Schlauroth, Alemanha. Livreto sem nº de edição. Embu, SP: Editado pela Ordem do Graal na Terra. Publicação do início da década de 90.

MURRELL, Deborah Jane. *Superstições: 1.013 das mais estranhas crendices e superstições do mundo todo*. São Paulo: SP: Editora Marco Zero, pp. 229-30, 2011.

ORDEM DO GRAAL NA TERRA. *Coletânea de informações gerais: Histórica; Atos do Graal; Significados e esclarecimentos; Generalidades*. São Paulo, SP: Ed. IMPRES, 1966.

ORDEM DO GRAAL NA TERRA. *Proteção da Luz sobre a Ancoragem da Palavra no Brasil*. Livreto composto de escritos das décadas de 50, 60 e 70. Sem nº de edição. Embu, SP: Editado pela Ordem do Graal na Terra. Publicação do início da década de 90.

PAULINAS, Edições. *Bíblia Sagrada*, 4ª edição. São Paulo, SP: Edições Paulinas, 1977.

QUEIROZ, Álvaro de. *A Geometria Maçônica*. São Paulo, SP: Madras Editora Ltda., 2010.

RAUSHINING, Hermann. *Hitler Fala...* Rio de Janeiro, RJ: Editora Anônima, 1941.

RYBACK, Timothy W.. *A Biblioteca Esquecida de Hitler: Os livros que moldaram a vida do Führer*, pp. 60, 189, 209. São Paulo, SP: Editora Schwarcz Ltda., Companhia das Letras, 2009.

ROLAND, Paul. *Os Nazistas e o Ocultismo. As forças negras desencadeadas pelo Terceiro Reich*. São Paulo, SP: Madras Editora Ltda., 2009.

SAGAN, Carl. *O Mundo Assombrado pelos Demônios*. São Paulo, SP: Editora Companhia das Letras, 1996.

SASS, Roselis von. *Atlântida. Princípio e Fim da Grande Tragédia*, 6ª edição. Embu, SP: Editado pela Ordem do Graal na Terra, 1997.

SASS, Roselis von. *A Grande Pirâmide Revela Seu Segredo*, 1ª e 16ª edição. Embu, SP: Editado pela Ordem do Graal na Terra, 1972 e 1998 respectivamente.

SASS, Roselis von. *Bem Protegido e Guiado o Ser Humano Peregrina pelos Caminhos da Eternidade*. Autobiografia. Sem nº de edição. Embu: Editado pela Ordem do Graal na Terra, 1998.

SASS, Roselis von. *O Livro do Juízo Final*, 1ª, 11ª e 12ª edições. Embu, SP: Editado pela Ordem do Graal na Terra, 1969, 1999 e 2003 respectivamente.

SASS, Roselis von. *Palavras de Alerta*. Embu, SP: Editado pela Ordem do Graal na Terra, 1990.

SPIGNESI, Stephen J.. *Os 100 Maiores Mistérios do Mundo*. Rio de Janeiro, RJ: Editora Bertrand Brasil Ltda. Edição de 2004.

TENNYSON, Alfred. *Idylls of the King*. Editado por J.M. Gray, Penguin Classics, 1983.

TROYES, Chrétien de. *Guilherme de Inglaterra*. “Guillaume d’Angleterre”. Rio de Janeiro, RJ: Lacerda Editores, 1997.

TROYES, Chrétien de. *Perceval ou O Romance do Graal*. “Perceval ou le Roman du Graal” (*do manuscrito medieval do século XII*), 2ª edição. São Paulo, SP: Editado no Brasil pela Livraria Martins Fontes Editora Ltda., agosto de 2002.

TROYES, Chrétien de. *Romances da Távola Redonda*; e Prefácios. São Paulo, SP: Livraria Martins Fontes Editora Ltda., 2ª edição, 1998.

WAGNER, Joseph. *Meu caminho para a Mensagem Sagrada e para o Senhor até Ele deixar esta Terra (memórias de um convocado)*. Editora: O Caminho, agosto de 2011.

WESTON, Jessie Laidlay. *Os Segredos do Santo Graal: um estudo aprofundado das lendas e mistérios*. São Paulo, SP, Berkana Editora, 2005.

_____. *História e Lenda dos Templários*. Florença – Milão, Giunti Editore, 2003, São Paulo, SP: by Editora Globo S. A., 2003.

- Angela Cerinotti, Il Graal: re Artù, i Cavalieri, Parsifal... (pp. 84-85) http://books.google.com.br/books?id=LuTcBT1vqLkC&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false
- Depoimentos e outros trabalhos ligados a mensagem do Graal, de Abdruschin. *Sobre Abd-ru-shin, Maria e Irmingard, 1875-1990* por Herbert Vollmann, e Joseph Wagner em “o meu caminho para a mensagem sagrada e ao meu Senhor...”. *Manuscrito de Otto Ernst Fritsch. Biografia*. Acesso gratuito:
http://www.4shared.com/file/80059418/273e4895/Documentos_-_2_edio.html?dir PwdVerified=f09ff4c1
- Graal:
dicionario.wikispaces.com/file/view/dicionario_g.doc
- Lauro P. Appel:
<http://lappel.wordpress.com/>
<http://pt-br.wordpress.com/tag/mensagem-do-graal-fe-cega-verdade-religiao/>
http://lappel.wordpress.com/2009/05/28/mensagem-do-graal-luz-da-verdade/?preview=true&preview_id=11&preview_nonce=55e1de0023
http://www.amazon.com/review/R21V35KCZACJFA/ref=cm_cr_pr_viewpnt#R21V35KCZACJFA
- Paola Pisano, Il Movimento del Graal:
<http://www.fuocosacro.com/pagine/mitologia/graal.htm>
- S. Gordon: “Enciclopedia dei miti e delle leggende” e G. J. Bellinger: “Enciclopedia delle religioni”:
<http://home.tele2.it/exodo/sette4.htm>
<http://www.abdrushin.eu/>
<http://www.br.abdrushin.name>: Periódico “O Chamado” nº 04/Abril/2010, p. 6.
<http://www.arthurian-legend.com/le-mort-darthur.php>http://www.bo.astro.it/~biblio/Horn/Horn_page/arabi.html
- <http://books.google.com.br>: Hauf, Monika. *La via del Sacro Graal*. Título original: *Wege zum Heiligen Gral*. Autor original: Langen Müller, 2003. Roma, Itália: Edizioni Arkeios, 2005.
http://www.catedraldevalencia.es/el-santo-caliz_historia.php
<http://charon.sfsu.edu/TENNYSON/HOLYGRAIL.HTML>
<http://delas.ig.com.br/filhos/significado-dos-nomes/>
<http://www.esoterischgenootschap.nl/por-earth.php>
<http://www.facebook.com/NaLuzdaVerdade>
<http://www.grailnet.org>

<http://www.grailnet.org/portuguese/about.html>

<http://jetemoigne-hsh.com/>

<http://www.livrariadograal.com.br>

http://www.luiz.delucca.nom.br/wep/wagneremportugues_pf.html

<http://www.luminarium.org/medlit/malorybib.htm>

<http://www.malory.net/>

<http://minilua.com/lenda-lanca-destino/>

<http://ultimosegundo.ig.com.br/mundo/santo+sudario+fica+em+exposicao+ate+o+fim+do+mes/n1237611300628.html><http://www.uottawa.ca/academic/arts/lfa/activites/textes/perceval/cgrp>

http://www.victorianweb.org/authors/tennyson/idylls/holy_grail.html

<http://pt.wikipedia.org/wiki/Abdruschin>

<http://pt.wikipedia.org/>

http://pt.wikipedia.org/wiki/Complexo_de_Messias

http://fr.wikisource.org/wiki/Perceval_ou_le_contes_du_Graal

SOBRE O AUTOR

Vito Marino

Vito Marino mora atualmente em São Paulo, capital. É empresário, autodidata, pesquisador de História, Religiões e Crenças mundiais. Recentemente lança-se como escritor, sendo mais uma opção de sucesso no mundo livreiro.

br.vitomarino@gmail.com